
CHERYL HOLT
Autora de *Noites de Paixão* e *Ligações Proibidas*
ENTREGA TOTAL
Ele era um mestre da sedução...
ela uma aluna disposta a aprender...
A RAINHA DO ROMANCE SENSUAL
Quinta Essência

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Título original: Total Surrender Autor: Cheryl Holt
Tradução: Maria Emília Ferros Moura Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.t ISBN: 9789897260230
QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2 2610-038 Alfragide – Portugal Tel. (+351)
21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© Cheryl Holt, 2002
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

1

BEDFORD, INGLATERRA, 1812…

– Oh, meu Deus! – murmurou Lady Sarah Compton em voz alta, ao mesmo tempo que se endireitava e espreitava pela janela. – Não sabia que coisas destas se passavam no campo! – A sua voz ressoou no quarto vazio e elegantemente mobilado que lhe tinham destinado.

Lá em baixo, os terrenos apresentavam-se impecavelmente cuidados, com caminhos talhados em linhas simétricas por entre os arbustos. A luz trémula de tochas iluminava os pares que passeavam, desfrutando da noite de verão. Ao fundo do jardim, um deles parou e trocou um beijo demorado. Os lábios fundiram-se, os braços entrelaçaram-se com força e o abraço prolongou-se enquanto Sarah continuava a observar, envergonhada, mas incapaz de desviar o olhar.

O homem enfiou os dedos por dentro do corpete do vestido da mulher, acariciando lhe ternamente os seios voluptuosos e, por qualquer razão, os próprios seios de Sarah avolumaram-se em resposta. Os mamilos endureceram e alongaram-se, roçando o corpete incomodativamente, tornando-a consciente do corpo de uma forma que até então desconhecera. Nervosa devido àquelas estranhas sensações mexeu-se no banco junto da janela onde se sentara, mas não conseguiu sentir-se confortável. Por fim, o homem baixou as mãos até ao traseiro da mulher, apertando-a mais e massageando-lhe as nádegas e Sarah inclinou-se para frente, intrigada e surpreendida com aquela cena ousada, até que, gradualmente, o casal avançou na direção das sombras onde não poderia observá-los.

Erguendo as pontas dos dedos, conservou-as junto ao vidro, traçando círculos deliberados, de olhos fixos no lugar onde o par estivera. Pareciam tão compatíveis, como se pertencessem inequivocamente um ao outro, e a exibição provocou-lhe uma ânsia insuportável de um relacionamento semelhante com outra pessoa.

O seu quarto era alegre e agradável, decorado com tapetes azul-claros, papel de parede e reposteiros. O mobiliário era prático, a cama grande e macia, as cadeiras forradas e apropriadas a uma sesta em frente da pequena lareira, mas ficava no terceiro andar numa ala isolada da mansão, o que significava que não havia vozes de convidados ou passos de criados no corredor.

Embora fosse o começo de junho, a noite estava fria e uma das criadas acendera a lareira. A madeira seca estalava e chiava, criando o único som no quarto silencioso,

e Sarah sentiu-se totalmente excluída, como se fosse à única pessoa em cima da terra, tão desligada de tudo que poderia estar sentada na Lua.

O céu de crepúsculo exibia um azul- índigo a passar a negro e uma única estrela brilhava no horizonte. Como se fosse uma jovenzinha parva, quase formulou um desejo, mas conteve-se antes de mergulhar no voo absurdo da fantasia.

Os desejos eram para os tontos.

Mesmo que ainda acreditasse em tal idiotice, o que poderia pedir? Um destino diferente? A bênção de uma fortuna? Um marido rico? Que ridículo! Como se fosse pessoa para casar sob o impulso do momento apenas para salvar o seu irmão, Hugh, do seu presente fracasso.

– O que estou fazendo aqui? – interrogou-se em voz alta, mas não obteve resposta.

Uma sensação de isolamento e desorientação manifestou-se, o que era invulgar em si. Por norma, Sarah apreciava a solidão e preferia a sua própria companhia à tagarelice dos outros. Contudo, nesse momento, viu-se a desejar…

Não sabia bem do que se tratava. Uma nuvem enorme de insatisfação pairava sobre a sua cabeça e à sua volta e não conseguia dissipá-la. Nada lhe interessava e, aparentemente, não havia um remédio apropriado para o seu mal. Dado não ter certezas absolutas sobre o que a afligia, não poderia engendrar uma cura.

Até pouco tempo antes, sempre soubera o caminho a seguir.

A sua vida isolada no campo, a administração da propriedade de Yorkshire pertencente à família haviam sido decisões fáceis e de resultados gratificantes. Porém, nesse momento, o descontentamento tomara as rédeas da situação.

Talvez a sua inquietação se devesse à idade avançada. Aos vinte e cinco anos, tinha o direito de avaliar o seu percurso de vida, de rever os desvios por que optara devido ao seu reconhecimento inabalável do dever e da responsabilidade. Os homens da sua família nunca haviam mostrado predileção por preservar o antigo título ou a propriedade Scarborough e, por conseguinte, ela lidava com um fardo pesado.

Nesse processo, abdicara de ter o seu próprio lar e filhos. Embora no passado nunca tivesse pensado que os queria, nem se sentisse obcecada com a sua falta, recentemente, as oportunidades perdidas pesavam muito.

Deveria ter casado há todos aqueles anos antes?

Vivera, de fato, uma época em Londres, mas, nessa altura, tinha dezesseis anos e era deselegante e socialmente inapta. Fora ridicularizada, troçada, atormentada e o alvo de mais do que alguns gracejos cruéis. As raparigas tinham abanado os leques ao deparar com a sua autenticidade e falta de sofisticação. Os rapazes havia trocado

sorrisinhos sobre os seus seios demasiado pequenos, o cabelo ruivo, a relutância em ocultar a inteligência.

Tinha fugido da cidade, jurando nunca mais voltar. Apesar dos subsequentes ultimatos e exigências do pai, da insistência para que ela casasse e reforçasse as finanças debilitadas da família, Sarah rejeitara as suas tentativas de uni-la a qualquer dos cruéis imbecis da aristocracia que a tinham menosprezado. Na qualidade de solteirona assumida, tinha passado os anos seguintes a desabrochar na propriedade de Yorkshire de que tanto gostava.

Desde esses dias, havia florescido e amadurecido e poderia ter escolhido outro caminho para si. Se o tivesse feito, a sua vida seria tão diferente. Teria sido admirada, acarinhada e respeitada, a mulher de um nobre, uma mãe. Em vez disso, permanecera solteira, uma espécie de ama desgastada para o pai e para o meio-irmão – dois adultos que mostravam pouca tendência a crescer e necessitavam, por conseguinte, de permanentes cuidados maternais.

De alguma forma, sucumbira a uma existência insuportável e não poderia tolerar o fardo insustentável que lhe havia sido posto aos ombros pelos que supostamente deveria amar.

Enquanto o pai fora vivo, não lhe parecera tão difícil. Ele tinha sido um homem generoso, cheio de boas intenções, mas a sua avaliação era constantemente prejudicada por más escolhas. Os seus fracassos tinham-no deixado habitualmente perplexo quanto à imensidade das catástrofes que provocara, mas, com a sua morte, Hugh assumira o título de conde de Scarborough, passara a jogar e fazia-o como se um comportamento decadente fosse um direito predeterminado.

Contrastando em absoluto com o seu falecido pai, Hugh nunca evidenciou afeto pela propriedade ou pelas pessoas que dependiam da prosperidade da mesma para sobreviverem e mostrava-se ainda mais apático agora que a sua personalidade tinha piorado. A bebida e a vida a toda a brida haviam provocado uma estranha mudança de humores e podia ser cruel, propenso a explosões de violência e conduta imprudente.

O seu mais recente erro de jogo constituía um exemplo perfeito do seu deslize para a perdição e Sarah não conseguia retirar da cabeça a conversa horrível, quando tinham discutido a perda e o homem desconhecido que a originara. As palavras atropelavam-se na cabeça como um mau refrão, flagelando-a com a prova do estado lastimável dos seus negócios.

– Perdeste ao faro[1]? – inquirira, como se a causa da ruína fosse importante.
– Não.
– Mas foi num jogo de cartas.

– Uns jogos de azar, nada mais.
– Percebo. Quanto perdeu?
– Tudo o que resta.
– Defina tudo.
– Tudo o que não estiver vinculado ao título.
– Os móveis?
– Sim.
– O que resta do equipamento agrícola?
– Sim.
– As roupas que trago no corpo?
– Talvez. Não sei até que ponto ele fará uso dos bens pessoais da família.
– E quanto a mim? – sondara ela de uma forma incisiva. - Também me apostou?
– Não lhe serviria para nada – respondera Hugh friamente. – Ele prefere as mulheres femininas.

O golpe tinha sido duro, alvejando as suas velhas inseguranças e ainda lhe doía pensar que ele o aplicara, mas Hugh era assim: impetuoso, brusco e cáustico.

O que ela não daria para estrangulá-lo! Como se não bastasse ter apostado os últimos bens, o facto de haver perdido igualmente vinte mil libras – dinheiro que não tinham, nem nunca teriam – ultrapassava os limites da imprudência.

Quando a visitou no Natal, Sarah dera-lhe as últimas trezentas libras do seu dote e avisara-o de que não havia mais. Hugh não só a ignorara, como prosseguira o seu comportamento corrupto e, embora o malvado de posse das promissórias lhe tivesse concedido três meses para pagar, não havia forma de poderem reunir essa quantia de dinheiro.

A solução de Hugh residia obviamente em que ela o salvasse, mais uma vez, casando com um marido rico o mais depressa possível. A ideia era absurda e, no entanto, concordara em tentar, apenas porque detestava estar em desacordo com ele, mas sentia-se profundamente cansada de satisfazer as suas necessidades, de se adaptar à sua degradação moral, economizando e poupando, sem nunca ter o suficiente. Como odiava ser pobre!

Talvez fosse essa a verdadeira razão por que decidira ir fazer uma visita e tinha viajado até Bedford para assistir à festa de Lady Carrington, pois seguramente não o fizera para arranjar um marido, como Hugh insistira que deveria.

A pobreza excessiva e implacável era tão triste. Não merecia um pouco de diversão? Não ganhara o direito há um pouco de futilidade e alegria?

Existia tão pouca felicidade nos seus dias, nem um pouco de distração, refeições

agradáveis ou tardes de lazer gastas em atividades caprichosas. Só havia lugar para apreensão, desânimo e tristeza e nesse momento – devido à última confusão armada por Hugh – também para o desespero, mas ela sempre havia esperado o pior e, por conseguinte, o final foi inesperado.

Pela primeira vez, não se sentia inclinada a salvar Hugh. Livrara-o de catástrofes sucessivas, até ele ter começado erradamente a pensar que ela poderia solucionar qualquer problema e achava, sem dúvida, que naquele momento ela estava preparada para operar mais um milagre. Infelizmente, a sua paciência esgotara-se e a sua resistência para enfrentar mais uma calamidade tinha desaparecido.

Tivera meses para se preparar para a sórdida conclusão que estava iminente: sentira-a até à medula dos ossos. Ao longo de todo o inverno e da primavera, passara o tempo a olhar por cima do ombro, como se a tragédia estivesse escondida, pronta a atacá-la quando menos o esperasse. Porém, o seu destino chegara discretamente sob a forma de um jogador anónimo e sem rosto.

Quem era o homem suficientemente temerário para apostar nos miseráveis bens de Hugh? Nem os candelabros de parede escapariam. Que pulha miserável! Quem a desejaria? Quem seria ganancioso a esse ponto?

O patife era claramente mais viciado no jogo do que Hugh. Que tristeza de homem devia ser!

Soou uma pancada na porta e Sarah levantou-se devagar e caminhou arrastando os pés para dar entrada a uma criada e a quatro homens robustos que transportaram grandes jarros de água quente até à banheira que a aguardava na divisão ao lado. Enquanto eles cumpriam a tarefa, Sarah descontraiu-se numa cadeira junto à lareira, de olhos fechados, mas ouvidos atentos, escutando ansiosamente à medida que a água esguichava para o interior e enchia a bacia.

Um banho a sério! A criada fizera a sugestão e Sarah aceitara egoistamente esse luxo. Em casa, já não tomava um banho completo. Restavam apenas alguns criados idosos e nunca tinha coragem para obrigá-los a transportar a pesada carga até ao andar superior.

A sua higiene pessoal era feita na cozinha depois do jantar, umas esfregadelas rápidas pelo corpo com um pano. Como lhe parecia exótica a oportunidade de mergulhar na água! A emoção que sentia ao pensar nisso apenas ressaltava o nível miserável a que a sua sorte descera.

Os homens – com os baldes vazios – foram embora e, depois de a criada ter desapertado o vestido e o corpete, Sarah mandou a mulher embora. Desejava apreciar aquela extravagância demoradamente e em privado.

Desfez-se com simplicidade do vestido e da maior parte da roupa interior.

Envolta apenas numa combinação que lhe chegava à meio da coxa, dirigiu-se à divisão interior, que era pequena e confortável. Uma braseira em miniatura, os carvões acesos e brilhantes, aqueciam o ar. Um biombo pintado estava encostado a uma parede e ocultava a banheira por trás dele.

Sarah aproximou-se. O vapor subia e ela balançou os dedos, verificando a temperatura da água. Num toucador a curta distância havia uma pilha de toalhas, sabonetes e outros acessórios de banho. Abriu os frascos e cheirou os conteúdos, acabando por encontrar um óleo de essência de rosa que adicionou à mistura fumegante.

Pronta para começar, quase entrou em água, mas fez uma pausa. Um capricho repentino de ser ousada e atrevida apoderou-se dela e, pegando na orla da combinação, tirou-a pela cabeça. Tomaria banho nua! Nunca o fizera antes, mas quem ia saber? A criada tinha sido dispensada e ela estava longe de casa, entregue a si própria. Com a devida cautela, poderia optar por qualquer comportamento escandaloso sem que a descobrissem.

Sentindo-se travessa e atrevida, girou sobre si própria e contemplou a imagem num espelho colocado junto à banheira. Percebeu, extasiada, que não se lembrava de quando examinara o seu corpo nu.

Como se fizesse o inventário de uma estranha caminhou na ponta dos pés de um lado para o outro, procurando atributos e verificando defeitos. Por fim, decidiu que contemplava uma mulher atraente, elegante, curvilínea, com uns bonitos olhos cor de esmeralda e uma esplendorosa cabeleira ruiva. O corpo denotava as formas apropriadas – amplo nos ombros, estreito na cintura, largo nas ancas – e as pernas esguias faziam com que parecesse mais alta do que era realmente.

Mudou de posição e apreciou o perfil, mas a postura ressaltou os seios de uma forma tão atraente quanto perturbadora. Não conseguia deixar de se olhar e invadiu-a o pensamento desconfortável de que era esse o motivo porque ninguém se pavoneava despido. O fato provocava muitas sensações inquietantes e invulgares.

Sob a sua inspeção visual, os seios tornaram-se mais cheios, mais pesados, e os mamilos rosados transformaram-se em dois botõezinhos duros – como quando espiara os dois amantes no jardim. Curiosa, encostou a palma da mão a um dos bicos alongados e o gesto provocou uma onda de agitação física.

Os mamilos começaram a doer-lhe e a latejar. Cada batida do coração repercutia-se no peito. Descia pelo abdómen e alojava-se no mais fundo do seu ventre, fazendo-o mexer e despertar. A gruta da mulher entre as pernas parecia expandir-se e umedecer.

De súbito, foi inundada por uma onda de desejo tão intensa que quase

desmaiou sob a sua força e agarrou-se à borda da banheira para se firmar. A sensação era difícil de descrever. Ansiava… embora não soubesse explicar o que.

Estranhamente, voltou a imaginar o casal no jardim e observou o seu macio e desnudo flanco, recordando a forma como o homem acariciara as nádegas da mulher, como a atraíra com mais firmeza. Lembrou-se de que o par deslizara para a escuridão e especulou sobre o que acontecera quando estavam numa zona mais distante. Que coisas misteriosas tinha o homem feito à mulher?

A sequência encontrava-se fora do alcance de uma solteirona virgem, mas não conseguiu deixar de se interrogar. Aparentemente, a sua imaginação era bastante realista, pois as imagens mentais aumentaram a percepção dolorosa dos seios.

– Que loucura! – murmurou. A loucura de estar sozinha, retirada para a noite, e a ruminar sobre possibilidades lascivas. Desgostosa consigo, afastou as mãos com que explorava o corpo e fixou-as nas bordas da banheira onde não causariam problemas.

Mergulhou cuidadosamente e soltou um suspiro quando se ajoelhou e o líquido fumegante lhe embateu nas coxas. Pôs-se a esfregar as várias partes do corpo, mas uma grande parte do prazer que tinha esperado sentir havia desaparecido. Todos os locais em que tocava reagiam. O toque duro do pano machucava a carne sensível e, por conseguinte, desistiu, deslizando mais para dentro da banheira e reclinando-se o mais que podia.

Esforçando-se por descontrair, equilibrou-se nos braços e inclinou a cabeça para trás, saboreando o calor. A dado momento, o cansaço levou a melhor e adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, tinha dormido um bom bocado. A água esfriara e levantou-se, deixando que lhe escorregasse do corpo, após o que saiu para o tapete e agarrou numa das toalhas.

Começou pelo pescoço e ocupou-se em seguida dos seios e do estômago. Depois, passou o tecido ao de leve pela delicada fenda entre as pernas, mas ignorou a estimulação provocada e inclinou-se para esfregar a coxa e a barriga da perna. Quando se endireitou, percebeu um movimento e olhou para o espelho.

Um homem encontrava-se atrás dela, perfeitamente à vontade e observando tudo! A visão foi tão surpreendente que ficou temporariamente paralisada, incapaz de assimilar o que testemunhava. O aparecimento dele parecia um sonho e estreitou os olhos ante o reflexo, esforçando-se por dar um sentido àquela bizarra evolução.

Não era uma ilusão. Ele estava mesmo ali em carne e osso.

Alto, com cabelos negros aparados e uns belos olhos cor de safira, era um homem atraente – talvez o mais arrebatador que vira. Tinha maçãs do rosto salientes, um nariz de aristocrata, uma boca sensual. Os ombros largos atenuavam-se

na cintura estreita, ancas esguias, pernas longas e coxas firmes e musculosas.

Vestia somente um par de calças, sem camisa nem sapatos, e Sarah sentiu-se excitada pela conclusão absurda de que nunca tinha visto um homem em tronco nu. Apresentava coberto por uma intrigante penugem de pelos escuros, espessos em cima e tornando-se gradualmente uma linha fina sobre o ventre liso que desaparecia no cós das calças. Os dois primeiros botões estavam desapertados, permitindo-lhe ver mais do que deveria e o espetáculo era perturbador e excitante de uma forma que não compreendia.

– Encantadora… – murmurou ele com uma atraente voz de barítono que se repercutiu nas suas extremidades nervosas e lhe provocou um aperto no ventre.

O estranho comentário despertou-a e virou-se para encará-lo. Agarrou nervosamente a toalha, tentando proteger-se a todo o custo, mas a sua minuciosa observação inundou-a como uma carícia tangível, pairando nos seus lábios, nos seios, na junção entre as coxas.

– Como entrou aqui? – inquiriu num tom de censura, esforçando-se por parecer inflexível e assertiva, mas o tremor da voz denunciou a sua inquietação.

– Pela porta.

O homem fez um gesto e ela reparou num outro biombo e numa porta atrás dele, que ligava o seu quarto ao quarto contíguo.

O homem avançou um passo e ela recuou outro.

– Não é bem-vindo. Vai embora imediatamente!

– Tem certeza de que quer que eu vá?

– Absoluta.

– Mas não seria mais divertido se eu ficasse? Poderia voltar a entrar na banheira e eu lavava-a. Ou – acrescentou, olhando para as calças que delineavam graficamente as suas formas masculinas – eu podia mergulhar na água e dava-me banho. De qualquer maneira, prometo que a experiência seria tudo o que deseja. E mais.

Um homem e uma mulher a tomarem banho? Juntos? Dando banho um ao outro? Um turbilhão de cenas incrédulas passou-lhe pela mente e o coração bateu-lhe com mais força.

Ele levou os dedos à frente das calças e deu a sensação de que se preparava para desabotoar o resto dos botões e despir-se. Aterrorizada, Sarah não desviou corajosamente o olhar.

– O que acha que está fazendo?

– Me despindo.

– Não se atreva!

Ele soltou uma risada, exalando charme.

– Constou-me que estava ansiosa, mas não me importo de prolongar as coisas com alguns jogos.

Sarah não fazia ideia ao que ele se referia e não ousou arriscar um palpite. Nervosa, recorreu ao tipo de desdém educado que costumava usar com base na agressividade.

– Pedi-lhe delicadamente que se fosse embora, e agora insisto.

– Antes de ter se divertido?

A pergunta foi feita num tom de uma promessa íntima sobre assuntos que ela não compreendia. Havia uma confiança e certa arrogância no seu comportamento que parecia garantir satisfação.

O homem aproximou-se mais.

O espelho encontrava-se mesmo atrás dela, a banheira de um lado, o toucador do outro, e ele na sua frente. Estava encurralada no canto, incapaz de passar por ele e ocorreu-lhe – excetuando Hugh – que aquela era a única vez em que se vira trancada no quarto com um adulto. As portas estavam fechadas, o quarto isolado, os criados na cama e, se optasse por pedir ajuda ninguém a socorreria.

Sarah estava totalmente à sua mercê e deveria sentir-se nervosa e amedrontada, mas concluiu que rejubilava com aquele interlúdio escandaloso. Era incapaz de explicar de onde surgira aquela enorme e inebriante euforia, pois não tinha percebido que desejava uma aventura clandestina.

Talvez tivesse sido o próprio homem a incutir aquele sentimento indecoroso. Ele mostrava-se totalmente à vontade com a situação, seguro de que lhe cabiam todos os direitos de entrar, confiante de que ela apreciaria a intrusão abusiva. Quando a fitou com aqueles olhos extraordinários, ela ansiou por ceder a todas as suas sugestões.

Ainda assim, não podia consentir que ele permanecesse e pôs-se muito direita, o que apenas contribuiu para mostrar a diferença de altura que os separava.

– Não voltarei a repetir o pedido, sir.

– Estive a observá-la.

Ele estivera a observá-la? De onde? Por quanto tempo? Assistira a todo o seu banho? Sentindo-se envergonhada, apertou a toalha com mais força contra os seios.

– Que coisa perversa!

– Abri o olho mágico da porta – retorquiu com um encolher de ombros e sem dar aparentemente qualquer importância à ofensiva quebra de comportamento delicado. – Por que razão não havia de espreitar?

– Que olho mágico? – perguntou ela, espantada.

– O que se encontra entre os nossos quartos – disse sem atender à indignação dela. – A sua pele é tão macia. Como seda.

Aquela simples frase desconcertou-a. Nunca havia recebido um elogio lisonjeiro de um homem, em particular de um atraente, viril, quase nu e, enquanto procurava atabalhoadamente uma resposta, ele avançou semelhante a um gato enorme, um felino gracioso e predatório como os das selvas africanas que ela tinha visto numa exposição em Londres. Estava tão próximo que o punho que ela firmara bravamente junto ao seio, a fim de segurar na toalha, foi pressionado contra as suas costelas. A pele dele emitia calor e o tapete peludo do tronco titilou-lhe as costas da mão.

Inclinou-se para manter a distância, mas o espelho impediu a evasão. Embora lutasse por parecer firme e controlada, o seu dilema ultrapassara a capacidade de dirigir o barco. Ansiosa, humedeceu o lábio inferior, o que o levou a examinar lhe de imediato a boca como se tencionasse devorá-la.

– Está me assustando, sir.

– Como assim?

– Não sei bem por que razão está aqui…

– Ah, não? – pronunciou num tom rouco e perigosamente lascivo que até mesmo ela, no seu estado virginal, não poderia interpretar erradamente.

– … ou o que pretende…

– Sabe o que pretendo. Serei muito meigo, se é assim que gosta. – Com um dedo seguro traçou o percurso ao longo da sua face até ao pescoço e o seu toque era tão escaldante que o sentiu como uma queimadura. Encolheu-se e ele acalmou-a: – Não precisa ter medo.

Sarah esforçou-se por compreender as suas palavras. Dava a sensação de que pretendia forçá-la, mas não se mostrava apressado.

– Se fosse um cavalheiro…

– Não sou um cavalheiro, minha querida senhora, e nunca me afirmei como tal.

A sua pulsação aumentou. Não tinha noção de como interagir com um homem que proferia uma declaração tão selvagem. Se ele não se achava um cavalheiro, porque código regia o seu comportamento?

– Se não se for embora, gritarei.

– Pouco me importa que grite. Apraz- me satisfazer qualquer dos seus caprichos desde que satisfaça os meus e, por conseguinte, é livre para fazer o que quer que torne os nossos encontros mais agradáveis para si.

O quê? Ela abanou a cabeça, perplexa e amedrontada, embora até esse momento ele não tivesse feito nada de ameaçador.

– Por favor… Estou aqui sozinha e estou… – Queria dizer o óbvio, que estava

nua, mas não conseguiu pronunciar a palavra diante daquele canalha desconhecido e corou até às orelhas com um rubor que lhe vinha de junto ao estômago e lhe subia às faces. Excessivamente acalorada, dominou o impulso de se abanar para que não deixasse cair à toalha.

– Exijo que saia.

– Que bonita é, Deus do céu! – retorquiu, colocando o braço por trás da sua cabeça e puxando uma travessa que ajudara a prender os abundantes caracóis e a massa aveludada tombou sobre as costas em cascata e chegou-lhe à cintura. – Adoro o seu cabelo. Reluz como o fogo.

Por um instante louco, julgou que planeava beijá-la, mas, em vez disso, enfiou a cabeça por baixo do seu queixo e aninhou-se junto ao ombro, no sítio onde o seu pulso batia tão violentamente. Um arrepio de excitação percorreu-a e abafou um grito que poderia ter sido de prazer ou de indignação.

Os lábios dele eram quentes e macios e beijou-a meigamente na nuca e em seguida, para seu espanto, lambeu-lhe a pele. Sarah deu um salto e virou-se, ficando de frente para o espelho, com ele atrás. Observou as imagens, avaliando as diferenças: a altura dele e a sua pequenez, a pele morena contrastando com a branca, os músculos face à sua magreza.

Ousadamente, ele pousou as mãos nos seus quadris, encostou-lhe as costas às dele e Sarah foi assaltada por um conjunto único de sensações anatómicas. Como se tivesse procurado aquele homem durante toda a sua vida e finalmente o encontrasse, todos os seus poros se abriram e reagiram e os mamilos enrijeceram dolorosamente contra a toalha.

O homem apercebeu-se logo da reação.

– Mal posso esperar para te colar a minha boca.

A declaração ateou imagens enigmáticas e Sarah esforçou-se por se libertar – daquela invulgar perturbação carnal e dele –, mas, devido à posição em que se encontravam, ele apenas a aconchegou mais, inclinando-se sobre ela. A sua virilha acariciou lhe o traseiro de uma forma que jamais presumira que um homem pudesse tentar com uma mulher. O rijo ventre masculino enterrava-se nas suas nádegas e o corpo traiçoeiro reagiu, contorcendo-se para se aproximar mais. Ele apreciou a sua participação e agarrou-a com firmeza, voltando a inclinar-se.

– Os teus seios são tão belos – murmurou. – Exatamente do tamanho que me agrada numa mulher. Nem grandes de mais. Nem pequenos de mais.

Sem lhe dar tempo a reagir, afastou a toalha para o lado, revelando um deles ante o seu olhar tórrido. Agarrou-o com a mão em concha, pesando-o na palma da mão e em seguida beliscou o mamilo, girando-o e manipulando-o para diante e para

trás.

O redemoinho de agonia que instigou não se assemelhava a nada que Sarah tivesse experimentado. O tormento incendiou um rastilho que começou no seio e se prolongou pelo torso, até às raízes do cabelo e às pontas dos pés que enrolou no tapete.

– Por favor – implorou, mas era impossível de adivinhar se estava a rogar-lhe que continuasse ou cessasse. Em algum recôndito secreto, ela ansiava subrepticiamente pelo que ele lhe infligia com vigor.

– Olha para nós – disse ele com um brilho no olhar que o fez parecer perverso e sem redenção. – Vê como parecemos requintados com as minhas mãos sobre ti.

O olhar cruzou-se com o dela no espelho e Sarah concluiu que ele tinha razão. Hipnotizada, deixou-se iludir pela noção incongruente de que era magnífica nos seus braços: curvilínea, feminina, sedutora. Os seus corpos conjugavam impecavelmente, numa sintonia perfeita e a imagem era perturbadora. Por mais que quisesse, não conseguiu desviar os olhos.

Ele conseguia ler-lhe os pensamentos e esboçou um sorriso insolente.

– Também vê, não é verdade?

– Está enganado – retorquiu Sarah sem convicção.

– Estou?

Resolvido a provar o seu ponto de vista, ele desnudou-lhe o outro seio e ela prendeu desesperadamente a toalha à volta da cintura para que não caísse no chão e a deixasse nua. Enquanto se debatia com a sua situação, ele acariciava-a, apertando os seios e beliscando os mamilos até eles se contraírem a mais não poder.

A respiração dela tornou-se ofegante. Estavam a acontecer coisas demasiadas com demasiada rapidez. O episódio devasso era tão inconcebível que se desenrolava como uma fantasia, à exceção de que ele estava mesmo presente, excitante e viciante. A mente segredava-lhe que parasse, mas o corpo não obedecia.

– Tinha planejado possuir-te na cama na primeira vez – roçou-lhe ao ouvido –, mas talvez deva possuir-te aqui, na frente do espelho, para que vejas como somos maravilhosos juntos.

Uma névoa exótica pôde tê-la imobilizado temporariamente, mas um fragmento de sanidade imiscuiu-se e deu-lhe a coerência bastante para perceber que a sua virtude corria risco e, por conseguinte, restringiu o seu impulso, mas ele mal notou a sua oposição. Ergueu-a e colocou-a em cima do toucador, num movimento fluido, posicionando-se entre as suas coxas.

Tinham passado rapidamente a uma fase diferente e mais sinistra de envolvimento. Ele emanava obstinação e não desistiria até concluir o que apenas ele

tinha conhecimento.

Afastou a toalha para o lado e ela ficou totalmente exposta; ele afundou-se no mamilo e chupou-o. A crista inexperiente estava magoada e avermelhada pela forma como a manipulara e a boca dele só aumentou o sofrimento. Com um grito de surpresa, ela resistiu às suas maquinações, embora o seu corpo avançasse para um destino desconhecido e teve de resistir à vontade de instigá-lo.

Sarah estava tão empolgada pela sua concentração no mamilo que não se apercebeu de como ele deslizava chocantemente a mão pelo seu ventre até lhe massagear a gruta feminina. Sem qualquer aviso, ele avançou através dos pelos, apartou as pregas e enfiou um dedo. Ficou paralisada, imaginando o que ele contemplava, mas acariciou-a suavemente, numa manobra que contrastava com a tensão que sentia a emanar dele. A estranha intrusão reforçou a sua convicção de escapar, mas foi bloqueada pelas ancas e coxas masculinas.

– Pare! – ordenou, mas ele não pareceu ouvi-la e continuou. – Pare imediatamente!

Tateou às cegas em volta, agarrou num pesado jarro e atingiu-o na cabeça. Falhou o golpe, mas chamou-lhe a atenção. Ele afastou-se, visivelmente confuso.

– Céus! – murmurou. – Porque raio fez isso?

Sarah voltou a criar balanço e atingiu- o na têmpora, abrindo um golpe. O sangue jorrou e ele cambaleou, perdendo momentaneamente o equilíbrio, o que ela aproveitou para se afastar, enrolando a toalha à volta da cintura. Correndo para o quarto de dormir, ponderou em sair para o corredor, mas não podia deixar que ninguém percebesse os seus apuros.

Gerou-se movimento no quarto de vestir e ela deu meia volta. O seu adversário, com um pano enrolado à volta da cabeça, avançara aos tropeções até chegar por trás dela. Sarah procurou qualquer arma de defesa, mas não viu nada de útil. Ainda conservava o jarro na mão e, por conseguinte, partiu-o contra o mármore da lareira, estilhaçando-o.

– Afaste-se de mim – ordenou, brandindo o vidro quebrado. – Vai embora como entrou, ou faço-o em pedaços como o porco que é.

O indivíduo fez uma pequena pausa e, raivoso como um urso ferido, avançou na sua direção.

[1] Faro – Jogo de cartas de origem francesa, disputado entre um banqueiro e vários jogadores, que ganhavam ou perdiam consoante as cartas que apareciam combinavam ou não com as que estavam expostas (uma espécie da actual banca francesa). (N. da T.)

2

Michael Stevens parou na ombreira da porta do quarto de dormir no momento em que a mulher enlouquecida na sua frente quebrava um jarro contra a lareira. Pedaços de vidro voaram por todos os lados.

– Estou falando sério! – repetiu ela num tom ameaçador. – Desapareça!

Ele não estava muito certo do que acabara de acontecer entre ambos no quarto de vestir, mas, ponderando nas consequências a que assistia, teve de se interrogar sobre se ela seria dada à loucura.

Que tipo de mulher convidava um homem para o seu boudoir, o seduzia e depois entrava em pânico como uma virgem louca? Tivera sorte por ele ser capaz de se controlar e não pertencer ao género de homem que corresse pela divisão e se apoderasse do que ela começara por lhe oferecer e depois decidira não lhe proporcionar.

A mulher era uma ameaça e não pôde deixar de se interrogar sobre o que levara Pamela Blair, Lady Carrington, a acolher uma pessoa tão instável na sua festa. Pamela costumava abrir as portas da casa a amigas e conhecimentos devassos, proporcionando-lhes um ambiente privado e confidencial, onde poderiam divertir-se a seu bel-prazer. Chegavam a massa para fornicar e debochar, homens e mulheres dispostos a chafurdar em todas as doentias e imorais fantasias imagináveis, e havia muitos homens de visita que não desistiriam, apesar dos fervorosos e ardentes protestos.

Pamela corria o risco de provocar uma catástrofe ao trazer uma convidada tão volátil e Michael não podia deixar de lhe apresentar a sua queixa. Entretanto, tinha de descobrir um método para acalmar aquela bonita mas demente megera, antes que ela deitasse a casa abaixo com os seus gritos.

Pensar que se deixara afastar de um tranquilo e civilizado jogo de cartas por aquilo! Se tivesse raciocinado devidamente, estaria lá em baixo, a ganhar, na companhia segura de homens sensatos, ou melhor ainda, poderia ter ido dar uma cambalhota com qualquer das outras companhias femininas que se haviam oferecido e, nesse mesmo momento, estaria a copular em paz sem ter sido atingido na cabeça.

Considerando a quantidade de belas e lascivas mulheres que entravam e saíam da propriedade, tivera muitas outras opções aceitáveis. Dado ser o homem mais corrupto do meio, as senhoras devassas da sociedade morriam de vontade de acasalar com ele e, nas últimas semanas, satisfizera impulsivamente os seus vis

caprichos.

A festa constituía a realização do maior sonho de todos os homens. O nível de decadência garantia que tudo era permitido, as mulheres recetivas e todas as regras e inibições abolidas. A crua interação e o sexo inconsequente, as relações abundantes e sem requinte não só eram permitidas sob o telhado de Pamela, mas totalmente encorajadas, com o pré-requisito de que as pessoas hospedadas se encontravam predispostas à falta de decoro.

Por conseguinte, o que estava aquela mulher a fazer na casa de Pamela? O que esperava conseguir com aquele comportamento de donzela ofendida?

No andar de baixo, abandonara a sala de jogos para dar um passeio ao ar livre, quando foi abordado por uma loura roliça que o puxara de lado e lhe sussurrara com insistência que a ruiva de pé na sua frente queria que a visitasse, que era demasiado tímida para se encontrar com ele mais tarde como outras o fariam e, por isso, procurava um encontro clandestino na privacidade e santidade do seu quarto de dormir.

Supostamente, nunca tinha assistido a uma das festas de Pamela, sentia-se nervosa com a sua participação e, portanto, queria uma orientação discreta na rotina carnal.

Quando o pedido fora apresentado pela sua alegada amiga, ele não prestara muita atenção a quem era a embaixadora loura, ou por que razão estava a solicitar um encontro sexual em nome de outra, mas sentiu-se decididamente curioso quanto à sua identidade. Presumira que se tratava da dama de companhia de uma senhora, ou talvez da sua empregada e, portanto, não refletira no pedido nem por que razão tinha sido feito.

Sentira-se entediado com as regras que Pamela instituíra e as situações que o convenceram a experimentar. As amantes disponíveis estavam tão desgastadas como ele e, curiosamente, sentia a falta da intimidade e da chama que deveria acompanhar o fazer amor e acedeu prontamente em doutrinar aquela noviça, mas, à luz da sua manifesta contrariedade, tinha de admitir que alguma coisa se passava de muito errado.

Ela dificilmente se assemelhava a uma amante reticente e recatada. Em vez de uma mulher solitária à espera de um pouco de amor passivo, parecia chocada, indignada e, caso o brilho assassino do olhar fosse um sinal, disposta a matar.

Tipicamente, desdenhava as aristocratas entediadas e infelizes que tinham enchido a casa de Pamela. Detestava as suas morais corruptas e estilos de vida lascivos. Eram patéticas até onde iriam para se afastar da monotonia.

Sem pingo de consciência nem de integridade, cometeriam qualquer ato

desprezível. Nada viam de errado com maridos cornudos, ligações indiscretas, ou em fornicar sem preocupação de criarem filhos sem nome do pai.

A aversão que lhes dedicava apenas era superada pelo desdém que votava aos maridos, esses preguiçosos e impotentes que se limitavam a jogar e a

beber sem atender às consequências. Achavam que tinham um direito concedido por Deus para se imporem ao resto do mundo.

Em Londres, ele e o seu irmão James eram proprietários de um clube de jogo, onde satisfaziam e mimavam os senhores indolentes. Os condes e barões não conseguiam manter o dinheiro nas carteiras, nem o membro nas calças e ele e James satisfaziam os seus caprichos básicos, o que era inegavelmente o motivo porque o seu negócio tinha tanta popularidade.

Se estivesse na cidade nesse momento, estaria a trabalhar no duro, garantindo a disponibilidade de bebida e comida para que os cavalheiros se sentissem confortáveis enquanto jogavam complacentemente as suas propriedades e as heranças dos filhos.

Como os desprezava a todos!

Tratava-se de homens sem princípios nem ética, que declamariam o seu maldito código de honra até se engasgarem, mas, no fundo, resumiam-se a vilões e canalhas sem escrúpulos e, por conseguinte, satisfazia-o ter relações sexuais com as suas oferecidas mulheres, sendo essa a razão por que se deslocara a Bedford.

Sempre que uma das esposas lhe acenava, ele mostrava-se inteiramente disponível. De qualquer forma, em qualquer posição, ou tantas vezes e da maneira mais selvática que pudessem aguentar, ele envolvia-se com elas, indiferente ao dano que causasse, pois, na sua opinião, elas mereciam todo o sofrimento que pudesse infligir-lhes.

Portanto, não sabia ao certo o que correra mal daquela vez. Tinha sido convidado para aquele maldito quarto. Requisitado para observar, acariciar e foder. E recebera em troca uma ereção tão insuportável que mal lhe permitia andar e um golpe na cabeça que quase o pusera inconsciente. Provavelmente, acabaria com um ou dois pontos na face antes do final da noite.

Que mulher maldita e desprezível!

Não podia fazer melhor do que divertir- se com um homem perigosamente excitado?

Embora não fosse do género de levantar a mão para uma mulher, estivera quase a deitá-la sobre os joelhos. No seu atual estado de espírito, a oportunidade de aplicar umas boas palmadas, sobretudo em alguém tão irresponsável e idiota como ela parecia ser, surgia-lhe como uma ideia fantástica.

Entrou no quarto.

– Pode fazer o favor de baixar a voz, antes que alguém a ouça?

– Para trás! – ordenou ela de novo, empunhando a sua arma improvisada e erguendo um dos pés delicados, como se pudesse realmente caminhar sobre o mar de vidro quebrado à sua volta.

Maravilhoso! Exatamente o que ele precisava, os dois cortados e a sangrar! Talvez devesse mandar chamar à cozinha um médico e a linha para os coser!

– Está louca? – rugiu baixinho por entre dentes.

Tendo em conta a sua posição dúbia com aqueles personagens ilustres, nunca fizera uma cena em público nem estava na disposição de começar e, no entanto, ela não parecia muito preocupada com a opinião alheia.

Sem qualquer vontade de piorar a situação, retirou o pano que pressionara contra a ferida e avançou a passos largos até ficarem ambos frente a frente. Um pedaço de vidro perfurou-lhe o calcanhar, mas estava tão furioso que mal sentiu a dor.

– Dê-me isso!

Estendeu a mão para o jarro quebrado e puxou-o bruscamente, atirando-o para a lareira, onde o objecto se despedaçou de encontro aos tijolos. Ela guinchou de raiva e virou-se disposta a correr, mas ele agarrou-a por trás, rodeou-lhe a cintura com o braço e ergueu-a do chão. Enquanto a fazia voltear sobre aquele monte de cacos e estilhaços, ela lutou para se escapar, dando-lhe um rápido pontapé na canela que lhe provocou uma careta de dor, mas a maioria dos seus esforços foi inútil.

O único dano verdadeiro foi ao seu membro inchado e dorido, mas não se tratava de sofrimento físico. Aquela posição embaraçosa colocara-a diretamente contra a sua virilha e o membro aumentou mais, gritando uma desculpa para terminar o que haviam começado. Contudo, ele desejava-a, céus!

A mulher não possuía segredos. Desde o início, quando ela entrara no quarto de vestir e verificara a temperatura da água do banho, que ele a observava através do buraquinho afixado na parede entre os quartos.

A mansão antiga tinha uma conceção notória, era um devasso e verdadeiro tesouro de quartos ocultos, corredores isolados e olhos mágicos e por isso quando ela tirou a combinação, ele vira tudo: as pernas graciosas, as ancas curvilíneas, os pelos ruivos cobrindo o sexo, os seios exuberantes com os mamilos redondos.

Era uma mulher deslumbrante, com aquele cabelo espetacular, aquelas maçãs do rosto, o narizinho atrevido e empinado. E a boca com a língua perversa! Ansiava descobrir como ela poderia ser quando não estava ocupada a usá-la para cuspir

insolências e dar ordens.

Quando ela se tinha despido com movimentos deliberados e lânguidos para depois se ajoelhar na banheira, esfregando com luxúria as partes privadas, parecera-lhe um misto intrigante de inocência e experiência, sã e tentadora. Consciente de que ele estava a observá-la, ou, pelo menos, assim pensara, procedera a uma exibição sensual e excitante que só poderia destinar-se a estimular e excitar. O interlúdio tinha sido o mais erótico a que assistira na sua vida plena de uma impudente atividade sexual.

Curiosamente, a parte mais intrigante fora quando ela se tinha reclinado na água com a cabeça encostada à borda da banheira e cerrara as pálpebras.

Enquanto dormia, pareceu-lhe jovem, ingénua e distante das preocupações que lhe marcavam o rosto quando ali chegara. Ressonou e ele não conseguiu suster o riso ante aquela lembrança ou especular sobre como ela ia considerá- lo indiscreto se a mencionasse.

Uma inesperada emoção tocara-lhe o coração ao vê-la dormir tão serenamente. O que a teria trazido a Bedford e à devassa festa de Pamela? Que terrível episódio acontecera que a levara a pensar que a reunião lhe curaria o infortúnio?

Ela não pertencia ali.

Aquela certeza invadira-lhe repetidamente a mente e deixara-se submergir pela perceção de que compreendia mais a seu respeito do que deveria, de que sentia coisas sobre ela que não tinha motivo para discernir. Absurdamente, estava desesperado por mantê-la a salvo de problemas e quase se convenceu de que lhe prestaria um enorme favor se a afastasse dali.

Acabara por sacudir aquela ideia ridícula. Estimulada por motivos insondáveis, a mulher convocara-o ao andar de cima, o que significava tratar- se de um membro mimado e amoral da sociedade, que acorrera à casa de pecado e vício de Pamela por sua própria vontade e que estava francamente ansiosa por gozar as diversões lascivas que a anfitriã proporcionava aos seus convidados.

Pamela servia habitualmente os libertinos e estroinas da alta sociedade, bem como as suas devassas mulheres, por conseguinte, ele estava demasiado familiarizado com aquele tipo devasso de comportamento e tinha adorado a ideia de possuí-la.

Havia uma aparência enganosa nela que o fascinava; era natural e, no entanto, sedutora, e imaginara que a cópula com ela seria um desenvolvimento refrescante, que ela traria algo à sua relação sexual que há muito lhe faltara. Sem fazer nada, fomentou uma mistura diversificada de sentimentos que o levara a desejar mais do que um passageiro encontro carnal.

Afinal, talvez o seu coração não se tivesse transformado numa pedra.

Tomado de uma intensa excitação e expectativa, aproximara-se dela, disposto a proporcionar a atenção sexual que ela pedira e, por outro lado, ansioso por obter um nebuloso mas inegável benefício em troca. Observara em silêncio enquanto ela despertara e se secara, apreciando ao pormenor os seus fartos seios, o traseiro redondo e concluindo, por fim, que ela seria uma parceira ideal para o licencioso tipo de diversão lasciva de que gostava.

Inicialmente, com as suas exclamações de surpresa e ofensa ante a sua presença, julgara tratar-se de uma encenação. Era o que muitas delas faziam, sentindo a necessidade de ocultar a depravação, fingindo ultraje. Enquanto observavam as imagens unidas no espelho, ela mostrara-se tão curiosa, sensível e recetiva, mas, ao passar à fase seguinte, quando lhe tinha chupado o seio macio, ficara com a nítida impressão de que ela não estava preparada para o que haviam começado, o que o deixou totalmente desnorteado.

Sem cerimónia, atirou-a para cima da cama e lançou-lhe a toalha.

– Tape-se.

Ela apressou-se a obedecer, mas a toalha não tinha tamanho suficiente para cumprir o seu objetivo e encolheu-se, a tremer, por baixo dela. Ele olhou em volta até descobrir um roupão verde dobrado sobre uma cadeira; pegou-lhe e atirou-lho.

– Vista-o – ordenou e em seguida virou-lhe as costas ao mesmo tempo que procurava postigos nas paredes. Notou a hesitação dela nas suas costas e depois ela mexeu-se agitadamente na cama. Quando o colchão se moveu e os pés dela chegaram ao chão, ele virou-se.

Que o céu lhe perdoasse, mas ela oferecia uma visão erótica, com aquele fabuloso cabelo numa cascata encaracolada sobre os ombros. Apertara o cinto do roupão na cintura e o tecido delineava-lhe perfeitamente o corpo magnífico, as ancas graciosas, os seios fartos com os mamilos tentadores. A discussão elevara-lhe a pulsação e ruborizara-lhe as faces.

Os olhares cruzaram-se e não se desviaram. Embora tremesse como um potro arisco, ela tencionava manter-se firme.

– Quem é o seu marido? – perguntou ele sem erguer a voz.
– Não sou casada.
– É viúva?
– Não. Nunca casei.
– É solteira?
– Sim.
– Nesse caso, porque me chamou aqui? – inquiriu num tom brusco.
– Eu? Chamá-lo?

– Se não planeava um encontro, porque me convidou para o seu quarto? É tão ingénua a ponto de não achar como é perigoso brincar com um homem quando não tenciona chegar ao fim?

– Acredita que sou o tipo de mulher que… – gaguejou, horrorizada. – Que... que…

Aparentemente, não conseguia pronunciar as palavras que descreveriam o tipo de pessoa que ele suspeitava que ela era. Invadiu-o uma pequena onda de dúvida.

– Simpatizou comigo e indicou-me especificamente.

– Seu miserável desavergonhado! – exclamou, insultada, com um brilho aceso nos belos olhos cor de esmeralda e agarrando nas bandas do roupão. – Como se atreve a inventar uma história tão vil!

Ele avaliou cuidadosamente a sua afronta. Era um bom juiz de caráter e sempre o fora. No seu trabalho, tinha de avaliar regularmente veracidade e temperamento e estava convencido de que ela falava verdade. Nunca o solicitara nem pedira os seus serviços.

Quem era, por conseguinte, a emissária loura que o atraíra até ela? E porquê? Tratava-se nitidamente de alguém que esperava montar uma armadilha carnal. Contudo, para ele? Para ela? E com que objetivo?

Brusca e gravemente apreensivo, correu para a porta e trancou-a.

– O que está a fazer? – perguntou Sarah, mas ele ignorou-a.

Havia um quadro pendurado na parede e ele retirou-o do prego. Existia obviamente um olho mágico parcialmente escondido que permitiria a um voyeur mover-se furtivamente no corredor e espreitar para dentro. Virou a obra de arte ao contrário e a abertura ficou eficazmente tapada.

Depois de uma busca meticulosa de todas as paredes, não descobriu mais buracos. A terceira parede dava para o exterior da casa e a quarta para o interior do quarto, portanto, não poderia haver mais. A única outra entrada, a porta para o seu quarto de dormir adjacente, estava trancada por dentro. De momento, estavam relativamente a salvo. Ninguém poderia apanhá-los por casualidade numa situação comprometedora.

Prudente e determinado, voltou a confrontá-la:

– Quem é você?

– Não quero responder e, se tivermos a infelicidade de nos cruzarmos uma segunda vez, insisto em que finja não saber quem sou.

– De forma alguma.

Ele avançou na sua direção e ela endireitou-se, angustiada mas esforçando-se por parecer corajosa. Furioso, ele fitou-a de alto a baixo até gradualmente se dar conta

que uma estranha energia se formava entre eles, que os corpos se chamavam e esboçou um esgar. Não queria sentir-se atraído por ela!

Na sua qualidade de homem muito experiente com mulheres, reconheceu prontamente que partilhavam uma enorme afinidade física. Sempre que ela emitia um sinal secreto ou irradiava uma química especial, não conseguia explicar o fenómeno, mas ela excitava-o como nenhuma outra mulher e apressou- se a reprimir aquela bizarra perceção erótica. De momento, tinha mais problemas com que se ocupar do que com uma idiota e injustificada ligação amorosa.

– Faz alguma ideia – declarou num tom abafado – do que teria acontecido se nos tivessem descoberto agora?

A pergunta sobressaltou-a. Estivera obviamente tão furiosa que nem sequer pensara em refletir nas consequências importantes.

– O que quer dizer? Está a sugerir que alguém pensava apanhar-nos juntos?

– O seu nome, madam. Por favor.

Sarah devolveu-lhe rebeldemente o olhar, mas não respondeu.

– Muito bem – prosseguiu ele. – Então, responda-me: Quem é uma mulher loura do atendimento? Tem mais ou menos a sua idade, é baixa mas bem torneada, com grandes olhos azuis.

«E uns seios fabulosos», quase acrescentou, mas não quis descrevê-la de uma forma tão ordinária.

Depois de uma longa hesitação e de pesar todos os ângulos, ela respondeu:

– Talvez, a minha prima. Porquê?

Portanto… ela tinha uma familiar na casa que tencionava prejudicá-la. Interessante e terrível! Ele era perito em esmiuçar factos e histórias suspeitas; fazia-o sistematicamente no clube onde desenterrava com frequência os sórdidos pormenores da vida dos seus clientes. Havia muitas formas de desvendar aquele fracasso.

– Por nada – respondeu enigmaticamente, o que a irritou.

– Porque perguntou? – inquiriu num tom autoritário, como se passasse o dia a fazer declarações que eram imediatamente obedecidas.

– Não vou confessar, milady – disse, pairando ameaçadoramente sobre ela e tentando intimidá-la com a sua altura, o que não estava a resultar. – E posso recomendar-lhe que se abstenha de me dar ordens? Não sou um dos humildes lacaios que a rodeiam e se apressará a obedecer-lhe.

– Qual é o seu nome?

– Michael Stevens.

Preparou-se para o previsível indício de reconhecimento…mas tal não

aconteceu. Devido à sua casa de jogo e à reputação da família, era tão detestável nas esferas sociais que logo o identificavam e bisbilhotavam para onde quer que fosse. O facto de ela não ter a mínima ideia quanto à sua fama era decididamente um quebra-cabeças.

A mãe era a célebre actriz Angela Ford e o idiota do pai, o rico e ilustre conde de Spencer, Edward Stevens.

Michael e o irmão eram obrigatoriamente os dois filhos bastardos mais ostensivos alguma vez concebidos. Como é que ela não sabia? Fora criada numa gruta?

– Por que razão se encontra aqui, na festa de Lady Carrington? – inquiriu bruscamente.

– Estou de férias – explicou, acrescentando, num tom rude: – Não que a minha agenda seja da sua conta.

– Madam, pousei erroneamente a minha boca no seu seio e a minha mão na sua vulva. Diria que isso faz da minha conta tudo o que se lhe refere.

– Que grosseiro da sua parte falar do que aconteceu!

Irritado e cansado de qualquer que fosse a conspiração que alguém maquinava, retorquiu num tom duro:

– Não a ouvi queixar-se.

– Insinua, por acaso, que provoquei este fiasco? Seu grosso desprezível! – Fumegava literalmente pelos ouvidos quando lhe apontou um dedo ao peito. – Não é verdade! Disse-lhe que saísse! Avisei-o de imediato, mas não me escutou! Como se atreve a insinuar o contrário!

Embora lhe custasse admiti-lo, ela tinha razão e sentiu-se desgostoso. Julgara que as suas primeiras e mornas recusas haviam sido uma excêntrica versão do amor e, apesar de quanto desejaria atacá-la, não podia imputar- lhe o fracasso.

– Tem obviamente razão. As minhas desculpas.

– Obrigada. – Ao aceitar o raminho de oliveira, o seu olhar cruzou-se com o dele e rogou-lhe: – E agora, o que fazemos?

– Agora… vou pôr-me a milhas. Contudo, mal pronunciou as palavras, arrependeu-se da linguagem: – Desculpe, milady.

– Não vai discutir isto com ninguém, pois não?

– Não.

– Jure.

– Juro.

Sarah abriu muito os olhos, analisando, pesquisando o local onde o seu coração negro batia regularmente.

– Como posso confiar em si?

– A minha palavra é a minha garantia.

– Contudo, afirmou que não é um cavalheiro.

– Mas nunca faço um juramento, exceto se tencionar honrá-lo.

Quando o olhava daquela maneira, era tão excecional, Deus do céu. Encantadora, sensível, indefesa, suscitava uma miríade de instintos masculinos para a proteger e albergar e desejou envolvê-la nos seus braços, apertá-la contra o peito e sussurrar-lhe que tudo correria pelo melhor. O impulso para a salvaguardar era tão forte que o assustou.

Recusava sentir qualquer emoção por ela! Detestava a sua espécie de mulher! Não era problema seu que ela tivesse uma parente corrupta a tentar arrastá-la para qualquer tipo de calúnia pública de que ele não faria parte.

Movendo-se agitado, queria simplesmente afastar-se daquele cenário detestável. Se a sorte o protegesse, nunca mais teria oportunidade de se cruzar com aquela mulher infeliz!

– Tenho de me ir embora – disse sem jeito – e não se preocupe. – Este incidente será o nosso segredo. Ninguém o ouvirá da minha boca.

Sarah fixou o olhar no seu estômago descoberto e, embora detestasse admiti- lo, a sensação repercutiu-se-lhe até aos dedos dos pés. Deu-lhes instruções para que se mexessem, mas os pés não obedeceram. Pregado ao chão, permitiu que ela o admirasse de alto a baixo. Para uma mulher que, supostamente, se sentira traumatizada e agredida com a sua presença masculina, mostrava-se nitidamente curiosa e ele era vaidoso bastante para reconhecer que gostava da maneira como o seu olhar absorto o percorreu.

Apanhando-o de surpresa, ela perguntou:

– Pode explicar-me uma coisa antes de sair?

– Se for capaz…

– Quando estávamos no quarto de vestir… – Parou, engoliu em seco e pôs-se a mexer nervosamente no roupão – … o que pretendia conseguir?

O quê? A porra de uma virgem?

– Oh, meu Deus, poupa-me! – Gemeu e inclinou a cabeça para trás, pressionando o indicador e o polegar contra a cana do nariz, suplicando força ao mesmo tempo que lutava contra a enorme dor de cabeça que o atacava. – Diga-me que não é verdade! Não pode ser virgem!

Obteve o silêncio como resposta e fitou-a, exigindo que a olhasse de frente, mas ela não o fez. Estava demasiado interessada em qualquer lugar por cima do ombro dele e tinha as faces coradas de vergonha. Forçado a admitir como ela era de facto

inexperiente – nem sequer conseguia verbalizar o que tinha acontecido entre eles! – acalmou-se.

– Não tem ideia do que nos preparávamos para fazer?

– Suponho que você… que nós… Invadiu-o uma raiva desmedida.

Contra ela, a sua família, contra si próprio devido à armadilha em que quase se deixara cair. Como gostaria de descer as escadas e ter uma conversinha com aquela astuta prima dela! Porém, não o faria para evitar o risco de provocar uma explosão de fúria devido às suas relações clandestinas.

Michael não se parecia com o seu irmão James. Este encarava com indiferença as confusões que de vez em quando infligia aos membros da alta sociedade e, caso uma ocasional inocente se visse enredada nas suas perversas maquinações, pouco se importava nem se sentia compelido a emendar os erros.

Michael era diferente. Nunca dava motivos aos outros para o compararem com o seu pai, o conde de Spencer. O conde tinha seduzido a mãe de Michael, gerado dois filhos ilegítimos e depois abandonara-a e deixara-a a criá-los sozinha enquanto prosseguia alegremente a sua vida.

Michael jamais cometeria um ato tão insensível e, por conseguinte, não tinha escrúpulos em fornicar com as devassas mulheres e viúvas de nobres que procuravam os seus favores, que jamais estendia às suas castas filhas, pois recusava ver-se algemado para sempre a uma dessas egoístas e mimadas choronas.

E agora que pensava no assunto, por que razão estava a questioná-lo sobre um comportamento lascivo? Não se tratava de uma rapariguinha acabada de sair da escola.

– Mas que idade tem você, afinal? – perguntou de mau humor. – Vinte e quatro? Vinte e cinco?

– O que tem a minha idade a ver com o assunto?

– É velha de mais para se deixar envolver numa confusão destas!

– Não sou velha!

– Por amor de Deus! É uma solteirona…

– Não sou uma solteirona!

– … pavoneando-se nesta mansão dissoluta, onde só há devassos e canalhas à espreita nos corredores – prosseguiu, apontando para o seu torso curvilíneo. – Passeia-se nua, com a porta destrancada. O que esperava que pudesse acontecer?

– Nunca vou visitar ninguém! Nunca pensei que um homem… um homem…

Michael verificou, consternado, que os seus belos olhos se enchiam de lágrimas. Não suportava dramas femininos encenados! Se ela começasse, ignorava qual seria a

sua reação.

– Não se atreva a chorar!

– Então, deixe de gritar comigo!

– Não estou a gritar! – sibilou Michael, furioso.

– Está, sim. Isto foi horrível. Não está a ajudar mostrando-se tão mal-humorado.

Ela não era visivelmente dada a explosões sentimentais; uma única lágrima traçou um caminho encantador pela face e desviou o rosto. Nervosa, lutou para controlar a respiração e retomar o controlo e ele emitiu um suspiro resignado.

O gelo à volta do seu coração começou a derreter. Incapaz de reprimir a sua perturbação, passou a mão pela sua pele sedosa, apreendendo a humidade quente com o polegar que meteu na boca, chupando a gota salgada. Ela estava fora do seu ambiente naquela casa e com aquela gente: um cordeiro oferecido ao matadouro.

Como poderia deixá-la entregue à sua sorte?

– Estava a tocar-lhe – explicou num tom paciente – como um marido toca na mulher. Eles fazem coisas um ao outro.

– Que coisas?

– Beijam-se e acariciam-se. É excitante e agradável.

– Mas nós não estamos casados.

– Nem temos de estar. Um homem aprecia a companhia apaixonada de uma mulher e os dois participantes não precisam de ser casados para praticar um contacto íntimo.

– Se continuássemos, ter-me-ia tirado a virgindade?

– Sim.

– E como se comete esse ato?

Porque desígnio divino viera parar àquela conversa?

– Não me parece ser a pessoa indicada para a instruir – retorquiu num tom meigo.

– Não, não me parece que seja – concordou ela após uma demorada observação.

– Como se chama?

– Sarah.

Ele assentiu com a cabeça; o nome adequava-se-lhe.

– Sarah – repetiu num tom declamatório que lhe pareceu apropriado – … não pode continuar aqui, em Bedford.

– O que quer dizer?

– Nesta casa, nesta festa – respondeu com um gesto que abrangia tudo,

inclusive o que se passava sob o taciturno telhado da mansão. – Compreendo que esteja desejosa de umas férias no campo, mas isto não é a simples reunião rural que imagina. As pessoas que viajaram de Londres… – Por instantes, considerou em minimizar a gravidade da sua situação. Afinal, ela era pouco sofisticada e não fazia ideia de que homens e mulheres se comportavam de uma forma tão escandalosa. Contudo, não podia deixar de alertá-la para os perigos. – Os hóspedes não estão aqui para conviver e divertir-se.

– Então porque vêm?

– Para ter relações sexuais.

– É o único motivo?

– Sim.

Sarah ponderou na informação e depois esboçou um sorriso céptico.

– Não acredito.

Michael agarrou-lhe no braço e conduziu-a até à parede que dava para o corredor.

– Veja! – Ergueu o quadro que mudara de posição e apontou para o olho mágico. – Os homens podem rondar pelo corredor e espiá-la.

Sarah pôs-se em bicos de pés e encostou o olho ao postigo. Confrontada com a confirmação, mostrou-se menos segura quando se afastou e cruzou hesitantemente os braços sobre os seios encantadores.

– Por que razão o desejariam?

– Os homens gostam de observar. É excitante para os homens, especialmente quando a mulher não sabe. Leva-os a desejar esgueirar-se para o interior e fazerem coisas que não deveriam. – Ela estremeceu e ele colocou o quadro de novo no lugar. – Esta casa abunda desses malditos buracos. Nunca deixe que a mudem de lugar ou retirem este quadro. Verifique-o sempre.

Ainda hesitante, Sarah dirigiu-se à cama e, qual marinheiro atraído pelo canto de uma sereia, ele seguiu-a. Numa questão de minutos fora cativado por ela, incapaz de se afastar. Há muito que deveria ter-se ido embora, mas, qual jovem enamorado, prolongava a conversa para poder ficar.

– Isto parece tão absurdo.

– Contudo é verdade, Sarah. Há meses que os outros convidados se encontram na cidade e estão entediados. Procuram distração. Não vou entrar em pormenores por serem demasiado delicados.

– Não sou nenhuma criança! – ofegou, irritada. – O que propõem?

Ele esperara que ela se chocasse facilmente e se sentisse induzida a regressar a casa, mas era visível que se tratava de uma mulher extremamente teimosa e, por

conseguinte, apressou-se a esclarecer:

– Permanecerão nos quartos uns dos outros, onde vão participar no tipo de exercício físico que tentei consigo. A diferença reside em que as mulheres acedem de bom grado.

– Mas elas são quase todas casadas.

– Nenhum dos maridos está presente.

– E daí?

– Daí planeiam divertir-se com outros homens.

A informação levou-a a pensar e outra e mais perturbadora hipótese surgiu-lhe na mente.

– Era capaz de se envolver com qualquer delas?

– Com quantas me pedissem – respondeu ele francamente.

A realidade perturbou-a e franziu a testa, consternada.

– Por que razão?

A resposta ao seu interrogatório era tão demorada e complicada que Michael duvidava que pudesse fornecer uma réplica correta, mesmo que dispusesse de uma semana para fazê-lo. Não conseguia racionalizar o comportamento perverso a que se entregava. Ela nunca compreenderia e embora, na sua perspectiva, bastasse não ter remorsos quanto à sua devassidão carnal, concluiu que seria incapaz de lhe justificar a sua conduta.

– Também me sinto entediado – optou por dizer. Recusando fornecer uma desculpa adicional para um interrogatório, esquivou-se, acrescentando: – Prometa que regressará a casa de manhã cedo.

– Por que razão o faria? Essas suas descrições são absurdas. Foi o meu próprio irmão a sugerir-me que assistisse a esta festa. Ele nunca me implicaria numa aventura tão corrupta.

– A sério que não?

A rejeição de Sarah não era tão veemente quanto poderia prever. Teria pressentido falsidade? Aproximou-se mais até as faíscas voltarem a acender- se entre eles. Ela ergueu o rosto, sem temor, desafiando-o.

– Escute Sarah… eu conheço Lady

Carrington há muitos anos.

– Também eu. Pamela é amiga da minha família.

– Contudo, não sabe tudo a respeito dela ou não estaria aqui. Ela tem uma reputação característica.

– Que tipo de reputação?

– De organizar festas lascivas, quanto mais perversas melhor. Assisti a muitas

delas e não estou a brincar: corre risco se ficar.

Incapaz de resistir, pousou-lhe a mão na nuca, apalpando os pequenos e frágeis ossos do ombro. Sarah aceitou o gesto terno, um feito corajoso após o que aguentara da sua parte. Michael acariciou-lhe o pescoço e ergueu-lhe o queixo com o polegar.

– Não quero que se meta em problemas. Vá-se embora! Amanhã!

Nesse momento, ouviu-se uma leve pancada na porta e a maçaneta rodou inutilmente, mas apenas porque ele tivera o cuidado de trancá-la quando lhe fora dada oportunidade.

– Sarah… – chamou suavemente uma voz feminina.

– A minha prima Rebecca – sussurrou Sarah ao mesmo tempo que cerrava os olhos apreensiva e com um brilho indignado.

Olhando-a de alto a baixo, ele desafiou-a a estabelecer a ligação, a deduzir por si própria que se encontrava no meio de algo muito mais profundo e complicado do que poderia lidar.

Inclinou-se, respirando o perfume a rosas que a envolvia. Sem um pingo imaginável de cavalheiro, roçou-lhe o lóbulo da orelha.

– Tenho de me ir embora – murmurou entre dentes. – Mantenha sempre as portas fechadas. Tanto a que dá para o corredor como a que separa os nossos quartos. E vá-se embora de manhã.

Sarah virou-se um pouco como se tencionasse discutir e o movimento aproximou-os tanto que os lábios quase se uniram. Apenas o fôlego os separava. Os olhos fixaram-se e a expectativa pairou.

Sentiu-se atraído quase involuntariamente, mas não era o seu impulsivo irmão, nem o seu incorrigível pai. Era um indivíduo maturo de vinte e oito anos, capaz de controlar os seus desejos rebeldes e libidinosos.

Brindou-a com um beijo ao de leve, só porque podia e ela não recusaria, mas ficou-se por aí.

– Prometa-me – sussurrou mais uma vez.

Sarah limitou-se a sorrir e ele ansiava por forçar o seu consentimento. Sem desistir, a prima voltou a rodar a maçaneta e ele deu meia volta sem se permitir um segundo olhar às suas formas sedutoras.

A jovem era perigosa para a sua tranquilidade e bem-estar, para o seu vincado desejo de autopreservação. Por conseguinte, certificar-se-ia de que não haveria mais nenhuma oportunidade para beijos roubados.

Esquivou-se agilmente para o seu quarto, fechou e trancou a porta nas costas.

3

Sarah deu voltas e mais voltas na cama e, por fim, desistiu de pegar no sono. Não sabia muito bem as horas, mas imaginou que devia passar das duas da manhã. A lareira estava apagada e o luar entrava pela janela. Na mansão reinava uma calma invulgar e manteve- se quieta, escutando o bater do coração.

Desde que o atrevido Mr. Stevens se tinha esgueirado à socapa do seu quarto, não fechara os olhos durante um único segundo. Como é que uma mulher podia dormir após ter sido submetida a tantos novos estímulos?

Reinava uma enorme confusão na sua mente: Michael Stevens, a casa, a festa, o irmão, a prima. O emaranhado de imagens sucedia-se e não conseguia deixar de refletir no que havia acontecido e no que aquilo significava.

Não conseguia, sobretudo, desviar o pensamento de Michael Stevens. Agora que tivera oportunidade de ponderar naquele encontro mais lucidamente, não se sentia irritada nem angustiada. Sentia- se curiosa. A aventura corporal tinha sido dramática e emocionante e, embora se recusasse a confessá-lo, ficara ávida por mais.

Sentia-se como se tivesse lido os primeiros capítulos de um romance emocionante, mas lhe tivessem arrancado o livro no preciso momento em que chegava à parte interessante, a que lhe serviria de explicação para os meandros intricados da trama. Contudo, fora impróprio dele entrar no seu quarto e, sem dúvida, errado tratá-la daquela forma, mas, infelizmente, não conseguia lamentar o arrojo e desejava não se ter mostrado irritada nem tê-lo atingido com o jarro. Caso não tivesse reagido tão timidamente como a virgem solteirona que ele a acusou ser, poderia nesse momento conhecer inúmeros pormenores libidinosos sobre os quais ruminara durante anos a fio.

O encontro deles fora espantoso, de tirar o fôlego. Ele tocara-a de formas que nunca havia imaginado que um homem pudesse tocar numa mulher e… fora maravilhoso. Chocante, também, mas maravilhoso era o único termo correto para descrevê-lo.

Passadas todas aquelas horas, o seu corpo estava desperto e vibrava com uma energia invulgar e exótica, como se tivesse estado em hibernação da qual acordara. Sentia os mamilos rijos e excitados pela maneira como ele os beliscara. Sempre que mudava de posição na cama, o tecido da camisa de noite roçava-os irritantemente e levava- a a desejar que ele estivesse presente para voltar a tocar-lhes.

Ele tinha-a chupado! Com os pelos escuros dispersos no peito e os lábios envolvendo-lhe o seio, parecera tão bonito. O episódio tinha sido breve e abrupto,

mas a agitação que ele provocara com os dentes afiados e a língua continuava a atormentá-la.

A sua racha feminina estava igualmente dorida e, quando ele a acariciara naquele sítio, ficara furiosa com a penetração íntima da sua mão furtiva, mas agora já não, ao refletir fria e analiticamente nesse momento. O dedo hábil enfiara-se de forma adequada e acariciara um lugar que ela não julgara precisar de titilação.

A retrospeção sobre ele e os seus gestos indecentes levaram-na a apertar as coxas, mas o movimento provocou- lhe uma sensação dolorosa e gemeu de frustração. A carne tenra e feminina apresentava-se húmida e inchada e desejou, consternada, que ele pudesse estar presente e continuar as suas manipulações. Teria indubitavelmente competência para minorar o seu mal- estar físico.

Michael Stevens, como imoral que era, criara aquele terrível sofrimento e saberia o caminho que ela necessitava de percorrer para acalmar aquela cruel agonia. O homem era um perito de informação sobre o torso feminino. Sabia mais sobre a anatomia de uma mulher do que ela própria.

Pouco antes de se ir embora, tinha-a beijado. Fora um beijo furtivo, mas, considerando tratar-se do seu primeiro beijo, pusera-a nas nuvens. O enlace passageiro tinha sido magnífico e ela relembrou o par no jardim que se unira tão ardentemente e não conseguiu deixar de especular sobre como teria sido se Mr. Stevens a beijasse daquela forma. Longa, demoradamente e com paixão.

Os mamilos começaram a latejar mais uma vez e esfregou a palma da mão sobre um deles, presumindo que acalmaria a rigidez, mas o leve toque desencadeou uma onda de perturbação invulgar. Assustada e perturbada, colocou-se de barriga para baixo e esticou-se, mas a posição apenas serviu para piorar a situação. Cada um dos sítios que Mr. Stevens tinha excitado encontrava-se em contacto direto com o colchão e ficou novamente excitada.

Horrorizada com a sua angústia, saltou da cama como se tivesse descoberto cobras. Havia uma garrafa de vinho sobre a cómoda e serviu-se de um copo, começando a passear vagarosamente de um lado para o outro, enquanto bebia o líquido vermelho, tentando acalmar os nervos em franja.

O que lhe tinha acontecido?

O seu corpo descontrolara-se, levando-a a ansiar por coisas que não podia ter, coisas que nunca tinha imaginado desejar. Tornara-se ousada e imprudente e, caso Mr. Stevens se encontrasse ao seu lado naquele momento, permitiria que lhe fizesse tudo, desde que prometesse pôr termo àquele sofrimento infernal!

Estava obcecada por ele. Por que razão se encontrava na festa de Lady Carrington? Quem era ele? Onde vivia? De que se sustentava?

Tratava-se, sem dúvida, de um homem requintado e com fortuna bastante para ser membro de uma família aristocrática, mas era demasiado ousado e perigoso para provir de um meio tão apático. Mediante os misteriosos comentários que fornecera sobre a sua participação nas festas, dera a entender que as convidadas disputavam arduamente os seus favores. Era uma espécie de escravo sexual? Um homem que vivia dos favores prestados às mulheres?

A ideia de que partilhava aquele físico maravilhoso com quem quer que pedisse era tão espantosa, e para lá do seu âmbito de experiência, que não conseguiu aceitá-la.

Quem era ele? O que era ele?

Quaisquer respostas prováveis às suas perguntas eram demasiado perturbadoras e, por conseguinte, optou por ponderar nas suas advertências sobre a reunião, sobre a família dela. Empenhou-se, de uma forma crítica, a recordar cada pedaço da conversa que tivera com Hugh e a conduzira a Bedford. A visita fora ideia dele, bem como a escolha do local e, além dos seus esforços para a coagir a salvá-lo dos seus apuros financeiros, não conseguiu lembrar-se de qualquer comentário desagradável em relação à festa ou às pessoas que estariam presentes.

E quanto à sua prima Rebecca? A decisão de Rebecca de acompanhar Sarah também tinha surgido por recomendação de Hugh. Ela era simplesmente uma simpática e ingénua companheira de viagem ou, de facto, uma instigadora de problemas? Mr. Stevens acreditava seriamente que Rebecca o conduzira até ao quarto de Sarah e em seguida passara por lá – supostamente sem maldade – para verificar se Sarah estava bem instalada. Porquê? Julgaria que ia apanhar Mr. Stevens no local? Poderia ter agido de uma forma tão desprezível?

Elas eram amigas, parentes. Quando os pais de Rebecca haviam morrido quatro anos antes, Sarah acolhera-a e dera-lhe cama e comida numa altura em que Rebecca não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Depois de usufruir da generosidade de Sarah durante tanto tempo, o que podia Rebecca esperar ganhar, enviando um homem desconhecido perito em seduzir? Teria sido esse o seu objetivo?

Sarah negava-se a acreditar.

E a festa… Tratava-se da reunião lasciva em que Mr. Stevens insistia? Como iria descobrir? Dificilmente poderia andar pelos corredores e bisbilhotar os quartos dos convidados.

Deveria regressar a casa como ele tinha exigido? Desejava ir embora?

Não tinha nada à espera em Yorkshire, nenhum motivo para voltar à pressa e, agora que conhecera Michael Stevens, estava decidida a ficar. Por mais angústia que

lhe trouxesse, precisava de vê-lo novamente.

Ao longo de todas aquelas reflexões, os seus olhos foram-se acostumando à escuridão e reparou num feixe de luz que vinha do quarto de vestir. Não havia candeeiros nem velas acesos e por isso não entendia a sua origem. Dirigiu-se à sala mais pequena e ficou surpreendida e espantada ao descobrir um olho mágico.

Intrigada, aproximou-se e pôs-se em bicos de pés, tentando espreitar, mas como o buraco estava demasiado alto agarrou num banquinho, trepou para cima dele e olhou para o interior.

Avistou uma divisão pequena. Não conseguiu ver a totalidade, apenas parte de uma parede, uma cadeira, uma mesa, uma cama estreita. Duas velas tremulavam num castiçal, iluminando o espaço fechado.

Michael Stevens encontrava-se ali, sozinho, vestido apenas com umas calças justas. Estava estendido despreocupadamente na cama, de costas contra a parede, com um dos tornozelos sobre o outro. Dado o seu olhar absorto, Sarah presumiu que esperava companhia. À primeira vista, parecia descontraído e entediado, mas pairava sobre ele uma energia inquieta que lhe espicaçou a curiosidade.

Ele perceberia que ela estava a observá-lo? Seria a única? Ele estava familiarizado com o funcionamento supostamente pervertido da mansão e tinha insinuado que existiam inúmeros postigos, portanto, podia haver muitas pessoas a espiá-lo.

Saberia? Importar-se-ia?

Visivelmente despreocupado, traçava círculos no centro do peito, entrelaçando os dedos no tapete dos pelos encaracolados e tentadores. Lânguida e metodicamente, foi descendo, passando a cintura das calças. Estava duro, com a estranha protuberância saliente e acariciou-a com a palma da mão e um olhar triste, como se estivesse extremamente desconfortável.

Embora mal o conhecesse, Sarah entendia muitas coisas a respeito dele – o que pensava, o que sentia – e tinha a certeza de que estava ansioso, expectante, antecipando o que ia acontecer. Encostou-se mais ao buraco em busca de pistas.

Uma porta abriu-se num dos lados e surgiu uma mulher. Vestia uma capa, com o capuz a tapar-lhe a cabeça e ocultando a sua identidade. Sarah observou rispidamente a cena e, quando o par começou a falar, pressionou o ouvido contra o postigo, a fim de escutar a troca de palavras.

– Como se chama? – quis saber Mr. Stevens num tom rouco.

A mulher falou em voz baixa e Sarah não conseguiu ouvir a resposta.

– Quem é o seu marido?

A resposta também foi ininteligível, mas Mr. Stevens soltou uma risada ante o

que quer que tivesse sabido.

– O que gostaria de me fazer? – perguntou, fitando a mulher com uma expressão experiente e intensa.

Ela fitou-o boquiaberta aos seus pés, mas conservou-se em silêncio.

– Conhece as regras – pronunciou Mr. Stevens num tom severo. – Tem de dizer em voz alta o que pretende.

A mulher hesitou e em seguida inclinou-se mais sobre Mr. Stevens e sussurrou-lhe algo.

– Ah… – murmurou ele, erguendo uma das sobrancelhas. – Uma das minhas preferências. Está nua debaixo da capa?

– Sim.

– Mostre-me.

Ela levou os dedos ao fecho junto ao decote, após o que desnudou os ombros, mas sem tirar o capuz. Sarah observou o corpo da mulher de perfil. Estava nua, com os seios expostos. Tinha os mamilos de um tom acastanhado, alongados e proeminentes.

Mr. Stevens estendeu a mão e manipulou os dois com o indicador e o polegar, levando a mulher a contorcer-se agitada e o coração de Sarah deu-lhe um salto no peito. Ele excitou a mulher da mesma maneira que fizera com ela e, adquirindo consciência do que sentira, os seus próprios seios reagiram, latejando e endurecendo só de estar a observar. Embora ele estivesse a acariciar outra pessoa, parecia-lhe que tocava nos seus seios. Hipnotizada, ficou irritada e surpreendida pela facilidade com que se deixava levar, sendo uma mera espectadora daquela cena erótica.

– Excelente… – entoou ele num tom sedutor.

O timbre sensual do elogio – dirigido a outra amante – provocou-lhe um arrepio da cabeça às pontas dos pés e essa perceção confundiu-a terrivelmente. A cena era corrupta e perversa e concluiu que deveria desistir. Estava a portar-se de uma forma inadequada, perturbadora e não tinha nada a ver com o seguimento. Havia um obturador com que podia tapar o olho mágico, mas verificou, embaraçada, que era incapaz de utilizá-lo.

Por chocante que parecesse, sentia-se completamente fascinada por Michael Stevens. Ele era tão bonito, tão viril, de uma forma que nunca havia encontrado. Até se terem conhecido, não fazia ideia de que existiam homens assim no mundo, não imaginava que as pessoas se comportavam tão vergonhosamente e nem uma parelha de cavalos conseguiria afastá-la dali.

Como o pior tipo de voyeur, tinha de testemunhar como a cena se desenrolava.

Michael colocou-se por trás da mulher e virou-a para a parede oposta – uma que Sarah não conseguia ver –, mas era óbvio que o par se encontrava diante de um espelho. Mr. Stevens espreitou por cima do ombro da amante, como fizera com Sarah, e pôs as mãos em concha nos seus seios, enquanto se aninhava contra o seu pescoço. Gemendo com uma aparente excitação, a mulher cerrou os olhos, inclinou a cabeça para trás e ele beliscou-lhe a nuca.

– Agrada-lhe que faça isto? – perguntou, rodando violentamente os mamilos da mulher.

– Sim – respondeu a mulher ofegante e excitada. – Não pare.

– Tem uns seios tão belos – disse ele, avaliando as duas protuberâncias no espelho. – Exatamente do tamanho que me agrada numa mulher. Nem demasiado grandes, nem pequenos de mais. O quê?

– Talvez a possua aqui em frente do espelho para que possa ver como ficamos maravilhosos juntos.

Sarah afastou-se do postigo, enquanto as palavras familiares lhe soavam aos ouvidos.

– Olhe para nós – prosseguiu ele. – Veja como parecemos requintados com as minhas mãos em si.

Que malvado! Apenas umas horas antes, pronunciara palavras semelhantes no seu próprio boudoir! Como podia atrever-se a dirigir o mesmo elogio a outra mulher! Fazia com que o seu encontro parecesse vulgar e comum, quando ela finalmente decidira que tinha sido o episódio mais fascinante e encantador de toda a sua vida. Depois de refletir longamente, convencera-se de que ele ficara tão encantado por ela como ela por ele, que a achara tão especial como nenhum outro homem achara, que ela era interessante e atraente.

Agora sentia-se pura e simplesmente uma idiota.

Movida por um impulso, afastou-se tão rapidamente do olho mágico que o banquinho estremeceu e caiu, atirando-a para o chão com um estrondo. Aterrou desajeitadamente de costas e bateu com o tornozelo no toucador. A dor repercutiu-se na articulação, ela soltou um gemido e em seguida tapou a boca com a mão, interrogando-se sobre se os ocupantes do quarto ao lado se teriam apercebido do barulho.

Caso Mr. Stevens descobrisse que ela estivera a espiar, morreria de vergonha!

Pôs-se cautelosamente de pé. Embora lhe doesse o tornozelo e tivesse o traseiro a arder, só o seu orgulho ficara ferido. O feixe de luz do quarto oculto assemelhava-se a um farol, incitando-a a que regressasse ao seu poleiro no banco, mas recusou categoricamente aceder ao seu apelo sedutor. Não lhe interessava como Michael

Stevens terminaria a noite. Não queria saber. Alguns mistérios deveriam ser mantidos em segredo.

Avançou a coxear e fechou a porta que separava o quarto de dormir do de vestir. Confusa, ansiosa, perturbada pelo que tinha visto, obrigou-se a ir para a cama e tapou-se com os cobertores. Depois de sofrer horas de tristeza e de caos, acabou por cair num sono profundo.

Michael ouviu um barulho estranho, como se alguém tivesse caído, seguido de um gemido abafado, mas não deixou que o som o distraísse. Havia vários postigos na sala de visualização e por conseguinte várias pessoas estariam sem dúvida a observar e tudo podia acontecer para lá das paredes.

Por um momento, esforçou-se por imaginar quais poderiam ser alguns dos espectadores. Talvez se tratasse de um daqueles homens bizarros que gostavam de se masturbar durante o processo, ou de um que ficasse excitado para um encontro sexual posterior ao espiar os outros. Talvez fosse um dos vários corruptos com apetites básicos, que não se interessava minimamente por mulheres, mas por ele como potencial parceiro. Estaria a aguardar impacientemente uma visão de relance do seu membro tumescente, de tamanho impressionante comparativamente aos padrões usuais.

Era mais provável que se tratasse de uma das mulheres com quem ainda não estivera, uma recém-chegada à festa que se interrogava sobre se teria a falta de inibição necessária para dar uma volta com ele. Estavam todas tão visivelmente excitadas com essa perspetiva.

Depois de tantos anos a viver à margem da sociedade, possuía uma perversa reputação que era decididamente merecida e elas ansiavam pela oportunidade de se envolverem em relações carnais com ele para se poderem gabar dos seus feitos mais tarde.

De manhã, ele seria o tópico principal de conversa ao pequeno-almoço: quem dormira com ele, quantas vezes e de quantas maneiras.

Os seus motivos pessoais para participar nas lascivas festas de Pamela não eram especificamente compreensíveis. Era como se se sentisse impelido a provar, repetidas vezes, que nada importava. No entanto, os seus obscuros propósitos empalideciam face aos das mulheres que acasalavam com ele. Elas eram criaturas solitárias, entediadas, degradadas pela sua busca de diversão, mas negava-se a sentir compaixão por elas. Pamela tinha inventado as regras para o corrupto entretenimento e elas apressavam-se a participar, esperando que algo particularmente indecente ocorresse – quanto mais indecente melhor – a fim de

poderem bisbilhotar com as amigas.

Ele não se importava quanto aos seus motivos, necessidades ou desejos. Que fossem todas enforcar-se!

Mesmo quando o pensamento de desprezo lhe cruzou a mente, invadiu-o um aguilhão de culpa ao recordar a maldita chamada Sarah para cujos aposentos fora estupidamente arrastado. O quarto dela ficava próximo e sentia-se satisfeito por ela não ter maneira de observar o que ele estava prestes a fazer.

A ideia de que ela pudesse apanhá-lo no meio daquela conduta perversa era inquietante, envergonhava-o e, por conseguinte, afastou a recordação. Não optou por ponderar na sua situação ou no que poderia acontecer-lhe. Não estava nos seus planos preocupar-se com ela ou deixar que interferisse na sua prática de prazer.

Ela estava a atormentar a sua consciência marcada, a que ele havia cuidadosamente abafado quando fugira de Londres três meses antes. O seu coração tinha sido ferido e maltratado pelos que amava e tivera a sua dose de compaixão e empatia. Agora sentia-se contente por flutuar, indiferente à sua conduta perversa e não permitiria que uma bruxa de cabelos ruivos se lhe infiltrasse na pele.

Se ela se intrometesse na sua vida, começaria a preocupar-se com ela e com a sua situação. Regressaria ao tipo de idiota sensível que tinha sido antes dos acontecimentos que o haviam ferido. A frívola aristocrata conseguira imiscuir-se no meio das intrigas traiçoeiras que eram por de mais abundantes para serem mencionadas e, caso não se acautelasse, acabaria por vigiá-la, protegê-la, manter os devassos à distância, revelando o esquema do seu irmão e da sua prima.

Raios! A maldita mulher não era nada da sua conta! A maneira como fora atraída até à mansão de Pamela, a razão por que concordara em participar na festa, o que poderia acontecer por causa da sua família – nada disso era da sua conta.

Ele estava ali para fornicar e para jogar, não por qualquer outro motivo, e não se incomodaria ou irritaria por causa de uma solteirona imbecil que não tinha a sensatez de se ir embora quando deveria. Aquela mulher maluca precisava de um protetor, mas ele não se esforçaria por assumir esse papel.

Não se importaria com ela! Nem pensar nisso!

Obrigando-se a focar a atenção no espelho, examinou a sua amante atual. Tinha uns belos seios e brincou demoradamente com eles. Estava rijo, pronto, disposto a oferecer o que ela aceitasse, mas a mulher em si não interessava.

Não existia qualquer objetivo mais elevado por de trás dos seus atos. Tratava-se de sexo puro e duro; vulgar e grosseiro, exatamente como imaginava. A cópula anónima e ostensiva enquadrava-se perfeitamente no seu estado de espírito e tencionava enterrar- se nesta desconhecida até não poder mais, até o seu falo

impaciente ficar mole e o seu raivoso impulso sexual se amansar temporariamente.

Agarrando-lhe nas ancas, flexionou-se deliberadamente contra as nádegas dela, deixando-a saborear o seu enorme membro, fornecendo uma indicação do que se seguiria. Afastou-lhe a capa do ventre e examinou a fenda; apresentava- se sem pelos e macia como a de um bebé.

– Rapaste-te!

– Sim.

– Só para mim?

– Sim.

A sua vaidade masculina foi imensamente acarinhada por aquele ato fútil que ela lhe dedicara. Agarrou-a pelas nádegas e penetrou-a bruscamente com dois dedos, sem esforço, furtando- lhe o que desejava, dando-lhe o que ela ansiava, mas enquanto a possuía com uma batida regular, outra imagem desconfortável de Sarah interferiu, desviando-lhe a atenção.

O que se passava? Ela enfeitiçara-o!

Quando tinha concordado com aquela noite devassa, antecipara uma aventura descontraída e gratificante com a mulher nos seus braços e ainda com as outras que estavam programadas para o visitar mais tarde, mas os pensamentos intrusivos de Sarah faziam com que tudo aquilo parecesse ridículo; estava fora do seu elemento, incapaz de prosseguir.

Sentiu-se repentinamente impuro e profano, no preciso momento em que decidira não sentir absolutamente nada.

Desesperado por afastar Sarah para bem longe do pensamento – e depressa –, sussurrou ao ouvido da amante:

– Estou pronto.

– Sim… – anuiu ela hesitante e todo o seu corpo enrijeceu, apreensiva com a precipitação.

– Vou estender-me.

Largou-a e mudou-se para a cama, colocando as almofadas por detrás da cabeça. Ela ficou imóvel, demasiado desconcertada ou nervosa para se aproximar, mas ele estava confiante de que não se iria embora sem lhe fornecer um alívio carnal. Poderia haver outros a assistir à cena e ela jamais passaria pela vergonha de se escapar. A sua vaidade não lhe permitiria tornar-se alvo de troça.

– Vem cá – ordenou ele e a ordem dura incitou-a. Ajoelhou-se e manipulou nervosamente os botões das calças dele. Os dedos esguios desapertaram o botão superior. Em breve, ele ficaria exposto ao seu olhar tórrido e carícias experientes e ansiou pelo fluxo de sangue que não chegava.

Aguardou com indiferença. O seu membro nunca deixava de ficar duro e, levado pela antecipação, o falo tornou- se mais duro. Por fim, libertou-se e ficou na mão dela. A mulher acariciou-o e lambeu-o, até as ancas dele reagirem mecanicamente e em seguida ela inclinou-se e passou os lábios sobre a ponta.

Michael era um homem de grandes proporções, maior do que qualquer delas supunha, e não deixava que as suas impressionantes dimensões interferissem com o gozo.

– Engole-me mais – decretou. Agarrando-lhe na parte detrás do pescoço, baixou-a e ela obedeceu sem um lamento, enquanto ele fixava o teto, concentrado numa racha que se estendia de uma ponta à outra.

A mulher prosseguiu habilmente com a sua tarefa, mas o desejo palpável não chegou até que, sem aviso, a imagem de Sarah voltou a imiscuir-se rudemente no meio do exercício sexual. Fantasiou-a a sair do banho, húmida e escorregadia, cheirando a rosas. Recordou os mamilos firmes e duros que chupara, a fenda apertada e húmida, onde enfiara os dedos.

Por qualquer motivo, ela excitava-o profundamente e, por conseguinte, fechou os olhos e fantasiou que era ela a mulher que se inclinava sobre o seu corpo, que o seduzia com a perversa boca e a língua. Imaginou-se a ensiná-la a chupá-lo, fazendo-a praticar, encorajando-a a dominar as suas técnicas favoritas. Inflexível mas suave, ele seria um professor implacável e ela uma aluna apta e entusiasta, disposta a aprender o que ele se dignava partilhar.

Agarrando na amante, colocou-a na devida posição, concedendo-lhe o que ela podia aguentar, incitando-a a que o tomasse um pouco mais.

– Sarah…

Na sua mente, imaginou-a em todo o seu nu e glorioso esplendor e o seu desejo ascendeu a um cume ilimitado. Estremeceu e deixou-se levar.

4

Sarah estava sentada no terraço, com o rosto protegido por um chapéu de fitas, a observar os outros convidados e desfrutando do sol do fim de tarde. O fantástico dia de verão aproximava-se rapidamente da noite, as temperaturas eram amenas, o céu azul apresentava-se brilhante e cheio de nuvens brancas. Pouco depois, todos os que estavam espalhados pelas várias mesas e canapés recolheriam ao interior para se vestir para o jantar e ela deveria sentir- se contente por descontrair, mas reflexões perturbadoras não a deixavam em paz, impedindo-a de apreciar o momento.

Depois do seu encontro com Mr. Stevens e de o ter apanhado durante a sua estranha relação secreta, ficara alterada. Ele desorientara-a de uma forma indescritível e, embora ela gritasse à sua mente excessivamente zelosa que lhe desse descanso, a sua ativa imaginação não se acalmava. Só conseguia pensar nele e no que estava a fazer.

Examinou furtivamente o enorme terraço que dava a volta à mansão, interrogando-se sobre quem teria sido a sua amante. Perscrutou os maneirismos das mulheres, examinando como se moviam, viravam as cabeças e gesticulavam, mas sem sucesso. Não conseguiu descobrir.

Durante a noite, afastara-se do quarto de vestir e da tentação que o mesmo lhe fornecia, mas passara horas sombrias e intermináveis a lamentar a sua decisão. Concluiu, abalada, que desejava ter continuado a observar! Sentia-se frenética por saber como evoluíra o encontro e como havia terminado.

Por chocante que parecesse, esperava ter a sorte de observá-lo novamente antes que tivesse passado muito tempo. Havia qualquer coisa de abominavelmente erótico e sedutor na espionagem. Se fechasse os olhos, podia fingir que era a mulher que se encontrava no quarto com ele e que ele praticava aqueles atos pérfidos na sua própria pessoa.

O que se passava com ela? Por que razão achava o comportamento dele tão excitante? Embora reconhecesse a leviandade da sua conduta e se censurasse exaustivamente pela sua lascívia, ansiava por uma repetição do ato.

Os seus devaneios noturnos sobre ele e as suas práticas haviam-se tornado embaraçosos, pois também passara a dominar a sua atenção durante o dia. Não conseguia impedir-se de conjeturar onde estava e como passaria a tarde. Estava sempre a esticar indecentemente o pescoço, procurando avistá-lo de relance por entre a multidão, mas não o tinha visto em parte alguma.

Embora jamais o admitisse a qualquer outra pessoa, sentia-se fascinada por ele e pelo que testemunhara e estava impaciente pela oportunidade de lhe perguntar: porquê? Por que razão agia de uma forma tão decadente? Por que razão os seus pecadilhos físicos a fascinavam daquela maneira? Qual era a atração?

Por qualquer motivo inexplicável, sentia-se como se o tivesse conhecido desde sempre e pudesse interpretar as suas linhas de pensamento e ficara com a impressão avassaladora de que ele intimamente não desejava estar envolvido naqueles atos depravados. No fundo, era um homem bom; tinha essa certeza, embora a razão por que o acreditava ou porque o supunha ultrapassasse a sua capacidade de explicar.

Tinha consciência de uma afinidade entre eles que nunca tivera com ninguém e não conseguia afastar a sensação de que ele pertencia tanto àquela festa como ela. O estranho encontro de ambos desorganizara a tal ponto o seu mundo que estava convencida de que existia um objetivo mais importante para lá do mesmo e recusava voltar a casa antes de ter oportunidade de explorar do que se tratava.

Enquanto fantasiava sobre Mr. Stevens, o olhar vagueou até ao pátio relvado e inclinado onde vários pares competiam num jogo informal. Batiam numa bola através da relva com uma espécie de martelo e faziam pontaria a um cesto que estava colocado à distância na base da colina. Desconhecia as regras, mas achava que o par que conseguisse meter a bola no cesto com a menor quantidade de tacadas era o vencedor.

Rebecca era uma das participantes e, quando o jogo se iniciara, tinha convidado Sarah a competir, mas ela recusara e sentia-se contente por tê-lo feito. À partida, o desporto parecia bastante inofensivo, com competidores entusiasmados e brincadeiras triviais, bem como apostas sobre as tacadas difíceis, mas havia comentários verbais que ela não entendia e uma grande quantidade de toques invulgares e íntimos que teriam sido desconcertantes. Não conseguia identificar o que fazia com que se sentisse desconfortável. Talvez o riso fosse demasiado familiar, os olhares fugazes entre os participantes excessivamente prolongados, mas existia uma tensão na sua interação que a incomodava.

Quando as mulheres se inclinavam e colocavam os tacos em posição, os homens estavam sempre próximos, encostando-se às mulheres para as ajudar nas batidas. Depois do episódio com Michael Stevens, reconhecia como era inquietante para um homem pressionar-se contra as nádegas de uma mulher. Lembrou-se prontamente de como ele lhe agarrara os quadris e a inclinara e mexeu-se, inquieta, aliviada por não ter permitido que nenhum dos homens agisse com tanta familiaridade.

Contudo, lutou por encarar justamente o evento. Até esse momento, ainda não testemunhara nada que considerasse absolutamente inadequado e viu-se forçada a

especular se não seria assim que os adultos se relacionavam quando estavam de visita. Tratava-se sem dúvida de uma festa para adultos. Não havia crianças presentes; apenas homens e mulheres que tinham muito tempo de lazer e precisavam de alguns meios para ocupá-lo.

Talvez ela simplesmente não compreendesse as regras sociais quando uma multidão de pessoas daquelas se reunia. Os padrões eram obviamente um pouco baixos, mas, ao olhar em volta, não conseguiu deixar de se lembrar das descrições de Mr. Stevens sobre as reuniões. Ele afirmara que as mulheres não viriam acompanhadas dos maridos e, aparentemente, estava certo, pois, embora houvesse muitos cavalheiros presentes, nenhum era casado com qualquer das senhoras.

Esforçou-se por adivinhar o número de convidados, mas o cálculo era difícil. Lady Carrington era perita em fornecer diversão variada, para que os convidados não se reunissem no mesmo lugar.

Na casa decorriam jogos de cartas, em algumas das salas traseiras, onde até as mulheres podiam participar. No exterior, alguns passeavam a cavalo, outros serpenteavam pelos jardins e um dos grupos encomendara várias carnes de animais para um piquenique no lago.

Nesse momento, a anfitriã transpôs as portas-janelas que davam para o terraço e abriu caminho pelo meio dos convidados. Sarah observou-a com inveja, tentando não dar muito nas vistas. Bonita e com mais dez anos que ela, Pamela Blair tinha sido a quarta mulher de um velho conde, mas também a sua favorita, e por conseguinte após a sua morte ele deixara-lhe gentilmente algumas propriedades valiosas e um rendimento elevado que lhe permitisse desfrutá-las.

Convidava regularmente grupos enormes, as suas soirées faziam furor e as pessoas imploravam convites sempre que ela organizava um baile de máscaras particularmente interessante ou um banquete.

Alta, loura, magra e elegante, distribuiu cumprimentos e conversou com velhos amigos. Por fim, chegou junto de Sarah e as duas mulheres trocaram comentários enquanto observavam distraidamente os participantes na competição que se desenrolava no jardim.

Aos dezassete anos, Sarah conhecera Pamela durante a sua fracassada apresentação em sociedade, mas os caminhos das duas não se haviam cruzado desde o terrível fiasco. Nessa altura, Pamela tinha vinte e sete anos, já era viúva, Sarah era muito mais jovem e, portanto, não se tornaram amigas e confidentes. Contudo, Sarah descobrira que ela era franca e direta, o que constituíra um alívio frente à terrível e breve viagem e mantinha boas recordações da mulher que nunca se mostrara crítica ou cruel numa fase em que Sarah se sentira tão

desconfortável.

Pamela era simpática mas desprendida, calorosa mas não em demasia, interessada mas não profundamente. Emanava uma frieza que mantinha os outros à distância, sobretudo uma pessoa como Sarah que nunca estabelecera amizades facilmente e, no entanto, a jovem confiava na mulher mais velha e suspeitava que os volúveis membros da alta sociedade preferiam a sua companhia pela mesma razão. Ela tinha fama de ser leal, digna de confiança e discreta, qualidades admiráveis numa pequena comunidade de elite em que todos se ocupavam da vida uns dos outros.

Pamela inteirou-se sobre a família de Sarah, o seu irmão, a propriedade deles em Yorkshire. Uma vez que Sarah nada sabia da vida privada de Pamela, teve dificuldade em manter o fio à meada e limitou-se a fazer observações lisonjeiras sobre o tempo, as festas, a empresa.

Quando Pamela quis saber se estava bem instalada, Sarah encontrou finalmente a oportunidade por que esperara.

– Sabe, por acaso, a quem foi atribuída a suíte ao lado da minha?

– Porquê? – Pamela soltou uma leve risada. – Não a deixaram dormir?

– Não, nada disso. Só que reparei num cavalheiro quando ele saiu. – Morria de vontade de pronunciar simplesmente o nome Michael Stevens em voz alta, mas era uma mentirosa horrível e não conseguiria inventar uma história credível sobre como podiam ter-se encontrado. – Reconheci-o de qualquer lado, mas não estava certa quanto à sua identidade.

– Hmmmm… – murmurou Pamela, refletindo nas disposições da enorme mansão. – Não sabia que havia alguém nesse quarto. Assim que o Hugh me avisou da sua chegada, dei-lhe intencionalmente um quarto tranquilo e afastado das diversões. Alguns dos meus convidados podem ser… ruidosos… durante a noite e imaginei que iria saborear a privacidade.

– E aprecio – confirmou Sarah, enquanto conjeturava sobre a definição de ruidosos. – Obrigada.

– Que aspeto tinha esse tal homem misterioso?

– Bonito. Ombros largos. Cabelo escuro. – E num tom mais contemplativo do que pretendia, acrescentou: – Tem uns olhos azuis espetaculares.

– Bom… só pode ser Michael Stevens. Ele tem na verdade uns olhos capazes de levar uma mulher a fantasiar sobre coisas que não deveria. – Pamela soltou uma risada e em seguida inclinou- se e deu uma palmadinha na mão de Sarah. – Não me apercebi de que o tinha colocado perto de si, mas, acredite, minha querida, que não o conhece. Nem deve fazê-lo.

– Agora sinto-me muito intrigada.

– Para ser franca, Sarah … – Pamela fixou demoradamente os olhos no jardim, escolhendo as palavras com cuidado – …ele não seria uma perspetiva adequada de futuro para si e, portanto, não há desculpa para optar por esse caminho.

Ao ver que Sarah erguia uma sobrancelha, Pamela apressou-se a rematar:

– Perdoe-me se lhe pareço excessivamente dura e, por favor, não me interprete mal. O Michael é um grande amigo, mas não é nada do que você procura.

Sarah corou da cabeça aos pés. Pamela julgaria que ela andava à caça de marido? Seria essa a opinião geral? De que declarações indiscretas se teria servido Hugh para explicar a presença de Sarah? Olhou em volta, perturbada. Os outros convidados estariam a avaliá- la furtivamente, ansiosos por não perder nenhuma das suas incursões desajeitadas pelo pântano matrimonial característico da nobreza?

– Não ando à procura de um homem – sentiu-se obrigada a esclarecer.

Pamela inclinou-se ainda mais e Sarah sentiu-se profundamente satisfeita por estarem isoladas. Se uma única palavra daquela conversa fosse escutada, morreria de humilhação.

– Permita-me que seja franca, Sarah. Sei por que razão está aqui…

– Não, não sabe – interrompeu a jovem. – Não, se pensa que ando à caça de um marido…

– Mas o Hugh disse…

– O Hugh estava enganado.

– Oh, as minhas desculpas – disse Pamela confusa e acrescentou: – Nesse caso, o que está exatamente a fazer aqui?

– Não tenho a certeza – respondeu Sarah com tanta candura que Pamela soltou uma gargalhada. – Sentia-me tão farta de estar em casa. Tem sido… – Fez uma pausa. Embora gostasse muito de Pamela e a mulher inspirasse confidências, Sarah não estava preparada para confessar a terrível verdade das circunstâncias e terminou com: – Tem sido difícil. Estava ansiosa por mudar de cenário e há tanto tempo que não fazia uma visita.

– Percebo – redarguiu Pamela. – Esta situação é por de mais embaraçosa. O Hugh disse-me que estava disposta a casar e pediu que lhe facilitasse o caminho e a apresentasse a qualquer cavalheiro que pudesse servir. Tenho dado voltas e mais voltas à cabeça e convidado alguns deles a virem até ao campo. Hugh insistiu em que você estava disposta.

– Aquele patife! Vou matá-lo!

– Não desperdice a sua energia, querida! – aconselhou Pamela de forma sucinta. – O Hugh consegue matar-se sem qualquer ajuda sua.

Visto a afirmação ser tão dolorosamente correta, Sarah não respondeu. Hugh encontrava-se numa espiral descendente que jamais poderia terminar de forma satisfatória, mas há séculos que ela concluíra nada poder fazer, exceto perseverar enquanto se preparava para o pior.

– O Hugh julga que ando à caça de um marido – murmurou –, mas, na verdade, só vim até aqui para me libertar de toda a pressão.

– Fez muito bem – apoiou Pamela com um sorriso cúmplice – e sinto-me honrada que tenha escolhido a minha festa para as suas férias. Quanto tempo vai ficar?

– O que lhe parece três semanas?

– Maravilhoso. Vamos preencher o seu tempo com diversões interessantes e depois enviá-la de volta a casa revigorada e preparada para o que der e vier.

Devido à expressão perspicaz de Pamela, a jovem suspeitou que a outra mulher sabia muito mais da vida privada de Hugh do que estava disposta a divulgar, mas constava que havia alguns segredos que Pamela não tinha revelado.

– Gostaria muito de descansar – disse Sarah.

– Então, assim será. E quem sabe? Talvez as minhas maquinações deem fruto. Talvez se deixe impressionar por qualquer homem elegante.

– Duvido – lamuriou Sarah, o que voltou a provocar o riso em Pamela.

– Tudo pode começar por um flerte inocente – disse Pamela levantando-se e disposta a seguir caminho. – Se puder fazer algo para tornar a sua visita mais interessante, não hesite em contactar-me.

Virou-se para se ir embora, hesitou e depois acrescentou num sussurro:

– E afaste-se de Michael Stevens custe o que custar. Não precisa de uma complicação desse calibre na sua vida.

Piscou o olho e afastou-se com um passo vagaroso, enquanto Sarah sentia uma picada de inveja pela forma como ela se misturava com a multidão, como se adaptava facilmente a qualquer situação. Sarah nunca possuíra talento para confraternizar e sentiu-se repentinamente só, embora se encontrasse rodeada por dezenas de pessoas. Detestava estar tão isolada e ansiava por se ajustar; por conseguinte, quando Rebecca a apanhou de surpresa pela segunda vez, incitando-a a tentar o jogo das bolas, anuiu com relutância.

No momento em que desceu os degraus até à relva, um homem levantou- se e foi atrás dela e, se Rebecca deu a sensação de que o incentivara com um rápido aceno de cabeça, Sarah optou por ignorar o ardil.

O que lhe importava se Rebecca estivesse a persuadir cavalheiros a que lhe prestassem atenção? A sua cortesia e educação não teriam necessariamente de ir mais além do que Sarah pretendia. A jovem era perita na arte de colocar homens atrevidos no seu lugar; tivera uma vida inteira de prática junto do pai e de Hugh e assim não a preocupava que um deles pudesse comportar-se abusivamente no relvado de Pamela.

Além disso, teria entre mãos um bastão com tamanho bastante. Se algum dos homens se mostrasse excessivamente ousado, não se importaria de lhe aplicar um merecido golpe!

Outra partida estava prestes a começar e havia dez pares preparados para orientar as várias bolas através da relva. Sarah e mais duas senhoras eram novas no desporto e todos conversavam alegremente sobre as técnicas necessárias. Apostas e gabarolices foram afavelmente lançadas quando o primeiro par ocupou a sua posição. A mulher era sempre quem começava e o homem colocava-se atrás dela e orientava os movimentos.

O parceiro de Sarah tinha-lhe sido apresentado por Rebecca como George Wilson, um homem alto e magro, careca, com dentes podres e cheiro a suor. Ele inclinara-se delicadamente sobre a sua mão, mas, quando se tinha levantado, Sarah sentira o cheiro a álcool no hálito e detetara um brilho inquietante no olhar. Estava obviamente a avaliá-la com intenções dúbias e, embora não se poupasse a esforços para a fixar, os olhos mergulhavam no seu decote. Sarah pôs-se de frente para o jardim e a fila de jogadores, mas a manobra apenas serviu para lhe fornecer o perfil lateral dos seus seios e o olhar tornou-se descarado e ininterrupto.

O par na frente deles bateu na bola e depois seguiu-lhe o trilho, deixando-a com George que lhe estendeu delicadamente o taco de ambos, com um gesto magnânimo:

– A seguir a si, Lady Sarah.

Quando avançou para a bola, ele colocou-se por trás dela. Com um sussurro rouco e de uma intimidade repugnante, acrescentou:

– Permita que lhe mostre como se faz.

Fora o desânimo a empurrá-la para aquele volúvel desporto, mas a realidade depressa assentara e Sarah achava que poderia morrer se ele lhe pusesse uma mão em cima. Hesitou, tentando pensar numa retirada graciosa no preciso momento em que ouviu uma voz familiar.

– Olá, Wilson.

Michael Stevens aproximou-se com um passo casual, como se a sua presença fosse a mais vulgar das ocorrências quando, naturalmente, não o era. A sua

interferência provocou o virar de cabeças, de todas as direções. Tratou algumas pessoas pelo nome – conhecia muitos dos convidados masculinos – que corresponderam à saudação entre dentes. Nenhuma delas se sentia satisfeita por vê-lo, mas, quase como se tivessem medo de o insultar, não podiam mostrar o seu descontentamento muito abertamente.

Surpreendida e encantada, Sarah virou-se rapidamente para ele e logo se deu conta do seu olhar resignado que parecia dizer: «Sabia que ia encontrá-la no meio de uma calamidade.»

Michael mostrou-se mais dinâmico do que se lembrava dele, com o cabelo muito preto a brilhar ao sol e os penetrantes olhos cor de safira criticando em silêncio até fazer com que ela se contorcesse nervosamente sob a sua meticulosa avaliação.

Dada a sua enorme altura e o físico de ombros largos pairava acima de todos e o grupo inteiro pareceu analisá-lo furtivamente, embora fingissem não atribuir excessiva importância à sua chegada.

Michael emanava uma energia e força que levava os homens a observá-lo discretamente, com a esperança de descobrirem onde ia buscar tamanha eficácia. As mulheres mostravam-se mais ousadas na sua avaliação, examinando-o sem hesitações como o fariam a uma joia rara ou a um quadro extraordinário.

Vestido com a elegância de um cavalheiro, o casaco azul-claro e as calças cor de canela delineavam na perfeição o corpo musculoso. As botas pretas reluziam, o branco da camisa ofuscava, o nó da gravata era perfeito e ele franziu-lhe o sobrolho com uma severidade que lhe tirou o fôlego.

Quando havia fantasiado sobre futuros encontros que pudessem partilhar, não sonhara com algo assim. Por que razão aparecera? O que contemplava?

– Peço desculpa, Wilson – disse ao seu parceiro –, mas há muito que ela me tinha prometido o primeiro jogo. Não é verdade? – dirigiu-se-lhe com um olhar cortante, desafiando-a a contradizê-lo.

Os espetadores sentiam-se encantados com aquela exibição. Sem querer provocar uma cena, mentiu num tom afável:

– Já tinha desistido de si, Mister Stevens, e concluído que não ia aparecer. Que gentil da sua parte ter vindo finalmente ao meu encontro.

– Tive um impedimento. – Conduziu-a de forma eficiente para longe de George.

– Talvez possa jogar uma outra partida com ela, Wilson, embora duvide que ela se mostre disposta. Depois de ter tido o melhor, terá dificuldade em baixar a fasquia.

Sarah não compreendeu exatamente as implicações do seu comentário, mas era astuta bastante para perceber que lhe dizia respeito. Vários homens soltaram um riso abafado, uma mulher abanou-se bruscamente e Sarah corou até às orelhas enquanto dezenas de olhares indiscretos se fixavam nela.

Por um breve instante, George hesitou como se fosse contestar a usurpação de Mr. Stevens, mas Rebecca lançou-lhe um olhar fulminante que o colocou a milhas.

Furiosa, Sarah serviu-se da distração causada pelo seu afastamento para se inclinar e sussurrar:

– O que quis dizer?

– Continue a sorrir – respondeu Michael no mesmo tom. – Está toda a gente a olhar.

– Para si! – sibilou ela. – Eu era completamente anónima até você me sequestrar!

Os lábios masculinos afloraram o seu lóbulo da orelha – sem dúvida, propositadamente –, a mão repousou no fundo das costas e Sarah sentiu-se sufocada com a sua proximidade. Com todos os olhares postos neles, tornaram- se o centro das atenções de uma forma que detestava e, por conseguinte, dignou-se a agir o mais normalmente possível. Agarrou no taco, mas no momento em que deveria ter tentado o balanço inicial, Mr. Stevens rodeou-a por trás, prendendo-a eficazmente no círculo dos seus braços.

– Permita-me que a instrua – disse e ela sentiu um calafrio na espinha. – É assim que se joga.

Quente e magnética, a parte da frente do seu corpo ajustou-se à parte de trás dela e Sarah sentiu o peito forte e liso e a curva do abdómen quando se inclinou sobre ela, e a força das pernas enquanto a balançava entre elas. A virilha de Michael mantinha-se encostada ao seu traseiro e a sensação produziu-lhe uma excitante cascata de borboletas no estômago.

Envolvendo as pequenas mãos nas suas enormes, Michael controlou o arco do bastão quando o mesmo pousou com um ruído firme e a bola deslizou pela encosta.

– Ótimo! – elogiou ele, embora Sarah tivesse a certeza de que não se referia à bola nem ao arremesso.

Endireitaram-se e os olhares encontraram-se e não se desviaram. Céus! Era pecado que um homem fosse tão agradável de observar. Michael deu- lhe o braço e conduziu-a galantemente através do jardim. Os espectadores bisbilhoteiros continuaram a avaliá-los, mas pelo menos estavam a afastar-se daquelas orelhas arrebitadas.

Como ele aconselhara, Sarah manteve o sorriso e, quando já tinham percorrido

a distância suficiente para iniciarem uma conversa sincera, ela perguntou:

– O que estava a implicar a meu respeito?

– Simplesmente que nos conhecemos.

– Foi mais do que isso!

– Sim, foi.

– Deu intencionalmente a entender como se estivéssemos… envolvidos.

O seu estômago vibrou ante a deliciosa sensação, mas fingiu-se furiosa.

– Faça figas para que todos pensem isso.

– Mas é mentira!

– Uma mentira que espero que a mantenha a salvo de problemas.

– Francamente…

– Embora a razão por que deva preocupar-me me ultrapasse – completou com o suspiro de alguém que carrega o mundo sobre os ombros. – Parece decidida a atormentar-me com os seus problemas.

– Os únicos problemas que tive… – Tentou parar, mas ele puxou-a pelo braço, mantendo uma passada lenta e despreocupada, enquanto passeavam pelo relvado – … foram por sua causa, Mister Stevens. Agora, estou só a tentar desfrutar de um calmo jogo de bola.

– É tão inconsciente – acusou num tom trocista – que nem se apercebe de quanto precisa realmente da minha ajuda.

Sarah soltou uma risada, apreciando a oportunidade de poder dar uma réplica à altura.

– É demasiado brusco e dominador para poder dar uma grande ajuda.

– Isso é o que pensa. – Enfiou-lhe o braço com mais força no dele e acariciou-lhe a mão de uma forma tranquilizadora, provocando-lhe pele de galinha no braço. – Mantenha-se por perto e talvez os devassos e pervertidos se conservem à distância.

Olhando em volta, teve de admitir que aqueles que se encontravam no seu ângulo de visão eram cansativamente normais, sem um único com ar de depravado.

– Como vai mantê-los sob controlo?

– Vou assustá-los – respondeu, arqueando as sobrancelhas. – Sou bom nisso.

– Eles parecem ter medo de si.

– E têm.

– É um bruto?

– Posso ser.

– Assusta-me com facilidade. – Das várias posições no relvado, os outros jogadores continuavam a deitar-lhes olhares furtivos e ela não conseguiu impedir-se

de acrescentar: – Observam-no como se pudesse fazer algo nefasto.

– Eles não conseguem simplesmente acreditar que me juntei ao jogo – explicou. – Todos sabem até que ponto detesto o seu tipo de mulher.

– O meu tipo? – O que significariam aquelas palavras? Ela encontrava-se numa reunião cheia de aristocratas. – Há por aí um insulto em qualquer lugar.

– Obviamente – anuiu, parando o movimento, enquanto esperavam que o par na frente deles lhes arrebatasse a bola. – Ignore-os tal como eu o faço – insistiu, mal o par se afastou, encolhendo os ombros. – Descobri muitos dos seus pequenos segredos e eles sentem-se simplesmente envergonhados com o que vim a saber.

Que interessante! Que homem misterioso e que maravilha terem-se conhecido! As suas reflexões constituíam um amontoado de impulsos possessivos e desejos absurdos que ela não podia ignorar. Sentia uma ânsia premente de interrogá-lo sobre onde tinha passado o dia, mas não fazia a mínima ideia de como formular a pergunta, pois nunca entendera como praticar a frívola sedução em que outras mulheres eram exímias.

– Se nos abomina assim tanto, por que razão se encontra aqui? – indagou com um bater de pestanas sarcástico. – O que lhe deu para nos agraciar com a sua maravilhosa presença?

– Preferia que tivesse ficado lá em cima e deixasse que Wilson apalpasse o seu belo traseiro? – Olhou por cima do ombro, examinando de relance as suas nádegas e Sarah sentiu que os joelhos lhe enfraqueciam ao detetar o brilho lascivo de aprovação ao terminar. – Embora confesse que é bastante atraente, julguei que aprovaria a minha intervenção, mas se quiser que me vá embora…

– Não, seu desavergonhado. – Ao lembrar-se de como ficara repugnada pela ousadia de Mr. Wilson, apertou-lhe a mão com mais força do que deveria e ele compensou-a, aconchegando-a um pouco mais do que era decente. – Não se atreva a sair do meu lado.

– Qual é o problema com o seu pé?

A mudança de assunto provocou-lhe tonturas.

– O meu pé?

– Está a coxear.

O tornozelo ainda lhe doía por causa da vergonhosa queda do banquinho, mas não estava disposta a revelar quaisquer pormenores relativos ao acidente!

– Tropecei.

– Mas está bem?

– Sim.

– Parece muito atraente… – Sarah ficou sem fôlego frente ao inesperado elogio e deitou-lhe uma olhadela por baixo da pala do chapéu, quando ele acrescentou – … com roupa no corpo.

– Oh, que grosseiro! – criticou, ao mesmo tempo que uma covinha se formava no queixo masculino, tornando- o perverso e irresistível.

As suas palavras provocaram uma torrente de recordações, em simultâneo maravilhosas e horríveis, e uma onda de calor formou-se nos tornozelos da jovem e invadiram todo o corpo, ruborizando- lhe a face.

– Muito atraente, na verdade – prosseguiu ele, visivelmente perturbado por ter notado a sua beleza e perplexo ante o progresso do envolvimento de ambos. – Não pode andar por aí, espalhando sedução nesta festa.

– As minhas desculpas por estar vestida – retorquiu Sarah num tom jocoso.

– De qualquer maneira, por que razão se encontra aqui? – indagou ele, mal-humorado. – Jurou-me que regressaria a casa esta manhã.

– Não fiz nenhuma jura dessas – retorquiu ela fazendo finca-pé e disposta a discutir o assunto, mas ele prosseguiu caminho tranquilamente como se não estivessem a medir forças no meio do relvado.

– Esperava que ouvisse o meu conselho, mas talvez devesse ter ficado no terraço e deixado que Wilson levasse a melhor consigo.

– Ooh! Você é mesmo um patife por se referir a um comportamento tão grosseiro.

– Vi, sem dúvida, o que tem para oferecer, por conseguinte não posso criticá-lo por tentar.

Sarah sentiu-se espantada que dois adultos que mal se conheciam pudessem dar andamento a uma conversa tão ordinária. Mesmo assim, não lhe teria colocado ponto final por nada deste mundo.

– Nada tem de cavalheiro, sir – censurou afetadamente.

– Já estabelecemos esse facto. Aproximaram-se da bola deles e Sarah deu um passo na sua direção e em seguida parou. Michael fitava-a com uma tal intensidade que a deixou totalmente hipnotizada pela beleza dos seus olhos azuis. Eram penetrantes e claros, frios como pedaços de gelo e ela não se importaria de ficar o resto do dia a observá-los, pois tornavam-na absurda e irracionalmente feliz pelo facto de ele não ser um cavalheiro.

Michael encostou-se ao corpo dela e, quando lançaram a bola juntos, Sarah voltou a sentir aquelas estúpidas borboletas no estômago, mas recusou afastá-las. A posição em que se encontrava protegia-lhe o traseiro dos olhos curiosos da plateia e, surpreendentemente, ele acariciou-lhe a nádega com a palma da mão.

– Tem o traseiro mais bonito que vi na vida.

– Esqueça!

Sarah endireitou-se e brindou-o com a fúria penetrante que, por norma, reduzia Hugh a um trapalhão idiota, mas o olhar desperdiçou-se em Michael Stevens. Não desviou o rosto e a atenção fixou-se nos lábios dela e aí permaneceu, tão palpável como o beijo que depositara na noite anterior. Era muito melhor a intimidar do que ela alguma vez imaginara e esforçou-se corajosamente por medir forças, mas apenas o conseguiu por um momento.

Irritada pela falta de firmeza quando se tratava dele, girou sobre os calcanhares, mas ele acompanhou-a passo a passo, equilibrando o avanço para que parecesse amigável e organizado.

Calma e obstinadamente, Michael aventou:

– É onde todos têm os olhos.

– O quê?

– Estão a inspecionar o seu traseiro e o seu busto, imaginando como seria excitante apanhá-la.

Tinham chegado junto da bola deles e ela fez-lhe sinal para que ele a lançasse sozinho.

– Faça favor – convidou.

– Regras do jogo, querida… – retorquiu ele, usando o termo carinhoso como se o houvesse dito a centenas de mulheres na sua vida – … temos de lançar a bola juntos. Foi pensado especificamente para proporcionar aos homens infinitas oportunidades de serem perversos em público.

Sarah olhou em volta, refletindo sobre se ele estaria a falar verdade, pois, nesse caso, os convidados deduziriam que ele viera até ao jardim a fim de lhe tocar de forma indecorosa e, com a sua atitude e postura, Michael nada tinha feito para afastar a ideia. Tinham, sem dúvida, criado um turbilhão de suposições e os espectadores estavam visivelmente curiosos por saber o motivo que o levara a procurá-la.

As mulheres fitavam-na com inveja, desejando terem obtido uma semelhante cortesia lasciva, mas os homens mostravam uma consciência acrescida dela, como se – dado que Stevens se sentia atraído – devesse haver algo provocante que lhes escapara.

Estavam todos a lançar-lhe olhares com um propósito indecente ou eram os avisos de Mr. Stevens a incitar paranóias?

– Se o que diz é verdade, a sua conduta apenas serviu para piorar as coisas. Não para melhorar.

– Nem tanto. Não se esqueça que sou aquele que impediu Wilson de apalpá- la.

Agora mais cautelosa, Sarah deixou que ele a rodeasse com os braços e agradou-lhe a forma como o seu corpo vibrou ao reunir-se ao dele. A paisagem circundante ficou mais grandiosa, a relva mais verde, o céu mais claro e o ar mais fresco. Quando as mãos dele envolveram as dela e bateram ao mesmo tempo no taco, Sarah saboreou a força pura do seu tronco. Michael movia-se com uma graciosidade fluida, provocando uma miríade de imagens excitantes do seu torso; do peito nu e dos ombros robustos, dos dedos hábeis e da língua ávida.

Da mulher nua com quem tinha cabriolado no quartinho mal iluminado. Vagabundo! Ela jamais deveria esquecer as suas inclinações naturais!

A bola deslizou para fora e ela moveu-se bruscamente.

– Por qualquer motivo, você quer-me assustar, mas não está a resultar.

– Ele vai tentar esgueirar-se para o seu quarto.

– O quê?

– Durante a noite, Wilson vai esforçar-se por conseguir entrar. Para mim foi fácil, por conseguinte, ele vai ser capaz se teimar o bastante. E é homem para isso.

– Você está louco.

– Ele conseguirá – persistiu Mr. Stevens com tal convicção que lhe provocou um arrepio involuntário. – Como tenciona proteger-se, quando ele estiver lá?

Desejosa de baixar a crista do idiota, mas sem saber como, Sarah retorquiu num tom cáustico:

– Acho que terá de derrubar a porta do nosso quarto contíguo e acorrer em meu auxílio.

– E se eu não estiver presente quando isso acontecer? – sorriu Michael, visivelmente intrigado pelo crescente envolvimento nos seus assuntos. – Não estou a brincar – insistiu. – Não está em segurança aqui. Por favor, vá-se embora, logo de manhã.

Sarah fitou-o, mas não fez qualquer comentário e Michael acrescentou, irritado:

– Prometa-me que o fará.

– Mister Stevens – disse ela, visivelmente exasperada com aqueles avisos. – O que lhe interessa que eu fique ou me vá embora?

Por um segundo – por um único segundo – pensou que ele lhe responderia honestamente. Uma forte preocupação e interesse não deixavam dúvidas e ela preparou-se para ouvir um comentário caloroso que deitasse por terra a sua racionalidade. Contudo, como se um biombo se tivesse erguido entre eles, Michael ocultou deliberadamente as suas emoções.

– Não suporto mulheres insípidas, Sarah, e não a considero estúpida. Decerto compreende que ficar aqui é uma idiotice.

«Parvo!» – repreendeu-se a si própria. «Como se este canalha pudesse albergar sentimentos.»

O comentário foi feito no preciso momento em que se aproximaram do fim do relvado, o que impediu a continuação da discussão. Todas as bolas dos participantes estavam no cesto, exceto a deles, e Mr. Stevens aplicou um golpe rápido que a colocou no meio da pilha. O seu comportamento arrogante impediu qualquer brincadeira com os outros pares. Sem perder tempo a conferir o vencedor com o resto do grupo, escoltou-a rapidamente em direção ao terraço.

Mal se viram à distância dos outros, Sarah repreendeu-o:

– Você é a pessoa mais deselegante que conheci.

– Sem dúvida.

– Abusa da indelicadeza.

– Cada vez mais.

– Não posso suportar um comportamento tão grosseiro.

– Pouco me interessa.

Com mais dois passos chegaram ao pórtico e Sarah teve consciência de que lhe fora dada a desculpa perfeita para obter mais detalhes pessoais a respeito dele e a desperdiçara. Michael confundira-a como se ela não passasse de uma adolescente, deslumbrada por um macho inteligente.

Subiu um degrau enquanto ele se mantinha na relva e aquele desnível de altura colocou-os na mesma linha de visão. Fitando-o de uma forma meticulosa, ficaria satisfeita em observar, fantasiar e tentar compreendê- lo, mas os outros não perdiam cada um dos seus movimentos.

– Obrigada pelo jogo, Mister Stevens.

– O prazer foi todo meu – respondeu ele, inclinando-se delicadamente sobre a sua mão. – Desejo-lhe uma boa noite.

Passando ao seu lado, Michael desapareceu na enorme mansão sem um olhar para trás, enquanto ela se mantinha qual simplória, refletindo em como seria terrível se nunca mais o visse. Apesar dos seus modos arrogantes e do comportamento brusco e dominador, nunca conhecera ninguém como ele e sentia-se inegavelmente atraída.

Quando Michael se foi embora, as pessoas observaram-na como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça e Sarah ansiou por privacidade, mas não podia recolher-se tão cedo. Vagueou ao acaso pela residência, até ir parar ao salão de

música, onde duas mulheres executavam duetos no piano de cauda. Reclinou-se num dos sofás e escutou, enquanto a música a invadia e acalmava o seu coração acelerado.

O relógio fazia-se ouvir ruidosamente na lareira e ela calculou em silêncio quanto tempo faltava até que pudesse declarar-se cansada e escapar-se à noite e, enquanto observava a lenta passagem dos minutos, ponderou se Mr. Stevens visitaria mais tarde o quarto secreto, se cabriolaria com outra amante.

Sarah não fazia tenção de renunciar à lasciva diversão que Pamela tão gentilmente fornecera. Tencionava observar tudo: cada perturbadora, fascinante e esplendorosa faceta da indiscreta exibição de Michael Stevens.

Rebecca Monroe examinou a prima do outro lado do relvado. Sempre gostara de Sarah de uma forma impessoal, embora também a invejasse. Sarah era tudo o que faltava a Rebecca. De temperamento forte, determinada e teimosa, enquanto Rebecca se achava o oposto: desajeitada, hesitante e ineficaz. Além disso, Sarah tinha a injusta vantagem de ser filha de um conde, ao passo que Rebecca tinha emergido do lado indigente da família, a filha única de um mercador severo e incompetente que morrera bêbado e sem dinheiro.

Durante muitos anos, Rebecca satisfizera-se com a perceção de que superava Sarah na aparência e comportamento, as únicas facetas que tinham qualquer valor para uma mulher. Rebecca tinha nascido bonita e Sarah era desajeitada e simples. Enquanto cresciam, Rebecca vira Sarah em algumas ocasiões e lembrava-se vivamente de como as pessoas costumavam desesperar-se em privado de como ela amadureceria. Contudo, Sarah desabrochara e a sua actual beleza irritava Rebecca a mais não poder.

Ainda assim, lutava por não ser mesquinha ou amarga relativamente às bênçãos que haviam sido conferidas a Sarah e que tomou como garantidas.

Afinal, Sarah oferecera-lhe abrigo num momento de desespero e, devido à sua generosidade, Rebecca conquistara a atenção de Hugh. Caso Sarah não lhe tivesse pedido que fosse viver para a propriedade, Rebecca jamais ganharia a oportunidade do afeto de Hugh.

Tendo em consideração o que Sarah fizera por ela, tentava não se mostrar ressentida, mas irritava-a o facto de Sarah se negar a usar os seus atributos para ajudar Hugh. Mediante o simples passo do casamento – o que constituía um requisito incondicional para uma mulher da sua classe e posição – poderia resolver tantos problemas.

Era essa a razão que levara Rebecca a conjeturar o seu esquema para ver Sarah rapidamente casada. Rebecca queria ver Sarah bem longe de Scarborough e, além

disso, desejava que Hugh se sentisse orgulhoso, algo que nunca acontecia, pois não deixava de alegar que ela era inútil e ineficaz.

Apesar das três temporadas em que se lhe juntou na cidade, fazendo de sua anfitriã e mais, ele nunca se mostrava satisfeito pela forma como desempenhava as tarefas. Contudo, ia mostrar-lhe!

Tinha refletido durante muito tempo na forma como poderia forçar Sarah a casar. Ela não parecia ter pressa em realizar o ato e Rebecca apenas tencionava dar-lhe um pequeno empurrão na direção certa.

Quando chegara o convite de Lady Carrington, Rebecca tinha medido de imediato as possibilidades e decidido que seria o método ideal de atingir o seu objetivo. Dado saber como a festa seria obscena, tinha sido fácil convencer Hugh de que Sarah deveria participar. A oportunidade de que ela ficasse totalmente comprometida era simplesmente boa de mais para a deixar escapar e Rebecca não estava disposta a ser contrariada.

Investira demasiada energia e suportara demasiado da conduta desagradável de Hugh para admitir a derrota. Se Rebecca tinha uma palavra a dizer sobre o assunto, o reinado de Sarah em Scarborough estava prestes a terminar, porque Rebecca tinha outros motivos, mais pessoais, para querer Sarah bem longe de Yorkshire. Não os ruminava em demasia, pois não queria parecer demasiado ambiciosa, mas assim que Sarah casasse e fosse viver com o marido, Rebecca casaria finalmente com Hugh, como ele lhe tinha prometido desde a primeira vez que partilhara a sua cama.

Tornar-se-ia a dona de Scarborough. Não era um pensamento fantástico?

Como dominaria todos aqueles servos indolentes que a tratavam continuamente como uma parente pobre! Mal fosse condessa, todos eles se inclinariam à sua passagem! Sonhara com isso demorada e frequentemente e a fantasia estava prestes a tornar-se realidade!

Por conseguinte, embora gostasse bastante de Sarah, também acreditava que – por vezes – tinha de se dar uma mão ao destino. Sarah acabaria por casar e Rebecca achava que estava simplesmente a apressar as coisas e pouco lhe interessava a identidade do noivo em perspetiva. Na sua opinião, todos os homens se assemelhavam. Qualquer deles seria aceitável, desde que tivesse dinheiro. Montes de dinheiro para livrar Hugh do seu mais recente infortúnio.

Já havia meia dúzia de perspetivas adequadas na mansão e, após examinarem Sarah, cada um deles manifestara interesse nos seus abundantes dotes, embora com a ajuda solícita de Rebecca, uma prova transformar-se-ia na refeição completa. Ela faria o que fosse preciso para se tornar a mulher de Hugh e, quer lhe agradasse ou

não, um dos malditos hóspedes ficaria noivo de Sarah na próxima quinzena.

Espreitou por cima do ombro, avaliando furtivamente Michael Stevens, enquanto ele conduzia Sarah pela encosta na direção da casa, e não pôde deixar de notar que ambos sussurravam, como se se conhecessem muito bem. Sarah sentia-se cativada pelo famoso jogador e conquistador, tal como Rebecca suspeitara que aconteceria.

Agora, Rebecca apenas precisava de trabalhar a tempo e horas. Julgara que tinha preparado tudo na noite anterior, mas, por qualquer motivo, Stevens não atuara como Rebecca tinha assumido. Não estivera no quarto de Sarah quando ela passara perto, mas não havia dúvida de que algo se passara entre os dois.

«Ora», pensou, lembrando-se do ditado «quem espera sempre alcança» e ela era extremamente paciente.

Como poderia Sarah resistir ao perigoso encanto do homem? E se, finalmente, o marido de Sarah fosse Michael Stevens, não seria a resolução mais apropriada para todos os interessados?

5

Algures à distância, um relógio bateu a meia-noite e Sarah deslizou da cama e dirigiu-se ao olho mágico do quarto de vestir. Após recolher aos seus aposentos, descansara e percorrera a divisão, verificando ocasionalmente se alguém ocupava o quarto secreto, mas até essa altura mantivera-se vazio e a sua apreensão e expectativa aumentaram Michael Stevens absorvia-lhe por completo os pensamentos. O seu encontro a nu na noite anterior, seguido da breve conversa no relvado nessa tarde, tinham-lhe posto a cabeça à roda. Passara o tempo a percorrer nos bicos dos pés a distância que separava as suas suítes e a encostar o ouvido à madeira, ansiando por o detetar a mover-se, mas as suas tentativas haviam recebido o silêncio. Aparentemente, não havia ninguém.

Uma vez, tinha rodado firme e cautelosamente a maçaneta, embora não soubesse muito bem o que faria se aquela coisa repugnante se abrisse. Verificara, quase aliviada, que estava trancada do lado dele, impedindo qualquer decisão de como avançaria, por conseguinte não havia forma de saber que imprudência podia ter cometido.

Teria entrado descaradamente? Passado em revista os seus papéis pessoais ou lido o seu diário? Esperando encontrar o quê?

Embora odiasse confessá-lo, sentia-se desesperada por respirar o ar que ele inalava, pisar o território onde ele vagueava, mexer nas suas coisas, revirar as suas camisas e examinar os botões de punho. Graças a Deus que ele tivera a cautela de trancar a porta, impedindo tamanha estupidez da parte dela!

Amaldiçoando o seu triste e desordenado estado de espírito, trepou para cima do banquinho e, silenciosa como um rato, ajustou o olho ao postigo. Ficou paralisada e o coração começou a bater com mais força. O evento por que esperara o dia todo estava prestes a começar.

Michael Stevens recostava-se nas almofadas e bebia vinho tinto em pequenos goles de um copo com pé. Conservava o olhar fixo na entrada.

Mais uma vez vestia apenas um par de calças, expondo o tronco e a visão era muito excitante. Toda aquela carne masculina nua, os pelos negros e encaracolados eram perturbadores e inquietantes. Ansiou por percorrer com os dedos o tapete emaranhado, roçar o nariz por ele, enquanto delineava os músculos e os ossos.

Com movimentos lentos, Michael acariciou o tronco com a base do copo, traçando círculos sobre o estômago, descendo até ao cós das calças. O gesto fê-lo mexer-se desconfortavelmente e a virilha estremeceu.

Nesse momento uma mulher juntou-se- lhe, ocultando novamente a identidade com um capuz, mas não se tratava da mesma amante que Sarah tinha espiado na noite anterior. Mexia-se de uma forma diferente, era mais baixa e mais larga de ombros e de nádegas.

Mr. Stevens ergueu-se do divã e avançou na sua direção qual predador, elegante e gracioso, com um propósito ameaçador. Todo o tronco parecia reluzir com uma emoção indefinível que chegou até Sarah, repercutindo-se nas suas extremidades nervosas, titilando o seu abdómen e seios. Estavam separados por uma parede e, no entanto, ele atraía-a e não conseguiu abster-se de desejar que o seu olhar sedutor se focasse sobre ela.

Como adoraria a oportunidade de se tornar a mulher fechada no quarto com ele! Permanecer ao seu lado, apreciar a sua presença, desfrutar dos maravilhosos olhos azuis buscando os dela. Se alguma vez tivesse a sorte de usufruir uma segunda oportunidade de se ver a sós com ele, não o mandaria embora tão depressa!

Mr. Stevens começou com a mesma pergunta que fizera na noite anterior:

– Como se chama?

A mulher falou baixinho e, como da primeira vez, Sarah não conseguiu ouvir a resposta.

– Quem é o seu marido? – Houve um silêncio significativo, um comentário abafado, em seguida o sorriso sarcástico de Michael e Sarah teria dado todos os seus bens em troca de ver a expressão da mulher.

Por fim, ele indagou:

– O que gostava de fazer para mim?

Após uma demorada hesitação, a mulher inclinou-se para diante e sussurrou-lhe ao ouvido, aproximando- se mais. Ele pusera a cabeça de lado, escutando, e Sarah sentiu uma estranha picada de inveja e de ciúme ante a proximidade de ambos, mas esforçou-se por se manter calma. Por observar, examinar. Por mais perturbador que fosse, tinha de saber o que estavam a congeminar.

– Ah… A escolha é minha – disse ele.

– Informaram-na da minha preferência?

A mulher assentiu com a cabeça e proferiu algo, mas Sarah apenas conseguiu decifrar a palavra boca e, ao ouvir o que ela sugeria, os olhos de Mr. Stevens brilharam de triunfo. O que preferia ele? Havia aparentemente um código secreto naqueles encontros que todos conseguiam decifrar menos ela, e o facto de não compreender o complexo significado era a pior das torturas.

– E, mesmo assim, sente-se disposta a continuar?

Mais um aceno de cabeça.

– Sou um homem bem equipado. Acima da maioria.

– Foi o que me disseram – murmurou a mulher.

– Quando começar, terá de chegar ao final. E pode achar desagradável.

– Tenho a certeza de que se engana.

Espero que seja bem agradável – retorquiu a mulher que o examinava com um olhar apreciador do seu físico maravilhoso. – Não teria marcado um encontro se não tencionasse chegar ao final.

O que estava ele a negociar? De quantas maneiras é que um homem e uma mulher podiam deliciar-se na companhia física um do outro? Havia obviamente muitos comportamentos secretos que ela desconhecia, embora Mr. Stevens se tivesse referido a alguns durante a sua rápida visita.

Pôs avidamente o ouvido à escuta, desejosa de aprender mais.

– Está nua por baixo da capa? – perguntou Mr. Stevens.

– Sim.

– Mostre-me.

Posicionando-se por detrás dela, encurralou-a no canto e ela contraiu-se ante o súbito contacto. Michael colocou- lhe as mãos na cintura e os músculos das costas ressaltaram quando a atraiu a si. A mulher desapertou a capa e ele ordenou:

– Deixe-a cair dos ombros.

Ela obedeceu, mas o capuz manteve-se e, por conseguinte, o rosto permaneceu oculto e Sarah apenas via o braço e as costas da mulher. Os dedos inquietos de Mr. Stevens ergueram-se para lhe segurar os seios em concha e, embora Sarah não conseguisse ver a manobra, pressentiu os movimentos.

Ele brincava com os mamilos femininos, rodando-os e manipulando- os, como fizera com os de Sarah e ela observou, excitada e ansiosa. Michael balançou a parte da frente contra o traseiro da amante e as suas mãos não pararam até a levar a contorcer-se. A mulher gemeu, como se sofresse, mas Mr. Stevens limitou-se a apertá-la ainda mais.

– O teu marido toca-te assim? – indagou.

– Não, nunca.

– E que tal assim?

– Não – repetiu a mulher, ofegante e contorcendo-se e Sarah teve a nítida impressão de que ele estava a sorrir e orgulhoso.

Homens! Nunca compreenderia a sua forma de pensamento ou os seus motivos!

Encostou-se ainda mais ao olho mágico, mas não conseguiu ver exatamente o que ele fazia. Estava a acariciar a mulher, mas de que maneira? Como a provocava para que ela se comportasse assim?

O seu amante estava sem dúvida a satisfazê-la. Gemidos roucos saíam-lhe da garganta e batia-lhe com o punho nas calças, agarrando o tecido áspero. Inclinou a cabeça para trás, presa de um indubitável prazer, e Mr. Stevens beijava-lhe e mordia-lhe a nuca.

Ele fê-la dar meia volta e ficaram de frente para o espelho. O momento tornou-se demasiado pessoal para Sarah, visto que se lembrava bem de mais de como ele a colocara quando estivera no seu quarto de vestir, de como lhe aconchegara os seios e brincara com os mamilos. Ainda se recordava nitidamente do calor e cheiro da pele dele e da sua determinação.

Os mamilos começaram a doer-lhe. Sentia como pulsavam a cada batida do coração. Imploravam um tipo de alívio que ela não conseguia descrever e, desejosa de acalmá-los, pousou a palma da mão sobre um deles. O contacto desencadeou uma torrente de agitação que se repercutiu pelo peito e percorreu o ventre, centrando-se no meio das pernas.

A gruta feminina humedeceu-se e a carne inchou. Presa de um enorme sofrimento, tocou no ventre até chegar à fenda molhada. Mesmo através do tecido da camisa de noite, sentiu o calor que ela irradiava. Todo o seu ser implorava um alívio que se encontrava para lá da sua experiência e um desejo frenético parecia prestes a arrastá-la. Os novos e estranhos apetites eram sem dúvida causados pelo que estava a espiar.

«Deixa de observar», ordenou a si própria. «Não é correto nem adequado!» Contudo, era tão incapaz de parar como de impedir que o Sol se erguesse de manhã. Estava hipnotizada pela visão dos seus dedos bronzeados nos pálidos seios da mulher. O espetáculo despertava ânsias invulgares e ateava desejos anteriormente nublados, desejos que não podia sufocar.

Embora devesse sentir-se envergonhada ou, pelo menos, confusa, apenas ficou cada vez mais curiosa.

Sem sombra de arrependimento, pressionou a vista de encontro ao postigo, ansiosa por mais.

O braço de Mr. Stevens rodeou o torso da mulher e desceu até onde Sarah não conseguia avistar a manipulação. Supostamente, estava a acariciar-lhe a gruta como fizera à de Sarah e a mulher regozijava com lascívia ante aquele tratamento íntimo. Os corpos iniciaram um ritmo regular e a mulher emitiu gemidos suplicantes.

– Olha para nós – ordenou Mr. Stevens. – Vê o que te faço e diz o meu nome.

– Michael Stevens – obedeceu ela.

– Mais alto. – A mulher pronunciou o nome distintamente, ele pareceu exultante e as ancas pararam o movimento ritmado. – Agora, vou possuir-te – declarou. – Na cama.

Enquanto há um minuto antes parecera amorosamente interessado e ávido dela, mudara de um momento para o outro, afastando-se lentamente, como se não se interessasse, como se não lhe importasse que a mulher o seguisse.

Sarah susteve a respiração enquanto ele descontraía e ajeitava uma almofada. O que pretendia? O que exigiria?

Não conseguia avistar o bastante do quarto para saber!

Frustrada, tentou alterar a posição em cima do banquinho, espreitando para cima e para baixo, procurando uma vista mais alargada, mas em vão. O olho mágico só fornecia um acesso limitado. Distinguia a cabeça e o peito de Mr. Stevens, mas não a cintura nem a parte mais abaixo.

A amante aproximou-se e deu a sensação de se ajoelhar por cima dele, mas Sarah não tinha a certeza e ela hesitou indubitavelmente bastante, pois ele decretou:

– O botão de cima, madam! – Passou um momento, em seguida, outro, e ele ordenou: – O seguinte, por favor.

A mulher estava a abrir-lhe as calças.

Com que finalidade?

Sarah sentiu vontade de bater com a cabeça na parede. Que crueldade ter sido levada pelo caminho carnal e ver a sua viagem obstruída na última curva. Durante anos, refletira e fervilhara sobre o que os homens e as mulheres faziam quando estavam sozinhos. Estranhamente, tropeçara num método privado e confidencial de descobrir os particulares, os mistérios do mundo estavam prestes a desvendar-se, mas não conseguia observar os pormenores!

Que injustiça! Quem quer que tivesse desenhado o lugar, planeara mal o resultado. De que valia conceber um olho mágico que não fornecia uma vista completa? Não queria testemunhar uma parte; queria testemunhar tudo!

– É maior do que imaginei! – observou a mulher, nervosa.

– Sim, mas avisei-te à partida – explicou Mr. Stevens com indiferença. – Recebe-me já. Estou pronto.

Obedecendo à sua ordem, a mulher fez algo que o levou a emitir um silvo em voz baixa. Todo o seu corpo ficou tenso.

«O quê?», ansiava Sarah por gritar.

«O que se passa?»

Contudo, em vez disso, afastou-se do postigo. Lembrando-se do vergonhoso trambolhão da noite anterior, desceu atabalhoadamente do banco e em seguida

pôs-se a percorrer a divisão. Um misto de imagens eróticas fez com que o corpo latejasse e vibrasse em sítios em que nunca havia reparado e andava de um lado para o outro, tentando acalmar a respiração ofegante e o coração sobressaltado.

O que tentavam eles concluir tão freneticamente? Por pouca sorte, a sua origem e educação não lhe forneciam um mecanismo capaz de solucionar o enigma. Não conseguia simplesmente imaginar onde conduziam os atos dos dois, ou por que razão insistiam no que os dois pareciam tão obstinados.

Frustrada, esgueirou-se de volta ao banquinho para onde trepou sem fazer barulho. Verificou, consternada, que o que quer que tivesse mantido o par envolvido, terminara rapidamente. Sarah avistou as costas tapadas da mulher e o rosto de Mr. Stevens que a fitava, com uma expressão de indiferença. Mantinham-se em silêncio e imóveis.

Por fim, a mulher, cuspiu:

– Gozaste?

– Sim – respondeu ele num tom frio e sem emoção.

Ela fez um gesto com a mão e em seguida pediu:

– Podemos voltar a encontrar-nos?

– Como quiseres.

A mulher inclinou-se como se ele tivesse acabado de lhe conceder uma enorme bênção, mas Sarah ia jurar que o tom dele transmitira uma condescendência entediada. Se não voltasse a ver aquela mulher, pouco lhe importaria.

A mulher procurava ganhar tempo, visivelmente ansiosa por discutir o que acontecera, mas a falta de interesse de Mr. Stevens impediu-a de prosseguir a conversa. Por fim, saiu com um leve encolher de ombros.

Mr. Stevens fez uma longa pausa, aparentemente à escuta para ter a certeza de que ela se fora mesmo embora. Em seguida, aliviado, encostou-se à parede e passou a mão cansada pela testa. Parecia mais espantosamente belo do que alguma vez o vira. Com as roupas amarrotadas, desarranjado e cansado, bocejou e coçou o estômago.

Ignorando a avaliação a que estava exposto, virou-se e ficou totalmente posicionado para a análise dela, mostrando uma expressão desesperada e triste. A sua melancolia era tão notória que ela desejou que nenhumas barreiras os separassem e pudesse estar ao lado dele, pousando a palma da mão na sua face, garantindo-lhe que tudo correria pelo melhor.

Com um enorme suspiro, soprou as velas e saiu, fechando a porta atrás de si com um estalido seco.

Excitada, chocada e perturbada, Sarah ficou a espreitar para o interior da divisão

às escuras muito depois de os seus passos se terem afastado.

Michael fitou o vazio.

A pequena divisão tresandava do odor a sexo cru, suor e fumo de vela. O ambiente era abafado e sufocante e sentiu uma necessidade premente de respirar uma lufada de ar fresco e revigorante. Devido ao veemente ato sexual, a transpiração humedecera e encaracolara-lhe os pelos do peito e ele esfregou-os, lutando por eliminar o fedor.

Sentia o cheiro da mulher na pele e o seu sabor na língua. Cuidara devidamente da sua permanente lascívia, mas não sentia um mínimo de atração por ela e agora, que ficara saciado, o seu perfume causava-lhe náuseas e engoliu um fluxo de repugnância.

Desalinhado e desgrenhado, contemplou-se no espelho que estava pendurado na parede oposta. A imagem refletida era a de um homem num estado lastimável. O seu membro fora meticulosamente usado e pendia, amolecido, contra a perna, mas apenas conseguira uma satisfação temporária. Enquanto a maioria dos homens se teria deleitado com a oportunidade de se envolver em tal indecente e corrupta ejaculação oral com uma parceira desconhecida, ele não era um deles. Por mais que tentasse fingir o contrário, sentia-se enojado com o nível de corrupção a que a sua conduta o levara.

Pamela tinha inventado aquela diversão moralmente ofensiva, entendendo prontamente como atrairia o seu sentido do absurdo e atiçaria o fogo da sua inimizade em relação à aristocracia. Quando o desafiara a participar, ele concordara, sentindo-se tão desprendido que seria capaz de fornicar livremente e sem restrições. Nos últimos anos, tinha esporádica e alegremente acedido às suas bizarras ofertas de recriação carnal, mas, para sua surpresa, aquela festa somente aumentou a sua tristeza, destruindo ainda mais o espírito angustiado e o coração partido.

As mulheres com quem se relacionou mostravam-se dispostas a rebaixar-se e desprezava-as por isso, mas ainda se detestava mais a si próprio. Como se um estranho habitasse o seu corpo, ele atacava-as com as suas palavras e indiferença, abusando delas – e consequentemente dos maridos – ao fornicá-las, mas por mais vezes que copulasse, nunca encontraria uma satisfação genuína, pois a animosidade que nutria não se dirigia a qualquer delas especificamente, ou à nobreza na generalidade.

Não se enganava a si próprio: o verdadeiro alvo da sua raiva era o pai, Edward Stevens, o conde de Spencer.

Ultimamente, recordações do pai – e tudo o que ele provocara anos antes – flutuavam à superfície e Michael era incapaz de sufocá-las. Para onde quer que

fosse, parecia decidido a pisar caminhos de destruição nos seus esforços para fugir das reminiscências perturbadoras que teimavam em surgir.

O pai, o rei de todos os patifes, o epítome de todos os canalhas, era o catalisador por de trás da sua raiva. O nobre fora sempre um espinho ao longo da vida de Michael, atormentando a sua vida instável nos momentos mais inoportunos.

Na juventude, Michael amara Edward, adorara-o como a um deus, mas Edward era somente um mortal, pleno de vícios e de uma conduta repreensível. Quando Michael tinha apenas três anos, o pai deixara a sua família, abandonara a mãe de Michael, Angela, e os seus dois filhos pequenos para cumprir o seu dever de conde, casando com uma jovem de sangue nobre.

Angela nunca tinha recuperado da sua atitude insensível e desprezível. Michael e James também haviam sofrido, enquanto lutavam para superar a perda inexplicável do pai. Haviam-se tornado jovens indisciplinados e impetuosos e depois homens cruéis e indiferentes que não confiavam nem amavam, que nunca estabeleceram ligações emocionais, nem permitiram que alguém se aproximasse deles.

Michael nunca tinha esquecido nem perdoado aqueles velhos pecados que haviam sido cometidos tão casualmente e sem remorsos. Quando o pai enviuvara e se atrevera a aparecer no seu tranquilo e feliz lar – o que eles tinham criado sem ajuda do seu ilustre ser – e se impusera jogando com o amor interminável de Angela e voltando a seduzi-la, o resultado fora horrível.

Michael sentira-se traído pela sua adorada mãe e pelo seu incorrigível e obstinado pai. E também pelo seu irmão James, que observara placidamente o desenrolar do colapso, mas nada fizera para evitar os acontecimentos.

Edward tinha maltratado Angela durante mais de três décadas, mas ela continuava a amar o velho debochado.

Não havia motivo nem compreensão para os assuntos do coração que impeliam as pessoas a um apego tão insano.

Naquele dia, tinha fugido para Londres e, pouco depois, Edward e Angela deram o nó como insistiam que deviam ter feito quando eram jovens, insensatos e menos prudentes. O casamento dos dois entorpecera-o e não conseguiu muito simplesmente reunir forças para prosseguir como se nada tivesse mudado quando, afinal, tudo o que lhe era familiar fora destruído.

Como resposta, apenas conseguiu vadiar, jogar, fornicar e humilhar as mulheres corruptas que vinham ao seu encontro, mas, lá no fundo, reconhecia que nunca dera vazão à raiva que sentia por Edward. O dia não tinha horas bastantes que lhe permitissem libertar totalmente a sua malícia, então para quê continuar? Por que

razão persistir?

Uma imagem de Sarah surgiu-lhe espontaneamente e estremeceu com nojo de si próprio. O que não daria para vogar na sua virtude, divertir-se na sua imaculada companhia. Sentiu-se imundo e impuro e a mente implorava libertação dos fardos que o incitavam a comportar- se de uma forma tão imprudente.

No começo da tarde, quando observara o jardim de uma das janelas do andar de cima, ficara chocado ao dar pela sua presença. Estivera tão seguro de que ela prestaria atenção ao seu conselho assustador e regressaria a casa. Em seguida, ao ver o libertino George Wilson prestes a tocar-lhe inadequadamente, a raiva incitara-o a intervir. Sarah despertara involuntariamente os seus instintos protetores e levara o seu cavalheirismo abandonado a levantar a cabeça. À semelhança de um íman, ela penetrava a sua resistência quanto a salvaguardar e acarinhar.

Ela era tão diferente, tão imaculada, que o levava a não suportar a ideia de que fosse manchada. No seu estado atual, entre aquelas pessoas vis, ela parecia representar a única coisa boa ainda existente no seu universo e afastou os pensamentos a seu respeito. Numa atmosfera tão suja, era errado contemplá-la.

Ao coçar o estômago, sentiu o próprio cheiro e o perfume enjoativo da mulher. O pegajoso resíduo do sémen secara no seu membro. Estava repugnado com a sua degradação e ansiava desesperadamente por um banho, a fim de limpar os resíduos corruptos.

Inicialmente, dissera a Pamela que teria relações carnais com mais duas mulheres antes do final da noite. Costumava satisfazer os seus caprichos, mas o desejo de a gratificar tinha desaparecido e não poderia ir por diante com a promessa.

Soprou as velas e saiu para a escada secreta, destinada ao seu quarto. No corredor mergulhado na sombra, uma visão de Sarah voltou a assaltá-lo e estremeceu.

O que pensaria ela se descobrisse a profundidade da sua depravação?

6

Pamela Blair reclinava-se no sofá, com o negligée expondo totalmente o sexo e uma perna macia e depilada. Do outro lado da sala de estar, Michael Stevens mantinha-se sentado em silêncio e, como sempre, quando estava perto ocupava demasiado espaço. Viril e vital, era muito diferente dos vários cavalheiros das suas relações que correspondiam a versões aguadas dos machos.

Não exibia a postura arrogante ou pretensiosa que os outros praticavam ad nauseum, mas também não tinha necessidade de fazê-lo. A sua invencível combinação de atitude, comportamento e temperamento apenas fazia com que os rivais o invejassem. E era dono de um corpo fantástico, a que acrescia um belo rosto dotado daqueles hipnotizantes olhos cor de safira, que abriam caminho por onde passava. As cabeças viravam- se, as mulheres cobiçavam, os homens resmungavam por entre dentes. O facto de ele ser tão dotado quase não era justo para os membros do seu sexo que haviam sido agraciados com tão pouco.

Sabia que a sua energia provinha da mãe. Angela Ford, a exuberante atriz, agitara a sociedade trinta anos antes devido à sua famosa ligação com o conde de Spencer. Estava agora na casa dos cinquenta, mas permanecia uma beleza deslumbrante, aclamada pela sua arguta inteligência, a bizarra maneira de vestir e um comportamento direto.

Enquanto o pai, Edward Stevens, era um homem elegante, inteligente e vigoroso, a constituição de Michael provinha de Angela. Ele herdara os seus traços fabulosos e, no entanto, agia como se não tivesse noção do impacto surpreendente que causava.

Conhecia-o há mais de uma década e haviam entabulado amizade por intermédio do seu irmão mais velho, James, que era a réplica de Michael a nível de sensualidade e comportamento ousado. Tinham acabado de voltar de Londres, depois de viverem quinze anos em Paris. Angela educara-os lá, bem longe do brilho prejudicial do snobismo. Contudo, mal os jovens haviam crescido, trouxera-os para Londres e Pamela nunca deixava de soltar uma gargalhada ao lembrar-se de como a apresentação dos dois filhos Stevens agitara a vida sóbria de tanta gente.

Que perturbação tinham causado!

Ricos, elegantes, com apetites escandalosos, haviam-se revelado ansiosos por abraçar comportamentos indesejáveis. As mães tinham desmaiado à simples menção dos seus nomes. Os pais torciam as mãos devido aos potenciais desastres que podiam causar. As jovens perseguiam-nos numa corrida incauta.

A própria Pamela havia ponderado meter-se com um ou os dois – como poderia resistir uma mulher? –, mas, como nessa altura o marido ainda estava vivo, não arriscaria prejudicar a sua relação cordial com ele, nem mesmo por um caso com um parceiro lascivo como Michael Stevens. Embora isso não significasse ter deixado de aproveitar os seus deliciosos encantos em várias

ocasiões depois da morte do marido.

Nesse momento, ele encontrava-se na sua presença, de costas. Inquieto, desgastado, potente, amadurecera e tinha acalmado uma parte dos seus excessos, mas não era avesso a participar de vez em quando numa conduta imoderada.

Bebendo em pequenos goles um copo do forte uísque que preferia, ignorava-a e observava o jardim e, enquanto o examinava, Pamela não conseguiu deixar de ponderar no que o atormentara nos últimos meses. Por norma, não tinha problema em esmiuçar pormenores escabrosos, mas, apesar de todos os seus interrogatórios, não conseguira descobrir o que o afastara da cidade. E Michael não estava decididamente a fornecer-lhe pistas. Ele podia mostrar- se tão fechado como uma lata de conservas quando a situação o exigia.

Alguma circunstância perturbadora tinha-o lançado numa bizarra e descendente espiral. Em vez de cumprir os seus deveres no famoso clube de cavalheiros que possuía com James, frequentava festas campestres, umas atrás das outras. Não conseguia suportar o convívio com os idiotas que também se encontravam de visita, explicando frequentemente que era obrigado a aturá- los no seu estabelecimento, mas não nos seus tempos livres.

Então…o que estava a fazer na sua casa?

Jogando impulsivamente e fazendo apostas elevadíssimas, deixou de parecer interessado em quanto ganhava ou perdia. Tão-pouco o preocupava quem ficava prejudicado, embora tivesse fama de cauteloso nos jogos de azar. Havia testemunhado demasiado dos prejuízos causados pelas apostas e, por conseguinte, raramente entrava em paradas muito altas, mas de momento parecia inclinado à ruína.

Embora não tivesse ficado surpreendida por tal comportamento ultrajante vindo do irmão, Michael sempre se mostrara o mais reticente dos dois e o mais propenso a abster-se de excessos.

O seu desporto com as convidadas era típico das recentes mudanças. Embora não fosse avesso a participar em diversões lascivas, também não era o primeiro na linha da frente para se oferecer como voluntário. Contudo, quando ela lhe tinha sugerido o seu mais recente entretenimento visual, que lhe permitia tirar o máximo partido dos atributos menos picantes da mansão, ele acedera de imediato.

As convidadas suplicavam por acasalar com ele e a notícia de que estava presente e disponível trouxera-as em debandada de Londres. Embora as suas festas primassem por gente de qualidade, a presença dele tornara aquela reunião uma prioridade absoluta para muitas. Pamela não conseguira gerar tamanho entusiasmo desde a época em que o irmão dele, James, fizera o mesmo.

As estúpidas aristocratas receavam Michael Stevens e não sabiam como interpretar a sua personalidade dominadora. Os seus rudes comentários e indiferença levavam as mulheres a porem-se em fila, ávidas por experimentar os seus serviços de relações sexuais ilícitas e, embora nenhuma delas o confessasse, todas desejavam ser as únicas amantes capazes de penetrar a sua dura concha.

Além disso, ele era tão fantasticamente belo. Não havia uma só mulher no reino capaz de recusar tamanho prazer ao ser-lhe oferecido gratuitamente.

– Vamos fazer um pouco de sexo – declarou sem rodeios, desejando que ele concordasse, mas imaginando que não o faria. Convidara-o a subir ao andar de cima para um encontro, mas ele ainda não mostrara qualquer interesse.

Apartando mais as bandas do roupão, proporcionou-lhe uma visão dos seios redondos e fartos – se ele se dignasse a olhar nessa direção – e acariciou-os com a mão, apertando o mamilo e excitando-se facilmente ao pensar como ele era hábil com aquela perversa língua.

– Não me parece.

– Seu patife – resmungou, embora sorrisse. Há uma eternidade que não iam para a cama e sentia a falta dele, o suficiente para o atrair ao salão privado a meio do dia. Ele era um homem com quem podia divertir-se à vontade sem se preocupar com uma gravidez indesejada. Michael era extremamente cauteloso e jamais provocaria um final que conduzisse ao desastre. – Não te atrevas a dizer que não te apetece!

– Não o farei – concordou e ela estava bastante confiante de que também sorria.

– Despi-me e tudo!

– Lamento.

– Podes ser positivamente letal para o orgulho de uma mulher.

– Tento o meu melhor.

– Desavergonhado. Agora que foste tão cruel, não me parece que vá compartilhar as terríveis notícias que recebi de Londres.

Brincalhona, fez beicinho, desconfiando que a referência à cidade lhe suscitaria curiosidade e não se enganou. Ele olhou-a por cima do ombro.

– Não quero saber de informações sobre o que se passa na cidade.

– Mas que belo amigo! Não fornicas comigo nem queres saber dos meus problemas.

– Detesto as tuas bisbilhotices.

– Homens! – exclamou num tom crítico. – Por que razão vos mantenho por perto?

Ele suspirou tentando parecer interessado, mas em vão.

– O que aconteceu?

– O meu enteado Harold… – Exagerou a designação do filho do falecido marido, um idiota com menos dez anos que ela, um rústico que desprezava – … resolveu casar. Estou prestes a tornar-me uma viúva!

A fofoca produziu o efeito desejado.

– Viúva, tu? – retorquiu ele com uma gargalhada.

– Sim. Podes crer.

Ela examinou maliciosamente o torso quase desnudo, inspecionando a curva dos seios.

– Bom – observou num tom casual. – Começas a perder um pouco de elasticidade.

– Estúpido idiota! – riu ela, pegando numa almofada que lhe atirou. – Se a palavra viúva alguma vez te sair dos lábios, torço-te o pescoço!

– Sim, minha senhora – anuiu num tom sério, fingindo aceitar a punição. – Ele anda ocupado a limpar e equipar a propriedade da viúva para poder expulsar-te?

– Matava esse verme se o tentasse.

– Sim – anuiu ele. – Suponho que o farias.

A sua rivalidade com o adolescente vinha de longe e começara no dia em que o seu idoso pai escolhera uma noiva jovem.

– Tive a sorte de que o meu querido e falecido Charles cuidasse tão bem de mim.

Se assim não fosse, agora ela estaria provavelmente nas ruas, implorando comida e um teto a velhos amigos. Ela aprendera logo de início a sobreviver; era eficiente a perseguir o objetivo e a retê-lo, uma vez vitoriosa.

– Ficarás bem? – inquiriu ele.

– Sem dúvida. Os meus assuntos financeiros estão devidamente tratados; ele não pode tocar em nenhuma das minhas propriedades nem no meu dinheiro.

– Avisas-me se precisares de ajuda? Na verdade, o Harold deve-me uma fortuna. Poderia afastá-lo facilmente do caminho.

A sua franqueza era típica. Embora habitualmente se mostrasse inflexível, as

poucas pessoas que o conheciam na intimidade estavam a par do coração mole que batia por de trás da fachada de aço.

– Ia logo ter contigo e com o James.

– Assim espero.

Serviu-se de mais um uísque e pairou o silêncio enquanto ela se deleitava a observar a sua maravilhosa anatomia. Mal podia esperar para avaliar a sua reação ao que se seguiria e aguardou até ele estar novamente acomodado.

– Tenho mais novidades da cidade…

– Já te disse que não me apetece ouvir…

– O James escreveu-me.

Ele pareceu estremecer um pouco, como se ouvir o nome de James se assemelhasse a receber um golpe físico, mas foi tudo tão rápido que ela teve a certeza de haver imaginado a reação.

– E daí? – disse com um encolher de ombros.

– Pergunta se estás aqui comigo.

– Podes informá-lo de que estou.

– Não te importas?

– Por que razão havia de me importar?

– Diz-me tu – incitou ela, erguendo uma sobrancelha. – Vocês andam a brigar?

– Não brigo com o meu irmão.

Era mentira, mas ela deixou passar a afirmação em branco.

– Ele escreve que não recebeu correspondência dos teus pais e supõe que estão bem e a desfrutar da lua de mel em Itália.

Michael mostrou-se tão indiferente à declaração que ela sentiu como se tivesse falado numa língua estrangeira. Dois meses após a rápida e inesperada escapadela dos seus pais, o tema continuava a ser o centro das discussões em Londres. Michael não pronunciara uma palavra a esse respeito, mas o incidente tinha de ser a razão por que estava revoltado e só.

Decorrido um momento, comentou:

– Ótimo para eles.

– Há mais.

– O quê?

Não conseguiu impedir que a pergunta lhe escapasse dos lábios, na medida em que por mais que tentasse fingir que não se importava, importava-se e demasiado.

– O próprio James casou.

À luz da dramática e chocante natureza da sua revelação, não estava

muito segura do que esperava, mas não fora aquele silêncio total e esmagador. Levantou-se e dirigiu-se à secretária, pegando na carta e estendendo-lha, mas ele não a agarrou e ela deixou-a cair.

– Com quem? – perguntou finalmente.

– Lady Abigail Weston.

– Claro… – murmurou ele.

– Ela é a irmã do conde de Marbleton.

– Sim, eu sei.

Pamela ficou surpreendida por a informação não causar qualquer comentário. James já havia sofrido com um terrível casamento com uma princesa nobre e, tendo em conta a vincada antipatia de Michael pela aristocracia, tinha previsto uma resposta cortante. Ela – assim como todos os outros em Londres – morria por descobrir como James se envolvera com a bonita e retraída solteirona.

– O que diabo te aconteceu? – explodiu. – Não sentes curiosidade em relação a nenhuma dessas coisas?

– Nem por isso.

Ela pousou-lhe uma mão consoladora no ombro.

– O que se passa, Michael? Podes confiar em mim. Os teus segredos nunca sairão desta sala. Juro.

Ele limitou-se a fitá-la com aqueles glaciais e desprendidos olhos azuis que não deixavam escapar nada.

Pamela acrescentou num tom mais suave:

– Detesto ver-te assim.

– Estou bem.

– Mentiroso. – Ele voltou a encolher os ombros e ela abafou o impulso de sacudi-lo. – James quer que voltes a casa.

– Não é provável.

As palavras ressoavam agora claramente, embora Michael não expressasse o sentimento em voz alta.

– Ele tem andado à tua procura por todo o lado; estava ansioso por te localizar a fim de poderes ser o padrinho.

– Bom… Ora aí está uma coisa de que me sinto contente por ter perdido.

– Ele está preocupado contigo, querido. O que posso divulgar-lhe?

– O que te apetecer. Pouco me interessa.

Levantou-se bruscamente, erguendo-se acima dela, pondo-lhe a cabeça à roda com a proximidade masculina do corpo e o aroma atraente da sua pele. Enfiou os dedos por dentro do roupão, proporcionando uma ousada carícia ao seu seio e em

seguida dirigiu-se à janela, voltando a ficar de costas.

– És impossível – retorquiu amuada, retirando-se para o sofá e estendendo-se enquanto ele bebia o resto do uísque e continuava a observar o que quer que o mantinha tão fascinado pelo relvado, lá em baixo. – Detesto quando não me prestas atenção. Se não tiveres cuidado, destruirás a minha autoconfiança.

– Duvido – murmurou ele com uma leve risada. – Quem é aquela interessante mulher que está de visita? – acrescentou num tom casual. – Tem uma fantástica cabeleira ruiva. Chama-se Sarah.

– Oh, não… – exclamou com um gemido e indo servir-se de uma bebida. Primeiro, Sarah fizera perguntas a seu respeito e agora era ele a informar-se sobre Sarah. Era mau, muito mau. – Suponho que estejas a falar de Lady Sarah.

– Quem é a família dela?

– Compton.

Michael girou sobre os calcanhares, brindando-a com um olhar feroz.

– É irmã de Scarborough?

– Sim.

– Não são nada parecidos.

– Mães diferentes.

– O que está ela a fazer em Bedford?

– Ele teima que está decidida a casar e à caça de um marido, mas ela insiste que se encontra apenas de férias.

– Mas porquê aqui? Por amor de Deus, ela é virgem!

– Como sabes isso?

Por uma vez na vida, teve realmente a oportunidade de ver Michael corar. Os milagres não paravam? Duas manchas vermelhas surgiram-lhe no rosto.

– Posso afirmar – respondeu desajeitadamente.

– O quê? És capaz de cheirar a castidade ou algo do género? – Irritada, aproximou-se, pegou na garrafa e voltou a encher o copo enquanto espreitava pela janela. Lá em baixo, no jardim, Sarah era marcadamente visível, sentada num banco a observar os restantes convidados e descontraindo ao sol da tarde. – Mantém-te afastado dela, Michael.

– Não faço ideia do que queres dizer.

– Ela passou por momentos difíceis ultimamente e tem mais à espera. Não precisa de ti para complicares.

– Nunca me envolveria com alguém como ela.

– É uma mulher maravilhosa de quem gosto muito.

– Então, manda-a para casa. Ela não pertence a esta multidão; é como uma

ovelha no meio dos lobos.

Pamela encontrava-se normalmente a par de confidências sobre as secretas intrigas de outros, portanto, considerava-se perita em dedução.

Era óbvio que aqueles dois tinham feito mais do que passar um pelo outro no corredor. Michael parecia totalmente apaixonado e Sarah em idêntica situação.

– Ela sente-se feliz por estar aqui – redarguiu Pamela – e eu estou satisfeita com a sua presença. Não lhe exigirei que vá embora.

– Fá-lo porque é tua amiga. Protege-a.

– Ela está em segurança.

Michael deitou-lhe um olhar penetrante indicativo de que não acreditava na sua recusa e Pamela sentiu-se ofendida. Era verdade que recebia grupos irreverentes, mas os seus convidados masculinos nunca tinham violado qualquer das mulheres. Havia demasiadas parceiras adequadas e disponíveis.

– Aprecias o comportamento de Hugh

– censurou. – Não te passa pela cabeça os momentos desagradáveis que teve de aguentar por estar ligada a ele. Tem todo o direito a esta pausa nas suas obrigações.

– O que ela precisa é de uma severa repreensão. Um pontapé no traseiro não lhe faria mal nenhum.

Pamela estremeceu de medo. Eles estavam perigosamente atraídos. Como é que tal acontecera?

– Presta-me atenção, Michael. Se Hugh está por uma vez a falar verdade e ela pretende casar, merece encontrar um parceiro à altura.

– Concordo plenamente.

– Não podes ser tu.

– Como se alguma vez quisesse sê-lo – disse rudemente. – Não acredito que sintas necessidade de me avisar.

Desgostoso com o súbito rumo da conversa, Michael pousou o copo em cima da mesa e preparou-se para sair de rompante, mas ela agarrou-lhe no braço e deteve-o a meio caminho.

– Não estejas zangado.

– Não estou – assegurou ele finalmente e compensou a sua expressão pesarosa, enrolando uma madeixa do longo cabelo, usando-a para a aproximar de si.

– Entras no jogo esta noite?

Depois de refletir um longo momento, respondeu:

– Oh, raios… porque não?

– Ótimo. As senhoras ficarão radiantes.

– Aposto que sim.

– E se decidires que gostarias de trocar carícias – acrescentou, pondo-se nos bicos dos pés e depositando um beijo nos seus lábios indiferentes – … bate à porta. Continuo interessada. – Não mudarei de opinião.

Com aquelas palavras, saiu e ela apertou o roupão e trancou a porta atrás dele. Desanimada por causa da nova série de acontecimentos, dirigiu-se à casa de banho para se lavar. Quando saiu uns minutos depois, voltou a espreitar lá para fora. Avistou Michael Stevens que partilhava descaradamente um banco do jardim com Sarah Compton.

– Filho da mãe… – murmurou sem rancor.

Sarah era adorável e Pamela não podia censurar Michael por se sentir atraído. Apesar do seu ímpeto, e embora discutisse permanente e zelosamente a sua opinião, Michael era um cavalheiro. Estava consciente da sua posição quando se tratava de uma mulher como Sarah e não o esqueceria.

Mesmo assim, enquanto observava secretamente o par, de olhos brilhantes e com os torsos inclinados na direção um do outro, invadiu-a uma onda enorme de preocupação. Os dois encontravam-se numa sintonia apenas possível entre os mais íntimos dos amantes. A sua atração era tão flagrante que não conseguiu deixar de se interrogar sobre se um inocente flerte com Michael poderia ser benéfico para Sarah. A aventura impulsionaria, sem dúvida, a sua mente nublada antes de regressar a Yorkshire e enfrentar o futuro.

«O que era o pior que poderia acontecer?», pensou.

As dezenas de respostas assustadoras e sinistras que lhe ocorreram foram tão perturbadoras que se negou a ponderá- las. Afastou-se da janela sem querer prolongar a vigilância secreta.

Preferia ignorar as intenções de Michael, fossem elas quais fossem.

7

Michael não duvidava de que perdera o juízo. Estava garantidamente a enlouquecer. Talvez lhe tivessem lançado um feitiço. Qualquer que fosse o motivo, sentia-se precipitada e estupidamente a aproximar-se de Sarah Compton. Embora ela não tivesse olhado na sua direção e não se apercebesse da sua proximidade, atraía-o de uma forma tão firme e metódica como a um peixe preso num anzol e ele não conseguia deter o avanço. Progredia a cada passo para a sua condenação.

Quando respondera à chamada ao quarto de Pamela, tinha ido com o objetivo de se deitar com ela. Entendiam-se às mil maravilhas e, como há muitos meses que não provava os seus encantos, um encontro teria sido uma forma divertida e simpática de passar uma tarde monótona. Contudo, ao olhar para fora da janela e ao avistar Sarah sentada no jardim, num banco isolado onde tudo poderia acontecer, perdera a capacidade de concentração. Subitamente, o seu plano de um simples encontro sexual com Pamela desvanecera-se e fora substituído por uma apreensão inusitada em relação a Lady Sarah Compton.

Por que razão é que ela ainda permanecia em Bedford? Como poderia convencê-la a ir embora? Que palavras poderia usar para que regressasse a casa, onde estaria a salvo?

Com todas as notícias terríveis que continuavam a chegar de Londres, perseguindo-o e desestabilizando-o para onde quer que fosse, sentia-se ansioso por recuperar algum controlo sobre os seus assuntos privados. Na qualidade de homem que prezava a sua independência e a capacidade de traçar o seu caminho, estava frustrado e perplexo com o redemoinho de acontecimentos para onde havia sido empurrado. Pela primeira vez, não poderia manipular a conclusão de acordo com as suas instruções.

Ansiava desesperadamente por um final feliz e, por motivos que lhe eram totalmente insondáveis, concentrara a sua atenção em Lady Sarah, supondo absurdamente que ela poderia ser a solução que procurava. Se conseguisse persuadi-la de que o seu regresso era imperativo!

Por mais ridículas e estranhas que as suas razões parecessem, desejava a oportunidade de vê-la protegida para que nunca fosse afetada por aquele mundo duro e implacável em que ambos estavam enredados. Se tivesse de lhe agarrar no ombro e arrastá-la, era exatamente o que se dispunha a fazer.

Sarah tinha de dar-lhe ouvidos!

Dirigiu-se silenciosamente ao banco e, ao aproximar-se, sentiu-se novamente

atraído pela sua beleza. Apanhara a fulgurante cabeleira ruiva e alguns caracóis pendiam e deslizavam sobre a sua nuca. Lembrava-se nitidamente de como o cabelo era macio, denso, pesado, sedoso.

Observava o que a rodeava de forma perspicaz e astuta, com uma expressão intrigada e o sobrolho franzido. Os lábios esboçavam um sedutor beicinho.

Úmidos, maduros e convidativos predispunham um homem a mais do que beijá-los. Havia tantas aprazíveis diversões para que podia ser exercitada e usar de uma forma benéfica.

O seu vestido verde-escuro, com o decote marcado, esticava-se sobre o peito, delineando os seios magníficos. Eram fartos e redondos e Michael recordou como ficara cobiçoso ao segurá-los em concha, ao chupar aqueles dois rijos mamilos e a imagem gráfica desencadeou o seu desejo de macho. Atraído por ela como nunca se sentira por outra mulher, estava incorrigivelmente excitado. Embora o seu encanto fosse inadequado e jamais pudesse concretizar-se, desejou-a com um tesão assustador.

Queria possuí-la e explorá-la de todas as formas acessíveis a um homem frente a uma mulher. Os sentimentos que ela lhe inspirava eram selvagens, animalescos, incontroláveis, em resumo, um impulso irreprimível que superava qualquer comando. Era incapaz de lutar contra a inquietação que ela lhe causava e nem sequer se mostrava disposto a fazê-lo; desejava-a simplesmente com um ímpeto que aflorava a loucura.

Como o mais vil dos canalhas, tinha invadido o seu toucador e, contudo, não podia fingir arrepender-se. À menor provocação, repetiria o ato e muito provavelmente não sairia quando ela o mandasse embora.

Tomado de uma ousada premência, ansiava possuí-la, fodê-la até a sua paixão se saciar e o seu membro amolecer. Embora fosse loucura pensá- lo, imaginava que, se jorrasse a sua semente, encontraria finalmente alguma paz!

Avançando e com a intenção de quebrar a sua serenidade, respirou-lhe o cheiro e a exótica química que os unia emitiu faíscas. Bruscamente revigorado e enervado, sentiu-se vibrante e exuberante: as cores tornaram-se mais luminosas, o ar mais puro, o sol mais forte apenas por se encontrar na sua proximidade.

A reação que ela lhe provocava era implacável e inflexível. A única interpretação concebível para o seu estado residia em que partilhavam uma afinidade inexplicável. Contudo, o seu corpo não precisava de racionalização. O robusto e rebelde falo entesou-se e encheu-lhe as calças, causando-lhe uma dor insuportável. Reagia como se fosse novamente um rapazinho de catorze anos, esgueirando-se para uma visita às prostitutas francesas na companhia de James.

Como podia uma mulher provocar um tal tormento num homem sem fazer absolutamente nada? Mantendo-se apenas sentada, dotada de uma sedutora beleza, acendia um rastilho que o fazia desejá-la com um ardor infatigável.

Juntou-se-lhe no banco, sem pedir licença. Ela não dera obviamente pela sua aproximação e o seu movimento inesperado sobressaltou-a.

– Mister Stevens!

– Lady Sarah.

– Assustou-me – reagiu com uma careta desconfiada. – Presumo que teria sido de mais esperar que se anunciasse como qualquer homem civilizado.

– Não tenho nada de civilizado.

– Concordo em absoluto.

Mudou de posição ficando de frente para ele e, visto que o banco era pequeno, com um braço em cada lado, havia pouco espaço e o torso dele ficou obrigatoriamente mais chegado ao dela. De súbito, os seus ombros tocaram-se, o ventre dela inclinou-se para o dele e a anca ficou encostada à sua coxa. E, delícia das delícias, um seio – com o mamilo pontiagudo e visível – roçou-o e, chocada por aquele impacto, ela recuou mas sem conseguir escapar.

Michael estava a comportar-se como um imbecil e um servo, mas aproveitou a oportunidade. Servindo-se da sua estatura, inclinou-se sobre ela e armadilhou-a no canto. Um transeunte não teria notado a sua conduta inconveniente, mas estavam tão juntos que ela não podia fugir. Dada a situação, Sarah ergueu instintivamente a mão numa barreira inútil e pousou-a no meio do seu peito, onde a pulsação vibrou na sua palma.

– Importa-se? – perguntou ela.

Um aroma muito especial flutuava à sua volta. Se Michael estivesse de olhos vendados e trancado num quarto com uma centena de mulheres, tê-la-ia escolhido pela sua fragância especial. Aquele cheiro intenso apelava aos seus mais básicos instintos, atraindo-o e tentando-o a experimentar os seus maravilhosos encantos.

– Nem um pouco.

– Você é insuportável! – retorquiu, mas num tom jovial, baixo e sedutor, incitando-o a prosseguir.

No passado, Michael nunca perdera tempo com mulheres da sua posição, porque não tinha paciência para aguentar a sua tagarelice, mas, curiosamente, achava que Lady Sarah era fantasticamente sensual e encantadora e sentia-se pendente de todas as palavras que lhe saíam da sua apetecível boca.

Nos expressivos olhos verdes surgiu um aparente brilho de satisfação devido à proximidade masculina e, esperando incitá-la a falar, ele observou:

– Forneci-lhe advertências bastantes em relação a esta festa.

– Sim, mostrou-se inequivocamente rude.

– Nesse caso, porque se mantém aqui?

– Não tem nada a ver com isso.

– Está muito enganada. Visto que está visivelmente inclinada a meter-se em apuros, alguém tem de zelar por si.

– E nomeou-se a si próprio como meu protetor? – comentou baixinho com uma risada desdenhosa. – É esse o motivo que o levou a aparecer casualmente?

– Teve sorte em ser eu e não qualquer dos outros canalhas desta festa.

– Como se fosse mais honesto que eles! – fungou Sarah com desprezo e virando o atrevido narizinho. – Esquece- se, Mister Stevens, de que já testemunhei o tipo de calamidade que pode acontecer quando estou na sua companhia.

– Saí quando me pediu que o fizesse, milady – recordou-lhe num tom calmo, embora intimamente desejasse ser o género de homem capaz de prosseguir, apesar dos seus protestos. Talvez, se isso tivesse acontecido, se sentisse menos intrigado. – A maioria dos homens não obedeceria.

– Para começar, a maioria dos homens não teria entrado!

O seu olhar poderia ter derretido chumbo e era totalmente ridículo que ele a imaginasse diante do espelho a praticar para o aperfeiçoar. Com um irmão como Hugh Compton, tinha provavelmente de usá-lo com frequência, mas ele adorou vê-la furiosa. As emoções que transpareceram no seu bonito rosto eram interessantes e agradáveis de observar.

– Não respondeu à minha pergunta – lembrou-lhe. – Por que razão se encontra aqui? Presumi que neste momento já estaria a viajar de regresso a casa.

– Sinto-me absolutamente fascinada pelo que o leva a imaginar que está em posição de me dar ordens.

– Alguém devia fazê-lo.

– Informá-lo-ei quando estiver disposta a que assuma esse papel.

Continuou a empurrar-lhe o peito mas em vão, pois ele não gostava de ser afastado. Ansiava loucamente por se inclinar e unir os lábios aos dela. Focou as atenções na mão que lhe tocava e deixou-se mesmo arrastar por uma leve fantasia em que se imaginou a sós com ela. Aqueles dedos longos e esguios prodigalizar-lhe-iam carícias sobre o ventre e mais abaixo.

Aquela ideia provocou-lhe um tesão de pedra.

As maravilhosas sensações que invocava! E também se repercutiram nela. Os olhos de Sarah arregalaram-se de surpresa, as narinas abriram-se e acalmou-se,

pondo termo ao esforço para o afastar. Michael quase conseguiu ver a sua mente a debater-se furiosamente numa luta para controlar a reação esmagadora do corpo.

Não havia explicação. Eles partilhavam uma atração física. Tão simples quanto isso.

O encontro tornou-se íntimo e Michael sentiu-se perplexo ante o ímpeto que o assaltou de entender completamente aquela mulher, levando-o a desconfiar de que estava a perder o contacto com a realidade. Não existia outra explicação lógica para os sentimentos que ela lhe inspirava.

– Vi-a lá de cima da casa – mencionou ele a despropósito.

– Estava a espiar-me? – sorriu, excitada pela sua revelação.

– Sim. Foi por isso que desci.

– Sentiu-se preocupado comigo. Uma vez mais.

Embora a conversa tivesse tomado um rumo em que observações confidenciais poderiam vir à tona, ele não conseguiu chegar tão longe e retorquiu num tom de censura:

– Faz ideia de como este local é isolado? Qualquer um poderia tê-la colocado numa situação embaraçosa.

– Mas isso não aconteceu.

– Lady Sarah…

– Sarah. E… posso tratá-lo por Michael?

– Claro – anuiu com uma enorme satisfação por saber que ela queria tratá- lo pelo seu nome.

Deslizando a mão sob a dela, entrelaçou os dedos de ambos e baixou- os até ao seu colo. Acariciou o centro com o polegar e esperava que ela se afastasse, mas, curiosamente, ela pareceu hipnotizada pelo seu gesto ousado.

Sarah observou as mãos unidas, examinando interrogativamente as diferenças – de fragilidade e elegância comparadas com as largas proporções das dele – e, por um breve intervalo, permaneceram sob o seu silencioso e atento escrutínio. Uma brisa suave agitou as folhas das árvores; uma abelha zumbiu nos canteiros de flores.

Quando levantou novamente os olhos ao encontro dos dele, fitou-o com uma tal franqueza e visível adoração que ele resolveu ser capaz de a dissuadir de pisar aquele caminho incauto. Tinha de insistir até convencê-la a ir embora!

– Diga-me por que razão se encontra aqui sozinha – insistiu.

– Visto que exige uma confissão, confesso que estava à sua procura.

A afirmação apanhou-o desprevenido.

– À minha procura?

– Sim.

– Por que razão?

– Nos últimos dois dias estive a aguardar que aparecesse, mas tem-se mostrado pouco cooperativo. Nunca participou em nenhuma das diversões oferecidas por Lady Carrington, nem aparece para jantar como qualquer pessoa normal.

O insulto provocou-lhe uma gargalhada.

– Não, não apareço.

– E tenho morrido de vontade de falar consigo.

– Porquê?

Aquela desconcertante aristocrata ansiava por uma discussão? Sobre que tema? Não parecia o tipo de mulher que debatesse afetadamente a tomar chá o cabelo, as roupas ou qualquer outro assunto monótono. Não tinham antecedentes comuns, amigos comuns, mas apenas uma interação limitada e, contudo, sentia-se incapaz de dominar a excitação que o invadira quanto ao motivo por que ela lhe prestava atenção, ou se mantivera no jardim à espera que ele pudesse aparecer.

– Sente-se feliz por estar aqui? – inquiriu ela do nada.

– O quê?

Mexendo-se incomodado, ficou desconcertado com a pergunta. Ela penetrara no âmago do seu coração, levando-o a desejar não ter sido idiota a ponto de procurá-la.

– Continua a implorar-me que regresse a casa, mas devo admitir que poderia dizer-lhe o mesmo – disse ela, apertando-lhe os dedos de uma forma encorajadora. – Pertence tanto a Bedford como eu. Está tão descontente.

Como se apercebera ela? Como podia ser tão infalivelmente perspicaz?

– Não estou descontente – sentiu-se forçado a contrapor. – Apenas entediado.

– Mentira. Está angustiado e desanimado por esse motivo.

– Para uma mulher que mal me conhece, está categoricamente convencida das suas opiniões.

– É estranho, mas entendo muito mais a seu respeito do que devia. Por que razão? Consegue explicar-me?

Nervoso, Michael ponderou no motivo que a tornava capaz de reunir tantos dados. A forte atração que os unia desafiava toda a lógica e odiava que ela sentisse confiança bastante para escavar o seu íntimo. Jamais confirmaria aquela avaliação extremamente precisa do seu estado e, por conseguinte, não afirmou nem negou o julgamento, mas, mesmo assim, ela fitou-o com uma admiração genuína que o

apanhou desprevenido.

Ansioso por diminuir o impacto causado, agarrou-lhe no braço.

– Vamos dar um passeio? – sugeriu.

Se caminhassem lado a lado, não teria de confrontá-la diretamente durante a sua irritante apreciação e, se escolhesse o caminho com astúcia, conseguiria levá-la de volta a casa, sem que ela percebesse as suas intenções.

– Não, não me apetece – respondeu ela, irritada. – Estou muito bem aqui.

Será que ela se aproximara um pouco mais? A sua mão encontrava-se agora inaceitavelmente premida contra um dos lados do corpo feminino e os dedos atrevidos – apesar da sua ordem severa para que permanecessem quietos – massajavam-lhe a estreita cintura num círculo vagaroso. Contudo, a sua ousadia não recebeu qualquer queixa e prosseguiu.

Para uma mulher inexperiente que ele quase violara dois dias antes, tornara-se invulgarmente complacente! O que havia acontecido para causar aquela transformação?

– Não me parece – redarguiu, tentando parecer credível – que os outros a vejam a preguiçar neste banco ao meu lado.

– Deve ter uma reputação horrível – disse ela num tom calmo e ponderado, como se estivesse totalmente a par da sua vergonhosa fama e lhe fosse indiferente.

– É verdade.

Surpreendentemente, corou. Exceptuando a mãe, nunca se interessara com o que as mulheres pensavam sobre o seu caráter, mas sentiu-se envergonhado por Sarah poder ter descoberto algumas das facetas menos agradáveis da sua personalidade.

– Nunca tinha sido apresentada a um desprezível canalha – disse ela num tom jovial –, por conseguinte, vou considerar o nosso encontro como uma aventura. Será uma experiência de aprendizagem; talvez compreenda finalmente a razão por que as mulheres se sentem por regra seduzidas por uma figura escandalosa.

Os olhos dela brilhavam. Aquela mulher impertinente estava a rir-se à sua custa.

– Não se interessa obviamente pelas aparências quando deveria ser o contrário.

– Por que razão não abandona este sítio? – indagou ela baixinho, abandonando mais dissecações sobre a sua má fama. – O que o incomoda tanto? Quando se tornara tão estupidamente transparente?

– Nada.

– Está atormentado. Passou-se alguma coisa?

Antes que fosse capaz de se controlar, as palavras saíram-lhe da boca, como brotando de uma fonte.

– Bem, sempre vivi com a minha mãe e o meu irmão mais velho, mas a minha mãe casou recentemente com um homem que não consigo suportar.

– Uma situação difícil!

– Há uns minutos, fui informado de que o meu irmão também casou com alguém que não me agrada especialmente.

– É muito chegado ao seu irmão?

– Sim.

– Lamento por si.

Surpreendido com a sua estupidez, lutou para compreender o motivo que o levara a divulgar tanta coisa àquela estranha virtual. Ele protegia ao limite a sua privacidade e, no entanto, tinha-lhe dado a conhecer detalhes extremamente pessoais quase sem pensar nas consequências.

Esforçando-se para atenuar a confissão, declarou:

– Não tem assim tanta importância.

– Sente a falta dele.

Michael abanou a cabeça frente à sua penetrante dedução.

– Não, não sinto.

– Está a mentir, Michael.

Quando Sarah pronunciou o seu nome pela primeira vez, ele sentiu o coração jubilante de alegria e, com uma convicção inabalável, ansiou por que ela o murmurasse vezes seguidas.

– Por conseguinte – disse ela num tom pensativo –, se deixar esta festa, não tem para onde ir, pois não? É isso que o leva a ficar.

Sarah resolvera instantaneamente o enigma que o impelira ao longo de todos aqueles meses. A vida – como ele a descrevia – acabara quando a mãe havia casado com Edward. Não tinha casa, nem família. Andava à deriva por esse motivo e aparentemente não encontrava razões de peso para regressar a Londres.

– Fico aqui, porque é exatamente onde pertenço – respondeu, pensando nas mulheres decadentes, nos acasalamentos lascivos em que participava, no doentio desporto que instigava com as suas magras tentativas de aliviar os pesadelos através da saciedade sexual.

Naquele momento, parecia que toda a sua existência se resumia a um longo episódio de devassidão e vício, praticamente sem um interlúdio agradável. Mergulhara tão fundo no abismo da corrupção que se sentia incapaz de localizar o caminho que o faria voltar a uma vida sadia. A sua única realidade era o desfiar de

dias – e de noites – de lascívia e iniquidade e, mesmo que decidisse mudar o rumo e traçar um caminho mais virtuoso, desconhecia como o fazer.

– Nós os dois temos muito em comum – observou ela.

Michael soltou uma risada desdenhosa.

– Que disparate.

– Por que razão diz isso? Também não tenho casa. Tiraram-me tudo aquilo de que gostava. Talvez seja essa a razão que me leva a sentir esta incrível ligação consigo; fomos ambos privados do que nos era familiar.

Uma terrível aguilhoada de culpa espontânea invadiu-o, mas esmagou-a antes que pudesse dar fruto.

– Almas gémeas?

– Precisamente.

– Isso é ridículo.

Ousadamente, voltou a colocar a mão no peito dele. O seu olhar firme deslizou para a sua boca e deteve-se nos lábios, induzindo-o a desejar e a recordar coisas que era preferível ignorar.

– Pensa alguma vez naquela noite em que entrou no meu quarto? – indagou Sarah.

– Não – mentiu ele. – Nunca.

– Pois eu penso. Constantemente.

O coração saltou-lhe no peito, quase deixando de bater. Ela andara a refletir no encontro de ambos? Sobre a incursão de prazer truncada? Sobre como se haviam tocado, beijado e unido?

– E porquê?

– Tenho apenas especulado sobre o que podia ter acontecido se não fosse a minha recusa.

Michael teve a sensação de que a Terra parara. Pensara o mesmo em mil ocasiões desde aquele desprezível acontecimento. Se houvessem seguido em frente e usufruído do êxtase sexual, estaria agora a definhar tão tristemente?

Por que razão tinha aquela certeza tão insana de que o conhecimento físico do corpo dela seria a cura para muito dos seus tormentos?

– Você ensandeceu – murmurou e afastou-lhe a mão. Aquela proximidade do seu coração causava-lhe a estranha sensação de que estava a massajar a sua tristeza. – É esta casa que a leva a ponderar em questões tão corruptas. O melhor será que se vá embora.

– Mas, se assim for, nunca mais o verei.

– Não existe nenhum motivo para que o deseje – retorquiu, embora esse

mesmo pensamento lhe tivesse ocorrido. De alguma forma, ela imiscuíra-se no seu consciente e nunca se libertaria totalmente. Com a informação que Pamela lhe tinha dado – de que o irmão de Sarah era Scarborough –, qualquer homem com um mínimo de integridade preocupar-se-ia indubitavelmente com o seu futuro.

– Ignoro o motivo, mas parece-me tão… tão vital que passemos tempo juntos.

– Com que finalidade?

Sarah refletiu, franzindo a testa macia e cativada pela boca dele. Uma vincada suposição invadiu-a visivelmente, pois não conseguia desviar o olhar. A ponta rosada da sua língua humedeceu-lhe o lábio superior, fazendo-o brilhar, e a visão fê-lo sonhar com as fantásticas diversões em que ela podia ser ensinada a participar, tendo-o como tutor.

Um rubor subiu-lhe às faces, a pulsação aumentou e latejou na base do pescoço.

Sondou o mais fundo do seu ser, examinando as profundezas, em busca da emoção que há muito desaparecera e, por fim, colou o olhar tórrido ao dele.

De uma forma humilde e maravilhosa, pediu:

– Quer beijar-me?

Michael quase caiu para o lado.

– O que disse?

– Ouviu-me perfeitamente – respondeu ela, com as faces escarlates e fixando o regaço. – Não seja cruel a ponto de insistir que me repita.

– Claro que ouvi. Só que não consigo acreditar nos meus ouvidos.

Uma torrente de imagens assaltou-o ao lembrar-se do seu inútil esforço anterior para a seduzir: o corpo esguio, os mamilos impertinentes, o sexo tenso. Quando a cabeleira ruiva lhe pendia em liberdade, brilhava e volteava sobre as ancas.

Surpreendentemente, conseguiu imaginá-la no seu quarto em Londres, um local onde nunca recebera qualquer amante. Deitá-la-ia de costas, saboreando-a, possuindo-a até ela implorar e suplicar que parasse e recomeçaria. Continuaria até estar seco, saciado e repleto.

Recordou vivamente o seu único e breve beijo. Como havia sido delicioso! Como em seguida se sentira desfeito e durante horas a fio! Ansiara muito mais dela, mais do que ela poderia dar-lhe. Mais do que alguma vez deveria receber.

– Não, não o farei.

– Mas porquê? Tem-se envolvido com as convidadas. Porque não comigo?

Michael sentira-se curioso para saber onde o seu pedido conduziria e agora sabia a resposta: a sua inocente companheira estava intrigada, ansiando por umas lições de amor com um parceiro adequado. Ignorava se estava furioso ou

divertido.

– Porque é virgem, milady.

Sarah encolheu-se como se tivesse levado uma bofetada.

– O que tem isso a ver com o caso?

– Estou a par do que pode ter deduzido sobre a minha personalidade – retorquiu, furioso com a imagem da sua bisbilhotice quanto às suas travessuras indecentes serem observadas por alguns convidados –, mas não é meu hábito corromper mulheres inexperientes.

– Não o convidei a desonrar-me. Apenas lhe pedi um beijo! – reagiu com um olhar faiscante e ele adorou a cena. – Posso ser iletrada, mas não acredito que se me assemelhem.

O volume das vozes subira e ele inclinou-se sibilando:

– Enlouqueceu?

– Talvez.

– Parece ansiosa por ser arruinada.

– E se assim for? – lançou a hipótese, quase como um desafio. – Não é da sua conta!

– É aí que se engana, minha querida!

– Se não me fizer a vontade, terei de fazer o pedido a alguém. Estou certa de que conseguirei descobrir outra pessoa que não considere a ideia tão desagradável como obviamente é o seu caso.

O pensamento de qualquer outro homem a beijá-la era tão perturbador que se viu obrigado a admitir que estava… estava com ciúmes! Que coisa bizarra!

Talvez se tivesse nascido de pais diferentes, caso a sua infância houvesse sido outra e a sua vida não se revelasse preenchida de imoralidade e de vício, ela poderia ser o tipo de mulher que escolheria para noiva.

Sarah era boa, gentil e preciosa, a antítese total de si próprio.

O facto de ela fingir carinho e afeto, atormentar e seduzir com uma promessa de hipóteses inatingíveis situava-se além dos limites do que ele poderia tolerar. Estava decidido a mostrar-lhe de uma vez por todas a estupidez da sua atitude. A insípida idiota envolvera-se numa perseguição perigosa, mas era demasiado imbecil para se aperceber da situação.

Olhando em volta e perscrutando os arredores, avistou uma casinha de jardineiro na bifurcação do caminho, discretamente oculta atrás de umas sebes e carvalhos. Levantou-se, agarrou-lhe no cotovelo e obrigou-a a pôr-se em pé, arrastando-a, embora ela tivesse um peso de pluma.

– Venha! – ordenou.

– Onde?

– Está prestes a conhecer a razão por que não podemos beijar-nos furtivamente.

Com uma olhadela de relance ao caminho, inteirou-se de que não havia ninguém à vista, escancarou a porta da casinha e entrou, puxando-a para o interior. Rodou a tranca de madeira, garantindo que não seriam descobertos. No cimo, havia uma janela que permitia a entrada de ar. A poeira e a luz do Sol infiltravam-se através dela.

Fitou-a e em seguida aproximou-se de uma forma rude e inadequada, de modo a que os seios femininos o roçassem e o seu falo se acomodasse no ventre dela. Verificou que Sarah não recuou, endireitando-se, sem medo do que quer que ele sugerisse.

Oferecia uma maravilhosa imagem de beleza, personalidade e fascínio.

– Quer um beijo? Muito bem! Vou dar- lhe um beijo! – disse, passando o polegar pelo seu lábio superior, consciente da excitação que se repercutiu no seu baixo ventre. – Feche os olhos!

– Porquê?

– Obedeça – redarguiu, exasperado.

Sarah examinou-o atentamente, depois baixou as pálpebras e sem hesitar para ponderar na sensatez da sua decisão, ele colou os lábios aos dela. Confusa, Sarah ficou tensa, mas não recuou, não lhe impediu caminho e ele fingiu que aquela calma significava concordância.

Prendendo-lhe a nuca, não aprofundou o enlace, nem tão-pouco a acariciou ou a atraiu. Fundiu-se simplesmente com ela e, tal como suspeitara, foi de imediato acolhido.

Era assim que deveria ser o paraíso. A noção passageira afastou-se e dissolveu-se.

Suavemente, quase de uma forma casta, desnudou os seus segredos mais ocultos, servindo-se de pouca pressão e coação. Titilou e brincou com a jovialidade da aproximação.

A reação dela foi quase tão instantânea e surpreendente como a sua. Os seios avolumaram-se, os mamilos enrijeceram contra o corpete, implorando ser libertos da prisão. A sua pulsação aumentou e a pele ganhou calor. Desequilibrando-se e precisando aguentar-se de pé, prendeu-lhe a cintura enquanto os dedos se agarravam ao tecido do casaco.

Um gemido de felicidade e bem-estar escapou-se e ele ignorou de onde provinha. Talvez fosse um mútuo reconhecimento da satisfação de ambos.

Era impossível saber por quanto tempo se manteve naquela lascívia com ela. O

tempo tinha abrandado e a realidade perdera o significado. Só ela existia e a sombria cabana, bem como as divinas emoções que o invadiram.

Quando por fim se separaram, ele sentiu-se trémulo, perplexo e agitado, como soubera que aconteceria. Sentia a pulsação acelerada, o corpo em chamas e uma dor tão forte no pénis que não tinha a certeza de como caminharia discretamente até à mansão.

Afastou-se gradualmente, reajustando- se à situação de serem duas pessoas distintas quando, por um leve momento, haviam sido um ser único.

Sarah emitiu um leve suspiro de pena, depois abriu os olhos e fitou-o com uma ingénua candura e, caso não estivesse enganado, uma despropositada e extraordinária ternura.

Ele era um vilão. Um canalha. Um patife sem moral nem escrúpulos e a prova inequívoca residia em que a usara duas vezes de má-fé.

– Oh, céus…

A sua confusão e fascínio eram visíveis. Levou os dedos aos lábios, como se eles retivessem aquela perturbação.

– É esse precisamente o motivo, Lady Sarah – declarou em voz alta – por que não a beijarei. Nunca mais me peça.

Embora se sentisse desesperado por prosseguir, por continuar até não ter força nem disposição de parar, dirigiu- se à porta, destrancou-a e espreitou lá para fora. Não havia ninguém à vista.

Olhou por cima do ombro. Sarah encontrava-se banhada na sombra, uma encantadora e requintada joia caída inexplicavelmente no seu mundo sórdido e ele desejava-a com uma implacável entrega.

– Bom dia, milady – despediu-se com uma vénia. – Não me espere no jardim ou em qualquer outro lugar. Não vou parar.

Com aquelas palavras afastou-se, deixando-a entregue à sua própria sorte, regressando à mansão e à privacidade dos seus aposentos, onde poderia refletir nas longas e deprimentes horas que o separavam da noite depravada ainda por chegar.

8

Sarah percorria furiosamente o quarto de um lado para o outro. Não conseguia deixar de pensar em Michael Stevens, no encontro de ambos no jardim, nem na furtiva escapadela até à casinha do jardineiro. O beijo que haviam partilhado fora o mais excitante e intrigante acontecimento no que considerava a sua vida extremamente monótona.

Michael limitara-se a aflorar ao de leve os seus lábios e como era possível que um gesto tão simples fosse tão fascinante? Passadas todas aquelas horas, muito tempo depois de ele ter saído mal-humorado e ela haver regressado a casa sozinha e mais frustrada do que nunca, o seu corpo estava totalmente desnorteado pelas sensações que o terno interlúdio havia provocado.

Tornara-se incomodamente consciente da sua condição de mulher, solteirona, de virgem com a certeza de que não queria permanecer naquele estado durante muito mais tempo. Ansiando pela sua companhia, estava de momento desejosa de gastar o tempo em atividades devassas que dantes considerara visivelmente ridículas.

A partir do momento em que o vira pela primeira vez, sentira-se atraída para o seu reino sórdido, a ponto de não conseguir imaginar um acontecimento mais encantador do que a oportunidade de se deleitar na sua doce versão de excesso erótico.

Como e por que razão ele a fascinava tanto? O que possuía capaz de ultrapassar o seu senso comum e levá-la a vaguear pela mansão, esperançada em avistá-lo de relance? Era como se tivesse recuado na idade para uma adolescente apaixonada repleta de devaneios sem contrapartida que, dado o conhecimento que os unia, eram absurdos.

Três dias antes conhecera-o de uma forma chocante, mas, desde esse momento, não soubera qualquer pormenor importante a seu respeito. Era supostamente um canalha e um patife, um homem com uma reputação terrível. Mas que mais?

Tinha uma mãe e um irmão de quem gostava profundamente, beijava maravilhosamente e cometeria qualquer escapadela com uma mulher. Era apenas isso o que sabia.

Ansiando por um encontro prolongado, tinha passado os dias a vaguear pela casa à sua procura. Na sala do pequeno-almoço, nas mesas de jogo, até lá fora, nos estábulos. Passeara pelos jardins, espreitando através das sebes e selecionando lugares onde poderia espiar os acessos à mansão. Contudo, não tivera a sorte de o avistar, o que apenas a induzira a ruminar sobre onde se encontrava, o que estava a

fazer e com quem.

Quando finalmente apareceu, foi como se o tivesse invocado, mas mal o teve debaixo de vista, não descobrira quaisquer pistas úteis. Na sua magnífica presença, apenas conseguiu centrar-se no físico: na maneira de andar, no timbre rouco da voz, no perigoso brilho do olhar. No facto de estar completamente vestido e com uma aparência soberba.

À semelhança de uma idiota atordoada, tinha refletido nos seus atributos físicos e de conduta, enquanto no íntimo desejava que ele a visitasse de novo secretamente e revelasse mais dos seus segredos sensuais. Num espaço muito curto, desenvolvera uma estranha e inexplicável atração por ele e não lhe agradava a ideia de que concedesse os seus favores às várias parceiras. Se ia mergulhar em jogos carnais, estava preparada para insistir que a procurasse e a mais ninguém.

A decisão impetuosa fora tão forte e penetrante que se atrevera a bater à porta que separava as suas suítes, incitando-o a que abrisse para lhe permitir declarar-se, mas, irritantemente, ele não estava. Ou, caso estivesse, recusara responder ao chamamento.

Aquela ausência enlouquecera-a de ansiedade quanto ao seu paradeiro. Rondara impacientemente por todo o lado, perseguindo-o para poder dizer- lhe que não visitasse o quarto secreto nessa noite, que permitisse ser ela a prodigalizar-lhe conforto e alívio. Ele podia ensiná-la e depois deixá-la praticar as novas técnicas na sua fabulosa anatomia.

Embora ele tivesse troçado da sua afirmação de que eram almas gémeas, sentia-se ligada a ele como nunca estivera a mais ninguém e aquela impressão de proximidade causava-lhe preocupação e fúria. Contra ele e a sua situação familiar, o seu descontentamento com a vida e o lugar que nela ocupava.

A sua estranha consciência sobre os problemas que o atormentavam causava- lhe uma enorme preocupação com o seu bem-estar. Estava convencida de que ele não devia fornicar com as hóspedes. O comportamento lascivo não condizia com a sua personalidade e tencionava levá-lo a desistir. Imediatamente. Tencionava levá-lo a renunciar à sua atitude corrupta. O beijo que trocaram havia sido fenomenal, esplêndido, e não podia simplesmente suportar a ideia de que ele não sentisse da mesma maneira sobre a questão. Depois daquele quente e caloroso abraço, ele não podia andar por ali a fazer amor com outras!

Já era tarde, a calma reinava na mansão e ela ponderava se devia esforçar-se para localizar a escada que levava ao quarto secreto para que pudesse detê-lo antes de ele entrar. Durante uma boa parte do dia, tinha tentado descobrir o modo de acesso, mas tudo fora infrutífero, e duvidava que conseguisse

ser bem sucedida no escuro. Perplexa e apreensiva, dirigiu-se ao quarto de vestir, esgueirou-se até ao olho mágico e trepou para o banquinho. Verificou, desanimada, que Michael Stevens aparecera como que por magia e estava no interior. Mantinha-se deitado com a habitual negligência. Entediado e delicioso, aguardava que outra amante anónima se lhe juntasse.

Embora desejasse bater na parede e chamar pelo nome dele, conteve-se. Observou, como sempre o fazia. Não conseguia desviar o olhar do seu belo rosto, do peito peludo, das calças justas. Os botões de cima estavam como habitualmente desapertados e ela fixou- se nos mistérios masculinos que se ocultavam por baixo.

Como desejava vê-lo na íntegra! Percorrer com as mãos aquele tronco maravilhoso! Massajar e acariciar como ele permitia que as outras parceiras o fizessem com regularidade.

Uma porta abriu-se, do lado. Uma mulher entrou, a coberto de um capuz, e Michael endireitou-se.

– Não faça isso – implorou Sarah em silêncio. – Por favor, Michael…

Detestando estar a observar, mas incapaz de se afastar do seu posto, manteve os olhos colados ao par, preparando-se para o que viria, consciente do instante em que se uniriam, mas sem poder controlar-se.

A excitação era extrema, perturbadora e sem hipótese de resistência. Desgostosa consigo e os seus motivos, desgostosa com Michael e os dele, encostou os olhos ao postigo no exato momento em que Michael se levantou.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele e soltou uma risada ante a resposta casual da mulher.

Quem quer que se ocultasse por baixo do capuz era uma pessoa que Michael conhecia bem, uma parceira cuja companhia apreciava. Fitou-a com uma expressão perplexa e repreendeu-a de ânimo leve com um toque de familiaridade e surpresa.

– O que a trouxe aqui? Não gosta de se exibir.

– Tem andado a negligenciar-me querido – replicou a mulher, fazendo beicinho. – Recusou gratificar-me esta tarde.

O pânico invadiu a mente de Sarah. Ele estivera com aquela mulher, de tarde? Quando? Antes ou depois de se terem encontrado? Poderia tê-la beijado tão amorosamente, com tanta paixão e, em seguida, passado despreocupadamente a outra? A ideia não tinha cabimento.

– Não me apetecia – respondeu Michael um tanto petulante que provocou o riso na companheira.

– Bom. É melhor que agora lhe apeteça – censurou, mas com um tom malicioso. – Decerto não me negará um pouco de diversão.

Michael estava claramente intrigado com a visita da mulher e disposto a satisfazê-la com um afeto e sinceridade que Sarah nunca lhe notara antes.

Para seu espanto, aquele novo comportamento era mais desconcertante do que nunca. Já lhe causara bastante sofrimento observá-lo, enquanto manipulava as parceiras com uma indiferença calculada e inabalável, mas era muito pior vê-lo a divertir-se com alguém que lhe despertava um visível carinho.

Uma forte e invulgar picada de ciúmes percorreu-a e amaldiçoou-o e à amante.

O tom afetuoso e o olhar franco eram excruciantes de suportar. Detestava testemunhar a ligação amistosa dos parceiros, mas já se enredara a tal ponto nas atividades de Michael que não conseguia afastar-se.

Eles estavam a conversar e Sarah apurou o ouvido.

– O que lhe agrada, milady? – inquiriu Michael, trocista.

– Não deveria ter de perguntar.

– Conhece as regras – disse ele. – Tem de declarar a sua preferência.

– Que se lixem as regras – redarguiu ela, mas com uma risada.

Os corpos fundiram-se, as mãos da mulher entrelaçaram-se no tapete lascivo do peito dele e em seguida desceram. Sarah não conseguiu observar a manobra exata, mas ela parecia acariciar-lhe o ventre, esfregando a protuberância das calças. Aconchegou- se mais e sussurrou-lhe a preferência ao ouvido.

– Será um prazer servi-la, milady – entoou ele.

– Safado! Estou perfeitamente disposta a suplicar, se for essa a única maneira de conseguir a sua atenção.

– Está nua por baixo da capa?

– Sim. Que indelicadeza mencionar tal coisa!

– Deixe-me ver.

Com um gesto ousado, a mulher afastou a capa dos ombros e expôs-se na sua frente, nua e insolente. Tinha o cabelo envolto num turbante branco, sem fornecer pistas quanto à sua cor e o rosto discretamente coberto com uma elaborada máscara de plumas e brilhantes dourados e, por conseguinte, a sua identidade permaneceu oculta.

– O que acha, querido? – perguntou, endireitando os ombros e fazendo ressaltar o busto.

– Muito bela… como sempre.

Michael acariciou reverentemente um seio farto e redondo e Sarah sentiu vontade de morrer. Como poderia ele venerar o peito de outra mulher, quando recentemente a inundara de ternura?

Detestava a visível admiração que demonstrava pela amante, pois lembrava-se

muito bem da sensação provocada quando a olhara da mesma forma.

Inclinando-se, Michael chupou-lhe um mamilo, saboreando delicada e gentilmente o botão rosado. Encantada, a mulher sorriu-lhe e estremeceu de prazer enquanto passava os dedos pelo seu fabuloso cabelo preto.

O coração de Sarah bateu com mais força e sentiu uma impressão no estômago. Como habitualmente, parecia que ele estava a manipular o seu próprio seio. Os mamilos latejavam e doíam e apertou um deles, com a esperança de aliviar toda a inquietação, mas o beliscão apenas serviu para aumentar perigosamente a excitação.

Afastou a mão e centrou-se no duo, resolvida a não perder um único segundo da sua atuação, por mais difícil ou estimulante que pudesse tornar-se.

Michael ajoelhou-se e o que quer que estivesse a fazer provocou um brilho nos olhos da companheira que enrijeceu as costas. Ela mordeu o lábio e a respiração saía-lhe num fôlego rápido, ao mesmo tempo que lhe agarrava os ombros.

– Céus! Você é uma maravilha nisto – murmurou.

– O nosso objetivo é agradar.

– Garanto que o recomendarei a todas as minhas amigas.

– Sinto-me contrito.

Pronunciara a frase com sarcasmo e Sarah encostou-se mais ao olho mágico, desesperada por saber o que preocupava tanto a sua visita, mas não conseguiu perceber.

O episódio repetiu-se e a mulher mostrava-se cada vez mais perturbada, demonstrando mais tensão. Em seguida, por qualquer motivo inexplicável, afastou-se dele.

– Ainda não.

– Não terminei – declarou ele da sua posição no chão e fitando-a.

– Nem eu.

Pestanejando alegremente, ela escapou-se para a cama e soltou uma risada quando ele a agarrou. Trepou para trás dela, colocando-se em posição e parecia que ele estava a desabotoar as calças. A mulher balançou contra o seu ventre e estava alegremente a impedi-lo de quaisquer que fossem as suas intenções.

– Comporte-se! – repreendeu a mulher quando Michael lhe mordeu o pescoço e ela o afastou com os ombros. – Disse- lhe a minha escolha. E não é esta. Deve honrar o meu pedido!

Embrulharam-se em carícias e beijos até Michael ficar de costas com a mulher por cima dele. Nas regiões inferiores do seu corpo que Sarah não conseguia observar, as mãos da mulher ocupavam-se a acariciá-lo de uma forma que ele apreciava, mas Sarah não poderia começar com especulações.

– Estás tão duro para mim – disse ela. Parecia orgulhosa do que os seus esforços haviam produzido e depositou um beijo casto nos seus lábios. – Fecha os olhos, querido, e posso ser quem quiseres. Podes mesmo fingir – acrescentou maliciosamente – que tenho olhos verdes e cabelos ruivos. Não me importarei.

– Bruxa! – resmungou ele entre dentes, enquanto a mulher cometeu um ato que fez com que os dois gemessem com uma espécie de angústia recíproca. Em seguida… adotaram um ritmo conjunto, muito semelhante ao de quando se monta um cavalo. O movimento prosseguiu com os amantes cada vez mais envolvidos e dedicando-se com mais intensidade ao empreendimento. A mulher posicionou-se para que os seios pendessem sobre a boca ávida de Michael. Ele pressionou, mamou e chupou.

Sarah observou até ao final, enojada, fascinada, embaraçada, desejando que eles cessassem de imediato e simultaneamente querendo que a tórrida exibição nunca terminasse. Os dois alcançaram um objetivo comum, o auge, e emitiram um grito abafado e ela sentiu- se envergonhada e nauseada por ter testemunhado a intensa emoção que deflagrou entre ambos e, por outro lado, satisfeita pelo mesmo motivo.

O ritmo abrandou, a tensão diminuiu, o par descontraiu-se e Michael esfregou as costas da mulher.

Arrogante e satisfeito consigo próprio, murmurou:

– Sentes-te melhor?

– Oh, céus… mas tu dás cabo de mim quando me fazes isso.

Apoiando-se nas ancas, examinou-o com uma arrogância possessiva e partilharam um momento carregado de um significado oculto e Sarah sentiu um aperto no coração ao ter de reconhecer a familiaridade que os unia.

Ela era sua amante? O seu verdadeiro amor? Não podia suportar a ideia de que pudesse pertencer a outra, antes de ela ter tido oportunidade de conquistá-lo para si.

Vestiram-se em silêncio e prepararam- se para sair. A mulher colocou a capa e em seguida deteve-se a observá-lo atentamente.

– Ficarás bem? – perguntou num tom meigo.

– Claro.

– Tens outro encontro marcado para as duas. Vais mantê-lo?

– Ainda não sei. Vou ter de pensar nisso.

Sem dúvida a par dos seus mais sombrios segredos, ela inspecionou-o ao pormenor e acabou por comentar:

– Detesto ver-te assim.

– Estou bem.

– Podias vir ter comigo mais tarde.

– Não o farei.

– Deixarei a porta destrancada para o caso de mudares de ideias.

Suspirando, depositou outro beijo nos lábios dele e em seguida deu meia volta e saiu.

Michael sentou-se na beira da cama com a cabeça baixa e os braços apoiados nas coxas. Pairava uma névoa de tristeza que Sarah sentia tão vivamente como se ele a articulasse em voz alta.

Qualquer que fosse o incidente que o trouxera a Bedford, com o seu quarto secreto, e as fêmeas decadentes com quem flertava, não encontraria consolo. Nem mesmo aquele rendez-vous e uma amante de quem obviamente gostava lhe trouxe satisfação.

Sarah espiou-o durante o tempo que conseguiu tolerar a cena, mas concluiu subitamente que tinha de encontrá-lo. Não podia permitir que ele se degradasse com outra amante. Tinha de abandonar os seus planos para a marcação posterior.

Sem pensar para refletir ou considerar os avisos dele em relação aos procedimentos noturnos daquela casa, agarrou numa capa e numa vela, dirigiu- se à porta e espreitou lá para fora. O corredor apresentava-se sombrio e deserto e ela aventurou-se nos bicos dos pés.

Ia localizar aquele maldito quarto secreto, nem que tivesse de desfazer a mansão, tijolo a tijolo.

Ao fundo do corredor, começou por apalpar as paredes e o soalho. Foi mesmo ao ponto de abrir uma janela e enfiar a cabeça lá para fora, interrogando-se sobre se haveria uma escada exterior, mas não descobriu qualquer entrada. Recuando para as escadas, desceu até ao segundo andar.

Quando transpôs os degraus, pareceu- lhe ter ouvido uma porta a fechar-se e olhou por cima do ombro, mas não havia ninguém atrás dela.

Hesitou e invadiu-a a forte sensação de que alguém tinha estado à espreita e a aguardar que ela saísse do quarto, o que era disparatado. Ela estivera pouco tempo na festa, mal conhecera outros convidados e passava da meia-noite. Quem ia pensar que estivesse levantada? E a vaguear por ali?

Mesmo assim, com aquele turbilhão de pensamentos, as sombras pareciam- lhe excessivamente sinistras. Desceu apressadamente para o piso inferior e teve a certeza de ouvir um passo nas suas costas. Pôs-se novamente à escuta, mas ninguém se aproximou.

Censurando-se pela sua estupidez, dirigiu-se ao fundo do corredor e prosseguiu a inspeção. Ao passar junto aos quartos, não avistou qualquer luz, mas num deles uma mulher gemia. Num outro, um homem gemia, como se reprimisse uma dor.

Os barulhos não eram naturais e provocaram-lhe um estremecimento nervoso.

É apenas o escuro a pregar sustos.

Sarah sempre detestara o escuro. O medo tinha aumentado desde o funeral da mãe, quando era ainda uma jovenzinha. Haviam surgido pesadelos noturnos, mas, agora como adulta, recusava que velhos medos dominassem o seu comportamento.

Visto não se aperceber de sinais duvidosos de que tivesse companhia, regressou ao patamar, resolvida a continuar até ao primeiro andar, mas nesse momento um homem surgiu do poço da escada, impedindo-lhe o avanço. Imaginou fugazmente que poderia tratar-se de Michael, mas, quando ele se aproximou, percebeu imediatamente que se enganara. O intruso era mais baixo, com uma cintura mais larga e um cheiro diferente.

Assustada, recuou e o coração saltou- lhe no peito quando ele a acompanhou.

Estreitou os olhos, tentando perceber de quem se tratava, mas nada nele lhe parecia familiar.

– Boa noite, Lady Sarah – murmurou ele.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Colocara o capuz, mas, à exceção da vela, o lugar estava escuro como breu. Como adivinhara ele a sua identidade?

– Confundiu-me com outra pessoa, sir. Tentou iludi-lo, mudando de direção rumo aos degraus, mas ele impediu-lhe a

fuga para cima ou para baixo.

– Tenho estado à sua espera – pronunciou o homem num tom de significado e propósito furtivos. – Desde a sua chegada que tenho estado à espera.

– Não faço ideia ao que está a referir- se. E agora, se me der licença… – Esforçando-se por se mostrar corajosa e com o controlo da situação, empurrou-o, mas ele era grande e inabalável.

– Então… é esse o seu jogo – exclamou com uma risada ameaçadora.

– Assume o papel de inocente de uma forma muito credível. Bom, também gosto disso. Vamos divertir-nos imensamente os dois.

Encurralou-a bruscamente contra a parede, rodeando-lhe a cintura e pondo- lhe os braços de cada lado e ela deixou cair a vela que se apagou. Sarah ficou com o corpo retesado e os seios esmagados no corpo masculino. O homem insinuara repugnantemente a coxa entre as dela, apertando-a e iniciando um movimento obsceno.

– Solte-me ou gritarei.

Ele arrancou-lhe o capuz e emaranhou-lhe os dedos no cabelo.

– Não me importo de alguma confusão.

– Vou pedir ajuda – ameaçou ela.

– Mas decerto não espera que alguém venha socorrê-la. Se alguém passar por perto, tenho a certeza de que vai deliciar-se com o espetáculo. Há alguns por aqui que adorariam assistir, enquanto como a irmãzinha de Scarborough.

A sua respiração aflorou-lhe o rosto e ele tapou-lhe a boca, amordaçando-a, ao mesmo tempo que metia a mão por baixo da roupa, acariciando-lhe os seios. Sarah lutou desesperadamente contra a sua abominável exploração, mas o homem era grande de mais e o seu excessivo volume impedia-a de reagir.

– Que menina tão bonita, mas tão bonita – disse ele ao mesmo tempo que começava a levantar-lhe as saias.

Sarah mordeu-o com a máxima força, mas não o suficiente para causar danos significativos. Mesmo assim, ele afrouxou momentaneamente o abraço.

– Socorro! – gritou enquanto ele voltou a tapar-lhe a boca.

O homem inclinou-se mais, com a boca encostada ao seu ouvido e esforçando-se por meter a mão entre as suas pernas.

– Gostas dele puro e duro, não é? Ótimo!

9

Michael entrou pela porta secreta até à despensa. Tinham-lhe deixado uma vela num castiçal e pensou em acendê- la, mas, depois de um olhar para as cozinhas, achou desnecessário. A Lua estava alta, brilhando nas janelas e encontraria facilmente o caminho.

Começou a percorrer o longo corredor, deixando a parte das instalações de serviços e prosseguindo até às secções mais sociais da casa. Junto à biblioteca, parou e observou – vendo e sem ser visto – a folia decadente que ali se passava.

Pamela punha o local à disposição para que todos dessem azo às suas lascivas fantasias, mas nunca participava e ele interrogou-se sobre se ela se apercebia do nível indigno a que as suas festas mergulhavam durante o escuro da noite. De manhã cedo, o seu competente e eficiente pessoal limpava e arrumava, sem deixar à vista qualquer indício de que algo vergonhoso tinha ocorrido. Talvez nem ela soubesse a forma como os acontecimentos ousados subiam em espiral.

O fumo pesado e pungente de um tubo de aquecimento pairava na divisão, desenhando uma cena grotesca e irreal. Duas mulheres nuas abraçavam-se num dos sofás, enquanto vários cavalheiros observavam. Os homens estavam seminus e um deles aproximou-se e começou a acariciar e em seguida a fornicar a mulher que estava por cima. Outro homem levantou-se e aderiu ao grupo, recebendo a segunda mulher na boca. Enfiou-lhe bruscamente uma porção maior do membro do que ela conseguia aguentar, mas a parceira estava embriagada, letárgica e por esse motivo submissa às suas exigências.

Michael deteve-se a observar, como os outros, embora se tratasse de uma cena vulgaríssima. Os quatro amantes ofereciam um irreverente quadro de sexo e pecado que apelava aos básicos desejos dos espectadores.

Como descera a sua vida tão baixo? Expusera-se durante tanto tempo à degradação que a sua moralidade se quebrara.

Quando se tornara tão insensível e indiferente? Ele, que dantes havia atuado com tão feroz entusiasmo, limitava-se a observar com um desinteresse abstrato e solitário.

O homem veio-se na boca da mulher, agarrando-a até ela engolir o sémen; depois, retirou o pénis murcho e ajeitou as calças, enquanto o companheiro se manteve entre as coxas da outra mulher. A audiência masculina gargalhava, cuspindo observações grosseiras, quando um terceiro homem decidiu provar o

orifício que acabara de transbordar. Michael afastou-se, incapaz de aguentar o espetáculo por mais tempo.

No foyer principal, subiu a escadaria, sentindo-se sujo, imundo e desejoso de um banho. Devido a experiências passadas sabia que a água quente lavaria a imundície do corpo, mas pouco faria para limpar as manchas da alma.

Estava quase a chegar ao patamar do segundo piso quando estremeceu devido ao grito de socorro de uma mulher. O seu apelo parou antes que a palavra fosse completamente proferida.

Seguiu-se a voz bruta e áspera de um homem:

– Gostas dele puro e duro, não é? Ótimo!

Um par lutava e as roupas desenhavam-se claramente no branco da parede. Michael aspirou o forte odor a álcool no hálito do homem e um cheiro familiar e inconfundível que emanava da mulher. Uma sensação de destino inevitável assaltou-o e suspirou após o que correu na direção do par, agarrou no homem e afastou-o quase sem esforço.

– Com mil raios! – murmurou o patife, caindo de joelhos.

Protegendo Sarah do olhar furioso do homem, Michael meteu-se entre os dois e fulminou com o olhar o cobarde aristocrata, reconhecendo-o como um das dezenas de debochados que adoravam o pretexto de se atirar a mulheres incautas.

– Boa noite, Brigham – pronunciou num tom ameaçador.

– Stevens! – protestou Brigham. – Devia ter imaginado. – Ergueu-se a cambalear, lutando por parecer arrogante ao cuspir: – Filho da mãe!

– Cuidado! – alertou Michael. – Não se esqueça de quanto dinheiro me deve. Podia optar por chamar os seus marcadores – disse, aproximando-se mais. – Incomodou a senhora, peça desculpa.

Brigham reagiu como se Sarah fosse uma prostituta.

– Seu idiota de merda, porque não se mete nos seus negócios?

Brigham era um covarde e um fanfarrão, por conseguinte se mostrasse qualquer arrogância estava feito. Michael agarrou-lhe na frente da camisa e levantou-o do chão com uma visível demonstração do seu temperamento ardente.

– Última oportunidade – ameaçou. Apesar do seu grau de embriaguez, Brigham ainda se lembrava das capacidades pugilísticas de Michael e percebeu que ele estava disposto a fazê- lo em pedaços. Recuou, apressando-se a ocultar o semblante de confronto.

– Peço desculpa, milady.

A frase foi morna e limitou-se a olhar de relance para Sarah, mas Michael deixou passar a atitude. Mais tarde, ajustaria contas com aquele porco desprezível. De

momento, tinha de conduzir Sarah de volta à segurança do seu quarto.

– Tenho a certeza de que a confundiu com outra, não é verdade?

– Sem dúvida – admitiu Brigham.

– Dispõe exatamente de cinco segundos para desaparecer – gritou Michael, empurrando Brigham para as escadas. – Um… dois…

A fama de Michael como brigão era tão conhecida e por conseguinte Brigham não precisou de um segundo aviso. Afastou-se como covarde que era, Michael esperou até o ver desaparecer e depois virou-se, prestando toda a concentração em Sarah.

Brigham tinha uma enorme reputação de fornicações violentas e obscenas e Michael estremeceu ao pensar no que podia ter acontecido. Por que razão é que aquela louca mulher andava a passear pelos corredores? Julgava que as suas advertências eram brincadeira?

– Quem era aquele nojento indivíduo? – perguntou ela com um mero lampejo do seu habitual vigor. Estava a tremer e assustada, mas, felizmente, não aparentava danos.

– Cale-se! – ordenou laconicamente, enquanto lhe tapava a cabeleira ruiva com o capuz e lhe agarrava no braço. – Vamos embora daqui.

Para que não se encontrassem com outros hóspedes, arrastou-a, inspecionando alcovas e portas, mas ninguém testemunhou a sua passagem. Conduziu-a bruscamente ao longo do labirinto de corredores até chegarem à sua própria ala isolada da mansão e empurrou-a até à sua porta, murmurando-lhe ao ouvido:

– Entre e tranque a porta. Já irei ter consigo.

Sem lhe dar oportunidade a que debatesse ou discordasse, obrigou-a a transpor a ombreira e fechou a porta atrás deles. Fazendo uma pausa até ouvir o clique da fechadura, abanou a cabeça consternado em relação à situação difícil em que ela os colocara.

Ela não compreenderia que ele tinha de pedir uma explicação a Brigham pelo seu comportamento?

Virou a esquina e entrou no seu quarto, avançando para a porta que separava as suas suítes. Desde a primeira incursão no território dela que a mantinha trancada, um indicativo para si próprio de que não se atreveria a outro rendez- vous com a exótica intrometida. Escancarou-a e entrou apressadamente no seu quarto de dormir, fazendo primeiro uma rápida inspeção para se assegurar de que o olho mágico que anteriormente bloqueara se mantinha tapado e caminhando até ao centro da divisão, onde ela se encontrava.

– O que lhe passou pela cabeça para andar por aí sem companhia? – interrogou-a baixinho na eventualidade de alguém passar por perto.

Sarah baixara o capuz e estremeceu. Parecia jovem, confusa, perdida.

– Ele sabia quem eu era – respondeu, perplexa com a informação. – Seguiu-me!

– Claro que sim! – disse, agarrando-a pelos ombros, mas o facto de lhe tocar foi um erro e, como se tivesse sofrido uma queimadura, deixou pender os braços. – Não ouviu uma única palavra minha? Sobre esta reunião? Sobre estas pessoas?

– Ele queria ir até ao fim comigo; por causa do meu irmão.

Michael mal conseguiu forçar a pergunta que lhe saiu entre os dentes cerrados:

– Magoou-a?

– Não, não houve tempo.

Sarah estremeceu de nojo e ele verificou, horrorizado, que lhe brotavam lágrimas dos bonitos olhos. Sentira uma tal raiva que nem se detivera a refletir sobre como ela estaria impressionada. Apenas contemplara a sua própria reação frenética. Não a dela. Muito provavelmente, Sarah apanhara o choque da sua vida e, no entanto, ele censurava-a e ralhava-lhe como se fosse uma criança. Parecia que um louco se havia apoderado do seu corpo, mas ele somente ficara perturbado por testemunhar a cena.

E se ele não tivesse passado casualmente? O que aconteceria?

Uma lágrima encantadora deslizou pela face de Sarah e ela enxugou-a.

– O homem assustou-me.

Um rugido surdo – ignorava se de repugnância ou indignação – saiu-lhe da garganta e apertou-a de encontro ao peito. O topo da cabeça feminina aninhou-se sob o seu queixo. Sentia contra as costelas os seus seios redondos e os dois mamilos eretos e rijos. O ventre feminino embalava suavemente o seu falo. Apesar das recentes proezas com Pamela, o corpo reagiu, ansioso por se envolver com uma nova parceira.

Sentiu-se uma vergonha de homem, um ser detestável! Ela havia sido assediada, violada, e, embora ele ainda cheirasse ao sexo que fizera com outra mulher, apenas conseguia pensar no precioso refúgio carnal que ela seria.

Num momento anterior da sua vida, teria de imediato reprimido as suas tendências libidinosas, mas não agora. Estava descontrolado, incapaz de dominar a sua conduta e tinha medo do que poderia iniciar. Sem querer arriscar-se a assustá-la mais, ou a cometer algo que não deveria, afastou-a, colocando bastante espaço entre os dois. Sem entender o motivo por que ele se negava a prestar consolo, Sarah olhou-o e Michael ansiou por confortá-la e acalmá-la, o que era assustador.

Em toda a sua vida nunca se sentira compelido a reconfortar uma fêmea desesperada. As mulheres com quem costumava envolver-se não lhe despertavam qualquer preocupação pelos seus problemas ou tristezas. Pelo contrário, via em Sarah uma perigosa adversária, pois ela instigava todo o tipo de sentimentos assustadores, a ponto de desejar proteger, respeitar e valorizar.

Não queria ver-se armadilhado pelo seu dilema ou problemas e, no entanto, mantinha-se à espera da mínima desculpa para prestar auxílio.

Que caminho movediço estava a pisar!

– A noite vai a meio – disse, esforçando-se por permanecer calmo. – O que estava a fazer no corredor?

Que Deus a ajudasse, caso se houvesse esgueirado para um encontro com um amante. Ignorava o que faria, caso fosse essa a resposta.

– Andava à sua procura.

– À minha… – Deixou a frase a meio, engolindo uma praga. – Avisei-a sobre os perigos desta casa. Por que razão não me deu ouvidos?

Invadiu-o uma enorme fúria, mas refreou-se. Não pretendia mostrar-se amargo, nem planeava repreendê-la com comentários raivosos. Apenas ficara tão… tão… assustado ao deparar com a confusão em que ela se metera que se sentira louca e tolamente ansioso para ir em seu auxílio.

– Não queria causar-lhe problemas – declarou ela num tom calmo. – Tinha simplesmente de encontrá-lo.

– Com todos os vilões que residem sob o mesmo teto! – disse, reprimindo um estremecimento de nojo. – O que era assim tão estupidamente importante?

Sarah baixou os olhos, mostrando-se subitamente tímida e embaraçada.

– Não queria que mantivesse o seu compromisso.

– Que compromisso?

– O programado para as duas horas no quarto secreto onde você… onde você… se deita com outras mulheres enquanto é observado. – Evitando-o, dirigiu-se ao canto, desapertou a capa e pendurou-a num cabide. De costas para ele, baixou os ombros. – Não conseguiria suportar vê-lo encontrar-se com outra amante esta noite. Parece terrivelmente errado. Quando se comporta assim, receio por si, a sério que receio. Tinha de detê-lo.

Michael não conseguia mover-se, nem pronunciar palavra. Ela conhecia a existência do Quarto de Vigia? Tentou freneticamente lembrar-se dos seus recentes delitos. Nos dias anteriores, havia cabriolado pelo menos uma dúzia de vezes. Ela assistira a cada encontro?

– Como é que… – gaguejou.

– Há um postigo. No meu quarto de vestir.

Estonteado e caminhando como um autómato que um dia vira num museu, dirigiu-se ao quarto mais pequeno, tentando orientar-se. Em seguida, avistou o banquinho e o buraco escuro atravessado pelo raio de luz.

Contrariamente a Sarah que era mais baixa, ele não precisava do banco e afastou-o com o pé, encostando o olho à abertura. O quarto estava vazio, mas ainda ardia um candeeiro de petróleo, com o pavio baixo.

Mal se atrevendo a respirar, observou, registando o ambiente sórdido, lembrando-se do que fizera com as mulheres que tinham ousado divertir-se.

A vista era de mau gosto, vulgar. O que teria Sarah pensado? Sentiu-se sujo, impuro, indigno de estar na sua companhia, mas, mesmo assim, dirigiu- se atordoado ao seu quarto de dormir. Ela estava sentada na beira da cama, aguardando-o pacientemente, e, embora ele tivesse decidido manter-se à distância, recusando aproximar-se e sujá-la ainda mais, não conseguiu fazê- lo. Ficou aos pés da cama, servindo-se de um dos postes da cama de dossel para se apoiar.

O que poderia dizer para justificar os seus atos? Por que razão era precisa uma interpretação? Ela era uma estranha, uma incómoda que apenas lhe causara problemas desde que se haviam conhecido, por conseguinte de onde vinha aquele desejo avassalador de mitigar e explicar?

Engoliu em seco e voltou a fazê-lo.

– Quantas vezes?

– Três.

– Oh, meu Deus… – Encostou-se ao poste e baixou os olhos. Corando, sentiu a onda de calor que lhe subia das pontas dos pés à cabeça. As faces estavam avermelhadas devido a uma invulgar tristeza e algo mais. Vergonha, talvez. Ou culpa. – Lamento que tenha visto.

– Lamento que estivesse lá!

– Não compreende.

– Não, não compreendo e nunca me levará a compreender.

– Nem sequer tentaria.

Ouviu-a levantar-se e desejou poder simplesmente evaporar-se. Em seguida, ela confrontou-o diretamente com as saias enroladas à volta das pernas, inclinando o corpo sobre o dele.

– Não vá de novo. Prometa-me.

– Sarah…

– É um desejo viril? É esse o motivo?

– Não… não…

– Então, é o quê?

– Não poderia começar a explicar – disse, fixando a parede, o teto, qualquer lugar à exceção daqueles olhos verdes e perspicazes.

– Você anda à procura e não tenho a certeza do que se trata, mas não o descobrirá naquele quarto.

– Não ando à procura de nada – retorquiu, ansiando somente um pouco de paz.

– Venha ter comigo em vez disso.

Deixe que seja eu a amá-lo.

Aquela súplica serena obrigou-o a fixá-la e a intensidade do olhar de Sarah era penetrante.

– Já a avisei de que não pode existir uma relação entre nós. Temos uma forte atração física e…

– Mais do que apenas física.

– Talvez – anuiu ele finalmente, dado que os indícios da sua ardente ligação eram por de mais visíveis para os negar.

– Contudo, não podemos ousar agir por impulso. Seríamos irresponsáveis ao pisar esse rumo apaixonado.

Sarah pousou a mão no seu peito e ele não conseguiu encontrar a força necessária para afastá-la. Estava tentado a estreitá-la mais uma vez, mas o cheiro de Pamela pairava sobre ele, a prova da sua imoralidade como uma nuvem amaldiçoada.

– Não quer ser íntimo comigo. Porquê? Acha que não é suficientemente respeitável ou digno?

– Sim, é exatamente o que penso.

Descobrindo o que julgava ser um porto seguro, agarrou-a pela cintura e ela reagiu calorosamente, abraçando-lhe as costas e estendendo-se para que os corpos se fundissem. Michael adorou a proximidade, mesmo ordenando a si próprio que ignorasse a sua maravilhosa presença.

– É tão bonita, tão rara e o que sou eu? Um homem sem honra nem escrúpulos. Já observou a minha verdadeira natureza.

– Não é assim e jamais o acreditarei.

Em seguida, ela fez o pior que ele poderia imaginar. Beijou-o carinhosamente a meio do peito, no sítio onde o coração lhe doía de forma tão intolerável e ele logo se afastou, incapaz de suportar aquele afeto. Ela brindou-o com um olhar de acusação.

– Conservo o perfume de uma mulher – disse ele sem rodeios,

constrangido por mostrar a extensão dos seus erros. – Fui para a cama com outra; acabei de me deitar com ela.

– Não me importo.

– Eu, sim.

– Então, vá lavar-se e volte para mim. Como gostaria de cumprir aquela ordem, de poder tê-la de todas as maneiras que um homem cobiça numa mulher! Ansiava no mais fundo de si por redimir-se nos seus braços, mas como poderia sujá-la com as suas atenções quando a achava tão extraordinária?

– Não posso.

– Não pode ou não o fará?

– Não o farei.

A rejeição de Michael assemelhava-se ao golpe de uma faca afiada.

– Brinca com as outras num abrir e fechar de olhos. Porque não comigo?

– Com elas é diferente.

– Diferente como? – faiscou.

– Elas não interessam. Nem um pouco. Sarah soltou uma gargalhada cética.

– Está a dizer que sou importante como elas não o são?

– Exato.

Aquela confissão chocou-os aos dois. Michael sentiu-se fascinado e surpreendido por haver revelado tanto. Ela mostrava-se duvidosa, desconfiada dos seus motivos e soltou-se dos seus braços. Imediatamente desamparado, sentiu-se compelido a ir atrás, a prendê-la nos seus braços onde ela parecia indubitavelmente pertencer, mas refreou- se.

Sarah dirigiu-se à janela e observou o céu noturno e ele lutou contra o impulso de falar, de se juntar a ela. Sentiu o estranho desejo de lhe pedir perdão pelo homem que era, por não ser mais apropriado ou mais digno, mas não podia confessar o que lhe ia no coração. Silenciado por impossibilidades e pelo remorso, sentiu-se paralisado, incapaz de corrigir erros, inadequado para mudar acontecimentos. Apenas podia assistir enquanto ela lutava com o atoleiro onde a sua conduta irresponsável os conduzira.

– Tenho vinte e cinco anos – disse ela finalmente. – Nunca tive namorado, nunca fui beijada nem caminhei ao luar junto de um belo amante. A minha família vive uma situação muito difícil e por isso tenho um futuro incerto. Ignoro o que os próximos meses vão trazer-me.

Ante a velada referência ao irmão, Michael mexeu-se incomodado, mas não fez comentários. Não ganharia nada se mencionasse o seu irmão rebelde.

– O que está a insinuar? – redarguiu em vez disso. – Que a sua vida pessoal é

uma confusão e gostava de complicá-la ainda mais, relacionando-se comigo?

– Não – ripostou, virando-se para ele.

– Estou a dizer que ficarei aqui durante mais duas semanas e depois regressarei a casa onde me esperam alternativas terríveis e opções extremas… – Dominou corajosamente uma onda de emoção que lhe colocou um brilho nos olhos proveniente, ao que ele suspeitava, de lágrimas contidas… – e sinto-me tão desesperadamente infeliz.

– Oh, Sarah… – Ele não conseguia suportar ouvir a sua trágica confissão ou testemunhar a sua angústia, mas pouco podia contribuir com algo que servisse de remédio.

– Mas está aqui, e eu estou aqui e algo de extraordinário poderia acontecer nas próximas duas semanas. Sinto-o nos ossos.

Sarah tinha razão, mas ele mentiu.

– Nada de bom poderia advir de uma relação entre nós.

– Está a enganar-se a si próprio, Michael – asseverou ela sem hesitar. – Esta afinidade … – acrescentou com um gesto, indicando o que não poderia ser expresso por palavras – … também a sente.

– Mas eu sou um homem adulto – retorquiu ele – e só porque a desejo, isso não significa que tenha de atuar.

– É mais do que luxúria e sabe-o muito bem. – Afastou-se da janela e avançou devagar na sua direção. – Durante a minha maldita vida fiz precisamente tudo o que exigiram de mim, e, por uma vez, gostava de aproveitar um pouco de alegria. Gostava mesmo.

– Não encontrará alegria ao meu lado. Sarah examinou-o atentamente.

– Está com medo de descobrir como poderia ser.

– De modo nenhum.

– Então, o que é? – indagou cada vez mais furiosa e na defensiva.

– Sentimo-nos atraídos um pelo outro e, portanto, sei como seria. Existem formas físicas em que usaria o seu corpo. O que eu recolheria são dádivas que deve reservar para o seu marido – acrescentou num tom de censura e obstinado.

– Mas não tenciono casar-me – declarou Sarah num tom decidido. – Onde é que isso me deixa? Nunca aprenderei esses segredos que ocorrem entre um homem e uma mulher? Confesso que sou egoísta e desejo algumas das suas misteriosas carícias físicas para mim. Devo negar-me essa satisfação?

Michael sentia uma enorme agonia. Que homem alguma vez fora colocado diante de um festim tão tentador? Ela era uma virgem madura, pronta para ser sexualmente iniciada. Se ele acedesse, podia excitá-la e estimulá-la, ensiná-la e

desvendar-lhe os métodos sexuais de que gostava. Como aluna dedicada e zelosa, exerceria as suas visíveis capacidades com uma precisão letal para seu exclusivo benefício e deleite.

O seu espírito cansado chorou de antecipação frente à ajuda que receberia. O membro entesou-se só de imaginar como seria. Ainda assim, valorizava-a e apreciava-a demasiado.

– Permanece a situação de você ser virgem – recordou-lhe e a si próprio.

– As suas amantes… – disse corando e tornando visível a sua casta condição, enquanto se atrevia corajosamente a discutir inadequados processos carnais

– … fazem-lhe coisas com as mãos e os gemidos. Podia ensinar-me. Inspecionando os dedos esguios e hábeis, e erguendo os olhos para os lascivos e úmidos lábios, conseguiu imaginá-la ajoelhada na sua frente, acariciando e recebendo, enquanto a língua lhe proporcionava um incrível gozo.

– Já lhe toquei de uma forma proibida – vincou – e não gostou.

– Está enganado. Adorei; fui simplesmente apanhada de surpresa.

Haviam avançado gradualmente pelo chão, até ficarem de novo frente a frente. O vestido dela enrolava-se nas pernas e tinha as botas ocultas sob a bainha. Aquela conversa franca aumentara-lhe a pulsação, respirava com dificuldade, os seios doíam-lhe contra o espartilho e os mamilos ressaltavam no corpete.

Michael recordava-se nitidamente de cada pormenor daqueles dois seios, da forma, do tamanho, da cor dos bicos. Como se apresentavam rijos e sabiam bem! Com um movimento do pulso, poderia tê-los desnudado para chupar, brincar e titilar. Poderia iniciá-la na gratificação sensual e assim procurar a dele, mas não conseguiu pura e simplesmente comportar-se tão mal.

Não podia cometer uma ofensa tão desprezível. Na qualidade de mulher inexperiente, ela estava longe de saber todas as implicações da sua proposta. Se se dispunha a oferecer a sua virtude a um feliz indivíduo, não deveria ser ele o escolhido. Quase todos os outros cavalheiros que conhecia seriam mais dignos.

– Sente-se curiosa. Observou muita coisa que despertou o seu corpo e intrigou o seu espírito – disse entrelaçando os dedos nos dela e sentiu- se como se a protegesse e mantivesse em segurança. – Contudo, este não é o lugar indicado e eu não sou o homem com quem deve satisfazer esses caprichos.

– Não é um capricho – contrapôs Sarah, entrelaçando ainda mais os dedos nos dele e aproximando-os mais. – Não consegue sentir? – acrescentou com os olhos brilhantes e um sorriso de admiração. – Não consegue perceber o que acontece quando está por perto?

A sensação era genuína e profunda e talvez fosse esse mesmo o motivo por que

recusou ceder. Caso acedesse ao seu louco esquema e a seduzisse, qual seria o final?

Por um breve intervalo, os seus destinos ligar-se-iam de uma forma ilícita e ela não poderia entender até que ponto se envolveriam. Tão-pouco compreenderia que o seu nível de envolvimento seria muito diferente do dela.

Numa idade precoce, desde que o seu pai abandonara a família, ele aprendera como era perigoso amar. Por conseguinte, nunca o fez, nunca estabeleceu laços sentimentais com as amantes e apenas procurou a companhia de uma mulher para satisfação sexual e nada mais.

Michael não tinha a certeza de alguma vez poder dedicar-se ardentemente a uma mulher. A própria ideia parecia tão estúpida que não se imaginava numa aventura tão negligente.

Em resumo, partilharia a sua vida e a sua cama e fariam um sexo fabuloso, mas era tudo e, quando ela verificasse que se rendera, lamentaria amargamente e odiaria e ele não conseguia suportar a ideia de criar tamanha destruição ou de causar tamanho sofrimento.

Não queria discutir a sua ligação ou mútua dependência. As suas fantasias femininas, as suas românticas esperanças, somente aumentavam o desejo de muitas coisas que nunca aconteceriam.

Ainda assim, sentia-se tão terrivelmente sozinho. O que significava, caso se apoderasse um pouco mais da inocência dela? O beijo que haviam saboreado na cabana do jardineiro aturdira-o durante horas a fio. A lascívia do momento, a intensidade dos sentimentos que tinha gerado, acordara-lhe o desejo de repetir a loucura para lá da racionalidade.

– É tão encantadora – elogiou ele. – Demasiado bonita para alguém como eu.

Aquela declaração surpreendeu-a e ele aproveitou a sua consternação, agarrando-a e colando os lábios aos dela, antes que mudasse de opinião, ou ela o fizesse.

Beliscou e deleitou-se, brincou e achou o sabor infernalmente soberbo, uma mistura de hortelã e especiarias. Precisando de mais, insinuou a língua entre os seus lábios rubi. Suplicando, persuadindo. Como se já o tivesse beijado mil vezes, ela recebeu-o.

Não se verificou hesitação ou inibição; ela aderiu ao intenso beijo com uma alegria e um entusiasmo que ele jamais encontrara nas dezenas de amantes desgastadas que enchiam o seu passado. Atraiu-a, ensinando-lhe o ritmo e ela juntou-se-lhe numa dança ardente.

Michael agarrou-lhe o lascivo traseiro e ergueu-a do chão, até os pés balançarem e o seu torso perfeito se estender a todo o comprimento do dele. Os seios esmagaram-se contra o seu peito e os mamilos ressaltavam como pedaços de vidro.

Ventres, coxas e as barrigas das pernas fundiram-se num só.

Embora ele tivesse derramado o sémen há menos de uma hora, tinha o falo rijo e entesado, implorando liberdade do cativeiro. Sentia-se como um robusto jovem de catorze anos pronto a vir-se com um estalar dos dedos.

Sem querer privar-se de um modesto exemplo de excesso, virou-a e encostou- a ao poste da cama. As coxas femininas estavam apartadas e, embora muitas camadas de tecido os separassem, o sexo dele pressionou a sua gruta e o calor escaldante incitou-o a que continuasse. Num ritmo igual ao da língua, inclinou-se contra ela, lenta e meticulosamente, deixando-a saborear o seu tesão, permitindo-lhe que apreciasse o seu convite corrupto.

Com uma obsessão confusa e surpreendente, ansiava por rasgar-lhe o vestido, deleitar-se com os seios, arrancar-lhe as saias e empalar-se entre as suas coxas virginais. Ela estaria apertada, escaldante, com o sangue de donzela incitando-o a irromper.

Michael nunca finalizava o orgasmo na gruta de uma mulher, porque a noção de conceber um bebé era absurda, mas, com uma premência explosiva, Sarah incitou-o a derramar o jorro no seu ventre e ele estava de tal maneira excitado que ponderou vir-se nas calças como um adolescente inexperiente.

Afastou-se e dominou o desejo o máximo que conseguiu, embora não fosse capaz de se soltar por completo. Ainda não. Os pés dela tocaram no tapete e ele acariciou-lhe as costas, enquanto a brindava com beijos leves na face e na testa.

– Por que razão estava a fazer aquilo?

– perguntou ela sem fôlego e excitada. – Pressionou-se contra mim. – Porquê?

– É o ritmo do acasalamento. Desejo- a… como um homem deseja uma mulher.

– Mergulhou sob o queixo dela e lambeu o sítio onde a pulsação latejava no pescoço, sentindo a pele quente e salgada. – Tenho o corpo em chamas, exigindo que faça amor consigo.

– Então, possua-me – sussurrou Sarah contra a sua boca. – Acaricie-me como o fez quando esteve aqui na primeira noite. Mostre-me como pode ser.

Colocado na beira de um drástico precipício, Michael sentiu-se incentivado a saltar para um vazio de onde não regressaria. Desejava-a para além da razão e do senso comum, mas, à semelhança de muita coisa na sua vida, não podia simplesmente tê-la.

Confuso, relutante e cambaleando, recuou e afastou-se da tentação, deixando que o ar frio da divisão rodasse entre os seus corpos acalorados. Sentiu-se

imediatamente carente e desamparado e lamentou a perda da sua tentadora presença.

– Não pare – suplicou ela com um olhar confiante. – Quero que seja você.

– Não posso, Sarah.

– Sinto que esperei por si toda a minha vida.

– Pede demasiado – insistiu ele. – Mais do que sou. Mais do que jamais poderia ser.

– Não. Peço muito pouco – disse ela, massajando-lhe o peito com a mão num círculo lento, consolando-o, reconhecendo como ele ansiava pelo seu conforto. – Peço apenas estes dias. Este pequeno espaço de tempo.

– As apostas são demasiado elevadas. Se formos descobertos…

– Ninguém saberá, juro – retorquiu, perscrutando-o. – Nunca procurarei outro favor da sua parte. Jamais o contactarei depois de sair daqui. Por favor…

Oh, se ele pudesse ceder e apaziguar os dois mediante uma fugaz ligação erótica. A sua solicitação era emocionante e aquele êxtase digno de reconhecimento, mas ele simples e incondicionalmente não podia ceder à proposta.

– Não – disse num tom resoluto, enquanto furtava vergonhosamente um último beijo, mas, já que roubara tanto, o que mais aquele poderia significar? – Boa noite.

– Michael…

Ele afastou-se sem olhar por cima do ombro para não ver o seu belo rosto e ser dissuadido.

Dirigiu-se ao seu quarto, fechando e trancando a porta. Um criado deixara água, embora tivesse arrefecido. Despindo-se rapidamente, lavou-se, acalmando a pele escaldante com o pano frio. Em seguida, meteu-se na cama, nu e sozinho, determinado a não pensar, a não recordar nem se preocupar.

10

Sarah sentou-se a uma mesa no terraço, admirando os terrenos da propriedade. O pórtico dava a volta à casa até às traseiras, e vários convidados rodeavam-na, saboreando bebidas e conversando amigavelmente. O dia amanhecera soalheiro e quente. O céu apresentava-se azul, os relvados de um verde espetacular e alguns cavalos pastavam ao longe.

Uma carruagem serpenteou através da paisagem idílica, dirigindo-se ao caminho que levava à mansão. Um quarteto de mulheres vestidas de cores alegres tagarelava enquanto se aproximava, quase a findar a viagem que as trazia de Londres. Inúmeros convidados passeavam de braço dado ao longo das veredas meticulosamente cuidadas dos jardins, tranquilos e satisfeitos por saborear a tarde ociosa.

Sarah observava todos com o distanciamento da fadiga. A reunião parecia semelhante a qualquer outra festa campestre, frequentada por nobres entediados, mas o tempo, o afastamento e os acontecimentos tinham-na tornado mais sagaz.

Meia dúzia de casais competia num jogo lascivo de bola lançada através da relva e ela não era suficientemente idiota para permitir que a solidão ou a insatisfação a levassem a juntar-se-lhes. Fingiu estar encantada, mas a verdade era que nada lhe interessava quem se divertia lascivamente à vista de todos.

Ao lado dela, Rebecca tagarelava alegremente sobre as diversões variadas em que tinha participado. Duas mulheres aproximaram-se e falaram-lhe de Londres e de uma peça de teatro a que tinham assistido. Rebecca estava no seu elemento, confraternizando de uma forma em que Sarah nunca fora exímia.

Nos últimos três anos, Rebecca viajara com Hugh à cidade durante a época alta, servindo-lhe de companhia e, por conseguinte, conhecia muitos dos visitantes de Lady Carrington, o que não era o caso de Sarah. Embora esta tivesse planeado mostrar-se mais afável, firmar novas relações, não conseguia concentrar-se nos meandros sociais da situação.

O único tópico que lhe ocupava o pensamento residia em qual das mulheres poderia ter estado com Michael no quarto secreto. O par na sua frente ria e brincava, enquanto Sarah observava metodicamente em busca de pistas capazes de revelar se as vira despidas.

Inspecionou em silêncio, falando delicadamente quando era necessário, mas avaliando sobretudo a maneira como inclinavam as cabeças ou endireitavam os ombros. Por fim, concluiu que nenhuma delas se ligara a Michael e desinteressou-se do resto da conversa.

Enquanto perscrutava o local, sentia a mente num turbilhão e os pensamentos desordenados com imagens de Michael. Ele era tão elegante, tão bonito, tão diferente de todas as pessoas que conhecera e, contrariamente à sua vontade e bom senso, estava atraída por ele, pela sua vida de corrupção e de excessos, pela sua vigorosa presença e dinamismo aliciante.

Cativada e preocupada com ele, também se sentia atraída fisicamente como nunca julgara possível. Ambos haviam partilhado tanta coisa imprópria – beijos, carícias, palavras – e, contudo, não a invadia qualquer sentimento de culpa em relação a esses deslizes.

Desejava simplesmente um pouco de privacidade!

O que ela não daria para ter o maldito homem apenas para si. Para estar bem longe de escrutínios curiosos e bisbilhotices! Oh, para que pudessem ser arrastados para uma ilha deserta, quais amantes das novelas românticas que raramente lia!

Se estivessem sós sem ninguém que testemunhasse a sua má conduta, ele pensaria de maneira diferente? Agiria de outra forma?

O mero facto de se encontrar na sua companhia despertava todos os tipos de magia e apenas conseguia concentrar-se no beijo que ele lhe dera no seu quarto na noite anterior. Ao erguê-la do chão, apertando-a contra o seu corpo, ateara um ardente fogo de desejo que não diminuíra e parecia subir numa espiral cada vez mais quente e brilhante.

Existia indubitavelmente uma faceta terrena e lasciva na sua personalidade que nunca reconhecera antes, pois desejava coisas dele que ainda nem começara a descrever, embora o facto de se haver deixado seduzir por um patife com um verdadeiro harém de mulheres aos seus pés permanecesse um mistério.

Depois do que testemunhara das suas encenações, deveria ter mais juízo e afastar-se dele, mas não conseguia desistir. À semelhança da mariposa pela chama, sentia-se atraída por ele com um tumultuoso e violento ardor que não conseguia explicar nem justificar. Quando fechava os olhos, não via nenhuma das suas amantes, mas a ela própria, aconchegada nos braços masculinos. Transformava-se na amante que ele titilava, seduzia e despertava. Era a única com sorte bastante para desfrutar da sua fenomenal atenção.

Com uma ânsia quase opressiva, lembrou-se da mulher de turbante que conseguira derrubar todos os muros e usufruir do seu afeto. Sarah almejava por colher um pouco dessa terna delicadeza, mas não fazia a mínima ideia de como levá-lo a essa concordância.

Poderiam ser tão felizes juntos! Sarah estava convencida disso e não podia

imaginar um regresso a casa sem provar algumas das suas enigmáticas delícias. Presa de um desejo quase indescritível, necessitava de preencher um vazio cuja existência não reconhecera antes de os seus caminhos se cruzarem.

Ela mostrara-se recetiva e excitada por se lhe entregar como ele quisesse e, contudo, na noite anterior, sem olhar para trás, ele tinha-a deixado só e abandonada no meio do quarto. O som de quando ele rodara a chave na fechadura apenas vincara a força da sua determinação de que não se relacionariam. A recusa de consentir no seu plano irritara-a tanto que quase correra a bater na porta do quarto dele para exigir o direito de entrar.

Apenas ficara presa ao chão ao tomar consciência de como seria irracional humilhar-se dessa maneira. Entorpecida de desgosto, preparara-se para dormir, despindo-se até ficar só de combinação e meias e enfiara-se por baixo dos cobertores frios e impessoais. Tentara pegar no sono, mas, em vez disso, dera voltas e mais voltas enquanto o imaginava deitado na sua própria cama a uns escassos metros de distância.

Ocupara-se com estranhas reflexões sobre o que se encontrava debaixo dos lençóis dele: como parecia, o que tinha vestido, como eram as formas do corpo. Aqueles pensamentos invulgares e bizarros fizeram com que o seu próprio corpo latejasse e ardesse.

A voz de Rebecca intrometeu-se nos seus devaneios, levando-a a verificar que as duas mulheres se tinham ido embora. Ela e Rebecca estavam mais uma vez sozinhas, mas Sarah abstraíra- se a tal ponto com as suas reflexões carnais sobre Michael Stevens que nem sequer notara.

– Francamente, Sarah – censurou Rebecca. – Podes ser tão indelicada.

– Sinto muito. Estava muito longe daqui – retorquiu Sarah, desviando os olhos do horizonte e pousando-os na prima. – Dizias que…

– És impossível! – Visivelmente irritada, Rebecca inclinou-se para mais perto e puxou a aba do chapéu, a fim de proteger o rosto do sol. – Há muitos homens do grupo que gostariam de conhecer-te, sobretudo alguns cavalheiros, e, no entanto, colocas-te à parte. Como sempre. Julguei que estavas aqui para umas férias.

– E estou a passar umas férias muito agradáveis.

– Serias capaz de me enganar – comentou Rebecca desdenhosa e empinando o narizinho delicado.

A sua bonita prima desfrutava facilmente da agitação do dia e das diversões noturnas. Com a sua beleza, formas voluptuosas e comportamento polido, era uma típica dama inglesa. Caso as circunstâncias do nascimento de ambas se tivessem invertido, ela poderia ser, sem dúvida, a filha de um conde.

Invulgarmente adequada à posição, adorava os enfeites, os saraus e as festas e brilhava durante os meses na cidade ao lado de Hugh, regressando sempre com histórias emocionantes sobre as galas em que participara e as pessoas com quem travara amizade.

– O que fiz assim de tão terrível? – Embora tivesse feito a pergunta delicadamente, Sarah não estava muito curiosa quanto à opinião de Rebecca, pois não conseguia esquecer a afirmação de Michael quanto à falsidade da prima. Visto que ele acertara em tantas questões, sentia-se inclinada a analisar a parente com desconfiança.

– Nunca participas em nenhuma das diversões que Lady Carrington preparou – disse Rebecca, contando os pecados de Sarah um a um pelos dedos. – Levantas-te cedo e tomas o pequeno- almoço antes de todos os outros. Passas as tardes no jardim, imersa nos teus pensamentos. Vestes-te para o jantar, desces no último minuto quando a refeição é anunciada, depois comes em silêncio, raramente trocando uma palavra com os teus companheiros. Em seguida, recolhes aos teus aposentos e ninguém te vê novamente até de manhã.

– Umas férias perfeitas.

– Toda a gente cochicha a teu respeito.

– E o que dizem?

– Que és uma antiquada.

– Sempre o fui. Isso não é nenhuma novidade.

– Mas como tencionas fazer amigos?

– Talvez não os faça – resmungou entre dentes, olhando em volta com um ar cansado. – Pelo menos, entre esta multidão.

– E quanto aos cavalheiros presentes? Como é que algum deles…

Seguiu-se uma hesitação, enquanto Sarah a brindava com um olhar perspicaz que resultava tão bem em Rebecca como sempre resultara em Hugh.

– Algum deles o quê? – redarguiu Sarah num tom brusco.

– Bom, minha parva… travará conhecimento contigo, claro. Hugh confidenciou que esperavas algumas apresentações e…

Sarah interrompeu-a.

– Se fosse a ti, não dava muito crédito às palavras de Hugh.

– O que queres dizer?

– Quero dizer que estou aqui para relaxar. Nem mais, nem menos.

Durante um brevíssimo instante, teve a certeza de que Rebecca a olhava com uma expressão desdenhosa, mas a sensação desapareceu tão rapidamente como surgira. Ela mostrava a costumada personalidade afável.

Sarah não tencionava preocupar-se imediatamente com o que a impressão estranha poderia pressagiar e protelou-a para mais tarde. De momento, estava demasiado absorvida com Michael Stevens e a sua busca carnal. Dada a sua concentração, Rebecca assemelhava-se a uma mosca incómoda, zunindo na borda do seu consciente, e apeteceu-lhe enxotá-la.

– Falando de Hugh – disse Rebecca, sorrindo e acenando com a cabeça para um cavalheiro que se encontrava na relva do jardim –, recebi um bilhete. Ele sente-se aborrecido na cidade e está a pensar vir fazer uma visita.

– Que bom! – murmurou Sarah, embora estivesse realmente a pensar que a chegada dele seria horrível.

Não tinha qualquer desejo de correr para Hugh, ou tê-lo por perto, tentando manipulá-la. Quando se mudasse para Scarborough, haveria muitas oportunidades de se preocupar com ele e com o seu recente fiasco. A incómoda presença do irmão destruiria o seu abençoado descanso.

Afastou a cadeira para trás e levantou- se.

– Acho que vou dar um passeio.

– Aí está! Acabaste de dar-me razão!

– queixou-se Rebecca. – Um cavalheiro tem-me feito perguntas a teu respeito e tem um amigo cuja companhia me agrada. Podíamos participar os quatro no próximo jogo da bola.

– Não me parece.

Enquanto se afastava, ocultou discretamente o desagrado ante a repugnante sugestão.

Confusa e nervosa, abandonou o terraço e desceu para o jardim, vagueando ao acaso até encontrar o banco onde ela e Michael haviam permanecido. Deixou-se envolver pela tranquilidade, examinando, observando a casa, olhando de relance para a cabana do jardineiro, para onde ele a atraíra e beijara tão maravilhosamente.

Onde estava ele? O que fazia? Com quem se encontrava?

Nas suas costas passaram duas mulheres que coscuvilhavam. A separá-las havia uma densa sebe aparada e Sarah conseguia ouvi-las, mas sem distinguir de quem se tratava.

– Sim – sussurrou uma delas. – Eram Brigham e Stevens.

Presa de uma súbita agitação, de ouvido à escuta, Sarah endireitou-se no banco. Brigham era o canalha que a abordara.

– Não há dúvidas a esse respeito? – instigou a outra.

– George insiste em que é verdade – respondeu a primeira. – Brigham estava de partida para Londres, mas Stevens caçou-o atrás dos estábulos. Fê-lo num

bolo! Partiu-lhe o nariz, algumas costelas, talvez um – braço… – Gostava de ter assistido à cena – retorquiu a mulher com uma gargalhada.

– Há quanto tempo foi isso?

– Uma ou duas horas.

– Fazes qualquer ideia do motivo?

– Bom, o George diz que foi por causa de um insulto a uma mulher, mas com Stevens e o seu orgulho, quem sabe? Poder ter sido qualquer mínima ofensa.

– Não consigo imaginar uma mulher capaz de incitá-lo a defender a sua honra.

– Aqui não, de certeza.

As vozes perdiam-se à distância, enquanto elas se afastavam.

– E o que se passa, agora?

A pergunta pairou sobre os arbustos.

– Brigham dirigiu-se à cidade com um pano ensanguentado encostado à face e Stevens está…

Sarah não conseguiu ouvir o resto da frase. As mulheres haviam-se afastado demasiado pelo caminho. Manteve-se sentada, imóvel, tentando deglutir o que acabara de saber.

Michael tinha lutado? Com aquele libertino, Brigham? Teria enlouquecido? A brigar no celeiro como um rufia! Não conseguia decidir se estava assustada ou furiosa. Em seguida, qual raciocínio lento, a verdade abateu-se sobre ela: fora a catalisadora!

Onde estava ele? Daquela vez, a pergunta soava a desespero. Estaria magoado? Precisaria de assistência?

Tinha de falar com ele para verificar o seu estado com os próprios olhos. Levantou-se rapidamente, ansiosa por correr até à mansão, mas foi invadida pelos anos de uma educação esmerada e abrandou o passo para que ninguém assistisse àquela corrida. Estava demasiado absorta no seu destino para que alguém a identificasse, a interrompesse com uma conversa ou notasse a sua pressa.

Aproveitando a sua nulidade no meio daquela exuberante e faladora multidão, atravessou rapidamente o jardim, subiu os degraus do terraço e entrou na casa sem que uma única pessoa lhe dirigisse um aceno de cabeça. No interior, dirigiu-se casualmente à escadaria que levava aos andares superiores. Por sorte, não encontrou ninguém e subiu com um passo majestoso mas determinado.

Onde mais poderia estar senão nos seus aposentos privados? Ia verificar e, se não o encontrasse, ignorava qual o curso a seguir. Não faria planos com antecedência. Ele tinha de estar na mansão.

Parecendo aborrecida mas firme, esgueirou-se para os seus aposentos e trancou a porta. Tirando o chapéu e as luvas, dirigiu-se ao quarto de vestir e bateu na porta da suíte adjacente. Se alguém respondesse – outra pessoa que não Michael Stevens – não pensara na desculpa a apresentar. Limitou-se a insistir, mas ninguém respondeu, não ouviu ruído de passos na sua direção e estendeu a mão para a maçaneta e rodou-a.

Nas duas vezes anteriores, em que fora impetuosa e experimentara a maçaneta, a porta apresentara-se trancada. Contudo, à terceira tentativa, e para sua imensa surpresa, a porta abriu-se. Quase sem acreditar, viu-a rodar nos gonzos. Numa questão de segundos estava no quarto dele e não teve de procurar muito longe para o encontrar.

Como se tivesse estado à espera dela, Michael espreitava do outro lado do quarto, de testa franzida na direção da porta, quase preparado para a sua presença, fixando simplesmente a madeira. Não pareceu nada surpreendido por tê-la invocado.

Haviam-lhe preparado um banho e estava mergulhado – nu, assumiu – numa banheira enorme a transbordar de água fumegante. Mantinha-se recostado, com os joelhos erguidos e apartados.

Embora estivesse um dia agradável lá fora, um pequeno fogo ardia na lareira, envolvendo a sua pele molhada em tons de bronze. Junto da banheira estava uma mesa com acessórios de banho. Um roupão verde-escuro fora atirado casualmente para o chão.

Na mão direita segurava um cálice de um licor amarelado de onde bebia em pequenos goles, sem tirar os olhos dela. Tinha a mão enfaixada com uma ligadura. Um segundo pano fora dobrado e mantinha-o premido contra um corte ensanguentado na testa.

Atravessou nervosamente a ombreira e invadiu-a a estranha sensação de que viajava de uma dimensão para outra, deixando para trás a sua antiga vida, o seu antigo temperamento, à medida que caminhava para abraçar o mundo dele e o que quer que pudesse encontrar no mesmo.

– Posso entrar?

– Sim – respondeu ele, balançando o copo na mão.

Forçando-se a ser a pessoa assertiva que era normalmente, transpôs a distância que os separava, recusando intimidar-se com a sua nudez, a sua virilidade, ou o ambiente isolado. Pela primeira vez, tinha-o exatamente onde o desejava: só para ela.

Quando se aproximou, ele fitou-a atentamente. Tinha um olhar estranho,

desafiando-a a que se aproximasse, raivoso por descobrir se ela tinha a ousadia, mas Sarah não fazia tenção de desapontá-lo. Aproximou-se, avançando corajosamente até as coxas tocarem na borda da banheira.

– Acabei de ouvir – explicou com um gesto na direção da compressa por cima do olho dele. – É grave?

Michael não respondeu mas continuou a fixá-la e, quando poderia ter hesitado ou fugido, Sarah obrigou-se a ficar mais perto, inclinando-se e balançando a anca na borda da banheira. Aspirou o perfume do sabonete de madeira de sândalo que ele usara e dos balsâmicos sais que haviam sido deitados na água.

Sem esperar por um convite, cobriu a mão dele com a sua e retirou a compressa da cabeça. O corte não era profundo nem longo, mas escorria sangue e provavelmente doía-lhe terrivelmente. Afagou-o, hesitante.

– Como fez isso?

Michael permaneceu silencioso por tanto tempo que ela achou que não lhe responderia, mas, por fim, admitiu:

– Não costumo ser tão desajeitado, mas estava desconcentrado e um dos cocheiros dele atacou-me de surpresa…

– Fez uma pausa, afastando-se do seu dedo averiguador… – ou poderia não ter parado.

O relato desenhou imagens da discussão, da brutalidade e violência da mesma.

– E Brigham?

– Vai sobreviver.

Aquela afirmação perturbou-a. Ele era tão apaixonado e intenso. Como poderia uma simples mulher lidar com aquela força? E, se tentasse, como poderia sair ilesa?

– Tem dores?

Era uma pergunta estúpida, pois sabia perfeitamente que tinha, mas andava à procura de algo para dizer, o que era estranho. Nunca sentia a língua presa ao lado dele; aquele homem costumava incitá-la a tagarelar sem cessar.

– Algumas – respondeu com um encolher de ombros. – Ficarei bem.

Antes que pudesse desviar-se do caminho escolhido, apoiou-se na banheira, inclinou-se e depositou um terno beijo na testa dele, mesmo por cima do corte. Demorou os lábios na pele de Michael que cerrou as pálpebras ao aceitar a suave carícia.

Quando se endireitou e o seu olhar de safira apreendeu novamente o dela, estavam separados por uns meros centímetros. Ele era incomparável, maravilhosamente viril e espantosamente masculino e cheirava tão bem. O corpo quente e escorregadio atraía-a e Sarah não conseguiu resistir a tocar-lhe,

aconchegando-se ao seu ombro.

– Porquê?

Tinha de compreender. Nunca ninguém a defendera antes, ninguém acorrera em seu auxílio, ou tomara o seu partido. Vivia uma luta de emoções; sentiu-se confusa, furiosa, assustada, mas ao mesmo tempo encantada por ele ter arriscado tanto.

Depois de um longo e denso momento, ele retorquiu alegremente:

– Porque não?

– Mas ele não me magoou, nem…

– Tentou. É o suficiente.

Considerava obviamente o assunto encerrado e os seus motivos e comportamento para além de qualquer debate ou dissecação.

Sarah tirou-lhe a bebida da mão, pousou-a em cima da mesa e depois afrouxou a ligadura que lhe rodeava os nós dos dedos. Estavam magoados e inchados, uma prova indubitável da tareia que aplicara e suspeitou de que lhe doíam inexoravelmente. Havia sangue seco no meio dos seus dedos e Sarah agarrou num pano limpo, mergulhou-o na água do banho e lavou a parte ensanguentada.

Observando mas sem comentar, Michael manteve-se em silêncio e com uma expressão grave. Quando acabou, Sarah beijou-lhe suavemente o punho e depois prendeu-lhe a mão entre as dela, esperando que com aquele simples gesto pudesse acalmar-lhe a dor.

– Precisamos de algo frio para este inchaço.

– Há uma água especial naquele jarro. Michael apontou para uma das cómodas e Sarah levantou-se e dirigiu-se-lhe, deitando um pouco do conteúdo numa bacia. Na verdade, a temperatura estava frígida – pedaços de gelo flutuavam à superfície – e voltou para junto dele, aplicando a compressa gelada. Segurou-a durante uns momentos até ele ficar menos tenso e em seguida arriscou mais um olhar.

– Sente-se melhor? – indagou, mas ele não respondeu diretamente. Em vez disso, contemplou-a de olhos semicerrados.

– Porque está aqui?

Aquela era uma das ocasiões em que supostamente deveria sorrir afetadamente e arrulhar como o faria uma mulher mais experiente, mas balbuciar sem sentido nunca fora o seu estilo. Além disso, apreciava o facto de ele a examinar atentamente e com um propósito mais significativo, e de ter a oportunidade de se valorizar, de elevar a relação de ambos para um outro patamar.

– Sentia-me preocupada consigo e tinha de ver com os meus próprios olhos

se não estava ferido com gravidade. Vim cá acima mal soube o que acontecera – acrescentou com um leve tom de censura. – Ainda bem que não foi difícil encontrá-lo ou deitaria a casa abaixo, a procurá-lo por todo o lado.

– Já fiquei pior.

A casual despreocupação de Michael fê-la interrogar-se sobre se brigar não constituía uma típica diversão aos seus olhos. Que ideia selvagem e maravilhosa!

Nunca conhecera ninguém como ele. Não se enquadrava de forma alguma na figura do aristocrata comedido e convencional. Nenhum deles agiria tão impulsiva e escandalosamente. Logo à nascença, as suas emoções eram sufocadas a ponto de torná-los quase insensíveis. Michael era um indivíduo de extremos e ela já havia provado um pouco da sua forte personalidade e por isso lamentava a pessoa que o enraivecesse o suficiente para provocar conflitos. Michael não parecia do género de ser frequentemente derrotado.

A compressa gelada sobre os nós dos dedos magoados tinha aquecido e Sarah foi mergulhá-la de novo na água, voltando a colocá-la cuidadosamente. Michael continuou a observá-la com um ar estranho, uma calma semelhante à de uma víbora ou outro animal feroz e ela desejou ter compreendido mais a seu respeito para saber lidar com o que quer que o preocupava.

– Não sabia que era um brigão, Mister Stevens – comentou, lutando por parecer despreocupada.

– Há muita coisa que não sabe a meu respeito, Sarah.

– Costuma usar os punhos regularmente?

– Quando a situação o exige.

Michael encolheu novamente os ombros com tanta indiferença que ela teve vontade de lhe bater. Sentia-se tão curiosa a respeito dele. Contudo, os seus encontros tinham sido tão bizarros e escassos que nunca descobrira qualquer informação significativa.

O que o impelira? Por que razão se sentira tão ofendido por sua causa? Que parte da sua personalidade o incitara a agir como seu defensor?

Precisando de mais revelações, sondou:

– Quando foi a última vez?

– Há uns meses. Tive de arrastar o James para fora de uma taberna das docas.

– James é seu irmão?

– Sim.

– E ele não queria sair?

– Não.

Aquela parca informação suscitou mil perguntas, mas Sarah parecia incapaz de

expressá-las. O olhar dele descera até à sua boca, onde se fixou. Estava a tentar intimidá-la, embora ela ignorasse o motivo, mas fosse qual fosse o incentivo, aguardava-o uma surpresa, pois ela não tencionava fugir.

– Não quero falar sobre o meu irmão – disse finalmente. Tal como antes, a declaração indicou que não valia a pena insistir no assunto. – Na verdade – acrescentou –, não me apetece falar sobre nada.

Sentiu um aperto no coração. Enquanto ela pensava que lhe pertencia e ansiava por lhe proporcionar conforto na dor, talvez ele não achasse o mesmo. Aquela declaração levou-a a sugerir:

– Quer que me vá embora?

Michael abanou a cabeça e Sarah reprimiu um suspiro de alívio. Uma mulher a afogar-se a quem atiravam uma corda.

– Estou contente que tenha vindo – admitiu. – Ainda bem que aqui está.

A revelação surpreendeu-a e, aparentemente, a ele também. Esboçou um trejeito, ponderando no que o levara a ir tão longe.

– Também eu – retorquiu ela, estendendo a mão e revolvendo-lhe o cabelo com os dedos, como ansiara fazer. Era espesso, sedoso e húmido.

Michael agarrou-lhe no pulso para poder beijá-la ao de leve, quase castamente. Quando se afastou, havia um brilho suspeito nos seus olhos que não poderiam ser lágrimas. Contudo, Sarah percebeu que a terrível briga em que se metera por sua causa o subjugara, desorientando qualquer bússola que o guiava. Encontrava-se na beira de um precipício de desespero e infelicidade para o qual podia saltar. Ou não.

Sarah enterneceu-se. Por motivos que não conseguia decifrar, aquele homem atraía-a, intrigava-a, amedrontava-a e alegrava-a e era incapaz de suportar a sua dor. Instintos maternais de proteger e acalentar subiram à tona.

– Obrigada – disse, cobrindo-lhe o rosto com a palma da mão e depositando igualmente um beijo casto. – Pelo que fez hoje.

– De nada – respondeu ele num tom solene.

Sereno e tranquilo, ele insistia em observá-la, quando, mais do que tudo, Sarah ansiava por se ver nos seus braços e ser acarinhada de todas as formas possíveis.

Porém, Michael não fez nada, não disse nada.

Havia tanta coisa que ela desejava dizer-lhe. Que estava atordoada e com toda a probabilidade a apaixonar-se ridícula e loucamente, mas não ousou partilhar essas ardentes explosões. Pressentia com uma sinistra certeza que ele não aprovaria uma declaração sentimental.

Mesmo assim, não conseguiu abster-se de dizer:

– Detesto vê-lo a sofrer. O que posso fazer para ajudar?

Michael voltou a centrar-se nos seus lábios, descendo mais abaixo, até aos seios. Acariciou-os meticulosamente com os olhos até os seus mamilos enrijecerem contra o espartilho, obrigando-a a resistir ao impulso de se contorcer.

– Se lhe pedisse que se despisse – disse com um olhar tórrido ao longo do seu ventre – e se deitasse ao meu lado na cama, estaria disposta?

Havia um desafio naquela solicitação. Michael esperava obviamente que ela recusasse ou se fingisse ofendida. Se pensava que iria recuar, errara nos cálculos, mas não seria o primeiro homem que a subestimara, nem seria o último.

– Sim – anuiu calmamente. – Despia- me e em seguida faria de bom grado o que quer que me pedisse.

– É o que quero – retorquiu, enquanto a sua intrigante atitude se acentuava. – É a única coisa que pode fazer para que me sinta melhor.

– Nesse caso, meu valoroso campeão… – reagiu Sarah, inclinando a cabeça, apreciando-o, tirando-lhe as medidas, dando a entender que não tinha medo da sua indecorosa proposta – …é o que terá.

11

Michael ajeitou-se contra a borda da banheira, colocando mais espaço entre os dois, querendo que Sarah tivesse tempo de sobra para rever a sua ardente decisão, mas ela não parecia mostrar o bom senso de ficar ansiosa ou assustada. O olhar com que o fixou perturbara-o totalmente.

Do outro lado do quarto, a sua grande cama acenava, incitando-o a que a transportasse até ao macio colchão, a deitasse e obtivesse algum conforto. Protegido pela água e sabonete, o seu falo entesado suplicava dolorosamente por ser aliviado entre as suas coxas celestiais.

Contudo, embora ela ainda não tivesse essa perceção, quando saísse do banho não haveria retorno. A sua resolução era errada, escandalosa e estúpida, mas tencionava ceder ao desejo. Nesse dia, no dia seguinte e no próximo. Enquanto Pamela se dignasse a prodigalizar a sua hospitalidade – embora, dada a irritação dela pela sua mais recente façanha, a sua estadia pudesse ser interrompida –, planejava debochar e corromper Sarah de todas as devassas formas possíveis.

Começando aos poucos, iniciaria, esclareceria e ensinaria até o maravilhoso e dócil corpo feminino estar em sintonia e ansiando pelos seus lascivos excessos. Daria emoção, prazer e sedução, fornecendo todo o deleite que ela pudesse tolerar e, pelo caminho, colheria alguma satisfação pessoal. Mesmo que isso o matasse, que lhe roubasse cada pedaço da sua determinação e força, mesmo que se viesse mil vezes para se saciar, estava decidido a alcançar finalmente a gratificação.

Acontecimentos recentes haviam desencadeado algo no seu íntimo, algo voraz e feroz que o assustou por ser tão poderoso. Não conseguia deixar de pensar nela. Ela… na escada, abordada por Brigham. Ela… no quarto, admitindo que o tinha espiado enquanto fornicara com outras mulheres. Ela… implorando-lhe que a seduzisse, que a arruinasse.

Passara a noite a andar de um lado para o outro, amaldiçoando, incapaz de descansar, incapaz de dominar a ruminação e a ansiedade que o tomavam. De manhã, assemelhara-se a um animal selvagem, indomável e imprevisível. Empoleirado na janela, à espera que Brigham surgisse, sabia que o cobarde tentaria escapar-se.

A briga fora genial, viciosa, perversa e ele deleitara-se com cada soco aplicado, cada estalido de osso contra osso, cada respingo de sangue derramado no chão. Doíam-lhe todos os músculos e poros – as costelas, a cabeça, as mãos –, mas não estava arrependido. Não se arrependia de nada e sentia-se deliciado por ter tido a

oportunidade de dar vazão à sua fúria tão meticulosamente. Sentia-se como se estivesse de regresso à vida, despertando novamente após um sono prolongado. Porém, no final do corpo a corpo, invadira-o um enorme vazio e, enquanto mergulhava no banho, deduzira gradualmente a forma de suavizar os seus problemas: desejava Sarah Compton sem limites nem restrições.

Quando ela apareceu – como se os seus pensamentos a tivessem invocado – reconheceu nesse mesmo momento que o caminho escolhido era inevitável. Estava pronto para fornicar e corromper, para se purificar e expurgar; para a seduzir e violar de todas as maneiras possíveis e não tencionava penitenciar- se por nenhum dos seus atos.

– Teremos uma relação sexual durante o resto dos dias que aqui estivermos – esclareceu ele.

– Esperei por isso – retorquiu a ousada mulher sem restrições.

– Vou demonstrar-lhe os métodos de amar que praticará em mim até se tornar competente.

– Muito bem.

– Fará tudo o que lhe indicar.

– Dentro de limites.

– Não – interrompeu-a, anulando a explosão de ousadia. – Sou eu que escolherei o caminho e seguir-me-á. Inventarei os jogos em que participará entusiasta e totalmente ou nada feito.

Sarah baixou os olhos, mordendo o interior da bochecha, obviamente ponderando uma recusa. A sua Sarah era dura e orgulhosa e não estava habituada a receber ordens de um homem, mas, por outro lado, visto que provinha de uma família de homens como Hugh Compton, o que poderia esperar?

Metade do prazer seria atingido por derrubar as suas inibições, fazendo-a dobrar-se às suas regras e implorar por mais. Ela acederia às suas exigências.

– Então?

– Se eu não concordar?

– Não vamos recomeçar.

Sarah vivia um enorme dilema. Por uma questão de princípio, pensou em recusar. Não gostava que ele ditasse o seu comportamento, mas ansiava pela oportunidade de experimentar o que lhe oferecia. Procurava uma relação baseada nos seus termos, só que o amor entre os dois jamais poderia evoluir de uma forma tão despropositada. Ele era o tipo de homem que enunciava o tom e o ritmo. Ela decerto compreenderia isso?

– Muito bem – anuiu finalmente.

Michael dominou o impulso de erguer um punho triunfante. Ela seria a sua conquista.

– Vou exigir-lhe uma conduta que nunca sonhou ser possível.

– Percebo.

– Não pode mostrar-se recatada nem tímida. Tem de estar mentalmente preparada para experimentar o que lhe sugerir e não deve mostrar-se apreensiva nem incomodada pela nossa conduta. Tudo é permitido.

– Não tenho medo – disse ela com uma gargalhada. – Nem me sinto tímida.

– O seu objetivo constará em satisfazer-me mediante os atos carnais que lhe ensinar. Em troca, receberá o seu próprio gozo. Os pecados da carne vão surpreendê-la e interrogar-se-á por que razão nunca os cometeu até agora – retorquiu com uma expressão maliciosa.

– Ainda deseja prosseguir?

– Sim.

– Primeiro, tem de fazer-me uma promessa.

– Se for capaz.

– Tem de prometer-me que nunca lamentará. Que nunca albergará remorsos.

Michael não achava que isso fosse viável. Na verdade, estava convencido de que o futuro transbordaria de arrependimentos, mas, se incutisse o conceito logo de início, talvez mitigasse alguns dos seus posteriores lamentos.

– Jure-me – insistiu.

– Juro. Nunca lamentarei o que acontecer entre nós – sorriu. – Jamais poderia fazê-lo.

Michael assentiu com a cabeça, aceitando o seu juramento e ponderando se realmente o manteria. Sarah era uma mulher de palavra, mas algumas transgressões, tais como as que estava prestes a cometer, eram demasiado graves para merecerem perdão.

– Já alguma vez viu um homem nu? – perguntou.

– Quando poderia ter visto?

– Vire-se.

Intrigada com o pedido, Sarah não se mexeu e ele explicou:

– Vou sair do banho. Não me importo que observe, mas não me parece que esteja preparada para a visão.

Sarah arregalou os olhos ao compreender as palavras. Ele conseguira chocá-la e levantou-se rapidamente, como que impelida por uma mola e disposta a fugir.

– Pare! – ordenou ele, impedindo a sua retirada e, ao vê-la obedecer,

reprimiu uma onda de vaidade masculina devido à rapidez com que a ordem foi cumprida. Como aquela sedução seria interessante!

Saiu da banheira, a água chapinhou de encontro à borda e Sarah escutou atentamente cada som. Mantinha o tronco rígido com os punhos cerrados de cada lado e a cabeça inclinada. Michael estendeu a mão para uma toalha e aproximou-se até ficar mesmo atrás dela.

– Estou a secar-me – informou. – Conservarei o roupão momentaneamente.

– Tudo… tudo bem.

Começando pelo cabelo, secou-o e passou ao pescoço, peito, nádegas e pernas. Contudo, à exceção da respiração ofegante dos dois e do crepitar intermitente da lareira, pairava uma imensa calma na divisão e o corpo dela ficou tenso enquanto a toalha esfregava o volume e fendas do corpo masculino.

Inclinando-se, Michael roçou propositadamente a toalha junto à orla da saia e Sarah estremecia sempre que ele o fazia. Eventualmente cansado da sua diversão, Michael vestiu o roupão, enfiando os braços na manga e apertando o cinto.

– Acabei.

A frase levou Sarah a esforçar-se para se colocar de frente, mas ele impediu o movimento, envolvendo-a e prendendo-a por trás. O escasso roupão era a única peça de roupa que o tapava e assim, ao pressionar-se contra ela, foi como se estivesse nu.

Michael ficou com um tesão obsceno.

Aplicando os dedos no ventre flexível, agarrou-a e pressionou-lhe o traseiro contra a virilha. Sarah era senhora de um traseiro hipnotizante, perfeito para a apreciação de um homem. Flexionou-se contra as saias dela, apalpando-lhe o corpo, a fenda. Verificou, aliviado, que não se esquivava à intimidade e por conseguinte apertou-a mais e sussurrou- lhe ao ouvido:

– Faz alguma ideia do que se passa quando um homem e uma mulher estão a sós?

– Não. Aprendi um pouco ao observar o seu comportamento, mas…

Michael não suportava que ela falasse sobre o que vira do seu convívio com outras mulheres. Os planos que lhe reservava não se assemelhavam em nada àquelas decadentes diversões e não desejava ser lembrado de como se rebaixara e às suas parceiras. Impaciente por a silenciar bruscamente, mordeu-lhe a nuca e a sensação produziu o efeito desejado. A respiração de Sarah tornou-se ofegante ante o impacto desconhecido.

A relação de ambos nada teria em comum com os anteriores e lascivos

comportamentos que ela testemunhara. O seu destino sensual estava selado. Ele desejava-a e ia possuí-la. Todavia, o percurso seria lânguido e agradável.

– Um homem e uma mulher – prosseguiu Michael – gostam de se beijar e acariciar. Despem-se para que os seus corpos se unam – concluiu, aninhando-se junto ao ombro de Sarah que sentiu os braços arrepiados pele contra pele.

– Porquê?

– A nudez da mulher incita um homem à paixão física. Fica ansioso por copular.

– Quer… – interrompeu-se e engoliu em seco, inclinando a cabeça e expondo mais do seu corpo – … copular comigo agora?

– Sim, muito.

– Estamos a meio do dia.

– Não terá segredos para mim.

– Mas não somos casados.

– Nem precisamos de ser.

– Não compreendo.

– Tudo a seu tempo, minha pequena virgem – riu ele baixinho, percorrendo-lhe o ventre com as palmas das mãos até chegar abaixo dos seios, sem os acariciar mas ficando muito perto. Ela colocou-se em posição para um maior envolvimento e sentiu-se frustrada quando isso não aconteceu. – Quantas peças de roupa estão escondidas debaixo do seu vestido?

Um adorável rubor subiu-lhe bem do fundo, avermelhando-lhe o rosto. Parecia incapaz de responder e então ele perguntou:

– Saiotes?

Sarah assentiu com a cabeça e ele continuou, embora sabendo a resposta:

– Espartilho?

O rijo corpete apertava-a e, com a respiração ofegante pelo desejo que a tomava, lutou contra aquela prisão, ansiando por desatar os laços e ver-se liberta. Michael recordou avidamente o tamanho e a forma dos seios dela e mal podia esperar por vê-los soltos e expostos.

– E culotes? – indagou, referindo-se à peça interior de vestuário na moda.

– Sim.

Era raro descobri-los nas amantes, mas pouco lhe interessava. Tratava-se simplesmente de mais uma peça destinada a ocultar e titilar, mais um objeto a despir e retirar antes de chegar ao destino.

– Vou tirar-lhe o vestido – disse, acariciando o corpo quente, roçando-lhe os seios de passagem, pousando-lhe as mãos nos ombros. – E os saiotes. Vou despi-la

até…

– Até eu ficar…

Não conseguiu pronunciar a palavra «nua» em voz alta e ele quase teve pena dela, mas controlou-se. Desejava-a nervosa, inquieta, agitada.

– Até ficar em combinação. Nada mais, por agora.

Sarah tinha a cabeça num turbilhão. Os seus desejos iam concretizar-se e estava assustada com a perspetiva, mas ainda assim não o dececionou.

– Acho que… – reagiu com um leve tremor – gostaria que o fizesse.

Com uns torções do pulso, ele soltou o espartilho e ela agiu por impulso, apertando-o contra o peito.

– Ponha os braços de cada lado do corpo – ordenou Michael e Sarah obedeceu enquanto ele fazia deslizar o vestido ao longo da cintura e das ancas, até lhe cair aos pés. Ergueu-a da pilha de seda e de laços, pousou-a novamente no chão e, num abrir e fechar de olhos, desapertou-lhe o espartilho e atirou-o para longe, fazendo com que ela respirasse livremente.

A combinação era macia, bege, com um bonito padrão floral na orla. Chegava-lhe a meio da coxa e ele baixou os olhos, avistando um pouco da perna nua, a liga e a meia.

– Ponha-se de frente para mim.

Michael deixou que ela se virasse. O tecido da combinação era fino e transparente e ele podia ver-lhe os seios, o umbigo e os pelos do sexo. Ficou mais rijo e esfregou distraidamente a ereção, esperando que ela diminuísse, mas em vão. A imagem do corpo feminino, quase nu e esperando calmamente a sua imprudência, era demasiado atraente.

Michael já a arrastara até muito longe, mas ela passara corajosamente todos os testes a que a tinha submetido, embora não o fitasse nos olhos e tomasse cuidado para não permitir que a sua atenção vagueasse até às regiões inferiores, onde ele continuava a acariciar-se.

Ajoelhando diante dela, Michael absorveu a sua essência, o seu suor, o almíscar do sexo. Tirou-lhe os sapatos, desapertou as ligas e enrolou as meias.

Massageou-lhe a barriga das pernas de cima a baixo, aconchegando-a, aquecendo-a.

Roubou um leve beijo no abdómen, inalando o sabor do ventre, dos pelos macios em redor do sexo e em seguida levantou-se, fitando-a atentamente, curioso por saber como ela superara a provação, mas não necessitava de se ter preocupado. Sarah mantinha os ombros direitos e não se encolheu nem um pouco quando ele vagueou o olhar pelo seu corpo, quente e poderoso como poderiam ter sido as suas

mãos.

– Solte o cabelo.

Sarah começou obedientemente a puxar as travessas e os alfinetes. Em segundos, a pesada cabeleira envolveu-a numa cascata castanha e dourada. Caiu- lhe até à cintura, uma fita brilhante e vermelha destinada a excitar e corromper.

– Passe os dedos por ele. Sarah acedeu e ele decretou:

– Sempre que me visitar, quero vê-lo solto e escovado.

– Como desejar. – Ele aproximou-se até lhe roçar os mamilos com o peito e entrelaçar as coxas de ambos, mas ela não hesitou. – E agora?

– Iremos para a cama. Aprenderá a tocar-me – respondeu, passando ao de leve o polegar pelo seu lábio superior, cheio, húmido, vermelho como uma cereja madura. Roubou-lhe um beijo e, fazendo-a girar, afundaram-se no colchão, com ele de costas e ela por cima.

Sarah oferecia uma visão inesquecível. A alça da combinação escorregara-lhe do ombro e uma parte do farto seio estava parcialmente nua, com os cabelos espalhados em cascata. Bela, excitante, era a encarnação do desejo e, naquele momento, era dele – e só dele – para fazer o que quisesse. Mal conseguia aguentar o suspense, aquela maravilhosa expectativa e, contudo, avançava aos poucos para saborear cada instante delicioso da sua entrega.

Ajustando as pernas, apartou-lhe as coxas para que o montasse. O seu sexo estava mesmo sobre o membro masculino, reconhecendo instintivamente o percurso sensual apropriado e ela abriu-se mais e inclinou-se para diante, aumentando o contacto explícito.

Puxando o cinto do roupão, Michael desapertou-o e alargou as bandas, expondo somente o peito.

– Toque-me – disse e, ao vê-la hesitar, agarrou-lhe na mão e pousou-a em cima do coração, descrevendo um círculo vagaroso. – Assim.

Ele deveria ter controlado a sessão, atormentando-a até que ela se contorcesse e suplicasse por mais, mas verdade fosse dita, sentia-se exausto após o seu intenso combate.

Na qualidade de filho bastardo que tinha sido vergonhosamente renegado pelo seu rico e aristocrata pai, envolvia- se muitas vezes em altercações. Comentários ofensivos, por norma dirigidos à sua mãe, eram proferidos com frequência e ele despejava toda a raiva em qualquer idiota suficientemente estúpido para fazer uma observação desagradável e por conseguinte a sua participação numa disputa não era novidade.

Hábil e experiente, sabia aplicar e receber um soco. Contudo, a frenética sova

que dera a Brigham explodira com uma ferocidade que não mostrara até então e a intensidade tinha-o esgotado por completo. Precisava da doçura e suavidade de Sarah, estava ansioso por sofrer com os seus gemidos virginais, por se deleitar com o seu fascínio. A sensação das suas mãos macias, com os dedos esguios a percorrer-lhe o corpo, assemelhava-se a um bálsamo cicatrizante no seu físico e alma devastados.

Sarah pôs-se a brincar com o seu tapete peludo, explorando as cordilheiras e vales até as suas manobras se tornarem tão naturais como o respirar, como se já lhe tivesse tocado centenas de vezes.

Atreveu-se a explorar mais abaixo, sobre a sua caixa torácica, mas ele recebera um soco forte de lado e, antes de poder avisá-la que tivesse cuidado, ela pousou a mão na contusão, provocando-lhe um trejeito de dor.

Sarah parou de imediato.

– Está ferido! – exclamou.

– Nada de grave.

– Deixe-me ver – pediu, mudando de posição e afastando o lascivo sexo do seu membro, enquanto lhe abria mais o roupão.

A mancha nas costelas estava inflamada e vermelha; ela examinou atentamente e depois inclinou-se e beijou-a, como fizera aos golpes da têmpora e do punho.

Quando se endireitou, fitou-o com um olhar de censura.

– Não gosto que lute.

– De vez em quando é necessário.

– Mas não suporto que o tenham magoado – retorquiu, acariciando o dano causado. – Prometa que não voltará a fazê-lo – acrescentou, beijando-o ternamente nos lábios. – Por favor?

Passara muito tempo desde que alguém se mostrara preocupado com a sua segurança ou bem-estar. Como resposta, apenas podia oferecer uma pequena concessão:

– Vou tentar.

– Isso vale alguma coisa, suponho.

Concluído o negócio, a diversão ficou para trás e a tranquilidade aumentou. Ela fitou-o com um olhar tão afetuoso e terno que ele não conseguiu aguentar e disse:

– Toque-me novamente.

Firmando-lhe as ancas, Michael voltou a colocá-la sobre a sua ereção. Como ansiava por penetrá-la! O tesão era enorme e doía-lhe. Os testículos estremeciam e latejavam, mas conteve- se. Aquele era o seu primeiro contacto com a nudez masculina e haveria desculpas abundantes nos dias seguintes na corrida em direção ao gozo pleno, mas não agora.

Mais segura de si, Sarah aninhou-se confiante no tapete peludo do peito, enfiando o nariz pelo meio, cheirando a pele, e ele agarrou-lhe no queixo e dirigiu-a para o peito.

– Beije-me aqui – decretou e o seu mamilo castanho tornou-se um botão compacto no momento em que os seus lábios maravilhosos obedeceram meticulosamente. – Chupe-o com a boca. Revelando-se uma aluna destra, aquiesceu de imediato, mordiscando e brincando até ele mal conseguir ficar quieto. Quando os dentes morderam ao de leve o botãozinho, ele não conseguiu reprimir um gemido.

– Gosta disto, não gosta? – inquiriu ela, sorrindo.

– Muito.

– Fez-me o mesmo… naquela noite no meu quarto.

– Sim. Os mamilos de uma mulher são extraordinariamente sensíveis. Quando um homem brinca com eles, acentua a sensação de prazer e ela fica excitada e descontraída. A estimulação prepara-a para o que está para vir.

– E o que é isso?

– Em breve, milady, todas as suas perguntas terão resposta.

Michael guiou-lhe as mãos até aos seus dois mamilos, revelando a pressão adequada e a devida manipulação. Ela tocou e brincou, sem desviar o olhar do dele para avaliar a reação. Que sedutora! Ela era naturalmente astuta, disposta a aceitar qualquer procedimento arriscado.

A sua concentração inabalável era desconcertante e ele guiou-lhe a boca para o outro mamilo. Tinha o membro a latejar e a coroa derramando o suco sexual. Ele firmou-a e procedeu a uma lenta estocada contra a sua gruta.

Como se a tivessem picado com um alfinete, ela endireitou-se.

– Porque continua a fazer isso?

– A fazer o quê? – retorquiu ele, fingindo inocência, apertando-a contra a sua ereção e repetindo a leve estocada.

– Esse movimento. É tão… tão…

– Extraordinário?

– Sim, mas também impróprio e proibido – disse ela, deslizando sobre a crista do seu membro. – O meu corpo parece entender o que propõe quando eu própria não faço ideia.

Os dedos cobiçosos de Michael enfiaram-se por baixo da orla da combinação e acariciaram a pele macia das coxas.

– Está pronta para ter-me como amante.

– Como sabe?

– Embora seja mulher, precisa de excitação sensual, tal como um homem.

– Não foi isso o que me disseram.

– Informaram-na mal.

A veracidade da sua afirmação invadiu-a e Sarah cedeu ao inevitável, dando início a algumas flexões, dobrando-se para a frente, usando os joelhos e os bicos dos pés. Sorriu alegremente como uma criança que tivesse acabado de encontrar um rebuçado com um sabor único.

– Está a sentir?

– Estou sim, jovem.

Rangeu os dentes, especulando sobre a forma como continuaria a ritmo lento, com passo moderado quando todo o seu ser o incitava a chegar ao final, sem demora. Eliminando a tentação, abandonando o paraíso, afastou-a.

– Nunca viu um homem nu – lembrou- lhe. – E um rapaz?

– Já dei banho a alguns rapazinhos.

– Então, sabe como somos diferentes.

Sarah franziu a testa e depois percebeu.

– Nas nossas partes íntimas. – Ela baixou os olhos para o que o roupão dele ocultava, mas a sólida verga de carne não poderia passar despercebida.

– Sempre me interroguei sobre o motivo.

– É para o acasalamento. Para nos encaixarmos.

– Como se realiza?

– O meu membro incha e, ao dobrar- se, a minha semente sobe até à ponta e escorre para fora.

– Com o que se parece a sua semente?

– É branca. Cremosa.

– Para onde vai?

– Para a abertura entre as suas pernas, para o sítio de onde sai o seu sangue mensal – respondeu, pousando a mão no seu ventre e premindo o polegar contra o monte de vénus, mas ela não estava preparada para absorver mais e por isso ficou por ali.

Ao ouvi-lo mencionar o período menstrual, corou, mas aquele assunto delicado não a perturbou excessivamente, o que ele tomou como um excelente sinal.

Antes que a tarde findasse, discutiriam muitas outras questões angustiantes.

– E é dessa forma que se concebe um bebê?

– Pode ser. Se for a altura certa.

– Então, é perigoso? Não tinha pensado que pudéssemos fazer um filho.

– Não faremos. Vou ser cauteloso. Sarah abanou a cabeça.

– Disse e repito: não compreendo o que estamos a fazer.

– Há técnicas para namoriscarmos sem chegar à cópula marital. É o que tenho em vista.

– Mas por que razão deseja simplesmente… – Procurou um termo, mas não encontrou um que achasse apropriado e usou o dele – … namoriscar?

– Por prazer, Sarah. – A maneira como ele pronunciou a palavra fê-la estremecer e as suas entranhas chamaram-no instintivamente. – Um homem tem muita satisfação ao vir-se. É uma atividade que procura acima de todas as outras.

– Então, o prazer será o nosso objetivo?

– Sim. O nosso único.

– O que é preciso fazer?

– Acariciar-me. Com as mãos e a boca. Vou mostrar-lhe.

Pousou os dedos sobre a sua volumosa ereção. Demonstrou o ritmo, mas apercebeu-se subitamente de que apenas poderia satisfazer-se com a pele nua dela encostada à sua.

Desapertou o nó do cinto.

– Abra-me o roupão. Todo.

12

Sarah não hesitou. Tremia, não de medo ou receio, mas de antecipação e dissimulou prudentemente o seu entusiamo, sem querer transmitir a impressão de que se acobardara naquele momento final.

Pensando bem, ele quase não lhe fizera nada. Falara, tirara-lhe a maior parte da roupa, inclinara-se sobre ela através de várias camadas de tecido.

Contudo, tinha o corpo em chamas, os mamilos rijos e doridos e a pele tão esticada que parecia fugir da sua estrutura óssea.

Alargara o cinto do roupão, mas incitando-a a prosseguir, não o desamarrara. Como se ela alguma vez fosse recuar! Sem estar consciente disso, ansiava pelo instante.

Dominou cuidadosamente os dedos trémulos e desfez o nó.

Prolongando deliberadamente a descoberta, apartou as bandas do roupão, revelando por ordem o umbigo e depois a seta de pelos abaixo do ventre.

Baixou impercetivelmente os olhos e encontrou tudo. À semelhança de uma devota frente a um santuário, puxou o restante material, desnudando-o centímetro a centímetro, até ele ficar totalmente despido e a realidade não correspondeu a nada do que imaginara.

Ao visualizar o acessório masculino dos rapazinhos, nunca havia suposto que pudesse aumentar, tornar-se tão ousado e manifesto. Parecendo raivoso e com vida, o acessório dele era vermelho e volumoso, com uma cabeça bojuda e púrpura e veias fibrosas. Saía de um ninho dos seus pelos escuros, com dois sacos pendentes e a sua avaliação visual fez com que se estendesse para ela, numa súplica.

Arriscou um olhar para Michael que permaneceu silencioso e imóvel, observando-a com uma intensidade glacial e impessoal.

Tinha planeado chocá-la? Fazê-la chorar e desmaiar? Levá-la a abandonar o quarto, ofendida e assustada?

Michael era impelido por razões que ela jamais poderia esperar compreender. Havia muitas hipóteses de que tivesse encenado a bizarra diversão só para lhe estudar a reação, mas, se a tomava por arrogante e enjoada, obviamente não a conhecia muito bem. Sarah ficou fascinada, encantada e ansiosa por explorar.

– É maior do que supunha.

– Estou excitado.

– Ele muda de tamanho? – perguntou com os olhos arregalados de surpresa e ele riu da sua ingenuidade.

– Normalmente está flácido e inofensivo – respondeu, retesando os músculos do estômago e o apêndice avolumou-se ainda mais. – Contudo, não quando estou aqui consigo. Fico rijo para si e transbordo de desejo.

Notou-lhe um tom rouco na voz, um desespero que a arrancou ao bom senso, deixando-a imprudente e com pele de galinha. Nesse momento, teria cometido qualquer ato impulsivo que ele lhe pedisse.

– Como lhe chama?

– A minha pila.

Lutou por encontrar a terminologia, mas o seu passado inocente obstruía um diálogo descritivo e assim apontou para a parte ereta do seu corpo.

– Todas… essas pilas são assim tão grandes?

– A minha ultrapassa a da maioria – respondeu. – Toque-me – acrescentou.

Hesitante, Sarah estendeu a mão e traçou uma linha da base ao ápice. A camada protetora de pele era quente e suave, flexível e maleável, mas aquele tímido contacto não o satisfez e Michael tomou a mão na dele e entrelaçou-as juntas à volta do seu excitado apêndice para que ela pudesse adaptar-se a manipulá-lo. Em seguida, pôs-se a movê-las em conjunto, desvendando-lhe as manobras mais eficazes.

– A cabeça é a parte mais sensível – explicou. – Tente passar sobre ela a cada carícia.

– Assim? – perguntou ela, puxando o prepúcio para trás e revelando a glande.

– Sim – murmurou ele por entre dentes. – Obterei mais satisfação dessa forma.

Visto que Sarah era uma aluna ávida e entusiasta, ele deixou-a aos seus próprios métodos. Ela investigou meticulosamente, apreendendo a forma, impressionada com as variantes de veludo sobre o aço. Titilou e brincou, alterando a pressão, o ritmo e o tempo da carícia. Curiosamente, à mínima modificação, ele reagia em conformidade.

Que poder ela exercia sobre ele! Que maravilhosa autoridade! Se possuía tamanho domínio quando era inábil, seria um verdadeiro terror depois de umas horas de prática, depois de alguns dias.

Os seus nervos estremeceram ante a perceção.

– O que são estes? – perguntou, aconchegando os testículos entre as suas pernas.

– Os meus testículos.

– Para que servem?

– Contêm a minha semente e são muito sensíveis. – Ela já se apercebera disso e decidira afastar-se, quando, parecendo aflito, ele a interrompeu. – Não pare. Basta

ser gentil.

Aconchegando o precioso membro, ela deslizou ao longo das coxas dele, a fim de ter mais espaço para observar e manipular. A nova posição colocou-a sobre o estômago dele e sobressaltou- se.

Lembrou-se da amante que espiara, a mulher que se inclinara sobre ele, mas Sarah não conseguira divisar a atividade a que se entregavam e ficara curiosa.

Poderia ser?

Um formigueiro inexplicável percorreu-lhe os dedos e os braços e ficou chocada ante a visão. Inspecionou o seu enorme abdómen e o peito. Michael colocara as almofadas por trás da cabeça e fitou-a com um brilho nos olhos cor de safira.

– Elas colocam a boca em si, não é verdade?

– Quem?

– As suas… as suas mulheres. É o que lhes exige, não é? – disse, apoiando-se nos quadris. – Recebem-no na boca.

– Sim.

– Porquê?

– Porque é o que eu prefiro? Ou porque é que me recebem?

– As duas coisas.

– Gosto porque é erótico e perverso e elas fazem-no para se gabarem às amigas que me chuparam.

– O que significa isso? – inquiriu ela, franzindo o sobrolho.

– É uma expressão ordinária – respondeu com um encolher de ombros, mas sem parecer arrependido por tê-la pronunciado. – Trata-se de quando um homem enfia o pau na boca de uma mulher. Continua até a fricção ser insuportável e em seguida descarrega a semente na garganta da amante.

– Faz mesmo isso?

– Sim.

– Muitas vezes?

– Bem, não diria muitas – respondeu, parecendo divertido. – Sempre que uma mulher se oferece voluntariamente.

– As suas parceiras engolem-na?

– Sim.

– Qual é o sabor?

– Não tem propriamente um sabor definido. É quente e salgada.

– A sua própria essência – murmurou ela.

Michael encolheu novamente os ombros.

– Esse ato… tem um nome?

– Um broche.

– Dá-lhe prazer?

– Um prazer desmesurado. Adoro a oportunidade de vir-me entre as pernas de uma mulher, mas nunca o faço porque poderia fazer um filho. Por conseguinte, sinto-me grato a qualquer mulher que me proporcione tamanho deleite.

– Concorda sempre?

– Não costumo recusar. Possuo um forte impulso sexual e aceito o que me é oferecido gratuitamente.

Michael conseguia analisar a sua conduta escandalosa sem rodeios. Muito provavelmente, deliciara-se tanto com a volúpia na sua vida que a discussão das suas atitudes perversas era muito fácil. Como poderia ela transpor aquela fachada impassível?

Sarah ofegava, tinha o corpo em chamas e as suas partes íntimas suplicavam a complicada atenção manual do parceiro. Ansiou por conduzi-lo à mesma situação drástica, em que se descontrolasse e despisse aquela capa de tédio.

– Abra-se para mim – disse ele, indicando o ventre. – Receba-me na boca.

– Não sei bem se…

– Sabe, sim.

– Está a pedir de mais, cedo de mais.

– Não, não estou.

Michael colocou-lhe novamente a mão no membro latejante, impondo-lhe um ritmo lento e ela fitou aqueles olhos hipnotizantes. Eram sublimes, reconfortantes e impeliam-na com loucura a cumprir cada uma das suas ordens. Como que enfeitiçada, inclinou-se para diante.

– Vai terminar dentro de mim?

– Hoje, não.

– Porquê?

– Está preparada para algumas coisas. Não para tudo.

– Quando, então?

– Depois de ter recebido mais ensinamentos.

Ainda assim, Sarah vacilou. Em que é que se metera?

– Acho que me sinto preocupada – confessou.

– Com o quê?

– Com o que não sei.

– Não vou magoá-la. Nunca o faria.

A intensidade daquela afirmação encorajou-a.

– Percebo. Só que… Só que o quê?

Aquele encontro era tão desprovido de atenção ou de preocupação e ele mostrava-se tão indiferente. Parecia errado continuar daquela forma desconexa. O estranho sombrio e distante que se encontrava deitado na sua frente não era o homem apaixonado a quem estava presa. O verdadeiro Michael encontrava-se oculto, mas ela não sabia bem como o desnudar. Talvez que, se aderisse à sua proposta, conseguisse derrubar os muros que ele erguera. Sentia-se ansiosa por lhe agradar, mas estava cética quanto aos motivos dele e preocupada com os seus.

– Desejo-te, Sarah. Preciso de ti, agora.

Aquela frase acalmou-a, incitando-a e não conseguiu recusar. Começando pela parte inferior, titilou aos poucos com a língua ao longo do membro, até lamber a glande que escoava o fluido. Quando chegou ao ápex, enfiou-o entre os lábios.

A sensação foi indescritível, pois toda a sua natureza e espírito apresentavam- se incorporados naquela extremidade túrgida. Inspirando lentamente, viu-se rodeada pela sua masculinidade, virilidade e potência.

Michael colocou a mão na sua nuca, agarrando-a, guiando-a. Deslocou-se de lado, fazendo-a girar. Prendeu-a com a perna e ela abriu-se, recebendo mais dele do que julgara possível.

Enquanto arremetia escrupulosamente, o prazer foi incrível. A leviandade, a impudência, titilou-a, tornando-a selvagem e faminta por mais. Deleitou- se com aquele demorado e lascivo interlúdio e, ajustando-se aos seus movimentos, tomou consciência do crescente ardor. Em seguida, sem a avisar, ele soltou-se e ela lamentou imediatamente a perda.

Tinha os lábios doridos, gretados e retesados e, no entanto, queria prosseguir. Sentiu que o processo poderia ter-se tornado particularmente obsceno e que ele se controlava por sua causa.

– Acabámos?

– Não, amor, não acabámos.

O termo carinhoso rolou da língua de Michael para a sua mente confusa, gerando inúmeras perguntas: ele valorizara o que dissera? Fora intencional, ou não?

Caso estivesse consciente do que pronunciara, qual fora o seu verdadeiro objetivo?

Vacilante, mal se recompusera quando ele a ergueu nos braços. Sorriu-lhe de uma forma tão maravilhosa que se sentiu contente por estar deitada quando o apercebeu.

Michael cobriu-a com o seu peso, pressionando-a contra o colchão e tê-lo em cima dela era uma experiência única. Era tão bem-vindo e encaixava-se de uma

forma tão perfeita – liso onde ela era arredondada, duro onde ela era macia – e não conseguiu deixar de envolvê-lo, apartando as pernas para que pudesse abraçá-lo amorosamente. Cuidadosa e quase com gratidão, ele acomodou-se entre as suas coxas, com o membro pesado e encostado à sua perna. Pairou sobre o seu corpo, com os dedos na orla da combinação e, sem hesitar, ergueu-a até às ancas, disposto a removê-la.

Ao aperceber-se do pânico que a tomou, explicou:

– Estou terrivelmente excitado. Vir- me-ei no teu abdómen.

– Vai doer?

– Só a mim – respondeu com uma gargalhada sobre questões que ela não entendia – e no bom sentido.

– Os meus seios estarão a descoberto.

– Novamente.

– Sim e estou nervosa por…

– São tão esplendorosos.

Através do tecido, acariciou-lhe o mamilo ereto e, à semelhança de um fantoche preso por fios, ela aquiesceu de imediato, erguendo a parte inferior do tronco, depois os ombros para que ele pudesse tirar-lhe a combinação pela cabeça.

Como conquistava ele tão facilmente os seus arreigados preconceitos? Bastava um elogio para que ela se apressasse a obedecer. Estaria tão carente de afeto? Tão ávida de lisonja e adulação? Aparentemente, a resposta era positiva.

Pronunciando algumas palavras elogiosas, conseguia levá-la a cometer qualquer ato depravado, mesmo os que ela desconhecia totalmente. Contudo, ela ansiava por torná-lo feliz, por gerar aquele raro sorriso.

Era uma insaciável idiota!

O seu corpo estava agora somente protegido por uns reduzidos culotes de um vermelho vivo.

A mais recente extravagância de Paris, vincara Rebecca, quando as tinha trazido de Londres.

O presente – seis pares de frívolos culotes de seda – encantara Sarah. Tinha tão pouca roupa interior bonita e nenhum dinheiro para a renovar. O guarda-roupa que o pai lhe comprara anos antes para a sua estreia na sociedade estava demasiado pequeno ou gasto e aceitou alegremente as reduzidas peças interiores. Faziam com que se sentisse bonita e feminina e gostava da maneira como lhe roçavam a pele sob os vestidos.

Porém, quando os vestira naquela manhã, nunca lhe ocorrera que Michael Stevens estivesse a apreciá-los naquela tarde. Corou até à raiz dos cabelos.

– Meu Deus, Sarah! – exclamou ele, surpreendido e divertido, como se enfeites femininos fossem a última coisa que esperava ver nela. – Tens roupa interior francesa.

O safado estava tão familiarizado com mulheres que era bem versado no estilo moderno da roupa interior feminina!

Aquele encontro tornara-se demasiado opressivo. O que se esforçava ela por alcançar? Porque deixava que ele a provocasse? Nunca tinha tolerado brincadeiras dos homens, pois aprendera da forma mais dura até que ponto um comentário podia magoar e, sentindo necessidade de fugir, soltou-se e tentou deslizar para fora da cama, mas ele prendeu-a.

– Largue-me! – ordenou ela, fixando o teto.

– Não.

Que safado odioso!

Michael enfiou a mão por baixo do cós carmesim e emaranhou-se nos seus pelos secretos, viajando em seguida até onde ela estava molhada e inchada e Sarah ficou envergonhada que tivesse detetado a sua humidade, sobretudo pelo contentamento demonstrado pela descoberta.

– Céus… estás tão pronta para mim – constatou Michael, ao mesmo tempo que lhe enfiava dois dedos curiosos na gruta. Michael já lhe tocara dessa mesma maneira, mas, nessa altura, ela estava demasiado surpreendida para prestar atenção. Agora, gemeu, escorrendo para a palma da sua mão, enquanto ele a acariciava deliberadamente, entrando e saindo. Aquele gesto abominável despertou-lhe o apetite para algo mais do que a simples massagem. Desejava coisas que nem conseguia enumerar.

– Michael… por favor…

– Sim, pede-me. Adoro quando o fazes.

Com um toque do polegar, desencadeou uma onda de excitação desde o seu ventre aos seios e ela gemeu.

Que humilhação! Não era seu hábito gemer! Mas como poderia ser racional e rotineira ao ter as pernas apartadas e votadas a carícias daquele canalha arrogante?

Michael também se encontrava numa verdadeira agonia, como se apalpá-la fosse doloroso e, quando inclinou a cabeça sobre o seu peito, Sarah teve a impressão de que, afinal, não era assim tão insensível.

Durante todo o processo, parecera uma espécie de espectador impassível e o calmo desprendimento tinha sido tão frustrante. Sarah ansiara que ele sentisse parte da mesma alegria e revolta por que ela passava.

Obviamente, ele não fora assim tão apático. Fervilhava de uma agitação inédita.

– Tenho de vir-me – disse ele ao mesmo tempo que se baixava e lhe lambia o mamilo. – Não posso esperar.

– Indica-me o que fazer.

– Abraça-me e não me largues.

Sarah apertou-o de encontro ao peito e o membro dele atingiu um volume enorme. Insistente e implacável, arremetia contra ela.

– Fode-me com a mão – acrescentou, guiando-a novamente para o seu membro.

Sarah assumiu a tarefa erógena e o seu firme aperto foi pura magia. Com meia dúzia de estocadas, o corpo masculino enrijeceu e ele emitiu um grunhido assustador. Um líquido quente jorrou sobre o seu ventre e as pontas dos dedos, aliviando-o e em seguida o corpo dele estremeceu e abateu-se sobre o dela.

A respiração de Michael era ofegante e irregular e o coração batia fortemente contra as costelas, num ritmo agitado com o dela. Não falou – talvez não conseguisse – e, por uma vez, ela contentou-se com o silêncio. Faltavam- lhe as palavras.

Nada a tinha preparado para a intimidade daquele momento. Sentia que ele lhe desnudara a alma, que se expusera como nunca o poderia fazer com outra e abraçou-o com força. Ele descontraía-se ocasionalmente, mas permanecia imóvel com a testa encostada aos seus seios.

De repente, sentou-se bruscamente e moveu-se para a beira da cama, ficando de costas.

Firmou o andar inicialmente vacilante, dirigiu-se à banheira, mergulhou uma toalha na água e voltou para junto dela. Evitou-lhe o olhar, enquanto limpava meticulosamente o sémen e depois atirou a toalha para o chão. Quando a fitou novamente, num momento de descuido,

Sarah detetou vulnerabilidade e solidão. Uma onda de proteção invadiu-a e necessitou de prodigalizar conforto, tanto emocional como fisicamente. Abriu os braços para o receber e ele abraçou-a, descansando na curva do pescoço. Tal como o faria a uma criança que acabara de passar por um susto ou dano, ela acariciou-o e enfiou-lhe os dedos pelo farto cabelo, sem conseguir afastar o pensamento de que era ali que desejava estar sempre e onde pertencia.

Aos poucos, percebeu que ele estava a ficar com outra ereção e em breve o membro tornou-se teimoso e indomável contra o seu ventre. Michael começou a beijar-lhe a nuca, provocando-lhe arrepios na espinha, iniciando um caminho pelo seu ventre e um seio e a respiração dela tornou-se ofegante quando chegou ao mamilo rígido. Pôs-se a chupá-la, como se fosse um bebé. Primeiro com suavidade,

depois com mais fervor, aumentou a tensão, até a levar a contorcer-se.

– O que estás a tentar fazer? – perguntou, ofegante.

– Estou a dar-te prazer.

– Não sinto.

– Vais sentir. Confia em mim – encorajou ele. – As sensações são novas e parecem-te estranhas, mas são normais.

– Não sei o que fazer – disse ela, odiando que fosse ele a tomar as rédeas da situação.

– Não tens de fazer nada – arguiu ele com uma risada. – Apenas precisas descontrair-te?

Descontrair-se? Ele estava louco? Como podia descontrair-se com um homem como Michael Stevens em cima dela a chupar-lhe o seio?

Ele beijou-lhe o rego dos seios e passou ao outro mamilo, manipulando-o até ficar duro e rijo. Arrastou languidamente a mão até ao seu ventre. Desenhando círculos agonizantes, foi descendo cada vez mais, mas não o suficiente.

Por fim, meteu-se furtivamente sob os culotes e esfregou-se no local onde havia colocado o polegar anteriormente. Ao mesmo tempo, enfiou dois dedos na sua gruta e ela flexionou momentaneamente as ancas num ritmo intenso. Ergueu-se para um alvo desconhecido – se o safado lhe indicasse a direção correta, a viagem teria sido muito mais fácil – e viu-se na borda de uma plataforma de desejo com a necessidade de saltar, mas sem a certeza de quando ou para onde.

– O que se passa? – explodiu, com dificuldade em respirar.

– Nunca te acariciaste assim? Durante a noite? Quando estás só?

– Não… nunca.

A informação deleitou-o e Sarah ia jurar que sorria. O desavergonhado presunçoso!

– Estás a dirigir-te a um pico de prazer. Como aconteceu comigo. – Abrandou o ritmo quando ela ardia para que o multiplicasse e, ciente do estrago que causava, soltou uma gargalhada. – A primeira vez pode ser assustadora, mas garanto que também será maravilhosa.

– Não sei… como…

Sarah não conseguia explicar, nem implorar ou tão-pouco falar. Quando acabaria aquele tormento?

– O teu corpo sabe. – Como se lhe fornecesse a confirmação, esfregou onde todas as sensações pareciam centrar-se e ela arqueou-se e teria caído da cama se ele não a impedisse. – Fecha os olhos e levo-te onde queres ir.

– Tenho medo – sussurrou ela.

– Não tenhas. Estou aqui contigo.

– Michael…

Ele fez uma pausa.

– Repete o meu nome.

– Michael! – gemeu ela, à beira do colapso, assustada.

O penhasco atraiu-a e, quando ele se pôs a chupar-lhe inflexivelmente o seio, lançou-se em queda livre. Estava dilacerada, desfeita e flutuando através do universo. Uma voz gritou presa de êxtase e reconheceu-a vagamente como sendo a dela; em seguida os lábios de Michael possuíram-na, silenciando o seu grito selvagem de prazer.

O frenesim durou uma eternidade até que começou gradualmente a reajustar-se. A sanidade e a realidade voltaram e encontrava-se na cama de Michael, nos braços de Michael.

Atreveu-se a fitá-lo de relance e ele pairava sobre o seu corpo com um olhar que apenas podia significar ternura. Emitia igualmente uma pitada de orgulho masculino por tê-la reduzido àquela devassa situação.

– Muito melhor – sussurrou ele, beijando-lhe a face.

– Sim – concordou, lutando para se afastar, mas sem conseguir. O peso dele continuava a pressioná-la. – O que foi isto?

– Um orgasmo. Os franceses chamam- lhe petit mort, pequena morte.

– Bom… e acertaram em cheio – retorquiu, erguendo uma das mãos que deixou cair com um baque. – Os meus ossos derreteram. Não consigo mexer- me.

– Nem precisas. Descansa um pouco.

– E depois?

– Vamos fazer isso novamente.

– Estás a brincar.

– Não, não estou.

– O meu coração deixaria de bater. Ele voltou a beijá-la.

– Será ainda melhor.

– Mais intenso?

– Sem dúvida. E mais fácil de atingir, quanto mais estiveres comigo.

– Nunca sobreviverei.

– Talvez não.

Michael virou-a de forma a que as costas dela ficassem encostadas à sua parte da frente. Colocou um braço sob a sua cabeça, oferecendo uma almofada musculosa e intrigante. Pousou o outro sobre o seu ventre, descrevendo círculos vagarosos com os dedos ao longo do estômago e da anca.

A perceção de Sarah aumentou com o roçar dos pelos, o calor do membro no seu traseiro, o cheiro a suor e sexo de ambos. Tudo pareceu mais intenso e profundo.

Sarah bocejou, sentindo-se demasiado cansada para o ocultar e Michael puxou um cobertor sobre os corpos, unindo-os num casulo confortável.

O que se seguiria? O desconfortável interrogatório passou por perto, mas ela sentia-se exultante, exausta e demasiado cansada para se debruçar sobre o futuro.

Adormeceu.

Ao despertar, sentiu um breve instante de alarme enquanto procurava lembrar-se onde estava, mas não tardou a ser invadida pelas escandalosas memórias.

Relativamente a Michael, desenvolvera uma arguta perceção e sentiu a presença dele no quarto, observando-a. Um leve aroma a tabaco fez-lhe cócegas no nariz. Ele estava a fumar, mais uma peça a juntar à limitada coleção de trivialidades de Michael que havia recolhido. Abriu os olhos enquanto ponderava de que forma se relacionariam agora que a sua aventura sexual terminara.

Ele estava sentado numa cadeira perto da janela, mas tão distante como se se encontrasse do outro lado de um oceano. Vestia apenas um par de calças, tinha o cabelo afastado da testa, o que acentuava o corte por cima do olho, e examinava-a com um ar impassível. Um copo semivazio de conhaque estava em cima da mesa e ele segurava um charuto com a ponta em brasa e o fumo subindo na direção do teto. Atrás dele, conseguia ver lá para fora. As sombras tinham-se adensado e a maior parte do dia terminara.

Ao vê-la mexer, apagou o charuto, mas permaneceu em silêncio.

Sarah apoiou-se num dos cotovelos e a cascata de cabelo ruivo tombou-lhe sobre o ombro. O cobertor descaiu, expondo um seio e ele arqueou o sobrolho com indiferença. O jogo de cama tinha sido envolvente e exótico quando ele estava a participar, mas naquele momento em que a olhava friamente, sem qualquer deferência no bonito rosto, sentiu-se estranha.

Agarrando na colcha, fez a única pergunta que parecia importar:

– Que horas são?

– Quase cinco.

Nervosa, especulou sobre se ele passara pelo sono ou se a avaliara enigmaticamente, desejando que se levantasse e fosse embora, mas sem ter a indelicadeza bastante para a acordar e insistir.

Da sua perspetiva, a travessura fora resplandecente e fabulosa; aos olhos dele, nada de extraordinário. Com toda a probabilidade, desperdiçava regularmente os dias em diversões sexuais e ela apenas fora mais uma das mulheres devassas com

quem cabriolava.

Perturbada com aqueles devaneios, lutou por se mostrar frívola:

– Acho que me esgotaste.

– Foder é o que provoca nas pessoas – retorquiu e esboçou um aceno de cabeça para a cama. – Fui buscar o teu roupão.

– Obrigada.

Estava estendido sobre a cama e Sarah não conseguiu reprimir um arrepio excitado ao pensar que ele visitara o seu quarto. Por qualquer motivo, a ideia de que ele invadira o aposento, procurando no armário e examinando os seus pertences era fascinante.

– Vais perder o chá – observou ele num tom casual. – Por conseguinte, precisas de tomar banho e em seguida descer para o jantar. Estivemos aqui um bom bocado e é importante que cuides da aparência.

Estava, portanto, ansioso por vê-la pelas costas. Que desilusão!

– Duvido que alguém sinta a minha falta – sentiu-se compelida a responder.

– Não sou uma borboleta social como tu.

– A tua prima veio bater à porta há algum tempo.

Michael deitou-lhe um olhar inquisitivo e acusador e ela imaginou-o no meio do quarto, com o seu roupão na mão e Rebecca do outro lado da porta. Tinham estado à beira de serem descobertos! Embora devesse sentir-se assustada e chocada, estava divertida com o perigo a que se expusera e a ele.

O que se passava com ela? A mulher que tinha sido antes de chegar, antes de conhecer Michael Stevens, desaparecera.

– Ela experimentou a maçaneta?

– Claro – respondeu ele, fitando-a. – Está decidida a apanhar-te numa situação comprometedora. Por que razão achas que o deseja?

– Não faço ideia – respondeu suavemente, adotando a sua reticência. Não lhe apetecia discutir Rebecca, permitir que o mundo exterior, a sua outra vida, a vida real, interferisse naquele voo de fantasia.

Mantendo os cobertores junto ao peito, esforçou-se por vestir o roupão sem lhe expor a sua nudez. Embora esse estado parecesse normal quando tinham feito amor sob o seu olhar imperturbável, sentiu-se embaraçada com a sua nudez e inadequadamente despida.

Deslizou até à beira da cama, mas não conseguiu dar os passos necessários para se ir embora. Apavorava-a a ideia de que, quando partisse, os seus caminhos não voltassem a cruzar-se.

Michael tratava-a como fazia com as outras amantes, como se o episódio não

tivesse tido qualquer importância e desprezou a sua atitude composta e indiferente. A sua fria reserva e taciturnidade estavam a alertá-la para que se distanciasse. Contudo, ela não era tímida; negava ceder sem lutar porque ansiava ter uma relação amorosa com ele.

– Gostavas que voltasse depois do jantar?

Michael não poderia ter dado uma resposta pior.

– Como quiseres.

A frase insultuosa, a que habitualmente usava para afugentar as amantes, encolerizou-a. Ela não era uma prostituta! Não era uma mulher devassa com quem ele podia divertir-se como lhe aprouvesse! Era uma fêmea casta e decente que o tinha escolhido – embora ele fosse um canalha – e favorecido com uma parte de si que nunca se dispusera a conceder a outro e não queria ser descartada como se fosse insignificante.

Pisando o chão com força, parou junto à cadeira dele e os joelhos de ambos entrelaçaram-se, os pés sobrepuseram- se e ele ficou surpreendido com aquele movimento ousado. Que ficasse!

– Para com isso! – decretou.

– Paro com o quê? – retorquiu ele, visivelmente incomodado com a sua franqueza.

– Deixa de fingir que esta tarde não teve importância.

– Nunca disse isso – defendeu-se, inquieto.

– Mas é o que dás a entender. – Ele não entenderia como tudo aquilo era especial para ela? – O nosso encontro teve pouco significado para ti, mas para mim foi muito importante. Não o estragues – acrescentou num murmúrio.

Michael examinou-a e em seguida assentiu com a cabeça.

– Não foi minha intenção menosprezar o que aconteceu. Apenas supus que querias ir à tua vida.

– Que me diverti e agora coloquei ponto final?

– Sim.

– Escuta bem, Michael Stevens. Será preciso muito mais do que o teu comportamento grosseiro e as tuas maneiras rudes para me fazer concluir que tudo acabou entre nós.

– Estou a ver – retorquiu ele com um leve sorriso no canto da boca.

Sarah percebeu que era a única proximidade que conseguiria de uma desculpa. Havia muitas coisas sobre ele que não compreendia, mas também muitas que eram claras como água. Quando Michael abandonava as defesas, podia ser terno e generoso, embora resistisse às suas tentativas de aproximação e ocorreu-lhe que

talvez nunca se tivesse ligado afetivamente a uma mulher e por esse motivo erguera barreiras.

Enquanto ele esperava reduzir a magnitude da afinidade entre ambos, ela tinha outros planos. Michael queria que ela voltasse a visitá-lo; sabia que era assim. E ia forçá-lo a dizer isso, nem que tivesse literalmente de arrancar-lhe a confissão dos lábios.

– Não me trates com a indiferença que mostras às tuas amantes.

– Nem pensar – mentiu ele.

– Podias ter-me enganado.

Michael corou. Estava sem dúvida a afastá-la, mas ela estragara-lhe os planos, recusando ir embora pacificamente.

– Sinto-me confuso, Sarah – admitiu finalmente. – Sobre ti. Sobre nós.

– Também eu – disse ela –, mas não vou negar a nossa ligação, nem deixarei que o faças. É demasiado importante para mim – acrescentou, pousando a mão no seu ombro. – Volto a perguntar se gostavas que voltasse mais tarde?

– Acho que sim.

Sarah sentiu um alívio tão grande que os joelhos lhe cederam e ansiou por lhe confiar muito mais, dizer como aquele episódio fora significativo e como a transformara, mas faltaram-lhe as palavras.

Virou as costas, dirigiu-se à porta de comunicação entre os dois quartos e transpôs a ombreira, mas, sem resistir, lançou-lhe um olhar de relance, ansiosa por uma derradeira impressão.

Envolto na luminosidade do crepúsculo, ele era belo, dinâmico, devasso. A sua solidão e isolamento chamavam-na e imploravam ajuda e um apoio que ela ansiava proporcionar.

As sensações que ele invocava – amar, proteger e ajudar – eram tão pungentes que não podia permanecer. Michael estava sozinho e isolado e ela precisava de reclusão e distância, a fim de se preparar mentalmente para o próximo encontro.

Fugindo à visão perigosa e comovente de Michael, dirigiu-se apressadamente ao quarto de vestir e fechou a porta.

13

Michael percorreu o corredor em bicos de pés. A noite ia adiantada e agradava-lhe que o seu quarto se situasse nas traseiras da casa onde podia entrar e sair sem encontrar outros hóspedes. Passou junto ao quarto de Sarah e seguiu na direção do seu. Ao chegar, meteu a chave na fechadura e fez uma pausa.

Ela estaria à sua espera?

Por um lado assim o desejava, por outro não.

Ausentara-se deliberadamente da mansão, evitando a atração do Quarto de Visualização e de qualquer dos esquemas selvagens que Pamela pudesse ter engendrado para a noite. Acima de tudo, tomara a decisão inflexível de se isolar de Sarah e da provocação que ela representava.

A tarde que tinha passado com ela fora paradisíaca. Quando haviam terminado e ela adormecera nos seus braços, sentira-se como se um anjo tivesse descido do céu para uma travessura.

A luta com Brigham desencadeara uma torrente emocional que há muito não sentira. Depois, ficara exausto e sob o peso dos seus vinte e oito anos. Ansiara por consolação e conforto, como nunca ansiara por qualquer coisa, o que já era admitir muito.

Ao longo das quase três décadas da sua vida, procurara, faminto, respeito e admiração de conhecidos, amor e afeto da família. Os piores momentos haviam sido em criança, quando a sua mãe os mudara para França. Embora jamais o confessasse a quem quer que fosse, sofrera aparentemente uma eternidade à espera de que o pai se deslocasse a Paris e os levasse de volta a casa.

Sempre que alguém batia à porta do seu pequeno apartamento, sentia um baque no coração, certo de que era o dia em que Edward finalmente chegara. Contudo, isso nunca acontecera e, à medida que tinha crescido, o abandono do pai assemelhara-se a um pesado jugo, um fardo de que nunca conseguira libertar-se. Por vezes, a dor daquela perda precoce ainda o devastava, como se a ferida tivesse sido aberta recentemente. Essa antiga lesão impelia- o a atos devassos, como o mostrava a forma como desfizera Brigham e o reduzira a um monte de ossos ensanguentado no estábulo de Pamela.

Para que ela não ouvisse a sórdida narrativa dos lábios de outro, visitara-a de imediato para lhe confessar a transgressão e aguentara estoicamente a descompostura que lhe dera, consciente de que ela tinha toda a razão para ficar furiosa. A repreensão irritara-o, mas uma parte dos duros comentários dissipara-se devido ao

banho quente que ela logo mandara preparar.

Após ter mandado embora os criados e mergulhado na banheira fumegante, não conseguiu lembrar-se de quando se havia sentido tão isolado. Dada a sua personalidade e educação, sempre se tinha considerado um solitário, mas ao descontrair-se dentro de água, ansioso por um pouco de contacto mortal, fixara- se gradualmente em Sarah.

Desejara auxílio e conforto e nenhuma estranha anónima lhe bastaria; ansiava por Sarah – com as suas mãos suaves e palavras ternas. Sarah preocupava-se com ele como ninguém mais o fizera e ele precisara do seu olhar divino como se de comida ou de água se tratasse.

Quando ela se lhe juntara ousadamente, quando lhe afastara a dor com beijos, deixara de lutar contra os impulsos, determinado a possuí-la da única maneira importante. Comportara- se grosseiramente – mais do que o habitual – e não devia tê-la forçado àquela ligação, mas continuara em frente. Por motivos que nada tinham a ver com a sua origem, tinham-lhe chamado frequentemente safado e, ao tratá-la daquela maneira, provara uma vez mais como podia ser cruel.

Usara-a desprezivelmente, forçando-a a praticar atos que não exigiria a uma prostituta e ela aquiescera terna e afetuosamente a toda a sordidez que lhe havia proposto. Contudo, não estava arrependido. O seu encontro fora fantástico, delicioso, surpreendente.

Depois de todos os seus jogos eróticos, que haviam começado quando pouco mais era do que uma criança no corpo de um homem, nunca adormecera nos braços de uma mulher. Até mesmo nas duas breves ocasiões em que mantivera amantes, nunca sucumbira.

Havia algo no sono que o perturbava com a sua intimidade.

A união sexual era o seu único objetivo para visitar a cama de uma amante, porque qualquer outro transmitiria provavelmente uma mensagem enganosa sobre as suas intenções. Flertava, copulava e ia embora. Qualquer mulher suficientemente idiota para exigir mais, nunca mais o via. Embora o repouso fosse um ato inocente, o hábito impedia- o de baixar a guarda, sentindo-se confortável naquela difícil situação.

Contudo, aconchegara-se junto de Sarah sem pensar nas consequências e ficara extremamente surpreso ao verificar como isso o refrescara. O mero facto de a ter por perto fizera com que se sentisse mais unido, menos distanciado e descansara, mas, depois de se ter acalmado, a prudência tomara as rédeas e deslizara para fora da cama, distanciando-se dela.

Durante mais de duas horas tinha-a observado, maravilhado com aquele

profundo repouso. O seu nível de confiança era desproporcional ao que deveria ser, dada a sua bizarra relação. O seu corpo e a sua mente estavam em paz, cientes de que nada de mal lhe aconteceria enquanto ele estava ali para a vigiar. E vigiara-a indubitavelmente. Parecia bonita, jovem, inocente. Não conseguia desviar os olhos dela e a forma como o enfeitiçara perturbava-o. Qual era o seu objetivo ao meter-se com uma virgem da nobreza? Nem mais nem menos do que a irmã de Scarborough! Não gostava das mulheres da sua espécie, nem do que ela representava e, por conseguinte, os seus motivos eram definitivamente suspeitos. Talvez ele e o seu irmão James tivessem mais em comum do que estava disposto a reconhecer!

James deixara-se encantar pelos membros das altas esferas sociais, sujeitando-se ao seu domínio e disputando a sua atenção – a maior parte falsa – sempre que possível. Michael nunca partilhara o fascínio de James, convencido de que era o mais inteligente por não se deixar seduzir pelo seu mundo miserável, mas aparentemente enganara-se.

Sarah era um exemplo notável de como avaliara negativamente o seu desinteresse. Num momento em que baixara a guarda, ela tornara-se uma obsessão e não conseguia deixar de persegui-la. Nem devia dirigir-lhe a palavra, quanto mais instigar uma relação libidinosa. Que benefício poderia alcançar? Por que razão persistia?

O romance entre os dois não duraria mais do que a meia dúzia de dias que lhe oferecera antes de sair do banho. Ele tinha inúmeros defeitos; nunca se apaixonaria por ela, nunca a pediria em casamento, nunca se esforçaria por qualquer continuidade. Enquanto ela estivesse disponível, apreciaria a sua companhia e em seguida abandonaria a casa decadente de Pamela e viajaria até outra festa e mais outra, até finalmente se sentir tão entediado que regressaria a Londres.

Sarah Compton não voltaria a cruzar- lhe a mente.

A que se devia, então, aquele fascínio? Aquela implacável premência de estar com ela?

Enquanto os minutos passavam dolorosamente, um pensamento terrível invadira-lhe as suas reflexões: era assim que o pai começara a andar com a mãe? Edward também sofrera aqueles inflexíveis e cruéis anseios que não desapareciam nem diminuíam? Sentira- se impotente para resistir ao fascínio de Angela?

Tinham corrido constantes boatos de que a relação de Edward Stevens com Angela não fora uma leviandade juvenil, mas um intenso amor. Ponderando na forma como Edward correra atrás de Angela e a desposara pouco depois da sua legítima e aristocrata mulher ter morrido, Michael não podia descartar as histórias

que haviam agitado a cidade.

Na sua juventude, Edward sentira-se totalmente seduzido por Angela, sem poder nem querer evitar a atração que ela despertava – tal como o próprio Michael era presentemente incapaz de evitar o risco que corria ao perseguir Sarah. Talvez se parecesse mais com o pai do que se dispunha a admitir.

A ideia era desagradável e cansativa e perturbara-o quando ela tinha acordado da sesta, parecendo exuberante e bem- amada. Tentara mostrar-se brusco, afastá-la, mas ela conseguiu imiscuir-se na sua pele e remexer a sua vulnerabilidade. Era irritante e intrigante; queria que ela desaparecesse e queria que ficasse.

Preso de ruminações naquele bizarro quebra-cabeças, entrou no seu quarto. A porta de comunicação estava aberta e um candeeiro ardia em cima da cómoda. A chama estava quase a extinguir-se, desenhando sombras misteriosas na parede.

Tomado de um misto de alívio e de tristeza, observou rapidamente que ela adormecera na sua cama. A primeira reação foi de correr para ela, cobri-la de beijos, mas a sua autodefesa prevaleceu. Fechou à chave a sua porta e dirigiu-se à do quarto dela, certificando-se de que não teriam visitas indesejadas. Depois voltou para junto dela e aproximou-se da cama.

Para o seu encontro lascivo, Sarah vestira uma leve camisa de noite branca com mangas curtas e flores bordadas à volta do decote. Tinha uma fita cor de rosa atada na frente e o suave tecido caía em pregas suaves sobre o ventre, delineando todas as deliciosas curvas. O cabelo estava solto e escovado, espalhando-se numa mancha ruiva sobre a colcha da cama. As faces rosadas, os lábios num trejeito de amuo e o pestanejar dos olhos denunciavam o sonho que a envolvia.

Sedutora e apetecível, fez com que o sangue lhe fervilhasse nas veias. Os seus dedos formigavam, o membro latejava e duplicou o tamanho enquanto a fantasia se intrometeu, pintando cenas do que obteria dela, de como lhe acalmaria os receios, a instruiria e satisfaria, ao mesmo tempo que satisfaria lasciva e imprudentemente todos os seus desejos perversos. Contudo, isso pouco lhe importava. Ela implorara a oportunidade de estar novamente com ele e era uma mulher adulta que conhecia as suas tendências. O que quer que acontecesse mais não era do que ela procurara.

Observando-a em silêncio, sem nunca desviar a atenção da sua cativante anatomia, despiu-se. Considerou momentaneamente prolongar o prelúdio, obrigando-a a tirar-lhe a roupa, mas decidiu que não o faria. Não haveria demoras. Ele estava excitado e preparado para as próximas horas de êxtase. O membro projetou-se, orgulhoso e desafiador e rodeou a carne com a mão.

Oh, como desejava vir-se na sua boca! Ou entre as pernas! Como aquela fenda

virginal estaria apertada! Como seria bem-vindo o alívio!

Contudo, ela não estava pronta para tal episódio, nem ele. Embora a sua moral se encontrasse ao mais baixo nível, não era suficientemente canalha para lhe roubar a virgindade. Apesar das suas extensas e incautas diversões sensuais anteriores, ele nunca desflorara uma mulher e não começaria agora.

Mesmo assim, a ideia era tão tentadora. Como poderia recusar tal incentivo? Sobretudo quando os seus copiosos encantos se lhe ofereciam tão livre e graciosamente.

Sem querer assustá-la, deslizou cuidadosamente para o colchão e estendeu-se junto dela. Sarah encontrava-se deitada de lado e ele rolou-a de costas, firmando-a ao colocar um braço sobre o seu peito e uma perna por cima da coxa.

– Sarah… – murmurou baixinho, sem se cansar da oportunidade de pronunciar o nome dela. Depositou-lhe um beijo casto que a desconcertou. O sonho em que se enredara findou bruscamente e acordou.

– Michael…

Momentaneamente desorientada, ergueu o rosto na sua direção com um verdadeiro deleite estampado no corpo e ele decidiu que, independentemente do que ocorresse entre ambos, por mais inadequado que fosse o seu comportamento ou as suas ações indecorosas, toda aquela loucura se justificava ao vê-la sorrir para ele com tamanha devoção. O lugar vazio no centro do peito onde o seu coração batia criou vida e doeu-lhe, como se tivesse começado a funcionar após uma longa pausa.

– Olá – reagiu com um sorriso idiota no seu próprio rosto.

– Estava a dormir tão profundamente.

Despenteada, mas adorável, Sarah parecia confusa e envergonhada por ter sido apanhada de surpresa.

– Sim, é verdade.

– Tentei esperar-te acordada. Que maravilha de atitude!

– Fico contente – reagiu.

– É muito tarde?

– Sim.

Sarah entrelaçou-lhe os dedos no cabelo, depois passou amorosamente a palma da mão pela face mal barbeada e aquele gesto foi tão familiar e querido que quase lhe tirou a respiração.

Por que razão os seus demónios pessoais o haviam impelido para uma noite no exterior? Por que razão passara tanto tempo a vaguear e na farra? Poderia ter-se isolado com ela e envolver-se na sua ternura. Insultando-se pelas suas disposições asininas, deixaria de rejeitar o alívio que sentia na presença dela.

Enquanto permanecessem em Bedford, desfrutaria o seu maravilhoso refúgio.

De súbito, a realidade tomou as rédeas e Sarah franziu a testa, preocupada.

– Onde estiveste?

O seu paradeiro não lhe dizia obviamente respeito e não lhe cabia o direito de questioná-lo sobre as suas atividades. No passado, qualquer mulher curiosa teria recebido um aviso austero, mas, em vez disso, engoliu uma réplica afiada.

Sarah Compton provocava-o de novas e diferentes formas e tinha de habituar- se ao estilo peculiar daquela relação. Gostava que ela se interessasse o bastante para inquirir, espicaçar e ansiava que compreendesse as razões que o motivavam e os demónios que lhe mordiam os calcanhares.

Raios! Se ela continuasse a fitá-lo daquela maneira, seria incapaz de dominar a sua indiferença. Começaria a derramar as suas tristezas e desgostos na cama, qual tinteiro de tinta entornada.

– Andei a passear por aí – declarou honestamente. – Fui até à vila para beber uma cerveja e depois fiquei a jogar às cartas.

– Mas sabias que eu estaria aqui.

Vinda de outra mulher, a frase soaria a uma acusação, mas, dita por ela, havia apenas perplexidade.

Quanto tempo passara desde que uma mulher lhe sentira a falta ou rezado para que ele voltasse rapidamente a casa?

– Fiquei surpreendido – disse, chocado com a sua própria revelação. – Depois desta tarde.

– E então concluíste que seria melhor evitares-me?

Até mesmo a censura foi pronunciada gentilmente.

– Não fazia tenção de voltar.

– Porquê? – reprovou ela com ternura.

– Gosto que estejas aqui – confessou Michael admirado com a sua revelação, embora intimamente se repreendesse por expressar aquela baboseira sentimental.

– Que doçura de comentário.

Estupidez! Porquê incentivar os voos fantasiosos daquela mulher? A forma como o olhava – como se ele fosse inteligente, benevolente e extraordinário

– apavorava-o. Apreciava a visão feminina das relações carnais e como se entregavam. Divisavam o amor onde só existia a luxúria.

A não ser que criasse um atoleiro de onde não pudessem livrar-se, tinha de exercitar a cautela. Por mais que se sentisse fisicamente atraído por ela, não fazia tenção de permitir a intrusão de qualquer tipo de emoção idiota por Sarah.

– O que estamos a fazer… – começou com prudência, sem grande desejo de

magoá-la com a verdade – … não é correto.

Sarah pousou um dedo nos seus lábios, impedindo qualquer outra vocalização de arrependimento.

– O que quer que se siga entre nós nunca poderia estar errado. E recuso ouvir-te dizer isso. Este é um momento especial que agarrámos para nós. Contentemo-nos com o que temos.

Assentindo com a cabeça, Michael aceitou a sagacidade da frase, pois não era exatamente isso o que também ele deduzira? Planeava aproveitar o momento.

– Posso voltar a fazer amor contigo? – perguntou, beijando-lhe as pontas dos dedos.

– Depende – respondeu ela, percorrendo a mão ao longo do seu pescoço e do peito, onde traçou círculos lentos. – Estiveste com outra mulher desde que nos separámos esta tarde?

– Não – retorquiu, aliviado, pois nem sequer falara com uma mulher desde essa altura.

– Não foste ao quarto secreto?

– Não – repetiu Michael.

– Porque, tenho de confessar que me senti desesperada com essa possibilidade – disse Sarah um pouco corada. – Ao ver que não chegavas, espreitei pelo postigo, mas alguém o tapou para eu não poder ver o interior.

– Fui eu o culpado. Não gostei que tivesses observado o que se passa.

– Sou uma mulher adulta – sentiu-se compelida a ripostar.

– Sem dúvida – anuiu ele –, mas isso não significa que devas expor-te à lascívia desta casa.

– A única lascívia que testemunhei foram as tuas travessuras.

– E sinto-me muito envergonhado com esse facto.

– A sério?

– Sim.

– Por conseguinte… decidiste mais uma vez nomear-te o guardião da minha virtude? – reagiu Sarah com uma gargalhada que o surpreendeu.

– Acho que sim – resmungou ele entre dentes.

O seu membro rígido roçou a coxa de Sarah, as pernas nuas entrelaçaram-se nas dela e a comicidade da situação provocou-lhes o riso que se desvaneceu num silêncio cúmplice.

– Fiquei tão preocupada ao ver que não regressavas – disse ela.

– Uma aflição desnecessária – retorquiu Michael.

Contudo, que maravilhosa era a descoberta! Sentiu-se extraordinariamente

satisfeito.

– Não sabia muito bem como te encontrar e, depois da noite passada, receei ir à tua procura.

– Ótimo – aprovou ele. – Talvez tenha conseguido finalmente meter-te algum juízo nessa teimosa cabecinha.

– Talvez – concordou Sarah e o silêncio voltou a pairar entre eles. – Senti um medo horrível de que tivesses ido visitar uma amante – acrescentou quase timidamente.

– É assim tão importante que não o tenha feito?

– Muito.

A implicação perturbou-o. Sarah estava a suplicar-lhe uma promessa de fidelidade! O seu pedido era tão implausível que mal conseguia apreendê-lo. A monogamia conotava lealdade, uma promessa que nunca faria, pois nunca conseguiria de modo algum cumpri-la.

Não acreditava no ridículo das paixões eternas defendidas pelos poetas. Embora fosse estúpido bastante para se envolver romanticamente, nunca deixaria que isso acontecesse com uma mulher tão bela e honrada como Sarah, pois nunca seria o homem que ela julgava e, caso acabassem juntos, ela ficaria eternamente desiludida.

A realidade era difícil de engolir e ele não tinha intenção que ela descobrisse quão diferentes eram as suas ilusões das circunstâncias vividas.

Sarah criara visivelmente suposições erradas sobre o tipo de pessoa que ele era. Provavelmente, tinha-lhe atribuído várias qualidades que se perdiam na fantasia, mas ele deleitava-se com esses devaneios. Apenas por uma vez, fingiria ser o que ela queria que ele fosse.

Ela estava à procura de um herói e ele não queria repudiar as suas perceções. Não desejava pô-la a par de que achava a fidelidade impossível, a lealdade um absurdo e o compromisso a longo prazo um disparate. Não podia copular e amar ao mesmo tempo e jamais confundia as duas coisas. O sexo era um método de saciar o pénis ereto e fornicava a fim de encontrar alívio para os seus impulsos masculinos, mas era desnecessário informá-la sobre essas convicções.

O facto de ela o achar um homem melhor, um homem diferente, era sem dúvida encantador. Que mal teria fazer- lhe a vontade? Se a incomodava que ele pudesse continuar com a sua diversão lasciva no quarto secreto, tornava-se simples acalmá-la. O apaziguamento justificava o alívio consequente.

– Não voltarei a ir lá.

Pelo menos enquanto ela estivesse na mansão, mas pensou que não deveria

adverti-la sobre todas as suas terríveis verdades. Algumas mentiras eram permitidas entre amantes, não eram?

– Ficaria de coração partido se o fizesses.

Quando é que alguém se preocupara tanto com ele e o admirara daquela maneira? Mal se conheciam e, no entanto, ela estava tão certa de que uma personalidade virtuosa habitava o seu íntimo.

Que ele poderia ser o homem que ela imaginava! Em vez disso, para sua vergonha e consternação, não tinha escrúpulos nem restrições, reduzido a um ocioso que usava as mulheres para os seus desprezíveis objetivos. Ela não veria? Não reconheceria quem ele era e o que era?

A agonia de enfrentar os seus defeitos, de tê-los tão expostos, era extremamente dolorosa. Sarah dragava as suas imperfeições e falhas sem sequer as mencionar. A mera presença dela levava-o a questionar todo o seu modo de vida, a focar-se nos seus defeitos individuais como se pudessem ser corrigidos ou emendados.

Michael não tinha paciência para uma constante autoavaliação. O seu orgulho não aguentava a imutável recriminação e apreciação e, no entanto, ao conhecê-la, tinha sido assaltado por memórias antigas, dor esquecida, fraquezas e fiascos e não tencionava desperdiçar esforços a refletir nos vários caminhos que poderia ter escolhido. Aquele pântano de indecisão e perplexidade em que estava mergulhado era inútil e tinha de devolvê-los a um mundo que entendia.

Na esperança de concretizar um só objetivo – o prazer carnal – procurava mulheres que lhe adornassem a cama. Sendo um amante dotado e perito, viajava ao auge e as mulheres acorriam para copular com ele, dadas as suas capacidades de sedução. Sarah era igual a todas as outras. Perseguira-o, buscando uma relação erótica que presumia – guiada pela ilusão – poder tornar-se emocional, mas ela era demasiado inexperiente para entender essa improbabilidade.

Ao corrompê-la uma vez mais, poderia trazer o encontro de volta a um terreno seguro, onde ele se centraria num único objetivo importante: saciedade. Se tivesse sorte, talvez se aplicasse tanto na sua busca que conseguisse sufocar a sua preocupação infernal com ela antes de ir à loucura.

Inocentemente, roçou os lábios nos dela, sem se deter como adoraria fazer, mas refreando-se como era mais sensato. Beijá-la era perigoso. Melhor e mais saudável seria usar a boca em esforços mais frutíferos.

– Pensei em ti a noite toda – disse ele.

– E eu em ti.

– Gostaste do nosso encontro desta tarde?

– De cada segundo – respondeu ela com uma piscadela de olho maliciosa. –

Voltei para mais, não foi?

– É verdade.

Sentindo-se grandioso, riu e trocou as posições de modo a que ela ficasse por cima. Apartando-lhe as coxas, colocou-a para que o seu sexo tentador ficasse diretamente sobre o seu membro, em seguida rodeou-lhe as ancas com os braços e iniciou um movimento ritmado contra a sua gruta.

– Tenho estado tão duro por ti desde que nos separámos – disse com um aceno de cabeça para o corpo feminino.

– Despe a camisa de noite. Mostra-me o que aprendeste hoje.

14

Sarah fitou-o, desconsolada com aquela ordem fria. Na sua ingenuidade, tinha fantasiado que haviam forjado um novo entendimento e passariam a unir-se com beijos e declarações de afeto.

Num dos cantos da boca desenhou-se um sorriso e logo o desfez. Como tinha sido parva ao supor que a simples aventura de uma tarde pudesse alterar a relação de ambos. Michael não era dado à prosa poética ou floreados de boas- vindas. Era quem era. Dada a sua complexidade, nunca abraçara nem arrulhara, mas as suas arestas e a atitude beligerante constituíam o que a seduzia tão desesperadamente.

Mostrava-se, como habitualmente, brusco e exigente, mas ela verificou surpreendida que não lhe custava nada suportar os seus modos arrogantes. Enquanto poderia ter ficado irritada caso se encontrassem noutro local, naquela situação de isolamento, à beira do êxtase sexual, sentiu-se encantada pela forma como ele lhe ditava ordens.

Por norma, Michael procurava mulheres predispostas à decadência.

Como ele próprio admitira, tinha fortes impulsos viris que exigiam um alívio rotineiro. Embora a tivesse favorecido como parceira, não atribuíra qualquer significado especial à escolha, mas Sarah não estava disposta a considerar a sua falta de deferência como um sinal de derrota. Ele voltara – após se debater incessantemente sobre se deveria fazê-lo –, o que iria tomar como sinal de progresso.

Sarah não acalentava ilusões quanto ao motivo por que ele não estava particularmente entusiasmado em traquinar com ela de novo. Sem dúvida por causa da sua inexperiência, não conseguira satisfazê-lo totalmente. Ele derramara a semente, mas tanto quanto podia perceber, pouco interferira no ato. Estivera apenas presente e disponível. Michael brincara com ela e excitara-se, mas poderia ter tido o mesmo comportamento com qualquer uma, ela ou outra. Devido aos seus hábitos lascivos, qualquer mulher nua o teria lançado naquele abismo de gozo.

No entanto, apesar da perplexidade que admitira, tinha regressado aos seus braços. Reconhecera gentilmente que gostara do encontro, mas Sarah tinha perfeita consciência de que o mesmo havia sido limitado em quantidade e qualidade – uma circunstância que se propunha retificar mal estivesse à altura.

Ansiava por lhe agradar de todas as maneiras, que ele encarasse os seus encontros amorosos como mágicos e sedutores, mas talvez esperasse demasiado. Por enquanto, precisava de se sentir satisfeita com a sua presença, depois de tanto se haver preocupado que ele não aparecesse.

Após ter saído do quarto dele, mal conseguira aguentar a noite interminável de convívio sem dissimulação. Quando se declarara cansada e subira rapidamente as escadas, irrompera pelo quarto dele, segura de que Michael estaria à espera, tão impaciente como ela pelo que se seguiria. De início, sentira-se terrivelmente decepcionada pela sua ausência, mas, após afastar a irritação com um encolher de ombros, ficara de pé, no meio do quarto e rira em voz alta.

Michael Stevens tinha sem dúvida coisas melhores para se ocupar! O que lhe passara pela cabeça? Acalmara-se e em seguida pusera-se a andar de um lado para o outro. Cada rangido da velha mansão, cada estalido dos toros de lenha na lareira, um passo inesperado no corredor, contribuía para lhe acelerar o coração.

À medida que as horas iam passando e ele continuava sem aparecer, a sua autoconfiança desvanecera-se. Imaginara os locais onde ele podia ter ido e o que estaria a fazer. Quando se tinha atrevido a dar uma espreitadela pelo postigo e descobrira que se encontrava tapado, sentira-se derrotada, segura de que ele estava do outro lado da parede com uma amante anónima. Todos os seus esquemas e planos tinham sido em vão!

Desanimada, mas incapaz de permanecer na sua cama solitária, entrara no quarto dele e deitara a cabeça na sua almofada, imediatamente pacificada pelo seu cheiro. Flutuando entre o desespero e o sono, tinha ficado, decidida a encontrar uma solução. Michael bem podia protestar, reclamar e negar, mas ambos partilhavam um destino e ele pertencia-lhe, pelo menos, durante os próximos dias.

Depois disso, o que podia acontecer era uma incógnita, mas ela sempre tinha sido otimista. Qualquer ocorrência maravilhosa era uma hipótese.

A intimidade física serviria para os unir mais do que quaisquer palavras e, por conseguinte, tirou a camisa de noite pela cabeça e atirou-a para cima do colchão. Escarranchou-se no colo dele, vestida apenas com um par dos exóticos culotes franceses que o divertiam. Michael fixou o olhar no seu peito nu e os mamilos reagiram e endureceram.

– Tens um corpo maravilhoso! Irreverentemente, beliscou um dos bicos alongados, entre o polegar e o indicador. O gesto fê-la estremecer tal como o comentário e corou. Não estava habituada a elogios, sobretudo tão indiscretos. Agarrando-lhe nas ancas, inclinou-a para diante e Sarah pousou as mãos de cada lado da sua cabeça, com os mamilos pendentes sobre a boca sequiosa.

– Vou fazer amor com os teus seios.

– Sim… – anuiu ela ofegante enquanto ele chupava o mamilo avolumado. – O que quiseres.

– Continuarei até não conseguires aguentar mais. Até me suplicares que pare.

– Não, nunca. Nunca te pedirei que pares.

– Até gritares o meu nome. Essa já era uma possibilidade!

Firmando-a contra ele, pôs-se a chupar um mamilo até ficar vermelho e alongado; em seguida, dedicou-se ao outro e tomou o delicioso pedaço entre os lábios zelosos.

Lá em baixo, introduzira o membro entre as pernas dela e as mãos desceram até ao traseiro, apertando e manipulando os globos redondos, usando-os como uma alavanca de carícia sobre o seu sexo excitado. A carne quente masculina empurrava os culotes de seda contra a fenda excitada.

Michael tinha as mãos nas suas coxas, apartando-as para que o monte de vénus inchado fosse titilado por cada pequeno movimento seu. O seu membro massajava incansavelmente cada delicioso centímetro e, quando ele puxou as fitas dos culotes, quando enfiou os dedos no interior, todo o corpo dela estava pronto para o gozo que imaginava vir na sua direção.

Com algumas pancadinhas do sorrateiro polegar ele conduziu-a até à beira do precipício e empurrou-a. Apercebendo-se da queda iminente, ela saltou finalmente para o vazio com um misto de angústia e de júbilo. Ele engoliu em seco o seu grito de delícia, beijando-a para absorver um pouco do seu êxtase enquanto ela subia ao céu e depois flutuava de volta à terra.

Dado que ele invariavelmente se mostrava relutante em beijá-la, Sarah julgou que terminaria tudo bruscamente, mas, daquela vez, não foi assim e ela deleitou-se com a atenção recebida. Aquele era um beijo como sempre havia imaginado, maravilhoso e excitante. As respirações fundiram-se, os corações batiam em uníssono. O beijo prolongou- se e ela saboreava, deixando-o ficar o tempo que quisesse.

O interlúdio foi acabando aos poucos e os lábios separaram-se. Ele fitou-a com uma expressão tão intensa que a confundiu.

Esforçando-se por mostrar um pouco de leviandade, Sarah sorriu e perguntou:

– Como consegues fazer-me isso tão facilmente?

– Presumo que a milady ficou… satisfeita!

– Sim, seu desavergonhado – resmungou ela entre dentes. – Não fiques com esse ar convencido.

Seguro e confiante, ele era positivamente letal para alguém com a sua capacidade limitada e Sarah desejava ardentemente saber proteger-se contra aquela ofensiva.

Michael sorriu e depois roubou-lhe mais um beijo ardente.

– Adoro a forma como faço que te venhas – disse ele sem um pingo de vergonha. – Gritaste por mim… mesmo no final.

– Não posso permitir uma tal arrogância num homem!

– Vai-te habituando, querida.

Michael pronunciara de novo o termo afetuoso como se não tivesse importância. Aquela beleza diabólica, os olhos cor de safira brilhantes de desejo e a covinha abominavelmente encantadora no queixo levaram Sarah a ponderar como tinha deixado que o seu pobre coração se rendesse daquela forma. Depois de regressar a casa, jamais voltaria a ser a mesma.

– És terrível. Não sei porque permito que abuses de mim.

– Porque sou irresistível?

– É bem verdade – retorquiu ela. – Infelizmente.

– Oh, Sarah… – exclamou ele, a rir. – És tão boa para mim.

– Sou?

– Sem dúvida.

O ar apresentava-se carregado como antes de uma tempestade iminente, cheio de promessas e presságios. Fortes emoções invadiram-na e foi incapaz de desencantar uma réplica adequada.

– Estou tão duro por ti – disse ele finalmente.

Pressionou o falo contra ela e Sarah deu-se conta de que sempre que as suas réplicas se tornavam demasiado íntimas, Michael retomava o campo sexual. Contudo, não se importava, porque exercia mais autoridade sobre ele quando estavam nus. Quanto mais o saciava, mais oportunidade tinha de atraí-lo para a ligação que esperava desenvolver.

Sarah tomou a iniciativa de um movimento.

– Gosto de sentir a tua proximidade mas não chega.

– Não.

– Porquê?

– A conclusão normal do teu orgasmo seria que eu te penetrasse – retorquiu ele, acariciando a fenda sedosa dos culotes e enfiando um dedo furtivo na sua gruta excitada. – Estás tão apertada – concluiu num tom rouco.

– Será que… – Ela não possuía o vocabulário bastante para o questionar sobre se lhe faria amor. Agora que ele lhe explicara aquele vazio, reconheceu que o seu corpo ansiava por ser liberto da virgindade.

– Hoje, não. Talvez nunca… – retorquiu. – Não sei – acrescentou, parecendo desconcertado pela sua reticência e hesitando ao mesmo tempo que a virava de costas. – Vou pôr a boca em ti.

– O quê?

Michael acariciou os culotes umidos, sem deixar qualquer dúvida quanto à sua

intenção e ela arregalou os olhos, perplexa.

– Quando me vier, quero sentir o gosto do teu sexo na minha língua.

– Não estás a falar a sério.

– Estou, sim.

Antes que conseguisse impedi-lo, ele baixou-lhe os culotes e tirou-lhos pelos pés. Posicionou-se, disposto a avançar e ela estremeceu, confusa.

– Michael!

– Quando dizes o meu nome dessa maneira, pareces uma prostituta de luxo.

Sarah não ligou minimamente à grosseira comparação.

– Seja o que for que desejes, não estou pronta para… para...

A ponta da língua dele mergulhou no seu umbigo e ela contorceu-se. Michael parou e fixou o olhar escaldante no seu torso, recordando-lhe a sua aquiescência e de como sucumbira prontamente e se mostrara arrebatada.

– Confias em mim, não é verdade? – perguntou.

– Não, não confio – respondeu, mas sem conseguir afastá-lo.

Michael ousou troçar da sua sinceridade e prosseguiu, baixando a cabeça e descendo até à zona púbica. Esfregou a face e o nariz por entre os pelos, cheirando como que absorvendo todo o seu odor.

– Michael… – repetiu ela. – Isto é demasiado íntimo.

– Eu disse-te – respondeu ele, erguendo-se da sua precária posição – que nada é proibido. Nada, Sarah.

– Mas eu não fazia ideia de que inventarias algo tão…tão…

– Depravado? Chocante? Inadequado?

– Exato.

– Possuir-te assim fará com que me sinta feliz – reagiu com um encolher de ombros. – Não é por esse motivo que estás aqui?

Dado que ele tinha toda a razão, qualquer protesto parecia fútil.

De qualquer forma, e apesar da sua oposição, ele conseguira meter-se entre as suas pernas e instalar-lhe as coxas sobre os seus ombros. Quando afastou as pregas misteriosas, Sarah arqueou o corpo, procurando escapar, mas ele segurou-a, impedindo a fuga.

– Descontrai-te – murmurou num tom terno. – Fecha os olhos e limita-te a sentir.

– Não me agrada.

– Vai agradar-te – insistiu ele, como descarado que era.

Sem rodeios, examinou todos os ângulos da sua gruta feminina. Em seguida… usou a língua. Invadiu-a e ela tapou a cara com o braço, escondendo- se e desejando

desaparecer. Sentiu-se humilhada, violada e, porém, estranhamente intrigada pelos seus impulsos e estocadas.

Michael beijou-a lentamente como o fizera na boca, penetrando-a num ritmo incessante e a sedução começou a produzir efeito. Sarah apartou mais as coxas, oferecendo-lhe mais espaço onde levar a cabo o seu devasso e astucioso ataque. Por mais que tentasse não apreciar a manobra, era-lhe impossível resistir. O seu corpo reagiu e retesou-se sem qualquer tentativa de se escapar, mas num esforço de libertação carnal.

– Não, não posso – gemeu ao perceber para onde ele a conduzia. – É cedo de mais.

– Nunca é cedo. Fá-lo novamente. Só para mim.

O canalha desavergonhado! Agia como se ela lhe prestasse uma cortesia mediante o gozo sensual.

Michael pousou os dedos nos seus seios, beliscando furiosamente os mamilos atormentados, enquanto a língua se centrava na protuberância sensível em que causava aquele efeito devastador. Com o mínimo esforço, conduziu-a uma vez mais para a beira do precipício.

Michael pairava sobre ela, com o poderoso membro na mão e guiou a enorme cabeça para a fenda dela.

– Consegues imaginar como seria se te penetrasse agora? Possuía-te toda.

Durante muito tempo não se mexeu, à beira de um terrível impasse e ela mordeu o lábio, preparada para o que se seguiria, mas que não aconteceu.

Gotas de suor orlavam-lhe a testa e ele acariciou-a com a humidade do sémen na ponta do sexo e penetrou-a ao de leve. Prevendo o que poderia acontecer, fixou o local onde estavam ligados. Sarah também olhou, nervosa e excitada.

Apertou as ancas e ele recuou como se o tivessem queimado, mas ultrapassara os limites da sua resistência e necessitava de um alívio imediato. Apertou-a de encontro ao peito, roçou o membro contra ela, duas, três vezes, e depois veio-se no seu ventre e na perna, cobrindo-a com o seu líquido quente, enchendo o ar de um aroma pungente.

– Oh, Sarah…

Gemendo, deixou-se cair sobre o corpo dela e manteve-se imóvel enquanto a pulsação regressava ao normal. Por fim, lutou para se escapar, mas ela não permitiu, aconchegando-o de encontro ao peito com o belo rosto entre os seios.

O acasalamento criou tanta serenidade que ela queria agarrar o momento, mas, infelizmente, a calmaria proporcionou a oportunidade para reflexão em assuntos que melhor seria ficarem no esquecimento, como uma casa e uma família dela

própria. Sempre havia insistido que não desejava nenhuma delas, mas, agora, com o odor do seu sexo pairando no ar e o som do nome dela ecoando nas paredes, era desconcertante recordar a razão por que evitara essa oportunidade de satisfação.

Como podia ter vinte e cinco anos e estar tão sozinha? Sempre achara que a sua vida era agitada e nunca lhe ocorrera que estava sozinha ou que gostaria de viver feliz para sempre ao lado do homem dos seus sonhos, sendo esse homem muito parecido com Michael Stevens.

Afastando a realidade, desejou todas as coisas que nunca poderia ter mas concluiu que as queria. Que mal tinha?

Em seguida, beijou-lhe o topo da cabeça e ele espreguiçou-se e gemeu languidamente.

– És casado, Michael? – questionou antes que pudesse conter-se.

– Não. Porquê? – retorquiu ele. – Estás preocupada com o meu caráter?

– Claro que sim, safado – reagiu –, mas não por poderes estar a trair a tua mulher. Tens defeitos muito mais graves.

– Lá isso é verdade.

– Sinto-me aliviada por esse não ser um deles – comentou num tom despreocupado, mas, pela maneira como lhe sorrira, ele achara que se tratava de uma brincadeira, só que ela falava a sério.

– Apenas me senti curiosa. Não sei nada a teu respeito. – Na pausa que se seguiu, o esperto não forneceu qualquer informação, embora ela tivesse apresentado a desculpa perfeita. – Alguma vez pensas em casar? – suspirou.

O coração de Sarah saltou-lhe no peito. De onde surgira aquele comentário? Se o colchão pudesse engoli-la para que desaparecesse! Como ele devia considerá-la idiota! Umas voltas na cama, umas lições sobre carnalidade e já tagarelava sobre matrimónio! Depois de uns dias antes ter fingido sofisticação e suplicado por uma aventura sem consequência!

– Não, nunca – respondeu ele com mais suavidade do que ela merecia. Beijou-lhe a parte inferior do seio e depois apoiou-se sobre um cotovelo. O seu sémen estava a secar e limpou-o com a camisa de noite dela. – É o que esperas que possa acontecer entre nós?

Não havia qualquer censura ou reprovação no seu comentário, por conseguinte, se fosse prudente, podia esquivar-se ao passo em falso antes de fazer mais figura de idiota.

– Apenas começo a entender que perdi muito por não me casar.

– É natural. O sexo desperta muitas emoções novas e estranhas. Particularmente numa mulher.

– Mas não num homem?

– Não. As mulheres confundem sexo com amor quando, afinal, as duas coisas nada têm a ver entre si. Para um homem, a fornicação é simplesmente uma descarga física.

– É assim que vês as coisas?

– É. – A verdade magoou-a e ele acrescentou: – Desculpa ser tão brusco.

– Isso explica porque é que um homem pode ter várias amantes.

– Sim.

– Porque é que um homem pode supostamente amar a mulher, mas ter uma amante.

– Exato.

– Porque podes ir para o quarto secreto e cabriolares com mulheres desconhecidas.

– Sim – admitiu Michael, mexendo-se desconfortavelmente.

Sarah resolvera aguentar as suas declarações francas, fitando os olhos azuis e mostrando tão pouco interesse como ele quanto àquela difícil questão.

– Isto não passou de uma descarga física para ti?

– Foi bastante mais – respondeu ele, surpreendido com a anuência. – Mas não significa que casemos quando tudo terminar – continuou, passando um dedo pela sua face, o queixo, os lábios. – Tem cuidado com o vaguear do teu coração – acrescentou num tom terno, mas firme. – Guarda-o bem, pois certamente o quebrarás se mo entregares.

– Como se tal fosse acontecer! – retorquiu ela secamente, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. – Tenho mais senso do que isso.

– Seria um erro grave.

– Não precisas lembrar-me.

Sarah estava a mentir, mas ele teve a decência de fingir que não sabia e, quando ela estendeu os braços, ficou imensamente satisfeita por ele se aninhar entre eles sem hesitar. Mantiveram-se deitados, com a perna de Michael sobre a sua coxa, a mão na sua cintura e observando-a como se a cunhasse na memória.

– Porque é que nunca casaste? – perguntou ele, com uma expressão tão admirada e peculiar como quando ela o interrogara.

Como adorou que ele indagasse! Reunindo forças, compôs uma atitude entediada, embora morresse ao confessar-lhe tanta coisa.

– Sempre pensei que o faria. Até fui a uma época alta em Londres.

– A sério?

– Quando tinha dezassete anos, mas foi horrível.

– Porquê?

– Nessa altura, eu não era propriamente uma beleza.

– Acho difícil de acreditar.

O elogio foi tão bem-vindo quanto surpreendente. Dado ele não ser dado a lisonjas, sobretudo em relação a algo tão nebuloso como a beleza de uma mulher, recebeu as suas palavras como se fossem uma bênção misericordiosa. Michael beijou-lhe a ponta do nariz, mas o toque suave mergulhou até ao seu âmago onde se alojava a sua mágoa do passado. O sentimento reconfortou-a e ansiou pela sua simpatia e aprovação quanto à mulher em que se tornara. Os antigos tormentos eram peças de um todo.

– Naquela época – confessou – tinha pernas desengonçadas, cabelos ruivos e não estava preparada para o que Londres seria. Comeram-me viva.

– As tuas companheiras podem ser muito cruéis – concordou Michael.

– Podem, sim – disse ela, agradada com a sua anuência. – E o meu pai pressionava-me para escolher um dos rapazes, mas eram todos tão inaceitáveis. Não conseguia decidir.

– Não permitiste que fosse ele a escolher?

– Não.

– Então, recusaste todos? – concluiu ele com um brilho genuíno no olhar. – Enfrentaste o teu pai?

– Posso ser muito teimosa.

– Já tinha notado.

Sarah poderia ficar ali eternamente, abraçada, rindo, trocando piadas e sentiu-se de novo perplexa por ter perdido tanta coisa ao recusar aquela proximidade com um homem, tal como apreciava a única ocasião que poderia desfrutar dessa felicidade.

Michael Stevens era um indivíduo único e, quando esse período findasse, jamais viveria algo semelhante. Aquele singular e raro encontro teria de prolongar-se ao longo dos anos seguintes, com constantes memórias, firmes e distintas, da sua breve ligação.

Invadiu-a a tristeza ante a convicção de que jamais viveria aquela calma alegria e afastou-a. Recusou sentir-se infeliz! Não, enquanto estivesse ali com ele daquela forma. Haveria muitos, muitos dias em que lamentaria o seu destino e o que poderia ter sido. Por enquanto, contentar-se-ia com o presente.

– E no que te diz respeito? – Desejava saber mais e, como tinha anteriormente deduzido, arrancar-lhe umas migalhas da sua vida era como se lhe arrancasse dentes. – Conta-me algo escandaloso que me deixe boquiaberta.

– Desvendaste os meus piores segredos.

– E que tal uma coisa pessoal? – redarguiu ela, desejosa de que lhe divulgasse algumas confissões importantes. – Como ganhas a vida?

– Tenho um clube de cavalheiros com o meu irmão, James.

Uma resposta direta! Encorajada, disparou um segundo round.

– Onde?

– Em Londres.

– Vives na cidade?

– Sim. No distrito do teatro.

– Com a tua mãe e o teu irmão?

– Não sei bem.

– Como assim?

– Com os recentes casamentos de ambos, ignoro quais são as regras agora.

– Não voltaste desde que casaram?

– Não.

Pela primeira vez, o seu frio distanciamento levou-a a avançar com cuidado, ciente de que metia o dedo na ferida.

– Quem é a tua família?

– A minha mãe é Angela Ford, uma atriz famosa.

– A sério? – retorquiu ela admirada e sentando-se.

Se tivesse sido desafiada a adivinhar os seus antecedentes, diria que ele era o terceiro ou quarto filho de um nobre rico, a ovelha negra da família. Contudo, o filho de uma atriz! Nunca conhecera alguém com tão má reputação.

– Que fascinante! Vi-a uma vez em palco, quando estive na cidade. É uma lenda.

– Por aí.

Sarah lembrava-se daquela mulher dinâmica. Emanava um carisma que a própria Sarah, com as suas bases rurais, não poderia deixar de notar. O facto de a famosa celebridade ter dado Michael à luz não a surpreendeu minimamente.

– Quem é o teu pai?

Michael susteve a respiração e depois soltou uma risada, que lhe era dirigida e pelo que considerava visivelmente uma pergunta ridícula.

– Ia jurar que foste criada por lobos na floresta, Sarah.

Estava a espicaçá-la e sentiu-se emocionada por ele gostar dela o bastante para gastar energia.

– Porque dizes isso?

– Nunca conheci ninguém que não fosse exaustivamente versada nos meus

sórdidos pormenores.

– Bom. Eu não sou.

– É óbvio.

Michael riu alegremente, divertindo- se à sua custa, mas ela não se importou. Desde que concluísse a sua história!

– Há muitos? Sórdidos pormenores, quero dizer.

– Suficientes para encher um livro.

– Oh…

Como se responderia a uma afirmação daquelas? Não lhe ocorreu uma réplica apropriada e o silêncio voltou a reinar, enquanto ele a fitava com um afeto genuíno, apreciando obviamente aquelas brincadeiras verbais entre ambos.

Por fim, ele declarou:

– O meu pai é Edward Spencer.

Sarah ponderou uns momentos antes de situar o apelido.

– O conde de Spencer?

– Sim, mas não o reivindico, nem ele a mim.

A sua anuência foi pronunciada tão baixo que ela quase não a ouviu e examinou-o pensativamente. Tratava-se de uma ferida em sangue que ele nunca curara.

– Não estás a brincar?

– Não, não estou.

Michael pôs-se de costas, abraçando-a de forma a colocá-la ao seu lado e Sarah sentiu-se aliviada por terem mudado de posição, visto que poderia fixar outro ponto além dos seus olhos azuis, enquanto meditava na sua origem.

A sua filiação paterna explicava muita coisa: o porte majestoso, a atitude arrogante, o comportamento imperioso. Sarah convencera-se de que ele era filho de um aristocrata, alguém do seu nível social e, contudo, Michael não passava de um bastardo. Mesmo que por qualquer capricho do destino, ele decidisse que a amava, nunca poderiam casar.

Como poderia ela lamentar tão intensamente a perda de algo que nunca tivera viabilidade de começo?

Lutando por parecer indiferente, contrapôs:

– Agora que confessaste a identidade do teu pai, compreendo porque és tão irremediavelmente arrogante.

– Não consigo acreditar que ignorasses.

– Provavelmente, sim… – começou, invadida por fragmentos de antigos boatos, mas não os bastantes para se recordar de tudo – … mas nunca o teria ligado

a ti.

– Faz alguma diferença?

Sarah estava mais sintonizada com o seu estilo e percebeu que não se tratava de uma pergunta inocente. Era um teste, uma análise do seu tipo de pessoa e ele preparou-se para o repúdio, e ela não pôde deixar de especular sobre o motivo por que ele procurava a sua resposta.

Exceto se ele se importasse mais do que estava disposto a admitir!

A ideia surgiu espontaneamente, recusando ser silenciada e ela reconheceu o conceito, embora desejasse que tudo fosse diferente da realidade com que era agora confrontada.

– Não – mentiu deliberadamente. – Nenhuma.

O visível prazer que ele recebeu era impossível de calcular ou descrever e Sarah sentiu-se deliciada com a sua pequena mentira. O que interessava, afinal, a sua opinião?

Michael avisara-a que não se prendesse a ele e com um motivo válido! A única probabilidade residia num coração partido e era inútil criar fantasias.

Mesmo assim, quando os seus lábios se uniram aos dela, quando ele se moveu sobre o seu corpo e se pôs a chupar-lhe o seio, quando o sexo se avolumou sobre a sua coxa, esqueceu a razão de tudo aquilo ser impróprio. Nunca se tinha sentido tão viva, tão alegre ou preenchida.

– Quero-te – confessou ele.

– Outra vez? – retorquiu ela, feliz.

– Sim – disse ele, confundido com a necessidade que sentia. – Já. Sempre.

– Que bom.

Enquanto ele a acompanhava naquela extraordinária viagem, pelo caminho que conhecia tão habilmente, Sarah não lamentou nenhuma das suas opções. O futuro, tal como era, chegaria em breve e por enquanto não tencionava preocupar- se com o que lhe reservava.

15

Sarah entrou rapidamente no seu quarto, descalçando as luvas a toda a pressa, pronta para correr até Michael e ao êxtase que os aguardava. Porém, antes de mais nada, e ciente do extremo cuidado dele, verificou a fechadura da porta – por duas vezes –, mas os dedos tremiam devido à apreensão quanto ao iminente evento libidinoso e mal conseguiu manipular o mecanismo.

Michael não apreciaria um excesso de zelo da sua parte e esforçou-se por se acalmar. Dirigiu-se ao espelho, respirou fundo várias vezes e contemplou-se, ajeitando distraidamente o penteado. Não que o gesto fosse necessário, mas proporcionava-lhe uns minutos para se recompor depois de ter voado pelas escadas num tal estado de agitação.

Apesar do que se passava entre ambos, Michael defendia severamente que viviam uma aventura sem importância e tinha de parecer fria e serena, correspondendo ao que esperava dela. Mediante o seu comportamento subtil e persistente, ele dera claramente a entender que se envolveriam com indiferença. Dariam vazão à lascívia e crescente ardor, mas qualquer reconhecimento de ligação emocional ou profunda afinidade era proibido e tinha de ser ignorado.

Era com pouca dificuldade que ele evidenciava calma. Só nos momentos de paixão é que Michael mostrava uma reticência perturbadora. Sempre que se encontrava nu e nos braços dela, eram tão íntimos quanto podia esperar-se de duas pessoas, mas mal se vestia voltava a ser reservado e distante. Era, sem dúvida, um parceiro educado e interessante, mas erguera um muro entre ambos que não a deixaria escalar por mais que ela tentasse.

Ao contrário dele, Sarah enfrentava problemas com a apatia forçada e tinha de compelir-se a permanecer distante e indiferente, quando tudo o que na verdade desejava era confessar até que ponto lhe agradavam aqueles furtivos e roubados interlúdios. Vivia apenas para os momentos gloriosos em que ele a fitava com admiração. Nada havia de tão maravilhoso como desfrutar da sua atenção, vê-lo sorrir ou saber que ele esperara impaciente pela sua chegada.

A cada hora que passava, tornava-se cada vez mais difícil simular distância. Michael fizera-a desabrochar, atribuíra um significado e um objetivo à sua vida, que constituía em usufruir da sua presença maravilhosa.

Porquê, oh, porque negara a si própria esse prazer durante tanto tempo? E agora que experimentara aquele deleite, como poderia regressar a Yorkshire e prosseguir

como se nada tivesse acontecido?

A mulher que, de uma forma eficiente e exaustiva, cuidara da propriedade durante tantos e cansativos anos desaparecera, substituída por uma mulher para quem apenas o sexo – com Michael Stevens – interessava. Enquanto dantes tinha adorado a sua tranquila e imutável existência rural, agora não podia imaginar-se naquele mundo monótono e entediante. Morreria num ambiente tão desinteressante!

Tal como uma planta precisava de ar e de água, também ela precisava de Michael para florescer. A ideia agonizante de passar um dia – ou uma noite – sem lhe tocar, falar com ele, beijá-lo ou tocar-lhe, era uma tortura infindável e, no entanto, sempre que estavam juntos, devia portar-se com indiferença e não estava a sair-se muito bem dessa farsa.

A sua expectativa de felicidade iminente consumia-a e significava que era incapaz de socializar. Embora nunca tivesse sido muito dada ao convívio, quando Michael a aguardava não conseguia tolerar a tagarelice fútil, os temas inócuos, ou a frivolidade dos outros convidados.

Enfrentar uma refeição ou uma diversão era tão desagradável que mal conseguia descer as escadas e, no entanto, forçava-se a ir, levada pela necessidade de manter as aparências. Preferia, sem dúvida, ficar sequestrada e deixar que Michael continuasse a sua eficiente e minuciosa instrução nas artes carnais.

Tal como Michael tinha previsto, ela envolvera-se na sórdida devassidão que ele preferia e não conseguia imaginar a razão por que evitara a sedução até à matura idade de vinte e cinco anos. Também nunca havia conhecido Michael. A sua atração por ele derrubara um bastião interno de decoro, pois agora encontrava-se disposta a cometer qualquer ato lascivo e indecente que ele sugerisse – quanto mais indecente melhor – e os jogos que ele instigava constituíam o seu único objetivo.

Na verdade, sentia-se ansiosa pelo começo do deboche, a fim de descobrir até onde lhe exigiria que fosse. Como poderia ter imaginado que, sob a sua recatada concha, habitava a alma de uma total devassa? Durante todos aqueles anos, as suas verdadeiras tendências tinham-se mantido tão cuidadosamente ocultas! Que alegria – e alívio – libertá-las!

Com um último olhar para o espelho, avaliou-se devidamente composta para se dirigir ao seu quarto. Fixando um sorriso agradável no rosto, esforçou-se teimosamente por ocultar qualquer ânsia perversa. Não havia qualquer motivo para deixá-lo supor que ela estava a definhar, que já se debatia com a tristeza sentida após a separação.

Dado que tinha sido a única a insistir numa aventura e afirmara verbalmente

que participaria sem restrições, não estava disposta a admitir um erro grave no seu cálculo: o desprendimento era impossível. Michael era demasiado bonito, demasiado excitante, demasiado dinâmico, e não havia uma mulher no reino que pudesse evitar uma paixão crescente depois de passar tanto tempo seguido com ele.

Ela não era uma exceção. Quando muito, era mais suscetível ao seu encanto e perversidade do que qualquer outra e ponderava sem cessar como suportaria o afastamento dali a duas semanas, mas jamais lho confessaria. Eles pareciam ter adotado um pacto secreto de nunca falar do futuro; flertavam, mas nunca aludiam à nebulosa despedida de quando se separariam.

A sua circunspeção emprestava imprudência aos encontros. O desenlace aproximava-se com demasiada rapidez e cada encontro tinha um toque de finalidade. Como se estivessem destinados à forca ao raiar da manhã, cada rendez-vous era mais intenso do que o anterior, ambos desesperados por viver cada partícula de paixão da experiência.

Sarah tinha a certeza de que aquele ultrapassaria os anteriores em excesso, excitação e saciedade e faria tudo ao seu alcance para garantir que a noite fosse alegre e jovial. Quando acabasse, desejava que Michael ficasse satisfeito por ter passado as suas horas de lazer com ela em vez de outra.

Bateu suavemente à porta e entrou sem esperar por resposta. Estavam tão à vontade – como um velho casal – que aquele comportamento educado era supérfluo. Sarah entrava e saía sem hesitar em penetrar nos seus aposentos. Mesmo quando ele não estava, ela instalava-se com à vontade e eram esses os momentos que mais lhe agradavam. Na sua ausência, podia espreitar os seus pertences. Vasculhar o roupeiro onde ele pendurava as camisas, ou remexer a bandeja onde guardava os botões de punho em cima da cómoda era enervantemente erótico.

Os momentos mais agradáveis ocorriam, indubitavelmente, quando adormecia na cama dele – uma terrível invasão da sua privacidade – e ele chegava mais tarde, despertando-a com beijos e muito mais. A memória daqueles encontros lascivos era demasiado intensa e retemperou-se daquele ataque, avançando.

Como de costume, ele estava reclinado na cadeira junto à janela com um charuto aceso nos dedos. Descansava negligentemente como um príncipe ou um sheik árabe cujo harém estava prestes a submeter-se-lhe. Porém, como já aprendera, com Michael Stevens as aparências enganavam.

Pela maneira como ele a examinou imediatamente e se levantou para a saudar, suspeitou de que não estava tão sereno como se esforçava por aparentar.

Magnético, absurdamente viril, aproximou-se. Era todo graciosidade e movimento e emanava uma tensão que dissipava o tédio que lutava tão fortemente

por demonstrar.

Sarah escondeu um sorriso; ele sentira-lhe a falta, pelo menos um pouco, e ela recebeu carinhosamente o pensamento no coração para mais tarde o dissecar e ponderar.

Michael vestira-se para o jantar, embora nunca descesse, e ela admirou aquela visão soberba. Eram raras as vezes que o via empertigado e polido. Sempre que dispunham de alguns momentos a sós, ele estava habitualmente despido ou, quando se dignava tapar-se, de roupão.

Sarah apreciou aquela sua faceta, as roupas civilizadas sobre o corpo rijo. No meio de um salão de baile londrino, rodeado pela élite, ele seria espetacular. Com o seu requinte e arrogância, todo o sangue aristocrata dos Stevens viria à tona.

O maravilhoso azul-escuro do casaco de veludo ressaltava a vivacidade dos belos olhos que se fixavam nela com uma potência deslumbrante. Sem uma educada palavra de boas-vindas, ele virou-a e mordiscou-lhe a nuca – um sítio de que gostava particularmente – arrepiando-lhe os braços.

– Onde estiveste? – perguntou inquieto, desejando-a. O sexo pressionava obstinado o seu traseiro e rodeou-lhe a cintura, aproximando-a. – Julguei que chegarias há uma hora.

– Não consegui sair até aquele maldito soprano findar a ária.

E que terrível fora a demora! Quando o concerto tinha começado, Sarah não prestara muita atenção ao que a rodeava, distraída com as suas reflexões sobre Michael e sentara-se na fila da frente, o que impossibilitava esgueirar-se sem chamar as atenções.

– Agora estás aqui.

– Estou, sim – retorquiu ela, inclinando a cabeça.

– Tens fome?

– Muita – respondeu, esperando que ele estivesse disposto a participar num festim lascivo.

– Ainda bem.

Aos poucos, Sarah apreendeu uma visão mais alargada do quarto e viu que ele encomendara um jantar íntimo para dois. Uma mesa retangular, tapada com uma toalha de um branco imaculado e um serviço de porcelana e prata estava posta junto da lareira. Velas brilhavam romanticamente no centro e as taças de cristal brilhavam, refletindo as chamas da lareira.

– O que é isto?

– A ceia, milady.

– Que ideia tão terna.

Michael beijou-lhe a nuca, mordiscando-lhe a orelha.

– Fazes-me companhia?

– Sem dúvida.

Como se a fizesse desfilar numa majestosa sala de jantar, enfiou-lhe a mão no braço e acompanhou-a pelo chão, afastando galantemente uma cadeira.

Quase lhe faltando a respiração devido à euforia, ela deslizou no assento, apreciando cada segundo da inesperada e impulsiva surpresa. Até esse momento, convencera-se de que – na perspetiva dele – os seus encontros eram puramente sexuais, que ele levara por diante o objetivo de minimizar a sua importância, mas era óbvio que se enganara. O facto de ele ter preparado aquele ato não libidinoso constituía a mais perigosa e preciosa eventualidade que poderia ter engendrado.

Partilhar uma refeição era um divertimento saudável, o tipo de empreendimento que os amigos podiam levar a cabo e capaz de dar a entender que eram companheiros e confidentes em vez de dois estranhos que se haviam conhecido por acaso e estavam a flertar ilicitamente depois de um breve encontro.

– A que se deve isto? – perguntou impulsivamente, olhando-o por cima do ombro.

Como se tivessem por hábito jantar juntos, Michael beijou-a e depois deu a volta à mesa, sentando-se na sua frente e servindo o vinho.

– Decidi que queria ter uma lembrança tua com a roupa vestida.

– Safado – retorquiu ela com uma gargalhada. – Se querias ver-me vestida, bastava pedires.

– Além de que é tão divertido tirar tudo – prosseguiu, fitando-a por cima da taça de pé –, peça a peça.

– Queres começar já? – perguntou Sarah, inclinando-se para a frente e o decote pronunciado do vestido brindou- o com uma exposição de carne de cor creme.

– Espera – murmurou ele sem conseguir afastar o olhar do seu peito. – Deixa que aprecie um pouco esta visão.

– Claro – anuiu ela, colocando-se para que ele pudesse desfrutar inteiramente do rego entre os seios.

– Está a flertar comigo, madam? – retorquiu Michael, franzindo o sobrolho.

– Sem sombra de dúvida.

– Uma atitude perigosa, tendo em conta o meu enamoramento pelos seus copiosos encantos.

– Vou arriscar.

Michael observou-a atentamente. Embora na sua constante qualidade de

homem de grandes emoções, pareceu subitamente alterado, como se tivesse tomado uma resolução difícil, como se tivesse confissões a fazer, relatos a contar, sentimentos a debitar.

Contudo, em vez de referir as introspeções que o atormentavam, recuou.

– Tens mesmo fome?

– Uma fome devoradora. Saí da festa antes que apresentassem o bufê.

– Então, vamos comer. – Levantou-se e dirigiu-se à cómoda onde tinha sido disposta uma variedade de bandejas cobertas. Depois de encher alguns pratos, pegou-neles e colocou-os na sua frente. – Voilá!

– Obrigada.

Michael compôs uma expressão um pouco envergonhada.

– Desculpa a ausência de criados, mas temos de ser nós a servir-nos.

– Assim faremos.

– Pensei em usar os serviços de um dos lacaios, mas eles são tão tagarelas que não poderia suborná-los o bastante para impedir que contassem tudo a Lady Carrington.

Preparado para que ela se opusesse ao isolamento, à informalidade, fitou-a do outro lado da mesa.

Teria enlouquecido?

Sarah sentia-se eufórica por estarem sós e encantada por ele se ter dado a tanto trabalho. Havia peixe e aves, legumes e fruta, queijos e pães. Estava tudo preparado na perfeição e quando Michael picou com o garfo uma cenoura em miniatura para que ela provasse, sentiu-se fascinada pela facilidade com que ele espalhava magia.

– Este é o prato principal – disse. – Mais tarde, fornecerei a sobremesa.

O brilho lascivo do olhar deu-lhe a entender que ele não se referia a comida.

– Conseguirei a minha preferida?

– Com a minha ávida ajuda.

Sarah mordiscou, aceitando os pedacinhos, extraindo o deleite. Ao longo do processo, aprendeu – bastante surpresa – que era extremamente romântico que um homem a alimentasse.

Ele apresentou-lhe várias delícias e ela participou intensamente e pondo-lhe igualmente comida na boca. Parando, saboreando, provaram ociosamente de tudo e era fascinante observá-lo a praticar atos tão elementares como mastigar e deglutir.

Sarah ficou inevitavelmente cheia a mais não poder e afastou o prato, rindo quando ele a forçou a comer mais um pedacinho e outro. Tinha dificuldade em recusar, mesmo numa questão tão trivial como a quantidade de comida que ele

desejava dar-lhe.

Enquanto Michael levantava a mesa, vagueou pelo quarto como uma princesa mimada. Ele arrumou tudo até ficarem apenas os copos de vinho e as velas que empurrou para o lado. Quando se sentou de novo na sua frente, ela apoiou-se nos braços e ele assumiu a mesma posição, ficando tão perto dela que conseguia distinguir as manchas douradas do azul das suas pupilas e a marca deixada pela navalha por baixo do queixo quando fizera a barba.

O olho esquerdo de Michael estava um pouco negro por baixo devido a um golpe que recebera na sua luta com Brigham e ela estendeu o braço e passou o dedo pela contusão, sem se cansar de um pretexto para lhe tocar.

– Para onde irás quando saíres daqui?

– perguntou ele, agarrando-lhe na mão e lambendo os dedos. – De volta a Scarborough?

– Sim – respondeu ela, aliviada por ele trazer o tópico proibido à tona, mas, embora feliz pela abordagem, lamentando igualmente que o tivesse feito. O seu interrogatório lembrava-lhe que a altura da separação estava muito próxima e sentiu um nó na garganta ao fazer o comentário seguinte:

– E tu?

– Ainda não sei. Para outra festa, suponho.

A ideia de que ele continuaria com os seus hábitos lascivos perturbava-a e não conseguia imaginá-lo envolvido com o jogo, mulheres, bebida e outras atividades sem sentido.

– Porque não regressas a casa? Gostava que o fizesses.

– Talvez algum dia, mas não agora.

– O que te levou a partires?

– Senti-me furioso com a minha mãe. Entrei quando ela e o meu pai estavam… – Corou e aparentemente não conseguiu descrever o que os apanhara a fazer.

– Estão casados?

– Nessa altura não, o que me enraiveceu; deram o nó há um ou dois meses.

– Não és muito chegado ao teu pai, pois não?

– De forma alguma. Ele foi horrível para a minha mãe ao longo dos anos e nunca lhe perdoei.

– Deves ter sofrido um choque ao apanhá-los juntos.

– Sim e portei-me como um idiota – admitiu com um riso forçado. – À época, parecia apropriado ter ficado furioso…

A voz morreu-lhe na garganta e foi incapaz de explicar por que razão tinha

fugido ou por que razão não podia voltar.

– Não consegues encontrar uma maneira de voltar? – incitou ela num tom suave.

– Depois de me ter portado como um idiota na frente de toda a minha família, acho mais fácil vagabundear por aí. – Encolheu os ombros e bebeu um gole de vinho, mudando habilmente de assunto. – Tentarei imaginar-te em Yorkshire.

– Então, imagina algo de muito chato, muito mundano, muito tranquilo.

Michael riu, o que a animou e acrescentou com o olhar: «E imagina-me a sentir a tua ausência. Em cada segundo, cada minuto, cada dia.»

O silêncio prolongou-se, incómodo, e ela sugeriu corajosamente:

– Podias visitar-me se estivesses no norte.

Michael observou-a atentamente e, após uma dolorosa reflexão, ditou o veredito:

– Nunca o faria.

Sarah assentiu com a cabeça e aceitou a sua rejeição com estoicidade. Talvez devesse ter ficado magoada com a recusa, mas ele parecia tão perdido que não podia ficar ressentida.

Uma mulher mais forte provavelmente teria discutido ou suplicado uma resposta diferente, mas Sarah não conseguiu engendrar um só isco capaz de induzi-lo a viajar até tão longe. Além disso, caso acreditasse que ele ia aparecer, passaria com toda a viabilidade o resto da vida de olhos postos na estrada, triste e a aguardar o dia em que ele iria mostrar o seu rosto triste.

– Devias voltar para casa – repetiu.

– Eu sei.

– Odeio imaginar as calamidades que vais provocar se te apresentares noutra festa. Já foste um terror nesta.

– Não era minha intenção. A Pamela propôs-me várias diversões, aceitei e depois…

– Estás a culpabilizar Pamela?

– Não. Eu só… – Voltou a interromper-se, corando novamente e com visível tristeza. – Vem cá – retomou, puxando-a pela mão e conduzindo-a à volta da mesa, até que se sentasse no seu colo.

Mergulhando sob o queixo dela, mordiscou-lhe o pescoço, fazendo-a rir e contorcer-se.

– Não quero falar sobre mim – disse.

– Quero falar sobre ti e sobre a rapidez com que posso ver-te liberta dessas

roupas.

Sempre que Sarah sondava a sua intimidade, Michael desviava-a da análise do seu caráter duvidoso e revertia às brincadeiras sexuais, mas, por uma vez, ela não se mostrou irritada com a sua fuga. Estava igualmente ansiosa por mudar de assunto e entregar- se ao âmbito físico onde eles se entendiam de uma forma tão natural.

– Vou tocar a campainha para chamar a criada.

– Não precisamos de criada.

– Ajudas-me.

– Sou famoso pela minha destreza com fitas de espartilho.

– E és um safado por te gabares de uma capacidade tão devassa – brincou ela, mas detestava que ele se referisse às outras mulheres, às dezenas que tinham aparecido antes dela e viriam depois, mas ocultou a tristeza.

Michael estava decidido a avisá-la que nunca devia aproximar-se demasiado, nem esperar ou desejar muito. Tratava-se apenas de uma componente do bizarro jogo a que se entregavam. Aqueles encontros eram vitais para a sua subsistência e tranquilidade de espírito, mas ele persistia em agir como se fossem banais e inconsequentes.

Acompanhou-a até ao quarto de vestir. Sarah levava o candelabro, segurou-o enquanto ele o acendia e sentou-se no banco em frente do toucador. Silenciosa e habilmente, Michael soltou-lhe o cabelo, penteou-o e depois ocupou-se dos botõezinhos do vestido. Ela observava, interessada, adorando a maneira como ele demorava os lábios no sítio exato, como as mãos se afadigavam e as pontas dos dedos exploravam e pesquisavam enquanto dava a sensação de prosseguir inocentemente com a tarefa.

O toque casual era pensado e, quando ficou apenas com os culotes e a combinação, o corpo vibrava e as partes íntimas latejavam. Quando acabou e a colocou de pé, Sarah girou zelosamente para os seus braços, pronta para um beijo escaldante, mas ele agraciou-a em vez disso com um beijo terno.

– Obrigado – agradeceu Michael, ofegando contra o seu pescoço e afastando-se.

– Porquê?

– Por me fazeres a vontade – respondeu, espalhando-lhe os cabelos pelos ombros e pelas costas. – Era outra das memórias que imaginei.

– A de me despires?

O seu visível sentimentalismo tinha-o surpreendido e apenas conseguiu murmurar:

– Bom…

– Sinto-me muito feliz. Foi maravilhoso.

– Sem dúvida – conseguiu pronunciar.

– Estou feliz por ter tido essa oportunidade.

Uma forte emoção a que ele jamais se ia referir tornou-se visível nos seus belos olhos e ela arriscou a vincar o que era tão penoso discutir:

– Restam-nos poucos dias.

– Não.

O calor do seu olhar queimou-a e estava convencida de que ele ia finalmente confessar quanto apreciara o tempo que tinham passado juntos, quanto lhe sentiria a falta, mas ele limitou-se a fixá-la, guardando a pausa nas suas reminiscências.

– Ainda bem que fizemos isto… – começou.

Porém, Michael interrompeu-a antes que ela dirigisse a conversa para onde ele estava resolvido a não permitir.

– Quero amar-te a noite toda.

– Gostaria disso.

– Na tua cama, para variar.

– Também me agradaria.

Michael apagou a chama e depois pegou-lhe na mão a fim de a levar para o outro quarto. Na abrupta escuridão, um brilho irrompeu as sombras e ela ergueu os olhos, surpresa ao descobrir que o olho mágico reluzia como uma chama.

Parou.

– O que é isso? – perguntou Michael e ela levou um dedo aos lábios, indicando-lhe que ficasse quieto.

– Está alguém no quarto secreto.

Sarah virou-se e voltou atrás. Agarrou no banquinho, colocou-o sob o postigo e pôs-se em cima dele.

– O que estás a fazer?

Sarah olhou-o por cima do ombro. Michael só despira o casaco e nada mais e observou-a com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão confusa.

– Quero saber quem está lá.

– Tornaste-te uma insaciável voyeur.

– Sem dúvida.

– Uma devassa. Uma impudente.

– Sim.

– Desce imediatamente – ordenou, mas estava a rir.

– Chiu – advertiu-o num tom dramático. – Só quando descobrir o que se passa.

Michael aproximou-se por trás dela e deu-lhe uma palmada brincalhona no traseiro.

– Disseram-me que se pode ficar cego de testemunhar tanta coisa.

– Tentarei abrandar o ritmo – disse ela com uma gargalhada.

– Puta – murmurou ele, esquivando-se a uma palmada.

Sarah colou o olho ao postigo e espreitou para o interior. A cena sórdida era precisamente a mesma, embora não tão escaldante como quando Michael não era a atração principal. Mesmo assim, o desconhecido era bonito e atraente e sentiu-se curiosa por observar as suas travessuras. Uma bela morena de cabelos longos e lisos e olhos castanhos brincava com ele, mas Sarah nunca tinha visto aquela mulher.

Nas ocasiões em que tinha espiado Michael, pensara que se sentira atraída pela cena decadente, porque ele estava envolvido na exposição aviltante. Contudo, sentiu-se levada a perceber que os amantes podiam fornecer uma visão excitante, quer os conhecesse ou não. A cena carnal exposta ao seu olhar era devassamente empolgante. A nudez, a prevaricação – tanto a conduta do casal como o facto de observá-los –, dificultava o afastamento.

O homem era bem apessoado – não tanto, sem dúvida, como Michael –, mas como era louro, a comparação era um pouco injusta. Tinha um corpo fantástico de que Sarah se apercebeu facilmente dado que estava nu, embora apenas o visse de costas. Dotado de um porte de querubim que prometia inocência, parecia um anjo que tinha caído no quarto errado, mas era decididamente um diabo.

– Gostava que ele se voltasse – resmungou Sarah entre dentes. Sentia um desejo imenso de examinar-lhe o membro. Apenas observara um na sua vida e, embora tivesse a certeza de que se tratava de um espécime magnífico, não era avessa a examinar um outro.

– Porquê?

– Porque só consigo ver-lhe o traseiro.

– Queres fazer o favor de descer daí? – sibilou ele.

– Oh, meu Deus!

Sarah deu um estalido com a língua, sem querer acreditar no espetáculo a que assistia por engano. Era mais perverso do que esperara.

Nunca lhe ocorrera uma coisa daquelas! Não havia barreiras para o comportamento excêntrico e depravado a que os hóspedes se entregavam?

– O que foi? – grunhiu Michael. Ao ver que ela não respondia, repetiu: – O que foi?

De início, havia apenas uma mulher, mas estava uma outra no quarto e eram as duas esculturais, gémeas curvilíneas. O homem estava de frente para uma delas,

beijava-a com a língua na boca e beliscava-lhe os mamilos, quando a outra apareceu por trás. Esfregando os seios contra o traseiro dele, rodeou-lhe a cintura com os braços e pôs-se a acariciá-lo.

O homem encontrava-se preso entre as duas e obviamente deliciado. As mulheres também se mostravam felizes. Beijavam e arrulhavam, sem nunca pararem, com os lábios e as mãos ocupados e destros.

Sarah não conseguia desviar os olhos. Vergonhosamente, os mamilos endureceram e a pulsação acelerou. Talvez Michael tivesse razão e a sua compostura moral se houvesse perdido para lá de toda a redenção como a dele.

– Gémeas? – retorquiu Sarah, abanando a cabeça e esboçando um trejeito. – Michael, como é que eles…

Antes que Sarah terminasse a frase, Michael ergueu-a do banco e pousou-a no chão. Encostou o olho ao postigo e observou a divisão.

– Oh, céus! – rosnou ao reconhecer o trio erótico. – Devia ter adivinhado. John Clayton…

– O visconde…?

Sarah questionou o título do homem num sussurro, mas Michael desceu a cobertura do postigo.

– Não feches – repreendeu num tom um pouco petulante. – Ainda não acabei.

– Acabaste, sim.

Disposta a regressar ao seu posto, ela dirigiu-se ao banquinho, mas ele balançou-a e colocou-a em cima do ombro, como se fosse um saco de farinha.

– Bruto! – insultou Sarah batendo-lhe nas costas, mas ria demasiado para que a frase produzisse qualquer efeito. – Põe-me no chão.

– Não.

– Aquelas mulheres são gémeas?

– Sim.

– Quem são?

– As amantes dele.

– Ambas?

– Sim.

– Mas como é que os três podem fornicar juntos? Não respondeste à minha pergunta.

– Nem vou responder. Portanto, esquece – disse ele, dando-lhe uma palmada no traseiro.

– Amanhã vou pôr pregos naquele postigo. Agora fica quieta!

Dirigindo-se ao quarto dela, atirou-a bruscamente para cima da cama. Em seguida, deitou-se também e a curiosidade de Sarah em relação ao trio desvaneceu-se. Não precisava de refletir sobre como os outros copulavam no quarto ao lado, pois estava totalmente absorta em como ela própria o faria.

16

Pamela olhou do lado oposto da mesinha do café da manhã e desejou ter posto a mesa formal da sala de jantar. Por sua própria natureza, uma festa campestre significava que os hóspedes se levantariam a horas diferentes e assim convinha-lhes mais fazer uma refeição rápida na sala íntima. No entanto, com Hugh Compton a ocupar o espaço na sua companhia, saborearia a desculpa para observá-lo com um longo espaço de madeira de carvalho entre eles quanto mais extenso melhor.

Há meses que não o via e ficou surpreendida pela forma como o seu estilo de vida dissoluta lhe tinha devastado a aparência. Louro, de olhos azuis e com trinta e dois anos sempre fora um homem elegante, mas a sua imoderação causara estragos. Denotava uma pele macilenta, um tronco excessivamente magro e flácido e o rosto envelhecido e enrugado.

A noite passada de bebida e folia fizera estragos. Tinha os olhos congestionados, os dedos tremiam-lhe e suspeitava que a sua condição piorara devido à recente dependência de um cachimbo exótico que um conhecido lhe trouxera da Índia e lhe oferecera como presente.

Experimentava frequentemente opiáceos chineses proibidos. Também ingeria uísque puro com regularidade. Entregava-se sem cessar a uma mistura abundante de ervas estrangeiras e de álcool.

Um leve odor a fumo, álcool e sexo pairava sobre ele e o espelho de parede em frente refletia toda a censura e consternação do seu olhar penetrante e dissimulou a repugnância.

Era incapaz de tolerar Hugh com as suas fraquezas e queixas e não conseguia suportar a sua visita, mas, mesmo assim, não conseguia pedir-lhe que se fosse embora. Um convite aberto fora emitido em Londres para os que pudessem estar interessados e, visto que Hugh era um dos membros mais perversos e lascivos da aristocracia, não podia reclamar quando ele apareceu, esperando hospitalidade.

Na qualidade de conde era muito apreciado e ela não conseguia entender o motivo, mas casara com um aristocrata e, como uma estranha, tinha dificuldade em entender o raciocínio das pessoas com quem ele partilhava o sangue azul. Os seus companheiros gostavam dele e aceitavam-no apesar dos seus defeitos e não lhe restava alternativa senão a de manter um sorriso colado na face e fingir que estava satisfeita com a presença dele.

Irritava-a que desfrutasse de tantas vantagens, que fosse mimado e apreciado quando, afinal, o que tinha para mostrar? Uma dependência do jogo que o levara à falência, um problema de controlo que o induzia à gula, quer se tratasse de

mulheres, de bebida ou de qualquer outro vício.

Embora fosse muito permissiva em relação à decadência, não se sentia muito excitada quanto ao tipo de iniquidade que ele traria. As noites já decorriam com um comportamento que até mesmo ela – com a sua apatia – considerava repugnante e Hugh reduziria as diversões disponíveis a novos e desprezíveis níveis.

E havia ainda que lidar com a presença de Michael. E se Hugh e Michael se encontrassem? Michael raramente aparecia na festa, mas tinha por hábito vaguear de noite, assistindo e participando de forma aleatória, e imaginou o alvoroço que surgiria caso os dois se cruzassem. Seria um desastre total.

Embora Michael fosse um grande amigo e se deliciasse com a presença dele, os seus problemas pessoais estavam a tornar-se intoleráveis. Sentia-se feliz por lhe oferecer um refúgio quando ele obviamente o necessitava, mas tornara-se demasiado imprevisível. O seu temperamento estava ao rubro, a julgar pela bulha com Brigham.

Não ligava muito a Brigham, mas, independentemente do que ele fizera, não podia permitir que Michael se escondesse nos seus estábulos e espancasse vários dos seus convidados quando lhe desagradavam. Ele nunca fora do género de aguentar idiotas em silêncio e Hugh era o maior idiota que Michael conhecera. Ela estava sentada em cima de um barril de pólvora que podia explodir a qualquer momento.

Com um suspiro pesaroso, decidiu que teria de pedir a Michael que se fosse embora. Dado o seu habitual estado volátil, ele ia encarar a sua resolução da pior maneira e era possível que estragasse a excêntrica camaradagem que os unia.

Aquela detestável viragem de acontecimentos determinava que só um deles podia ficar e a escolha tinha de recair sobre Hugh.

– Então… – começou Hugh, remexendo num monte de ovos – … como está a minha irmã?

– Está bem e a divertir-se.

– Ótimo, ótimo – retorquiu, estendendo o copo e sem se dignar a olhar para o criado que o serviu. O lacaio estava bem treinado e, se tinha qualquer opinião sobre o facto de estar a misturar brande no café como bebida matutina de Hugh, não deu qualquer sinal. – Há qualquer progresso sobre as apresentações que discutimos?

– Na verdade, não – respondeu, perturbada pela visível franqueza da pergunta e pondo-se à defesa.

De olhos postos no prato, pôs-se a remexer a comida, mas sem levar nada à boca. Refletia, tentando dar sentido aos esquemas de Hugh. Ele conjeturara indubitavelmente qualquer plano em relação à irmã, mas Pamela não tencionava dar

azo ao enredo.

Depois da sua conversa com Sarah, deixara-a em paz para que apreciasse as férias e Pamela não conseguiu deixar de se interrogar sobre se Hugh esperava que ela incitasse Sarah a assumir qualquer compromisso de onde não pudesse libertar-se. Então, o que quer que acontecesse seria culpa de Pamela e Hugh, como era a sua tendência, ficaria liberto de qualquer prevaricação.

Hugh esvaziou o copo e voltou a estendê-lo para reabastecimento.

– Apenas permiti que a visitasse com o único objetivo de conhecer vários cavalheiros.

– Sim, mas ela não parece inclinada a conviver – retorquiu Pamela, bebendo um gole do chocolate e fitando Hugh com um olhar inocente.

Aquele idiota arrogante acreditava realmente que tinha uma palavra a dizer sobre as idas e vindas de Sarah! Como se pudesse dar-lhe licença que ela a visitasse ou não! Sarah era uma mulher adulta e, com a sua idade, já não se encontrava sob o jugo de Hugh. Podia fazer o que lhe apetecesse. Com a sua habitual falta de acuidade, ele não se apercebera dessa realidade, mas Pamela não ia desiludi-lo. Gostava muito de Sarah e não estava disposta a incitar a conspiração de Hugh, fosse ela qual fosse.

Como se o diálogo de ambos a tivesse convocado, Sarah entrou na sala e Pamela olhou de relance para o relógio colocado em cima da lareira. Era quase meio-dia e dificilmente ocultou a sua apreensão. No início, Sarah era das primeiras a aparecer, mas nos últimos dias alguma coisa provocara uma mudança drástica no seu rígido horário.

Pamela esforçava-se por detetar o máximo que podia em relação aos convidados e o seu eficiente pessoal vigiava meticulosamente os movimentos de Sarah. Por sorte, pouco havia a relatar.

Na maior parte do tempo, tomava as refeições fora de horas, passeava pelos jardins em busca de sol e de descontração e descansava no quarto.

Parecia desfrutar da tranquilidade que tinha planeado e Pamela ficaria positivamente descansada, caso não tivesse sido informada de que a porta adjacente entre os aposentos de Sarah e Michael fora descoberta entreaberta em duas ocasiões diferentes. Que a criada que servira Sarah fora rejeitada por três vezes através da porta trancada, dado Sarah insistir que não precisava de ajuda matinal. Que um lacaio que havia sido enviado para ir buscar a banheira de Michael, quando ele estava supostamente ausente do local, não tivesse jurado que ouvira a voz de Michael no quarto de Sarah.

E havia obviamente o misterioso jantar a dois que Michael

encomendara para lhe ser servido no quarto, embora mau grado a sua teimosa persistência, tivesse sido incapaz de descobrir uma única pista sobre a identidade da mulher que ele convidara quando, tendo em conta o tipo de fêmeas presente, a sua convidada especial não deixaria de se bajular sobre a sua conquista.

Não era de forma alguma condenável, mas bastava para Pamela se censurar pela proximidade em que colocara o par. A partir do momento em que Sarah a interrogara a respeito dele naquele dia no terraço, Pamela devia tê-lo mudado para outro sítio da mansão, mas forçar Michael a fazê-lo teria sido inconveniente. Ele ficaria irritado e ela não conseguia suportar a ideia de o perturbar mais do que havia sido por outros.

Além disso, não lhe ocorrera qualquer motivo para se preocupar, pois era incapaz de imaginar Michael a permitir ser arrastado para uma situação de compromisso com aquela beleza estonteante. O seu irmão James, sim, mas não o firme e seguro Michael. Ele era mais escrupuloso e consciente do que James e sempre se mostrara mais contido, mas naquele caso a luxúria havia aparentemente saído vitoriosa.

Sarah era suficientemente matura para lidar com a situação de outra forma, mas Pamela não estava disposta a repreendê- la. Michael era o tipo de homem a que as mulheres não conseguiam resistir e Pamela – com a sua própria e injustificada atração física pelo safado – compreendia a sua sedução melhor do que ninguém. Sempre que ele se dignava prestar atenção, eram poucas as mulheres capazes de rejeitá-lo. Mulheres mundanas lutavam regularmente para serem o objeto do seu afeto e uma pessoa inexperiente como Sarah não teria qualquer defesa contra os seus encantos ou perícia amorosa.

Era visível que se rendera, embora até que ponto percorrera a estrada da paixão fosse discutível. Tendo em conta os impulsos sexuais de Michael, Sarah encontrava-se provavelmente para lá de redenção e Pamela colocou a culpa aos pés de Michael.

Dada a sua relação com Hugh, as suas ações eram repreensíveis. Michael estava consciente de que, ante a posição e estatuto de Sarah, ele não podia flertar com ela, mas Sarah – com as suas origens rurais e despretensiosas – não reconhecia o perigo.

Pamela franziu o sobrolho, especulando como tudo acabaria, embora censurando-se por lidar tão mal com aquele início de romance. A sua mera intervenção teria impedido todo aquele provável fiasco.

Avistou Sarah antes de Hugh e concluiu que devia avisá-la ou, pelo menos, interferir. Movida por uma intuição feminina, invadiu-a a perceção de que Sarah não sentiria prazer em vê- lo.

Quando Sarah ultrapassou a ombreira, Pamela fez uma rápida avaliação:

cabelo bem penteado, vestido apropriado e um porte equilibrado. Contudo, o brilho do olhar e o rubor das faces afastou todas as suposições. Sarah passara indubitavelmente a noite em múltiplos episódios de felicidade carnal.

«Ela está apaixonada pelo safado», deduziu rapidamente Pamela, abanando a cabeça ante aquela loucura.

– Surpresa, Sarah – exclamou. – Veja quem se nos juntou.

Sarah estacou, imersa nos seus pensamentos ou talvez perdida nas suas recordações. Quase em transe, pareceu confusa pela saudação e, com o gesto indicativo de Pamela, avistou o incorrigível irmão.

– O que estás a fazer aqui? – perguntou irritada.

– É sempre um prazer, querida irmã – rosnou Hugh e depois sorriu, para benefício de Pamela, tinha a certeza, embora ela recebesse a nítida impressão de que sufocaria Sarah, mal lhe fosse dada oportunidade.

Assim que registou a presença de Hugh, o semblante de Sarah transformou-se. Perdera-se em fantasias e a presença do irmão tinha-a acordado bruscamente para a realidade. Endireitou a coluna e o brilho que a precedera dissipou-se.

– Desculpa, Hugh. Acabei de levantar-me e acho que ainda não estou bem em mim. – Nos cantos da boca apareceu um sorriso, mas o cumprimento não se refletiu no olhar e parecia deferente, mas não muito. – A Rebecca tinha dito que podias estar a chegar. Que bom teres finalmente decidido assistir à festa.

Pamela observou os dois. Quando ambos eram mais novos, e estavam em Londres para a apresentação em sociedade de Sarah, o pai era vivo e agira como amortecedor. Por conseguinte, Pamela não conseguira avaliar os sentimentos de um pelo outro, mas agora não lhe restavam dúvidas.

Devido à forma taciturna como Sarah o olhou, não havia amor perdido, mas pelo que Sarah sofrera devido à negligência do irmão, a sua indiferença era totalmente compreensível. Nos seus melhores dias, Hugh era um homem difícil e qualquer respeito que Sarah pudesse ter sentido anteriormente havia desaparecido. Como era típico de um homem de ascendência nobre, Hugh não notou o desdém da irmã. Nunca assumiria simplesmente que não gostavam dele ou, pelo menos, não o respeitavam.

Os irmãos não tinham visivelmente talento para conversas triviais, o que significava que ficar na companhia deles se revelaria desagradável. Pamela não desejava ficar ao corrente ou participar de qualquer diálogo que se seguisse.

Ponderou momentaneamente se deveria abandonar Sarah, mas um olhar bastou para lhe garantir que a outra mulher conseguiria lidar com Hugh. Sarah estava a encher um prato, sentada e mordiscando um scone, portando-se como se Hugh

fosse um mero animal de estimação a um canto, aceite mas ignorado.

– Bom… – começou Pamela, optando pelo recuo do cobarde – … estou certa de que ambos precisam de pôr a conversa em dia. Vou deixá-los. – Levantou-se e dirigiu-se à porta, mas não sem antes fazer uma pausa e deitar uma olhadela a Sarah por cima do ombro, ficando com a certeza de que havia detetado uma mordidela no pescoço, embora estivesse em grande parte tapada por um lenço. – Há um hóspede que tem de ir embora. Hoje – acentuou, mas nem Sarah ou Hugh estavam a ouvi-la. – Vou despedir-me dele.

Dirigiu-se prontamente ao quarto de Michael.

Hugh estava deitado em cima da cama e ajeitou as almofadas enquanto passava mentalmente em revista a discussão que tivera com Sarah.

Maldita mulher! A brigar e a troçar dele! Céus…Tivera mesmo a ousadia de tratá-lo como se ele ainda fosse um garoto que usava calções! Com quem pensava que estava a lidar?

Embora fosse tecnicamente o seu guardião legal, nenhum deles encarava o acordo a sério, pois Sarah não era o tipo de mulher que se deixasse governar por um homem. Era demasiado perspicaz, demasiado segura e teimosa para receber ordens; conseguia levar um homem a acobardar-se e a vacilar, convencê-lo a desconfiar dos seus propósitos e objetivos. Nem mesmo o seu querido e falecido pai sabia como controlá-la. Para tristeza de ambos, Sarah sempre fizera o que lhe apetecera, mas, por uma vez, Hugh não permitiria que fosse ela a dar cartas.

– Desta vez, não, irmãzinha – murmurou.

Herdeiro do seu pai em todos os aspetos, a sua vida era em Londres, onde havia diversões a gosto. Detestava o campo desde sempre e recusava desperdiçar energia em qualquer das monótonas tarefas que encantavam Sarah. Na sua mente, era sensato que os dois ambicionassem as ocupações de que gostavam – sendo as dele, jogo, deboche e vício.

Sarah recusava entender a sua posição, mas ele era um homem, um conde, um aristocrata e não precisava dar-lhe justificações. Viviam em mundos separados, mas, como ela estava prestes a descobrir brutalmente, a sua felicidade e bem-estar pessoal dependiam unicamente dele e a sua calma odisseia rural estava prestes a chegar ao fim. Era seu irmão, seu mestre – seu amo, por Deus! – e não iria brincar com ele quando estava tanta coisa em jogo.

Desafiando o bom senso, saíra de Scarborough e regressara à cidade, concedendo-lhe graciosamente a primeira oportunidade de escolher um parceiro adequado. Sarah estava no seu melhor quando ajudava os outros e lhes resolvia os problemas e ele supôs erradamente que também solucionaria aquela confusão, como

fizera no passado.

Planeara tudo de uma forma racional: ele facilitar-lhe-ia um casamento vantajoso, com um marido rico. Como parte do acordo, a esposa pagaria a dívida de Hugh. Se fosse muito perspicaz, talvez ainda conseguisse negociar uma pensão trimestral. A preciosa casa de Sarah seria preservada e restaurada, Hugh poderia continuar com a sua vida em Londres e todos ficariam como dantes.

Sentira-se tão seguro quanto ao resultado! Ela era hábil a assumir o comando e a tomar as rédeas e os seus esforços impediam-no de gastar alguns dos dele.

Contudo, tinha-se enganado. Sarah nunca tencionara procurar um marido e ele passara por idiota. Durante todo o tempo, a irmã pensara simplesmente que a viagem a Bedford se tratava de pura diversão e repouso. Há semanas que ele vagueara pela cidade, acreditando estupidamente que a irmã lutava por arranjar solução e descobrira que ela nunca tinha tencionado cumprir a sua parte do acordo.

Como se atrevia a ludibriar os seus desejos!

Com base na expectativa do sucesso de Sarah, encomendara vários conjuntos de roupa, avaliara uma parelha de cavalos que planeava comprar, mal os papéis de casamento fossem assinados, fizera um lance de um quadro num leilão e enviara a governanta à casa de campo para recuperar os móveis, que, em breve seriam confiscados, juntamente com a propriedade, caso não se finalizasse um resgate financeiro.

Os plebeus que borboleteavam à margem da sua vida não se atreviam a confessar-lhe na cara, mas mostravam- se nervosos quanto à aceitação do seu crédito. Tinham corrido boatos do seu endividamento, todos estavam convencidos de que em breve perderia tudo e, por conseguinte, enfrentava dificuldades imensas quanto a fazer compras ou contratar operários. Garantira a inúmeras pessoas que estava prestes a receber uma infusão de dinheiro, mas eles ousaram não acreditar nas suas palavras, um golpe baixo que o irritou profundamente.

A indigência era a pior das torturas!

Agora que Sarah frustrara as suas manipulações, via-se forçado a reconhecer que não deveria ter depositado uma missão tão importante nas mãos dela. A maldita fêmea não fazia ideia da atração que uma mulher exercia sobre um homem e era incompetente em qualquer situação que envolvesse questões amorosas e a prova mais marcante das suas deficiências nesse campo residia na falha da sua entrada em sociedade. Devia ter-se lembrado disso desde logo, mas estava tão ansioso para que Sarah supervisionasse os pormenores do seu noivado.

Bom, havia métodos de obter o que desejava. Neste aspeto, recusava ser afastado

ou dissuadido. Tinha-lhe dado a oportunidade, confiara nela, mas ela desperdiçara-a e ficaria chocada quando soubesse como ele estava determinado a obter um final vantajoso.

A porta abriu-se e Rebecca entrou precipitadamente. Aos vinte e quatro anos, Rebecca tinha menos um ano que Sarah, mas eram tão diferentes como a noite do dia. Loura e voluptuosa, com os traços perfeitos de uma boneca de porcelana, residira com eles nos últimos três anos, após ter superado uma vida de extrema pobreza que lhe fora infligida pelo perdulário pai. Sem se queixar, sem lamentar aquela penosa infelicidade, achava – contrariamente a Sarah – que a situação podia ser muito pior.

Enquanto Sarah se mantinha, com toda a probabilidade, no quarto a lamentar a última derrota, Rebecca perspetivava um fim auspicioso. A presença de Sarah na gala de Lady Carrington fora ideia dela. Hugh jamais chegaria a uma solução tão maravilhosa por conta própria.

Ele examinou-a com um ar inequívoco de censura. Quando Rebecca havia abordado a ideia asinina de atrair Sarah à festa de Pamela, garantira que conseguiria obter o resultado necessário em meia dúzia de dias, que poderia fazer com que Sarah se entregasse rapidamente, mas ela estava a comprovar-se demasiado evasiva até mesmo a nível das maquinações por norma eficazes de Rebecca.

Hugh estava furioso com as asneiras dela. Mandara Rebecca para Bedford com Sarah, pensando que a prima daria legitimidade ao final. Havia o benefício adicional de que Sarah considerava Rebecca uma amiga e nunca desconfiaria de que a outra mulher estivesse envolvida em qualquer plano infame.

O fiasco de Sarah pareceria totalmente genuíno e ela nunca suspeitaria do seu papel ou manipulação. Mesmo que tivesse uma noção subsequente, nada poderia fazer para alterar o resultado, mas, independentemente do que Sarah apurasse que precipitara a sua queda, ele já teria viajado diretamente a Bedford e colocado o processo sobre rodas. A situação tornara-se muito grave e ela casaria nem que ele tivesse de amarrá-la e forçar a sedução.

Hugh estava cansado de ser pobre, cansado de que os outros o desdenhassem, cansado de ser desprezado nos seus clubes favoritos, casas de jogo e bordéis.

Levaria o seu plano por diante!

– Encontraste uma chave?

– Sim – respondeu Rebecca, aproximando-se da cama –, embora fosse difícil sem a ajuda da criadagem.

O pessoal de Lady Carrington é de uma extrema lealdade.

– Imaginem só! – murmurou ele num tom sarcástico.

– Quando lhes pedi ajuda, ficaram boquiabertos como se estivesse a falar outra língua.

– Mas acabaste por conseguir uma?

– Experimentei-a em seis portas diferentes – respondeu, estendendo-lha para que a inspecionasse. – Prende, mas com algumas sacudidelas, serve. Surripiei-a de uma prateleira das cozinhas.

– Sinceramente, Becky, que vulgar!

– Não que qualquer dos criados me ajudasse. Senti-me uma ladra – retorquiu, fulminando-o com o olhar e atirando-lhe a chave que aterrou no colo dele. – Roubei-a para ti. Podias, pelo menos, tentar ser um pouco mais delicado.

– Verás a minha gratidão quando alcançarmos o nosso objetivo.

– É melhor que fales a sério, Hugh. Se estás a mentir…

Ele não conseguia suportar a sua atitude insolente e já tinha que chegasse dos seus lamentos e evasões. Desde que se encontrava em Bedford que lhe escrevera três cartas separadas, justificando os seus erros e a falta de sucesso. Ele vira-se obrigado a aguentar o seu permanente falhanço e não precisava de aguentar o seu humor.

– Estás a ameaçar-me? – questionou num tom calmo. – A mim, Rebecca?

O seu tom severo fê-la empalidecer e recuou de imediato, voltando à atitude de mulher mansa e solícita que ele lhe exigia.

– Não, Hugh – respondeu. – Peço desculpa.

– Como devias. Controlas demasiado a nossa relação e esqueces-te de ti. – Deu uma palmada na cama, incitando-a a que se aproximasse e ela obedeceu. Podia amuar e remoer, mas nunca se enraivecia. – Encontraste algumas das ervas chinesas de que gosto?

– Sim. Na biblioteca. Lady Carrington guarda uma caixa para os convidados. Tirei o que restava. Aqui está.

Estendeu-lhe um pacote cuidadosamente embrulhado e, como se fosse a mais rara das joias, ele agarrou- o com força. Em Londres, o seu fornecedor encontrava-se ausente, tal como os seus vários amigos, e estava frenético e sentiu-se terrivelmente aliviado por Rebecca ter descoberto um esconderijo.

Apreensivo e irritado, esforçou-se por dominar a ânsia obstinada. Consciente de que a antecipação valeria a pena quando finalmente assimilasse a droga, colocou o pacote sobre a mesa, obrigando-se a reverter à sua tarefa, à estratégia para Sarah e como era provável que se desenrolasse.

– Diz-me novamente a razão por que deduzes que ela anda a flertar com Stevens – decretou.

– Pela maneira como agiam quando os apanhei juntos. Têm um conhecimento muito mais profundo do que alguém suspeita. Vê-se na forma como ela o olha.

– Como assim?

– Ela está apaixonada. É a única explicação.

– Sarah? Apaixonada? Bah… – comentou, afastando a sua dedução com um aceno. – Estás doida.

– Não, uma mulher sabe essas coisas.

Deus do céu! Como desejava que ela tivesse razão! E, caso se tratasse de Michael Stevens, a vingança seria tão doce!

– Alguma vez o interrogaste sobre a primeira noite? Quando o mandaste ir ter com ela ao quarto?

– Não, uma segunda abordagem pareceria suspeita. Quando fiz a proposta inicial, tenho a certeza de que ele pensou que eu era uma criada e não quis retirar-lhe essa impressão.

– Era escusado preocupares-te – redarguiu, lembrando-se da história de Stevens com mulheres bonitas. – Se voltar a ver-te, não se lembrará de ti. – Estava demasiado absorto para reparar na dor que lhe causou e animou-se. – Bom. Esta noite, vamos fazer-lhe uma visita. Não demasiado tarde. Que tal uma ou duas horas depois de ela se recolher?

– Não ficará magoada, pois não, Hugh?

Que ridículo da parte de Rebecca por experimentar uma facada da consciência!

– Que mal há se ela casar com um rico e bem sucedido homem de negócios? Desfrutar da oportunidade de ter uma casa e filhos dela? É o que todas as mulheres anseiam, não é verdade? Agora… sê uma querida e vai buscar- me outro conhaque.

Sem qualquer protesto ou censura quanto aos seus maus hábitos, ela dirigiu-se ao aparador, pegou na garrafa e encheu-lhe o copo.

– Ora aí está uma boa menina!

Hugh bebeu o conteúdo de um só gole enquanto ela o rondava, zelando pelo seu conforto e sentiu-se novamente impressionado por tanta beleza. Dotada de uma farta cabeleira loura e com os seios magníficos cingidos pelo espartilho, oferecia um espetáculo divinal. Nos belos olhos safira, lia o visível, mas estúpido afeto, que ela lhe dedicava e, após o difícil encontro com Sarah, aquela ternura acalmava-o.

Enquanto Sarah se regozijava com o campo, Rebecca viajava periodicamente a Londres, onde lhe servia de acompanhante e mais, sempre que surgia oportunidade. Hugh jamais confessaria a alguém que cobiçava a prima, mas ela era tão transigente, tão adequada às suas necessidades. Como podia um homem rejeitar

o que lhe era tão graciosamente oferecido?

– E se ela estiver sozinha quando aparecermos de repente? – perguntou Rebecca. – O que diremos?

– Convidamo-la simplesmente a descer para a festa, como se fosse esse o nosso único objetivo.

Hugh tinha tudo planeado na cabeça, satisfeito por tomar decisões impecáveis. Rebecca limitou-se a assentir jovialmente com a cabeça, tal como ele tinha previsto. Não o questionaria depois de haver criado tamanha confusão quando entregue às suas maquinações.

– E se não a apanharmos com o Stevens – ressaltou ele – optaremos por outro indivíduo. Destrancaremos a maldita porta e empurramos outro lá para dentro se isso for necessário.

– Que pena o que aconteceu com Brigham – comentou Rebecca.

– Foi mesmo.

Rebecca organizara discretamente o interesse de Brigham por Sarah e, dada a sua fortuna e o título, teria sido uma excelente opção para seu marido. Contudo, nada se passara da forma adequada. O homem não só nunca entrara no quarto de Sarah, como tinha sido afastado como uma hipótese, dada a sua briga com Michael Stevens.

Ninguém tinha descoberto o motivo da violenta discussão de ambos e Hugh encolheu os ombros quanto à tareia de que Brigham fora alvo. Que coragem a de Stevens por ter defrontado um aristocrata! O assunto espalhara-se por toda a cidade, embora sem resultado palpável. O homem era um lunático que devia ser enforcado ou, pelo menos, ser levado dali para fora.

Só o pai de Stevens, o conde de Spencer, impediu que aquele canalha desprezível recebesse a lição que merecia. Dado o seu parentesco com Spencer, Stevens era intocável.

Devido à sua influência e aos malditos segredos que desvendara, quem estava a salvo da ira do bastardo? Ele constituía uma ameaça que Hugh adoraria destruir.

«Tudo a devido tempo», ponderou. Stevens receberia a sua conta, mas, de momento, Hugh não se ocuparia dele. Estava exausto da viagem e do permanente receio causado pelo seu dilema financeiro e pretendia divertir-se um pouco.

Embora se sentisse ansioso por retirar o cachimbo da mala, conteve a impaciência. Mal fumasse as ervas, seria incapaz de saborear devidamente os amplos encantos de Rebecca. Após a ter debochado uma ou duas vezes, poderia entregar-se ao seu passatempo favorito.

Ocorreu-lhe sombriamente que dantes havia considerado o sexo como a sua

diversão favorita. Quando mudara isso? E porquê? Todavia, o sentimento foi passageiro como muitos outros. Frequentemente, a concentração provava-se efémera.

Enquanto observava Rebecca, um latejar agradável surgiu-lhe entre as pernas e quase chorou de alívio. Esporadicamente, com todas as ervas e álcool que consumia, era incapaz de exercer as suas funções viris e esses incidentes começavam a assustá-lo. A sua incapacidade de se entesar tornara- se um problema recorrente e cada vez se preocupava mais que a sua aptidão pudesse desaparecer.

– Chega aqui – ordenou.

As mulheres revelavam-se cada vez mais incapazes de estimular os seus ímpetos de macho. Nem mesmo as mais debochadas prostitutas conseguiam despertar o seu membro amolecido e, ao sentir uma picada de desejo nas partes baixas, ficou extremamente otimista e em chamas.

– Francamente, Hugh – arquejou ela, ofendida. – Desde a tua chegada que só me tens censurado e agora presumes que vou fazer o que quer que necessites. Foste longe de mais – acrescentou de nariz empinado.

– Chega aqui – repetiu mais energicamente.

– Não, já te disse.

– Ou vens ou ficarei extremamente irritado.

– E é a primeira vez que não me importo.

A cadela deu meia volta, como se estivesse furiosa! Quem julgava que era para se dar aqueles ares? Pela primeira vez em meses, poderia fornicar sem obstáculos e ela devia obedecer. A mera ideia de que ela tinha a ousadia de rejeitá-lo provocou-lhe um enorme tesão.

Embaraçosamente, havia muitas mulheres disponíveis na festa além da prima, mas não podia procurar nenhuma delas com medo de ser incapaz de manter uma ereção. Até esse momento, Rebecca fora a única pessoa que estivera com ele quando o pior acontecera e, portanto, Hugh nunca tivera de tolerar quaisquer racionalizações ofensivas ou explicações humilhantes. Ela não estava em posição de discutir a sua relação sexual com outras e não tinha esclarecimento sexual bastante para compreender o que falhava.

Não podia afastar-se; ele não o permitiria.

Denotando uma invulgar agilidade, saltou para o chão, agarrou-a e abanou- a.

– Volta já para a cama.

– Para com isso, Hugh – queixou-se enquanto ele a empurrava para o colchão. Tentou desmoralizá-lo com o olhar, mas a sua ousadia dissipou-se, como sempre, ao ser confrontada com a sua firme insistência. – Estás a magoar- me o

braço.

– Não serei rejeitado, Rebecca. Visivelmente furiosa, Rebecca deitou-se e ele abateu-se sobre ela. Desnudou-lhe os seios e chupou-os, mas ela permanecia imóvel como um cadáver, negando participar como ele repetidamente a instruíra. Pensou em arrancar-lhe uma reação à bofetada, mas não o fez. De momento, não estava preocupado com a sua falta de cooperação.

Incitado pela sua rebeldia, apartou-lhe as pernas e regozijou-se. Exultando por ser capaz, chegou rapidamente ao clímax e em seguida soltou-se e abateu-se ao lado dela. Rebecca escapou-se, com pressa de se recompor.

– Não me deixes – decretou Hugh. – Vou dar-te outra daqui a minutos. Assim que descansar.

Contudo, a névoa do orgasmo invadiu-lhe a mente e caiu num sono agitado.

17

Michael descansava, impaciente, na cama, quando ouviu Sarah chegar ao seu quarto. Embora não fosse muito tarde, aguardara uma eternidade que ela voltasse da ceia.

Ela implorara-lhe que lhe fizesse companhia, mas ele rejeitara o convite, não por causa do seu habitual desdém quanto a socializar com os restantes hóspedes, mas dadas as suas diversas posições.

Não poderiam ter conversado no salão antes de a refeição ser anunciada e, devido às diferentes categorias sociais, ficariam sentados em extremidades opostas da mesa. Não conseguia imaginar-se a observá-la de longe, alheando-se da intimidade que os unia enquanto ela conversava e socializava. Se ela estivesse por perto, seria incapaz de mostrar desinteresse.

Como desejava poder tê-la acompanhado até lá abaixo e manter-se orgulhosamente ao seu lado, com o braço enfiado no dela. Poder tê-la escoltado até à sala de jantar, afastar-lhe a cadeira e sussurrado ao seu ouvido durante o banquete.

Curiosamente, via-se a odiar as restrições de elite que os impediam de se mostrar juntos em público. Embora, normalmente, pouco se tivesse importado com as restrições que lhe eram impostas, por uma vez, sentia profundamente as divisões que a sua filiação duvidosa engendrara.

Ao longo dos anos, troçara de James devido ao fascínio do irmão pelos membros da aristocracia. Michael sempre tinha achado que era mais sensato, mas desde que conhecera Sarah e se envolvera com ela, reconheceu que não era imune à atração do seu mundo.

Em Paris, quando a mãe era uma vedeta famosa, não atribuíra importância à sua paternidade. Tinha sido aceite na camada mais vulgar da sociedade francesa, feito amizade com os filhos nobres das famílias ricas, encarado como futuro genro para as filhas de prósperos negociantes. A sua ascendência não tivera qualquer efeito no seu comportamento e não se preocupara em inserir-se na sociedade.

Contudo, em Londres, onde a linhagem era tudo, tivera de encarar a realidade. Flutuara à margem do seu domínio de exclusividade, um intruso, simplesmente porque o pai e a mãe – duas pessoas dinâmicas, carismáticas e egoístas – nunca se haviam casado.

Edward Stevens tinha quatro filhos adultos – três raparigas e um rapaz – que foram nascendo legitimamente durante o seu longo casamento e fora doloroso

descobrir a forma diferente como eram encarados. Michael e James representavam a indiscrição vergonhosa de Edward e por mais que se parecessem com Edward ou agissem como ele, por mais que adotassem uma postura rígida e orgulhosa, não passavam de seus filhos bastardos.

A desigualdade tinha sido angustiante e ele acabara eventualmente por aceitar a situação, mas James não o fizera. Contudo, honestamente, James sofrera mais devido a ser mais velho quando se tinham mudado. As suas recordações do pai eram exatas e enraizadas e a perda fora maior. Ele era o primogénito do poderoso aristocrata, mas jamais poderia ocupar o lugar que lhe cabia e ansiara por ser aceite, enquanto Michael sempre havia conjeturado que se encontrava para lá desses devaneios juvenis.

Depois, Sarah enfeitiçara-o. Tinha-se apaixonado logo por ela, embora a atração fosse inútil. Quando deveria ter fugido rapidamente na direção oposta, acedera à ousada proposta de Sarah quanto a uma aventura e, como resultado, haviam dado início ao mais lascivo e irreverente sexo que ele alguma vez experimentara.

Pelo meio das sessões eróticas havia palavras ternas, pausas tranquilas e uma cumplicidade suave que o deixara encantado, extasiado e a tal ponto imerso na relação que era incapaz de comer ou de dormir. Toda a sua vida girava agora em torno dos momentos furtivos em que podia permanecer nos braços dela. O passado desvanecera-se e o futuro não tinha qualquer significado. Ele existia unicamente para aqueles episódios de êxtase carnal.

Totalmente obcecado, nunca se cansava de observá-la, nunca se desinteressava da sua companhia, do belo rosto ou do corpo lascivo.

Considerando aquele encantamento, não poderia ter ido jantar com ela, pois passaria a refeição a olhá-la avidamente do outro lado da mesa enorme como um jovem apaixonado.

Escutou os ruídos abafados que ela produzia e imaginou-a empoleirada no banco em frente do toucador, enquanto a criada lhe desabotoava o vestido e desapertava o esparti-lho; enquanto se lavava e se mudava para a camisa de noite e roupão.

Surpreendentemente, visualizou-se no lugar da criada a auxilia-la nas suas abluções privadas e o pensamento agitou-o. O desejo de ajudá-la era irresistível e já o fizera numa ocasião em que haviam jantado juntos, mas abstivera-se de repetir algo tão idiota.

Nunca fora dado a perder tempo no boudoir de uma mulher. Com todas as amantes que tivera, nenhuma lhe inspirara esse lazer. Nunca lhe interessara como se vestiam, tomavam banho ou se preparavam para dormir, mas, com Sarah, o seu

encanto incendiara-o e não se cansava de observar todos os seus pormenores mundanos.

Que pena aquela fantástica relação ir terminar antes de ter começado. Não haveria oportunidade bastante de explorar aquelas estranhas e maravilhosas sensações e suspirou com pesar. O que pensaria Sarah quando soubesse que ele estava a fazer as malas? Ficaria triste ou, mais provavelmente, aliviada pelo amor de ambos haver terminado tão facilmente?

Embora detestasse admiti-lo, Pamela prestara um favor a ambos ao forçá-lo a partir e o pedido não o apanhara de surpresa. Já o esperara desde o incidente com Brigham. A amiga mostrara-se delicada e compreensiva. Michael apreciara o seu tato e, tendo em conta a chegada de Hugh Compton, ela dificilmente podia agir de outra forma.

Mas como ia desligar-se de Sarah?

Quando iniciara precipitadamente aquele romance, nunca lhe ocorrera que seria difícil colocar-lhe ponto final. Sempre havia sido um indivíduo competente e lascivo que examinava todos os ângulos e alternativas antes de prosseguir e, no entanto, permitira que uma mulher – que mal conhecia e com a qual tinha tão pouco em comum – se apoderasse totalmente da sua vida e do seu coração. Não conseguia prever para onde viajaria a seguir, pois não imaginava ver-se separado dela.

Que idiota, mas que idiota, era!

A porta de comunicação entre os quartos abriu-se e ela espreitou, sorrindo ao vê-lo. Ao ponderar com tristeza nos sonhos que nunca se concretizariam, viu-se confrontado com toda a intensidade da sua loucura.

Como poderia aguentar perdê-la?

– Pedi para me prepararem um banho
– disse ela. – Queres lavar-me?
– Gostava.

O membro endureceu ante a ideia de tocar-lhe quando ela estava molhada e escorregadia e Sarah percebeu de imediato. A sua avaliação encantada demorou-se no volume que a ereção provocara nas suas calças.

– Então, quando acabarmos, trocamos e serei eu a dar-te banho.

Os olhos de Sarah brilhavam de lascívia e ele riu.

– Criei um monstro.
– É verdade. Estás arrependido?
– Nem um pouco.
– Bem me parecia.

Uma criada bateu à porta dela e Sarah fez-lhe sinal para que se calasse e em seguida desapareceu, a fim de dirigir o transporte dos jarros de água. Muitos minutos depois, voltou a entrar, vestida apenas com uma das suas camisas de noite. Aproximou-se da cama, pressionando as coxas de encontro à madeira.

– Trancaste a porta depois de se irem embora? – perguntou ele.

– Sim.

– Verificaste uma segunda vez?

– Sim – anuiu irritada com a prudência dele.

– Tens a certeza?

– Michael!

Sarah sentia-se normalmente exasperada com a sua vigilância ostensiva. Mesmo depois do que acontecera, ela mostrava-se demasiado confiante. Com o afastamento de Brigham, recusava-se a supor que outros homens pudessem ter planos a seu respeito.

– Está pronta para o seu banho, milady? – inquiriu ele, trocista.

– A água está quente de mais e precisa de arrefecer – respondeu, batendo as pestanas. – Como vamos passar o tempo?

– Sua devassa. Vais matar-me.

– Espero bem que não. Tenho muitos planos lascivos para ti – riu alegremente, mas parou bruscamente ao detetar um toque da tristeza dele, que deveria ter sido prudentemente dissimulada. – Estás preocupado.

– Nem penses.

– Não me mintas – redarguiu Sarah que possuía uma perceção inata no que lhe dizia respeito. – Sei perfeitamente quando estás.

– Talvez um pouco – confessou ele.

– A tua mãe está bem?

– Tanto quanto sei.

Sarah estremeceu de alívio, como se a mãe dele fosse uma velha amiga com quem habitualmente se preocupava enquanto a mulher mais velha se pavoneava pelo continente, em lua de mel.

Durante a ceia que haviam desfrutado a sós no quarto de Michael, ele abrira essas portas da sua história pessoal e ela entrara de bom grado, incitando-o a divulgar algumas das suas reflexões sobre Angela e Edward, sobre James e a sua nova noiva, embora o motivo de ele haver discutido esses assuntos tão privados e delicados com ela fosse um mistério. Sarah mostrara-se simplesmente determinada a trazer o infortúnio da família à tona, convencida de que arejar a

roupa suja era o melhor método para lidar com o que acontecera.

Pelo meio de ímpetos de amor frenético, haviam conversado incessantemente até ela ficar a par das suas fraquezas e lutas. Michael sempre tinha sido um homem desprendido e solitário e não conseguia acreditar como, por uma vez, fora extraordinário confiar em alguém, sentindo-se perturbado quanto à falta que lhe faria aquela intimidade verbal quando se fosse embora.

– Senta-te – disse com uma palmada no colchão e ela deitou-se como o fizera em mil ocasiões anteriores.

O corpo feminino ajustava-se perfeitamente ao dele e Michael colocou-a para que pudesse perscrutar

os olhos verdes. Tencionava recordar para sempre o brilho que eles emitiam, como o avaliavam escrupulosamente.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Vou-me embora de manhã.

Não tinha a certeza quanto à reação que esperara dela. Lágrimas? Súplicas? Histerismo de mulher? Decerto não aquela calma terrível.

– Percebo – disse ela, finalmente. – Porquê?

– Lady Carrington pediu-me que o fizesse.

– Porquê? – repetiu Sarah.

Muitas respostas seriam satisfatórias, mas, até esse momento, ele contornara habilmente o assunto da sua ligação ao irmão e não tencionava fazê-lo tão tardiamente. Ao que parecia, ela nunca imaginara que ele e Hugh se conhecessem e Michael gostaria que permanecesse na ignorância da sua sórdida aliança.

Sorriu, tentando aligeirar as circunstâncias.

– Pamela diz que tenho abusado da sua hospitalidade.

– Julguei que vocês os dois eram amigos.

– E somos – retorquiu ele, mexendo- se, incomodado. – Mas até mesmo Pamela tem os seus limites.

– Brigham?

– Sim.

– Para onde irás?

– Ainda não decidi. Tenho uma dúzia de convites para outras festas, mas talvez vá até à casa de campo do meu irmão. É remota e isolada e talvez possa beneficiar da solidão.

– E depois prosseguirás até à cidade?

– Talvez.

O seu trabalho no clube era o único método decente em que pensara para se

manter longe de problemas.

– Devias ir para casa – repreendeu-o.

– Quanto mais cedo, melhor.

Haviam debatido a situação dele ao milímetro e Michael sabia que Sarah tinha razão, mas ainda não conseguia voltar a Londres. Pelo menos, por enquanto.

– Se fores para a casa rural do teu irmão… – Fez uma pausa, refletindo. – Gostavas que me juntasse a ti? Provavelmente, conseguiria arranjar uma maneira.

O coração de Michael saltou-lhe no peito, depois produziu um estranho barulho e teve quase a certeza de que se quebraria em pedaços. Desejava mais do que tudo na vida que ela o seguisse até à casa de James. O pessoal discreto proporcionaria um paraíso exclusivo onde poderiam construir memórias constantes, mas era simplesmente impossível.

– Não – declarou por fim, embora surpreendido por ter arranjado força bastante para recusar. – Temos de despedir-nos esta noite.

Sem um piscar de olhos, sustendo a respiração, ela aceitou casualmente a informação.

– Tens a certeza?

– Tenho.

Sarah não concordou nem discordou, mas, mesmo assim, sentiu-se inclinado a acrescentar:

– É o melhor.

– Não duvido.

Michael dominou um impulso de abaná-la devido àquela concordância. Porque não reagia ela? Porque não o censurava? Seria assim tão fácil para ela afastar-se?

Quando instigara aquela louca proposta, nunca projetara um final infeliz. Caso o tivesse feito, imaginaria sem dúvida que seria ela a dissimular sentimentos, não ele. Ele era demasiado confiante, demasiado controlado. Era capaz de afastar uma mulher para sempre da sua vida, sem pestanejar.

Era mesmo assim?

– Quero fazer amor até de manhã – disse ele.

– Também eu.

No entanto, não conseguia começar. Em vez disso, fitou-a sem cessar, anotando cada pormenor. Tinha dúzias de palavras na ponta da língua e, oh, como estava ansioso por pronunciá-las. Caso não lhe faltasse coragem, confessaria quanto adorara conhecê-la, quanto apreciara aquela breve ligação e como esperava que ela encontrasse felicidade e serenidade no futuro, mas manteve-se em silêncio.

De que valeria despejar um monte de baboseiras sentimentalistas? Se declarasse

quanto a amava, ela provavelmente faria o mesmo e ver-se- iam envoltos num círculo impossível de desejo e afeto de onde não haveria recuo.

Era melhor ficar calado.

– Será difícil dizer adeus – foi tudo o que conseguiu dizer.

– Eu sei.

– Sentirei a tua falta – disse como sempre desejoso de acrescentar algo.

– E eu a tua.

Fitaram-se, sem predisposição a falar mais, e ele sentiu-se aliviado. Não conseguiria suportar as suas reflexões de momento e, portanto, fingiu que os seus pensamentos íntimos se assemelhavam aos dele, embora ignorasse quais eram. O afeto que lhe dedicava tinha-o consumido totalmente e a ideia de continuar em frente sem partilhar aquela intimidade do final do dia ultrapassava a imaginação.

Aquele momento de reflexão terminou quando os lábios de ambos se uniram num beijo pleno de tudo o que não podia ser dito em voz alta. Ela enfiou-lhe os dedos no cabelo, acariciou-lhe o pescoço e o ombro, até pousar a mão no peito dele, sobre o coração, massajando e oferecendo consolo. A sua língua entrelaçou-se com a dele num bailado familiar e delicioso.

Michael nunca fora muito dado a beijar, mas, com Sarah, era incapaz de resistir à lenta provocação. As respirações misturaram-se e os corações batiam num ritmo regular. O arrebatamento de tê-la de uma forma tão simples e doce invadiu-o e poderia ficar ali eternamente, sem fazer mais nada senão pressionar os lábios contra os dela.

Aquela lânguida permuta tornou-se obviamente mais escaldante. Pouco tempo depois, Michael despiu-lhe o roupão e baixou-lhe a camisa de noite ao longo das pernas. Acariciou-a com deleite, saboreando a forma como as ancas ditavam o ritmo.

A sua virgem inexperiente tinha desabrochado! Sabia como espicaçar e excitar, como seduzir, mas também como receber o que ansiava.

Michael brincou até a deixar molhada de desejo, com os lábios inferiores inchados e estimulados e não resistiu à tentação de sentir-lhe o gosto na língua. A essência sexual de Sarah era um potente afrodisíaco; excitava-o e afugentava o seu bom senso.

Lambendo e saboreando, levou-a ao clímax, mas a jovem conteve-se tão eficazmente numa perfeita sintonia de corpos que se mostrou uma verdadeira mestre a prolongar o gozo. Traçando um caminho pelo seu corpo acima, Michael deteve-se no umbigo e no rego entre os seios. Ergueu-lhe mais a camisa de noite, revelando os contornos dos dois espetaculares globos e continuou até desnudar os mamilos

eretos. Mamou como um bebé faminto, satisfazendo os seus desejos carnais enquanto o cheiro e o calor feminino lhe proporcionavam um incentivo permanente.

Incapaz de parar, tirou-lhe a camisa de noite pela cabeça, desnudando-a, e pousou o olhar cobiçoso na sua beleza, na cintura estreita e nas ancas torneadas. A cena pôs-lhe o sangue a fluir até o membro exigir a finalização.

Michael puxou a camisa, depois desabotoou as calças, mal as deslizando sobre os quadris. Necessitado de se libertar de limites, na sua mão, na sua boca, estava de pau feito e manipulou aquele volume túrgido enquanto ela o observava com entusiasmo. Sarah deslizou, recebendo-o nos lábios castos e imaculados que ele adorava profanar.

Com a destreza de uma cortesã, Sarah passou várias vezes a língua pela sensível glande e em seguida recebeu-o. Deu-lhe tudo o que podia e mais, cada vez mais fundo excitando-o ao limite.

Michael chegara rapidamente a um auge irreprimível e retirou-se com o coração aos pulos, gotas de suor na testa e o membro latejante.

– Vem-te na minha boca – implorou ela.

Durante todas aquelas sessões, ele ainda não o fizera porque, mau grado as súplicas de Sarah, não a achava preparada para a experiência.

– Não.

– Michael…

Protestou enquanto ele deslizava ao longo do seu corpo, afastando o falo queixoso da tentação. Passou a glande pela suave pele do ventre feminino.

Incapaz de fugir ao suplício, procurou a gruta dela apenas o bastante para que os seus fluidos eróticos lhe humedecessem a ponta do membro. Se pudesse mergulhar no interior! Apenas uma vez! Se pudesse tê-la da única forma que realmente contava!

Quando ele se apoiou sobre os quadris, Sarah ergueu as pernas e rodeou-lhe as coxas, oferecendo-se. Michael avistou o centro róseo, os pelos escorregadios e húmidos. A sua polpa constituía um refúgio ameaçador e não conseguia entender por que razão rejeitava constantemente a si próprio aquela satisfação.

Como se lhe lesse o pensamento – uma tática em que se esmerava –, Sarah repreendeu-o:

– É a nossa última vez. Possui-me.

– Oh, Sarah… – gemeu Michael, num equilíbrio instável, questionando-se sobre onde iria buscar força para desistir. – Não sou um santo. Não me dês permissão.

– O que interessa isso? – retorquiu ela arquejante, tensa, ansiosa.

– Já passámos por isto várias vezes – disse Michael, esfregando o membro

contra a sua gruta. – Se te roubar a virgindade, jamais conseguirás reparar o dano.

– Nem o desejarei. Nunca vou casar – disse, apertando os músculos das pernas. – Fá-lo!

Fitando o teto, Michael hesitava, ambivalente, incapaz de aguentar a súplica que lhe lia nos olhos. As nádegas retesaram-se e movimentou-se. Estava a brincar com o fogo até ao limite.

– Quero ser o teu primeiro – afirmou, baixando os olhos ao encontro dos dela.

– Quero ser eu para que nunca te esqueças.

– Como se alguma vez pudesse esquecer!

Abriu-se mais e o movimento aproximou-o. Michael deixou de lutar.

Não havia retorno. Posicionou-a e colocou-se de forma a possuí-la com uma única e suave estocada.

– Vai doer.

– Muito?

– Um pouco.

Sarah esboçou um leve sorriso trémulo e arqueou o corpo, erguendo os seios. Ele acariciou um mamilo e depois traçou um caminho com a mão até à cintura e mais abaixo. Guiando-se, esfregou-se nela, humedecendo a glande até estar suficientemente lubrificado.

– Sem arrependimento – lembrou-lhe.

– Jamais.

Com uma hábil estocada, enfiou-se no ventre dela. Quando sentiu o romper do hímen, ela gritou e ele inclinou-se sobre o seu corpo, desejoso de protegê-la.

– A dor passará – sussurrou.

– Já passou.

– Abraça-me.

Sarah produziu um som que podia ser uma risada ou um soluço.

– Nunca pensei que conseguisses encaixar-te.

– Eu tinha-te dito – murmurou ele, lutando por se recompor, enquanto ela se ajustava àquela intrusão anormal. A fenda contraiu-se, invadida pelo seu sangue virginal e o membro de Michael flutuou num mar de êxtase.

Ao primeiro sinal da «entrega» do seu corpo, ele começou fervorosamente.

Desejara-a de mais e tempo de mais – parecia-lhe agora toda a sua vida, embora não o soubesse – e não poderiam simplesmente ter uma cópula suave. A gruta apertada de Sarah ordenhou-o, estimulou-o e ele conseguiu dar vazão a toda a lascívia.

A sua admiração era visível, a veneração reluzente e, por uma vez, Michael não dissimulou emoções. Deixou cair a máscara e inundou-a com a sua adoração, transmitindo sem palavras que aquele momento com ela fora uma bênção que nunca antecipara, uma dádiva que guardaria para sempre no coração.

Sarah reagiu a todas as carícias e o desejo transportou-a além do desconforto inicial. No limite, ele fê-la rolar com um golpe certeiro do polegar e depois acompanhou-a, embora a trajetória se desviasse um pouco do curso natural.

Por fim, retirou-se, o jorro fumegante do seu sémen inundou-lhe o ventre e aninhou-se sob o pescoço dela, mantendo-se ali enquanto os tremores o sacudiram e depois pararam. Descontraiu-se aos poucos, mas não se levantou, porque na realidade era um cobarde, receoso de olhá-la de frente e ler a verdade.

Dando-lhe um leve beijo na testa, não podia impedir o inevitável. Fitou-a e, ao descobrir que ela estava envolta numa tristeza tão profunda, não sabia o que dizer ou como reagir. De todas as emoções que poderia mencionar sobre como Sarah reagiria ao desfloramento, jamais optaria pelo desânimo. Sentiu um aperto no coração.

– O que é, amor?

– Não sabia que ias retirar-te de dentro de mim.

– Tinha de ser – explicou. – Não podíamos fazer um bebé.

– Era possível com apenas uma vez?

– Sim.

Sarah fitou-o durante muito tempo e em seguida disse:

– Desejava que o tivéssemos feito.

Michael ficou chocado e pasmado. Um filho! Com ela! Como ansiava por plantar a sua semente tão no fundo que criasse raízes e florescesse!

Sufocando um gemido, fechou os olhos, mas imagens indesejáveis e encantadoras de crianças recortaram-se no seu campo de visão: pequenos querubins ruivos com o encanto e as feições delicadas da mãe; rapazinhos de olhos azuis, com a sua insolência e o seu porte.

Procurou desesperadamente uma desculpa para fazer um filho a Sarah; nunca quisera nada com tal força.

Buscando injetar realidade na sua fantasia, esforçou-se por falar, mas apenas conseguiu perguntar:

– Um filho ia fazer-te feliz, Sarah?

– Adorava dar-te um filho – respondeu ela, afastando-lhe o cabelo do rosto. – Ficaria muito orgulhosa.

– Sinto muito, mas não podemos.

No preciso momento em que pronunciou as palavras sentiu outra ereção. Embora tivesse acabado de se vir, o membro enrijeceu, disposto a cometer um erro quase irrevogável.

A banheira!

A frase surgiu como uma espécie de salvação do caminho depravado que a sua anatomia lhe implorava que tomasse. Necessitava de se aplicar num esforço menos ardente, embora não conseguisse deixar de meditar na razão por que achava que lavar o tronco era um porto seguro. Os seus devaneios lascivos tinham de ser imediatamente contornados antes que fizesse algo imprudente e irreversível.

Esperando que o espaço atenuasse os seus ímpetos devassos, pôs os pés no chão. O mesmo apresentava-se coberto com o sangue dela e no seu falo havia uma mancha vermelha, comprovativa do pecado que cometera contra ela e o sémen era um monte seco sobre o seu estômago e a perna.

Agarrou numa toalha, limpou-a, limpou-se, e enfiou as partes íntimas nas calças. Sarah observou todos os movimentos e Michael gostou de sentir- se reverenciado e avaliado sob o seu ousado escrutínio.

– Estás dorida?

Indecisa, Sarah mexeu-se no colchão e o corpo emitiu um lamento de protesto.

– Ooooh… sim.

– Então, vamos dar-te um banho – decidiu, ajudando-a a levantar-se. – A água vai minorar a dor e lavar o sangue.

– Estou ferida? – perguntou, olhando para baixo de testa franzida, sem entender a consequência física.

– Não, mas deixaste de ser virgem – respondeu, vaidoso por ter sido ele a tirar-lhe a virgindade.

– Vou sangrar de todas as vezes?

– Só desta e… – respondeu, dirigindo-a para o quarto de vestir – … quando o teu belo traseiro sarar da aventura desta noite, também não voltará a doer-te.

– Sinto-me como se me tivesses cortado ao meio.

Sarah fitou-o por cima do ombro e era uma visão encantadora, dotada de um traseiro bem torneado, pernas esguias e uma pele suave.

– Sou um homem bem equipado. – Encolheu os ombros com arrogância, mas não conseguiu deixar de regozijar- se com o que lhe tirara. Roubou-lhe um beijo antes que ela se virasse. – Enlouqueces-me de paixão. Não conseguiria ser meigo.

– És um safado convencido. Talvez não devesse dizer-te como me sinto satisfeita por teres sido tu.

O comentário dela penetrou bem fundo no local onde ele se sentia isolado e só. Estavam na borda da banheira e inclinou-se e verificou a temperatura da água, achando que estava quente e convidativa.

Fingindo um distanciamento bem longínquo da verdade, inquiriu num tom casual:

– Estás satisfeita… que fosse eu?

– Muito.

Os olhares cruzaram-se e ela sorriu- lhe com uma expressão tão afetuosa que ele teve de engolir três vezes em seco antes de continuar a falar.

– Vá lá. Entra – convidou, apoiando-a enquanto ela se metia dentro de água.

– Aaah… Estou um pouco dorida – queixou-se, quando a sua gruta assediada defrontou o calor, mas depois adaptou-se rapidamente e descansou, apoiando os braços nas costas da banheira e apartando os joelhos.

Durante uns minutos, o corpo recompôs-se na água tépida e ele ajoelhou-se ao lado dela, encantado pela sua beleza. Sarah virou-se para ele, apoiando os antebraços na borda e ficaram com os narizes colados, a pele unida, olhos nos olhos.

– Deixas que te lave? – pediu ela.

– Claro.

– E depois voltas a fazer amor comigo?

– Durante toda a noite – disse ele, pegando numa toalha e esfregando-lhe os seios –, se não estiveres muito dorida.

Ante a piscadela de olhos maliciosa, Sarah corou e ele baixou-se e mordiscou-lhe o pescoço, fazendo-a contorcer-se e rir.

– Tenho de ficar por cima.

– Deus tenha piedade de mim – resmungou ele entre dentes.

Nesse momento, ouviu-se um leve ruído – o pigarrear de uma garganta –, mas estava tão fora de contexto que passou muito tempo antes que ele percebesse do que se tratava. Hesitou e em seguida focou o olhar na porta que ligava o quarto de vestir ao outro quarto.

– Muito bem, muito bem… – pronunciou uma voz familiar e odiada. …Olha o que temos aqui!

– Raios! – exclamou Michael.

Sarah virou-se, arquejou e mergulhou na água, lutando para se proteger.

Hugh Compton e Rebecca Monroe observavam-nos, a cada pormenor da sua devassa nudez, e a boca de Rebecca abriu-se como a de um peixe atirado para a margem de um rio. Os quatro formavam um quarteto paralisado e em seguida o irmão teve a decência de afastar Rebecca com um empurrão para que ela não

testemunhasse mais daquela lasciva união.

Parado junto à ombreira, a figura de Hugh enquadrava-se na moldura da porta.

– Olá, irmã – saudou Scarborough com uma vénia trocista. – E Stevens! Que interessante encontrá-lo na companhia de Sarah. E em tão deplorável condição!

Michael nunca se sentira tão vulnerável, nunca tinha sido apanhado tão desprevenido. Pôs-se de pé imediatamente e atento.

– O que faz aqui, Scarborough?

– Podia perguntar-lhe o mesmo.

Scarborough lançou um olhar malicioso, colocando-se nos bicos dos pés para vislumbrar os seios de Sarah. A grosseira tentativa enraiveceu Michael que passou de imediato à ação.

– Saia daqui! – ordenou, colocando-se na frente da banheira para tapar a cena aos olhos de Scarborough – ou dou cabo de si.

– Bastardo… – insultou Scarborough.

– Decerto percebe o que isso significa.

– Saia! – gritou num tom tão autoritário que Sarah e Scarborough se encolheram. – Já!

Sem se mostrar minimamente assustado, Hugh endireitou-se e, embora fosse mais baixo do que Michael, parecia assustador. E feliz. Aquele bruto estava extasiado e Michael sentiu vontade de lhe deitar as mãos ao pescoço e apertá-lo até não lhe restar ar nos pulmões.

Como é que ele, Michael Stevens – o mais prudente e cauteloso dos homens – caíra numa emboscada armada por aquele porco desprezível?

O coração saltou-lhe no peito ao ser invadido por uma terrível desconfiança a que mal podia dar crédito, mas era incapaz de silenciá-la. Transferiu o olhar em brasa de Scarborough para Sarah que se mantinha enroscada na banheira. Enquanto especulava e ajuizava, velhas dúvidas e receios vieram à tona e não conseguiu deixar de suspeitar o pior.

Ela teria organizado aquele esquema com o irmão? Todo o seu afeto aparentemente gracioso não passara de fingimento? Scarborough não era esperto bastante para engendrar um plano daqueles ou levá-lo a cabo com sucesso. Tão-pouco a prima dele. Contudo, Sarah?

Devia ter sido ela.

Não havia outra explicação para a forma astuta e eficaz como a armadilha fora lançada e concluída.

Mais cedo, quando ela aparecera no seu quarto, tinha-lhe perguntado se trancara a porta e ela respondera determinada que sim. Sentira-se tão perturbado

por ela que aceitara a sua palavra sem contestar; não tinha ido verificar como era seu hábito. A imensidade do seu enamoramento levara-o a agir anormalmente, a confiar e pressupor. Que loucura! Que estupidez!

Voltou a pousar o olhar em Scarborough e o conde riu e assentiu com a cabeça, confirmando a sua excruciante dedução.

– Os meus cumprimentos! – elogiou Michael friamente. – Muito bem feito.

– Foi, não foi? Trabalhámos tão arduamente para isto – retorquiu Scarborough num tom presunçoso. – Irei ter consigo à biblioteca. Dentro de quinze minutos.

Girou sobre os calcanhares para se ir embora e em seguida deitou um olhar mordaz a Sarah por cima do ombro.

– Deixemos a nossa pequena prostituta no seu banho. Lidarei com ela mais tarde.

18

Hugh saiu em passo de valsa assinalado por um forte bater da porta ao pisar o corredor. Por um breve momento, Michael fitou-a com um misto de fúria, tristeza e descrença que mascarou rapidamente. Sem uma palavra, dirigiu-se à outra divisão, onde ela ouviu o rodar da fechadura e um móvel pesado a ser arrastado como uma barricada para que mais ninguém pudesse surpreendê-los.

Ele desconfiaria que fora ela a planear aquele vexame? Que se aliara a Hugh? Sarah encolheu-se. Obviamente que sim! O patife!

Sentindo-se bruscamente não apenas despida, mas exposta, estava desesperada por se tapar e apressou-se a sair da banheira. Sem se preocupar com a toalha, limitou-se a atar o cinto do roupão quando ele voltou de rompante. Os olhos cor de safira de Michael deitavam chispas e todo o corpo lhe tremia com uma raiva contida. Em seguida, recompôs-se e exibiu a compostura gelada que mostrava ao mundo. Voltara a erguer as muralhas protetoras que o punham a salvo dos que poderiam maltratá-lo e era óbvio que passara a incluí-la nesse número.

– Garantiste-me que tinhas fechado a porta à chave – censurou ele.

– E fechei.

– Então, minha senhora, como é que o seu irmão entrou?

–Não faço ideia.

–Portanto, dizes…

–Digo, sim! – interrompeu-o. – E não te atrevas a duvidar!

Fitaram-se com raiva sobre uma vastidão sem esperança e Sarah não suportava a ideia de que ele desconfiava que ela atraiçoara a relação de ambos. Estendeu a mão, implorando-lhe para que a agarrasse, mas ele nem sequer um olhar lhe deitou.

–Michael – suplicou. – Não discutamos. Temos de pensar no que fazer.

–No que fazer? – replicou ele, afastando-se como se ela admitisse ter sífilis.

–Sim. Somos pessoas inteligentes. Podemos conceber uma solução prática. Vou falar com o Hugh.

–És muito boa nisso – retorquiu ele, estreitando os olhos e medindo-a com sarcasmo – e desempenhas eximiamente o papel de inocente, mas não há razão para manteres a farsa. Apanhaste-me com eficácia.

– Achas que eu… que eu… – Ela já deduzira que ele suspeitava da sua duplicidade, mas a acusação desencadeou uma onda de fúria. Como era possível que desconfiasse dela? Quando tinham acabado de estar juntos!

– Seu canalha!

A frase saiu-lhe da boca antes que pudesse impedi-la e Michael demonstrou uma

perigosa malícia.

–Nunca disse ser outra coisa que não…

– Desculpa. Não era essa a minha intenção – redarguiu Sarah, mas ele prosseguiu num tom brusco:

– …. portanto, a razão de quereres unir a tua vida à minha permanece um mistério. Contudo, acho que teremos muitas oportunidades ao longo dos anos de concluir porque decidiste pisar um caminho tão imprudente.

Em seguida dirigiu-se ao seu quarto e Sarah ficou apavorada de que ele transpusesse a ombreira da porta e desaparecesse, de que aquelas perniciosas e veementes declarações fossem as últimas alguma vez proferidas. Precipitou-se para junto dele e pousou-lhe a mão no braço, detendo-o.

– Michael… espera. Deixa-me explicar.

Porém, como não desempenhara qualquer papel no que se abatera sobre eles, ignorava que explicação poderia dar.

–Não precisas de justificar a tua conduta – declarou ele com uma expressão assustadora. – E eu não aguentaria um relato da tua racionalização. Ou da do teu irmão.

–Mas é isso precisamente. Nada disto foi obra minha.

–Lady Sarah – entoou Michael num tom frio e o uso do seu título esmoreceu- a rapidamente –, a fase em que acreditei em si é um passado distante. Agora, se me desculpar, tenho um encontro lá em baixo.

–Dá-me um minuto para me arranjar e acompanho-te.

– Milady, a sua presença não é necessária nem requerida.

Fez uma ligeira vénia, em seguida fechou-lhe a porta na cara e ela ficou tão atordoada que, antes de poder reagir, já ele a trancara com um clique determinado.

– Michael Stevens! Abre imediatamente!

A sua ordem apenas recebeu o silêncio.

Sarah bateu várias vezes na porta até lhe doerem os punhos, mas a sua tentativa revelou-se inútil e por fim parou, mantendo-se muito quieta com a palma da mão na madeira. Do outro lado, ouvia os seus movimentos enquanto se vestia com os seus modos meticulosos, preparando-se para descer e confrontar Hugh.

Como iriam reagir à presença um do outro? O que diriam? Hugh iria chamá-lo para o exterior? Afastou a noção assustadora, incapaz de refletir no irmão e no seu grande amor travando talvez um duelo de morte.

– Maldito sejas, Michael – murmurou segura de que ele a ouvia. – Não deixarei que te afastes. – Silêncio total.

– Estás a ouvir-me? – acrescentou, dando um pontapé tão violento na porta

que ficou com o pé a latejar.

Avançando a coxear até ao quarto, procurou algumas roupas, mas não conseguia vestir as malditas sem ajuda e recusava enfrentar os dois homens a menos que estivesse totalmente contida e recomposta.

Furiosa, mergulhada num inferno para lá do seu alcance, estendeu o espartilho em cima da cama e tocou a campainha para chamar a criada. Em seguida, contou cada segundo agonizante até a mulher aparecer. Presa de um alívio que abeirava a loucura, agarrou na criada e puxou-a para dentro e ela – cautelosamente ciente da sua angústia – não fez qualquer comentário e deitou-se com eficácia à tarefa.

O toque final no penteado mal acabara quando Sarah pronunciou um falso agradecimento entre dentes e se precipitou para o exterior. Embora se recordasse vivamente dos perigos de vaguear pelos corredores, pôs de lado todas as preocupações. No seu presente estado de humor, que algum dos patifes tentasse abordá-la! Estava fixada em chegar ao fundo das escadas e Deus ajudasse o cavalheiro que tentasse detê- la!

Sentia-se irritada que Michael se tivesse adiantado. Passara tanto tempo. Ainda estaria a conferenciar com Hugh? Qual seria o tópico? Como é que Michael mitigaria o que Hugh testemunhara?

Melhor do que ninguém, compreendia Hugh, a sua mente, o seu humor, o seu temperamento irascível. Devia ter sido ela a lidar com o irmão em vez do impetuoso Michael. Que catástrofe a de serem aqueles dois homens intratáveis a braços com uma situação de que era inteiramente culpada! Tinha de intervir junto de Hugh, antes que eles trocassem tantos insultos que nenhum deles pudesse recuar.

Descendo até ao piso inferior, não encontrou ninguém, mas não se importou. Enquanto se precipitava para a biblioteca, era audível a atividade nos vários salões onde os hóspedes se entregavam à diversão noturna, mas com quem se ocupavam, ou o que faziam, esvaiu-se numa névoa.

A porta estava na sua frente e dispôs- se a bater mais uma vez e depois a escancará-la, mas o seu desejo de uma entrada triunfante foi estragado pelo aparecimento de Michael. Maior do que a própria vida, enfureceu-se ao vê-la e ela estacou sobre os calcanhares para não esbarrar com ele. Atrás de ambos, soou o riso áspero de Hugh.

– Vem comigo – ordenou ele num tom imperioso que a irritou e afastou-a da biblioteca e da batalha que tinha planeado travar com o irmão.

– Não – recusou, lutando contra o seu aperto tenaz. – Tenho de falar com o Hugh.

– Isso não vai acontecer.

Michael continuou a arrastá-la para o hall de entrada, como se ela fosse uma jovem travessa necessitada de disciplina. Sarah ponderou em gritar o seu descontentamento, mas havia pessoas por perto e não podia causar uma cena, embora ficasse aliviada quando se inteirou de que ninguém prestara atenção à sua passagem. Se bem que não conhecesse nenhum dos presentes, não desejava que a vissem a ser rebocada como uma criança malcomportada.

Uma alegre gargalhada soou junto à ombreira de uma porta e Sarah deu uma espreitadela de fugida antes que Michael continuasse a arrastá-la. Uma mulher nua estava deitada sobre uma mesa, enquanto um homem seminu se encontrava na sua frente, beijando-lhe os seios. Uma densa névoa de fumo proporcionava um ambiente grotesco e alucinatório, ocultando os muitos espetadores que pairavam nos cantos da divisão.

Sarah encolheu-se e Michael puxou-a tão rapidamente que ficou na dúvida sobre a realidade do que vira.

Estremeceu com repugnância.

Antes que pudesse recompor-se, tinham atravessado a porta principal da mansão e saído para o ar calmo e fresco da noite. Respirou fundo para absorver o espírito que pairava sobre a residência, mas Michael não lhe permitiu o desfrute daquela breve serenidade. Conduziu-a até uma carruagem e invadiram-na uma série de perguntas – por que razão iam embora? O que significava aquilo? –, mas concentrou-se sobretudo em como o homem enfurecido fora capaz de arranjar uma carruagem à sua disposição tão rapidamente.

Na última hora, tinham acontecido demasiadas catástrofes. Os seus pensamentos eram um caos, as emoções um verdadeiro tumulto e estava convencida de que não devia sair da propriedade, mas Michael içou-a e lutou para o impedir, conseguindo recuar contra o seu peito.

– Suba, madam.

– Não quero.

Girou sobre os calcanhares, batendo o pé e pensou que parecia uma criança mimada a fazer uma birra. Durante toda a sua vida, os homens haviam tentado manipulá-la e forçá-la a obedecer-lhes, mas nunca cedera e não era agora que o faria. Se Michael queria algo dela, tinha de pedir-lhe. Os maus tratos não eram a forma indicada.

– Vais subir. Já ou ergo-te em peso.

Indignada, Sarah mordeu o lábio inferior, cruzou os braços e compôs a expressão que habitualmente aterrorizava os homens.

– Insisto em que me ponhas a par das tuas intenções ou armo um tal escândalo que a mansão inteira acorrerá para ver o que aconteceu.

Michael não se deixou demover pela ameaça, os olhos deitavam chispas e caso Sarah não soubesse que tipo de homem ele era poderia ter temido pela sua segurança física.

– Como visivelmente não compreendes esta minha faceta – articulou baixinho e inclinando-se sobre ela para que ninguém percebesse o desentendimento –, devo informar-te de que nunca discuto em público, nem participo em discórdias que permitam que os outros observem as minhas brigas pessoais. – Dito isto – acrescentou o presunçoso, rodeando-lhe a cintura com o braço e empurrando-a para o interior –, não vou ficar aqui a discutir contigo.

– Muito bem! – exclamou tão furiosa como ele e desejando apagar-lhe aquele sorriso insolente do bonito rosto.

Afastou-se para o canto e enroscou-se no banco almofadado, enquanto Michael dava algumas ordens breves ao cocheiro. Em seguida, subiu atrás dela e o seu físico enorme bloqueou a pequena abertura para que ela não pudesse fugir, mesmo que considerasse a hipótese, o que não foi o caso. Embora tudo aquilo parecesse uma loucura, Sarah estava excitada com a perspetiva de se escapar com ele. Tencionava aproveitar ao máximo as consequências.

Michael instalou-se e deu uma pancada no tejadilho. A carruagem arrancou velozmente e ela agarrou-se à correia para não deslizar do assento. Atravessaram o enorme relvado na direção da aldeia e tomaram em seguida pela estrada rumo a Londres que se estendia na frente deles. Michael olhou pela janela, fingindo que era o único passageiro e ela afastou a cortina e espreitou igualmente lá para fora.

Estava lua cheia, a paisagem brilhava e Sarah observou tudo, aguardando uma calma e apaixonada pausa.

Tencionara ignorá-lo, mas ele invadiu simplesmente a área reservada e ela não estava disposta a submeter-se com recato a que ele a transportasse por toda a Inglaterra sem fazer ideia de onde se dirigiam ou por que razão.

– Para onde vamos?

A longa pausa levou-a a concluir que ficaria sem resposta. Por fim, ele brindou-a com um olhar furioso.

– Vais ficar numa estalagem.

– A esta hora? Como encontraremos alguma?

– Estamos suficientemente perto da cidade para que existam várias alternativas.

– Não podíamos ter partido de manhã, como duas pessoas decentes e

normais?

A palavra decente provocou-lhe um riso de escárnio.

– Há mais de duas semanas que ando a sugerir que abandones a mansão e não me deste ouvidos. Então, não tinha autoridade para impor a tua partida – disse com um olhar sinistro. – Mas agora tenho.

– Quem tomou essa decisão?

– O teu irmão – respondeu com uma pausa para surtir efeito – … e eu.

Que patifes! Ela não era nenhuma donzela incapaz. Como se atreviam a tomar uma resolução sem a consultarem!

– Podias ter-me deixado comunicar os meus agradecimentos e a minha despedida a Lady Carrington.

– Eu apresento-lhe as tuas desculpas.

– E os meus pertences?

– Providenciarei para que sejam embalados e enviados ao teu cuidado.

Oooh… Que vontade tinha de abaná- lo! Era assim que Michael se comportara antes de se tornarem amantes e Sarah detestava aquela indiferença calculada. Porém, agora que o conhecia melhor, sabia que aquela atitude hostil e desprendida indicava que ele se sentia magoado.

Michael supunha que ela planeara o esquema com Hugh, mas, depois de tudo o que haviam partilhado, como era possível que assumisse prontamente a sua cumplicidade?

– O que te disse o Hugh?

– Como se não soubesses – retorquiu ele com uma gargalhada.

– Diz-me tu! – ordenou ela.

– Cala-te, mulher! Não tenciono brigar contigo durante todo o caminho até à estalagem.

– Ainda nem sequer começámos!

– Não me pressiones.

– Estás a portar-te como um lunático. Parecendo um balão a esvaziar, Michael deixou-se cair para trás e voltou a olhar através da janela.

– Por favor, Lady Sarah.

– E deixa de me tratares pelo meu título. Sinto-me ofendida quando o fazes. Cansado, encostou a cabeça ao cabedal e Sarah ansiava por reduzir a distância que os separava, sentar-se no colo dele e conduzi-los àquele sítio especial onde falavam e se amavam tão facilmente.

– Quero ajudar – murmurou ela, mas não obteve resposta.

Sem saber o que fazer, examinou a paisagem. Por fim, abrandaram e o cocheiro dirigiu os cavalos para o pátio circular de uma estalagem. O piso inferior estava iluminado. A carruagem parou com uma sacudidela e um postilhão saiu a correr do estábulo para se ocupar dos cavalos.

– Espera aqui! – disse Michael enquanto saltava para fora, batendo com a porta.

Sarah sentiu-se um pouco tentada a ir atrás dele só para ter a satisfação de desobedecer àquela espécie de ordem, mas não estava disposta a atrever-se por um sítio desconhecido, a meio da noite, sem companhia. Mantendo-se na sombra, perscrutou os arredores e os únicos ruídos provinham dos cavalos enquanto se acalmavam e o cocheiro se movia por perto.

Muitos minutos depois, Michael regressou e ajudou-a a descer. Uma jovem criada segurava uma lanterna e seguiram-na, sem discussão, até ao interior. Vozes e folia emanavam de uma das divisões, mas Michael conduziu-a pelas escadas até chegarem, sem incidente, a um quarto limpo e arrumado ao fundo do corredor, no segundo andar.

Ajeitou-se na borda da cama, enquanto a jovem acendia a lareira. Michael vigiava a porta, qual sentinela feroz e tempestuosa que pairava sobre tudo, enquanto a criada finalizava a tarefa para depois se retirar.

O silêncio deixado no seu rasto tornou-se de imediato sufocante e Sarah mexeu-se nervosamente, tão receosa quanto assustada de saber o que viria.

– Bom… – disse levantando-se, ao ter a sensação de que ele não começaria e pondo-se a enumerar pelos dedos as suas recentes transgressões. – Raptaste-me da casa de Lady Carrington. Não divulgaste o conteúdo da tua conversa com o meu irmão. Trouxeste-me até esta pousada desconhecida. Explica-te imediatamente, ou juro que correrei até lá abaixo e encontrarei o caminho de volta a casa de Pamela, nem que tenha de percorrer todos os quilómetros no escuro até lá chegar.

Sem se aperceber, estava a gritar e alguém do quarto contíguo pôs-se a bater na fina parede e berrou-lhe que «se calasse.» Atormentada, baixou a voz até a tornar um sussurro.

– Já tive a minha conta! Esta atitude rude e grosseira pode ser aceite pelos outros, mas não a tolero. Fala-me como um homem sensível e civilizado ou deixa-me em paz!

– Como quiser, milady! – Não estava aparentemente habituado a que alguém comentasse o seu mau humor e sobressaltou-se. – Por favor, quebre o seu jejum e vista-se para estar pronta às onze! – informou no mesmo tom.

– O que vai acontecer às onze?

– Iremos até à igreja – respondeu, esboçando um gesto como se ela fosse um idiota. – Para casar.

– Vamos casar?

Era naturalmente o que Hugh exigiria. Que estupidez a sua por não ter compreendido! Com a rapidez que as circunstâncias haviam evoluído, não tivera dois segundos para chegar à conclusão inescapável. Sentira apenas receio de que pegassem nas pistolas.

O coração pôs-se a bater tão aceleradamente que temeu que pudesse saltar-lhe do peito e estendeu-se no colchão com as pernas incapazes de sustentar-lhe o peso. Sentia um tumulto de emoções: uma alegria incondicional, raiva, tristeza.

Casar com Michael Stevens! Se a oportunidade lhe tivesse sido apresentada no início da noite, ascenderia aos céus, mas não nesse momento e com ele preso de tamanha fúria. E muito menos depois de Michael e Hugh terem estabelecido qualquer acordo sem a consultar. Não se deixaria intimidar por nenhum deles.

Foi incapaz de deixar de questionar:

– Isso é uma declaração?

– Não, porque a tua resposta é absolutamente irrelevante.

Sarah emitiu um pesado suspiro e lutou contra as lágrimas. Como é que o enorme afeto que lhe dedicara os conduzira àquela hedionda conjuntura? Pestanejou várias vezes, lembrando-se de que nunca chorava – fosse pelo que fosse – e, no entanto, desde que se afundara naquela vida monótona e desinteressante era constantemente dada a lágrimas.

– Mas que enredo… – Limitando-se a fungar, baixou os olhos para o regaço, ansiando por estar sozinha para poder recompor-se. Mesmo assim, uma lágrima surgiu e escorregou-lhe pela face.

– É inútil fazeres teatro – retorquiu Michael, atento. – Não reagirei às tuas cenas.

Com as pernas retesadas e as mãos presas atrás das costas, oferecia uma imagem bela, requintada e tão solitária. Aquele frio e duro estranho não era o homem que conhecia. O afeto que nutrira por ela marcava ausência e Sarah não conseguia suportar aquela falta.

A situação de ambos desenvolvera-se para o facto de o casamento ser uma opção. Enquanto ele meditava, o coração dela media as hipóteses. Não ia encarar aquela calamidade em termos negativos.

Michael não a amava, sabia. Dado o seu género de homem e o mundo de onde evoluíra, talvez nunca viesse a fazê-lo. Contudo, ela amava-o e, se ele deixasse, passaria o resto dos seus dias a fazê-lo feliz, sem um mínimo de satisfação para si

própria.

Tinha de haver uma maneira de trespassar o seu baluarte de animosidade e suspeita. Não permitiria pura e simplesmente que ele a desprezasse. Faria o que fosse necessário para recuperar a relação que os unira, mesmo que tivesse de rastejar aos seus pés. Não era o momento de ser tímida e dissimulou o orgulho.

– Não me ralhes – suplicou. – Detesto ver-te tão perturbado e recuso aceitar esta viragem de acontecimentos. Ficaria orgulhosa por casar contigo. Amo-te.

– Que conveniente!

Aquele brusco comentário assemelhou-se a uma bofetada. Nunca declarara o seu amor a ninguém e era doloroso e humilhante ver a confissão arremessada insensivelmente contra si. Decidida a prevalecer, não desistiu:

– É verdade, Michael, e sabes que sim – retorquiu, aproximando-se dele e pousando os dedos no centro do peito, mas tocar-lhe era como se acariciasse um pedaço de mármore. – Percebo que não me ames, mas tens alguma estima por mim.

– Não sejas convencida – avisou-a Michael, afastando a mão e criando espaço para lhe apreciar grosseiramente os seios. – O que senti por ti foi luxúria, nada mais.

Levá-lo a encarar o lado positivo seria muito mais difícil do que julgara, mas não estava disposta a desistir. Ele podia ser teimoso, rígido e obstinado, mas ela não era propriamente tímida.

Recusando ser arredada, perseverou:

– Podes rugir e protestar, mas nunca me convencerás que os teus sentimentos não são genuínos. No que me diz respeito, esta é uma situação fantástica e não consigo perceber porque estás tão aborrecido.

– Por acaso, milady, tem a ver com o facto de o seu irmão ter aparecido com uma certidão de casamento.

– O quê?

Era impossível que tivesse ouvido corretamente. Uma certidão de casamento autorizaria um casamento imediato. Dispensava a necessidade de publicar os banhos; qualquer período de espera era inútil. Por que razão teria Hugh uma no bolso?

Uma incómoda torrente de reflexões invadiu-a, sugerindo engano e traição, mas as implicações eram tão surpreendentes que, depois de tudo o que já se passara, não conseguia organizá-las. Foi apenas devido a uma enorme força de vontade que não se deixou cair sobre a cama em estado de choque.

– Não estás a brincar, pois não?

– Foi assinado pelo arcebispo, nem mais – replicou, pegando no papel e agitando-o sob o nariz dela.

– Portámo-nos com tanta discrição. Como é possível que o Hugh tenha descoberto o que se passava entre nós?

– Como, de facto?

A calmaria que se seguiu foi assustadora. Que mais poderia Michael supor se não que ela participara na conspiração? Hugh dera a entendê-lo. Sentia-se furiosa com Michael por acusá-la de uma tal artimanha, mas ainda estava mais furiosa com o seu idiota e falso irmão. O que esperava Hugh ganhar?

Apenas para eliminar a absurda cabala que Hugh tinha engendrado, passou-lhe pela mente recusar o casamento, mas mesmo enquanto refletia na hipótese, sabia que não o faria. Hugh pusera-a numa rota de colisão com Michael e ela não estava arrependida.

Casariam e Michael iria acalmar-se. O tempo passaria, ele adaptar-se-ia e juntos construiriam uma vida sólida.

Teriam filhos, uma família. Ela iria apoiá-lo nos seus empreendimentos comerciais e ele poderia aconselhá-la sobre como deveria restaurar a propriedade Scarborough, após ter sido destruída pela ruína que Hugh provocara com o vício do jogo.

Michael era dono de um clube de cavalheiros. Decerto conhecia o patife que vencera Hugh. Assim que casassem, poderia aproximar-se do vilão em seu benefício, ou ter contactos capazes de pleitear o seu caso.

Gemeu de entusiasmo. Pertenciam um ao outro. Sentia até à medula dos ossos que aquele era o caminho mais indicado para ambos e não se deixaria dissuadir por mais que ele resmungasse e reclamasse.

– Serei uma boa esposa para ti, Michael. Juro.

– Ótimo para si, Lady Sarah, mas nunca quis uma esposa. E… – acrescentou, dirigindo-se à porta – … se alguma vez pensasse em escolher uma noiva dificilmente seria uma aristocrata conivente e dúbia, como é o seu caso.

– Casar comigo será assim tão terrível?

– Não consigo pensar em algo pior, milady – retorquiu, saindo sem olhar para trás.

Terrivelmente desgostosa, deixou-se afundar na cama, interrogando-se sobre como poderia endireitar a situação.

19

Rebecca percorreu o corredor nos bicos dos pés até ao quarto de Hugh. Com o coração aos pulos devido à excitação, mal podia esperar para ouvir as alegres notícias do que acontecera durante o seu encontro com Michael Stevens.

Um sorriso repuxou-lhe os lábios ao recordar cada delicioso momento da queda de Sarah em desgraça. Sentiu-se contente por ter acompanhado Hugh, o que lhe permitira testemunhar com os seus próprios olhos. Embora tivesse somente apanhado uma visão de relance antes de Hugh a afastar com um empurrão, vira o bastante para entender a situação impossível de Sarah. A banheira, a nudez, o isolamento escandaloso de ambos, o imbróglio, não poderiam ter resultado mais perfeitamente se Rebbeca fosse a encenadora.

O facto de Sarah se haver humilhado daquela maneira era surpreendente. Nas suas mais loucas fantasias, Rebecca nunca tinha previsto nada de tão maravilhosamente decadente. Quando decidiram entrar, ela pensara que podiam apanhar Mr. Stevens no quarto de Sarah, que o par estivesse a conversar ou mesmo a beijar-se. Contudo, nunca lhe passara pela cabeça vê-los nus e a dar banho um ao outro!

A realidade era simplesmente fantástica.

O seu ardil para enredar Sarah numa teia matrimonial tinha sido arriscado e nunca estivera muito convencida de que resultasse, mas estava desesperada por provar a sua competência a Hugh. Ele tratava-a frequentemente como se fosse inútil, estúpida ou incapaz e o seu desdém magoava-a.

Durante os últimos três anos, esforçara-se ao máximo para levá-lo a concluir que ela seria uma condessa maravilhosa. Cuidara da casa dele, gerira a sua agenda, fora a anfitriã das festas, aquecia-lhe a cama. Tentara agradar-lhe de todas as maneiras para que a considerasse viável para uma felicidade duradoura. Embora os seus deveres – sobretudo os íntimos – nem sempre fossem agradáveis, executara-os de forma competente, segura de que ele notaria a sua eficiência, mas ele nunca se mostrava satisfeito. Censurava-a e ridicularizava-a e Rebecca não sabia muito bem por que razão insistia.

O único incentivo que compensava o esforço residia em imaginar-se como a futura proprietária de Scarborough. Desfrutaria da posição como Sarah nunca o fizera. Com a casa e os bens amplamente restaurados, um pessoal competente à disposição, vestida com roupa luxuosa e enfeitada com joias valiosas, seria a anfitriã mais notável da sociedade. Com o ilustre marido ao lado, usufruiria da comida mais requintada, beberia os vinhos mais raros, daria bailes e festas em abundância e todos

a invejariam.

Graças a Sarah e à sua lasciva conduta, os devaneios de Rebecca estavam prestes a concretizar-se. Quem teria imaginado que a equilibrada e digna Sarah se deixaria arrastar pelo caminho da carne? Era óbvio que a beleza de Mr. Stevens tornava visível o motivo por que até uma santa se deixaria tentar.

Quase pulando de alegria devido à evolução das circunstâncias e eufórica pelo seu envolvimento, transpôs rapidamente os últimos degraus. Hugh sentir-se-ia tão orgulhoso dela! Tão agradecido! Iria encará-la finalmente como uma força motriz, como a mulher que queria para sempre. Podiam casar- se, como há muito lhe prometia. Agora que a questão de Sarah se resolvera não existiam impedimentos.

– Rebecca Monroe Compton, a condessa de Scarborough – praticou, satisfeita pela forma como o título aristocrata soou.

Prestes a soltar uma risada, chegou à porta da suíte de Hugh e deslizou para o interior.

Hugh estava sentado numa cadeira forrada de veludo, em frente da lareira, visivelmente perplexo, com uma garrafa meio vazia de brande na mão. Não havia copo à vista, mas ela não estava disposta a censurá-lo. Se Hugh optava por beber diretamente da garrafa, quem era ela para se opor?

– A Sarah está contigo? – perguntou, irritado.

– Lamento, Hugh, mas ela ainda não está no seu quarto.

– Raios! Onde poderá estar?

– Procurei por toda a parte. – Uma das criadas tinha deixado uma bandeja com o jantar e ela agarrou num pedaço de queijo antes de se ir sentar no colo dele.

– Os seus pertences continuam no roupeiro.

– Claro. Por que razão haviam de ter desaparecido? – retorquiu, bebendo um gole da garrafa. – E o Stevens? Andava por aí?

– Não. Também não o vi.

– Achas que se foram embora juntos?

– Perturbado com a hipótese, fixou os olhos na lareira e em seguida bateu com o punho no braço da cadeira. – Raios! Preciso de discutir isto com ela antes que Stevens o faça.

– O que há para discutir? – disse ela, aconchegando o traseiro como ele gostava, mas Hugh estava distraído de mais para notar. Embora entregue à bebida, não parecia nada satisfeito. Subitamente preocupada, arriscou: – Tudo correu como planeado, não foi?

– O patife recusou assinar o contrato que eu tinha elaborado.

– Como assim?

– Riu-se na minha cara.

A sua alegria evaporou-se imediatamente. O seu esquema provara- se inútil?

– Mas casará com ela, não é verdade?

– Disse que precisaria de pensar se o seu sentido de dever e honra o exigiriam.

– Mas o acordo de casamento que exigiste?

– Não concordou!

Sem se lembrar de que Rebecca estava sentada no seu colo, Hugh ergueu-se de repente e ela caiu, tendo de se agarrar a um poste da cama para não se estender ao comprido no chão.

– Portanto… não conseguimos nada?

– Ele jurou que me veria morto e enterrado antes de receber um cêntimo da sua fortuna.

Como se atrevia Mr. Stevens a estragar a sua suada vitória? Totalmente estupefacta com aquela repentina viragem dos acontecimentos, deixou-se cair em cima do colchão, pensando que poderia estar doente.

Começando a percorrer o quarto de um lado para o outro, agarrando a maldita garrafa de brande como se fosse um talismã mágico, Hugh discursou furioso sobre Michael Stevens e as suas atitudes ditatoriais.

– E Sarah? – interferiu ela. – Poderia convencê-lo?

– É o que espero. Ela tem absolutamente de consentir em falar com ele.

– E se não o fizer?

Hugh não respondeu, ou talvez, na sua condição agitada, não estivesse simplesmente a prestar atenção. Retomou a marcha através do tapete, enquanto ela ponderava em como os seus sonhos se haviam rapidamente desfeito em cinzas.

Planeara tudo até ao mínimo pormenor: fosse qual fosse o indivíduo que eventualmente comprometesse Sarah, seria um cavalheiro que reconhecia a posição e título de Hugh e sentir-se-ia obrigado a retificar a desfeita contra a família de Hugh. O infeliz noivo apresentaria desculpas da única forma que interessava: oferecendo dinheiro. Montes de dinheiro.

Quem iria pensar que a sua estratégia seria destruída por alguém como Michael Stevens? O homem não compreendia as regras do civismo! Estava tão abaixo da elevada posição de Sarah que seria um privilégio para ele ter oportunidade de desposá-la! Não compreendia que o seu ato o obrigava a reparar o mal causado?

Rebecca pensava, triste e desgostosa, enquanto ouvia Hugh a praguejar contra o destino, observando-o a cambalear e espumar de raiva.

Recordou Sarah e a expressão de alegria que exibira naquela estranha tarde no relvado, quando estivera na presença de Michael Stevens e uma verdade tornou-se clara: Sarah jamais aliciaria Mr. Stevens em prol de Hugh.

Nunca em mil anos de vida.

A conspiração de ambos revelara-se inútil, embora Hugh ainda não o soubesse. Ele jamais enfrentaria as consequências dos seus atos, mas, durante a maior parte da vida, tivera o pai a defendê-lo, em seguida Sarah e por fim ela. Mau grado os seus interesses divergentes, ela e Sarah haviam-no protegido de si próprio, mas aquele fracasso fora demasiado longe. Apeteceu-lhe chorar pelo que estava perdido.

O casarão com o seu belo mobiliário e encantadora vista para o parque havia desaparecido. Tal como a garbosa carruagem que Hugh conduzia quando a levava a passear pela cidade. E também os seus armários de roupas vistosas e bugigangas.

O mais doloroso de tudo era ponderar na sua perda de Scarborough. Pintara uma visão encantadora e fora uma idiota em julgar que se tornaria realidade. Por um momento, fechou os olhos e imaginou-se a percorrer o majestoso corredor do piso principal da mansão, as saias restolhando nos azulejos, valsando até ao salão para cumprimentar um novo grupo de hóspedes que tinham vindo fazer uma visita.

A ilusão desvaneceu-se e centrou novamente a atenção em Hugh. À semelhança de uma criança mimada a quem haviam negado um doce, terminara a birra e voltara a reclinar-se na cadeira junto à lareira.

– Não poderemos casar, pois não?

Já sabia a resposta, mas tinha de ouvi- la dos lábios dele.

– O quê? – retorquiu Hugh, fulminando-a com o olhar como se ela tivesse enlouquecido.

– Prometeste que nos casávamos, mal Sarah estivesse instalada, mas agora não podemos. Não sem haver dinheiro.

– Francamente, Rebecca – reagiu, baixando os olhos para ela e já não parecia tão bonito, mas embriagado e detestável. – Pensaste mesmo que íamos casar?

– Mas disseste…

– Bah! – exclamou com um gesto obsceno, distanciando-a e às suas esperanças. – Nunca poderia casar-me contigo. A ideia é ridícula.

Assustada, ela engoliu um arquejo de pânico.

– Mas na primeira vez que me persuadiste a entrar na tua cama, juraste que o faríamos.

– Como é possível? – disse com uma risada desprendida. – Céus! És minha prima e uma plebeia. És assim tão ingénua? Sou um homem e tentei apenas levantar-te as saias. Decerto entendeste isso?

– Não, não entendi – sussurrou.

– Mas resultou!

Soltando uma gargalhada, deu uma palmada na perna, como se tivesse acabado de dizer uma piada hilariante à custa dela e Rebecca sentiu como se o coração lhe parasse no peito.

– Acreditei em tudo o que disseste.

Pensou nos seus hábitos repugnantes e mau feitio, nas suas resmunguices e travessuras lascivas no quarto. Suportara tudo, porque ansiava desesperadamente o futuro.

– Ainda na semana passada ofereci- me para a filha de Tilsbury – balbuciou, esquecendo-se da presença dela –, mas ele insistiu em que pagasse algumas das minhas dívidas antes que pensasse no assunto. – Um negócio condenado à partida – prosseguiu, abanando a cabeça e observando as chamas.

As brasas chispavam e a sua reflexão melancólica continuou enquanto ela o apreciava em pormenor com uma raiva crescente e silenciosa ganhando terreno nas entranhas. Hugh cerrou gradualmente as pálpebras e começou a ressonar. Deixou cair a garrafa que retiniu no chão, mas o barulho não o acordou.

Silenciosa como um rato, Rebecca levantou-se e esgueirou-se sem deixar de pensar em como se vingaria de tudo o que ele lhe tinha feito.

– Declaro-vos marido e mulher – entoou o vigário. – Pode beijar a noiva.

Seguiu-se um longo e desconfortável silêncio e Michael fitou-o como se o homem tivesse cobras no cabelo.

Surpreendido com aquela apreciação virulenta, o homem engoliu em seco e depois murmurou qualquer coisa que soou como «ou não» e fechou o missal.

Frente ao desprezo intencional do seu noivo, Sarah retesou o corpo e afastou- se, incapaz de tolerar a sua companhia grosseira.

– Ótimo – resmungou Michael entre dentes. – Que seja cautelosa.

Quando ele aparecera na estalagem para ir buscá-la pouco antes das onze, ela esperava-o, ansiosa, num dos salões privados. Surpreendentemente, arranjara-se com esmero como se a farsa fosse uma cerimónia a sério. Pusera um vestido simples, mas apanhara os cabelos ao alto e parecia alegre e bonita.

Qualquer homem do condado sentir-se feliz por casar com ela. Mas não era o caso de Michael, pois sabia que as aparências podem iludir. Sob aquela elegância e fascínio batia um coração negro.

Ele era um homem prudente que fora apanhado numa armadilha. Tratava-se do

género de fracasso mais adequado a James do que a si próprio e, se alguém tivesse sugerido que um dia ele poderia ver-se a pronunciar os votos como reparação de um erro carnal, teria rido a bom rir. Sempre presumira que era demasiado astuto, demasiado esperto, demasiado calculista, para acabar no lado errado de uma calamidade conjugal.

Mal soubera que ela era irmã de Hugh Compton, devia ter resistido à atração em vez de se deixar seduzir por uma chama virtuosa e dois olhos cor de esmeralda. Como eles brilhavam, quando lhe implorara que participasse numa aventura passageira! Como brilhavam quando derramava lágrimas encantadoras! Como brilhavam ainda mais quando ela pronunciava o seu nome e gritava de prazer sexual!

O que lhe passara pela cabeça para se mostrar tão descuidado e negligente? Orgulhava-se do seu autocontrolo e disciplina e não conseguia aceitar a sua estupidez no que se referia a Sarah.

Afinal, era o único culpado por aquela catástrofe. Enquanto queria castigar Lady Sarah e o seu irmão, eles não sairiam vitoriosos, caso não tivesse sido tão estupidamente ingénuo.

Em princípio, devia ter recusado casar com ela, mas não era esse tipo de homem. Antes mesmo de se ter dirigido à biblioteca na noite anterior, sabia que Scarborough insistiria no matrimónio, tal como reconhecia que ia concordar.

Na verdade, era quase impossível argumentar a sua inocência.

Efetivamente, Lady Sarah implorara a ligação e pusera-se no seu caminho a cada passo, mas ele era um homem experiente e maturo que deveria ter resistido ao seu empenho.

Não era como o seu pai e não se esquivaria às suas responsabilidades, mas isso também não significava que entrasse no jogo de Scarborough. Este atacara-o por dinheiro – muito dinheiro – tal como Michael tinha previsto. Contudo, Lady Sarah e o seu conivente irmão estavam prestes a descobrir que a noção de contabilidade de Michael só ia até esse ponto.

Devido ao seu crime de arruinar a virgindade de Lady Sarah, era obrigado a casar com ela. Lamentavelmente, iria dar-lhe a respeitabilidade aliada ao estado de mulher casada, mas era tudo. Não lhe ofereceria um único penny como reparação.

Hugh e Sarah Compton sufocariam na sua pobreza.

A capela com os seus bancos, paredes escuras e vitrais cheirava a cera e a limpeza, a sofrimento e preces, e ocorreu-lhe que há anos que não punha o pé numa igreja. Surpreendeu-se por um raio não o haver fulminado ao transpor a porta. Tendo em conta a situação da sua alma imortal, um raio celestial não seria inesperado.

– Já acabámos? – perguntou, irritado.

Quanto mais depressa terminasse aquela farsa, melhor seria para todos.

– Ah… sim – replicou o vigário ainda surpreendido pela relutância de Michael em beijar a noiva, mas recompôs-se, ajeitou os óculos no nariz e conduziu-os a uma mesa nas traseiras. – Só precisamos da sua assinatura no registo. E da licença.

A mulher do vigário, mais velha e com um ar artesanal, foi a única testemunha daquela sombria união. Avaliou-o insistentemente, considerando-o sem dúvida como um pecador. Michael assinou enquanto ela segurava um candeeiro e fitou-o com tal desdém que ele não teve dúvidas de que comentaria sobre o seu comportamento detestável. Fitou-a de alto a baixo, desafiando-a a pronunciar uma palavra e ela desviou os olhos, enquanto Sarah também escrevia o nome nas linhas apropriadas.

«Ela é canhota», reparou Michael absurdamente enquanto Sarah agarrava na caneta com mão trémula e a aliança de ouro barato que ele lhe enfiara no dedo era visível sob a luz opaca, uma recordação chocante de como abusara da sua confiança e destruíra as suas ilusões.

A aliança nem sequer era autêntica. Não havia um ourives por perto e ele não tivera tempo que lhe entregassem uma genuína. Também não o queria. Comprara-a a uma criada da estalagem e quase desejava que estivesse por perto a observar quando os Compton tentassem penhorá-la e descobrissem que não tinha qualquer valor.

Depois de concluídas as assinaturas, Sarah manteve-se de pé. Apertava contra o peito um buquê de noiva, recolhido de uma jarra perto do altar, após a mulher do vigário se certificar de que Sarh não tinha flores. Ligeiramente murcho, com as pétalas caídas, agarrava-as junto ao peito como se fossem as mais belas rosas de estufa.

– Foi muito bondosa – murmurou para a mulher mais velha, transbordando de felicidade ao mesmo tempo que a abraçava, esmagando as flores entre os corpos de ambas.

– Não tem de quê – afirmou a mulher e acrescentou uma frase que ele não conseguiu decifrar, mas que soava como

«Seja forte, querida».

Apartaram-se, a mulher do vigário lançou-lhe um olhar fulminante e ele empalideceu sob a sua observação irascível. Entre elas, gerara-se sem dúvida um elo de uma qualquer forma de apoio feminina e incompreensível e a mulher concluíra erradamente que Sarah era uma noiva oprimida que precisava de um defensor. Caso se importasse um pouco – o que não era o caso –, podia ter levado um

segundo a elucidar a mulher.

Ela e o marido estavam visivelmente mortos de curiosidade. Afinal, não era todos os dias que um vigário local se via presenteado com uma licença de casamento especial e lhe pediam que casasse dois estranhos tão desentendidos que nem sequer trocavam uma palavra. Não havia dúvida de que estavam envolvidos num grave e odioso dilema, mas Sarah conseguia parecer inocente e vulnerável.

O que pensaria a outra mulher se ele a pusesse ao corrente da capacidade de Sarah quanto ao engano e falsidade?

Michael forneceu o vigário com um pesado saco de moedas, uma quantidade bastante para sufocar a especulação e alcoviteirice. Sem fazer mais comentários, saiu da capela, momentaneamente ofuscado pelo sol do meio-dia. Quando se recompôs, Sarah encontrava-se ao seu lado e, ao avançar pelo estreito caminho, ela acompanhou- lhe a passada.

A carruagem dele esperava, bem como um cavalo que pedira emprestado a Pamela e estava atrelado à bagageira. Além disso, um trio encontrava-se reunido à sombra de uma árvore. O condutor e um cocheiro, que eram igualmente guarda-costas, estavam junto a uma viúva que ele empregara como companhia de Sarah durante a semana seguinte. Quando ele e Sarah se aproximaram, o grupo pôs-se em sentido, mas Michael afastou-os com um gesto para que ele e a senhora pudessem despedir-se em privado. Os criados poderiam ruminar sobre o que se passava, mas não obteriam qualquer confirmação por parte de Michael.

Ele estendeu a mão para a porta, enquanto ela pressionava o buquê sob o nariz.

– Não foi assim tão mau, pois não? – sorriu Sarah enquanto a sua visível alegria o enervava.

– Entra – ordenou, baixando o degrau, mas ela não se mexeu.

– Não sejas tão rezingão – censurou. – Parece que acabaste de sair do ferreiro e que ele te arrancou um dente. – Embaraçosamente, agarrou-lhe nas mãos e descreveu um círculo, obviamente satisfeita com o que sucedera. – Que dia maravilhoso! O sol brilha, o céu está azul e sinto-me tão feliz! Obrigada!

Michael não fazia a mínima ideia do motivo por que se sentia grata, mas afastara-a antes que pudesse falar com o irmão e, portanto, ela ignorava que o plano de ambos saíra furado. Sarah reagia sob a impressão errada de que tinha razões para se regozijar.

– Seu carrancudo! – disse alegremente ao ver que ele não reagia. – Não permitirei que o teu mau feitio estrague a minha festa!

Sem que pudesse detê-la, Sarah pôs- se em bicos de pés e roubou-lhe um beijo. Ao inalar o seu cheiro familiar e gostoso, avançou as mãos para lhe rodear a cintura

e desistiu antes de cometer uma gafe repreensível.

Agarrou-a, mas só o tempo suficiente para a colocar à distância.

– Vá lá, Michael! Alegra-te! – riu, exibindo uns passos de dança. – É o dia do nosso casamento e não o fim do mundo. Quanto tempo pretendes ficar irritado?

O tempo que fosse necessário.

Observou-a sem paixão, interrogando-se como podia ela mostrar-se tão extasiada e fazer aquele espalhafato, satisfeita com a sua boa sorte e jogando-lhe a astúcia em pleno rosto.

Não sentia vergonha? Não sentia remorsos? Importar-se-ia – um pouco que fosse – por tê-lo destruído?

– Entra – repetiu e, devido ao tom irado da ordem, ela percebeu finalmente a fúria e parou de tagarelar.

– Está bem, mauzão – concordou, apoiando-se e pousando o pé no degrau.

– Para onde vamos? Escolheste algum lugar decadente onde passar a nossa noite de núpcias? Aviso-te desde já que prefiro chocolates e champanhe.

O que a levava a deixar-se arrastar pela fantasia? Por que razão fingir que aquilo não era mais do que uma farsa?

– Nós não vamos a sítio nenhum. Tu vais para casa.

A notícia repentina surpreendeu-a. Arregalou os olhos de espanto e de mágoa e ele afastou-se de todos os seus métodos que ainda eram capazes de o levar a reagir.

– Para Yorkshire?

– Sim.

– Mas pensei…

– Pensou o quê, Lady Sarah?

– Bom… que íamos viajar… até Londres – respondeu examinando-o ardentemente e escolhendo as palavras com cuidado, percebendo que qualquer comentário que fizesse seria inadequado. – Esperava que fôssemos visitar a tua família.

– Não tenho o mínimo desejo de que conheças a minha família. Nem agora, nem nunca.

– Não falas a sério.

– Falo, sim.

Sarah fez uma pausa, perscrutando-lhe o olhar, dissecando a sua atitude. Algo se fendeu e rachou – talvez o último pedaço do seu coração a partir-se – e Michael obrigou-se a permanecer imóvel, enquanto ela se apercebia da situação.

– Não consideras isto um verdadeiro casamento, pois não?

– Dificilmente.

Era como se Michael a tivesse esbofeteado. Como se os ossos se tivessem desfeito, Sarah deixou-se afundar e procurou apoio nas escadas da carruagem.

– Mas… mas porquê? Gostas de mim. Podíamos fazer com que isto resultasse e transformá-lo em algo maravilhoso.

– Por que razão o desejaria?

A cada comentário duro, Sarah definhava e Michael percebeu que se transformara numa pessoa diferente, que fora possuído por um ser estranho disposto a atormentá-la até a fazer em farrapos.

Que belo homem se tornara, o filho que Angela Ford tinha criado para que fosse um cavalheiro. Michael Stevens – o famoso saqueador e profanador de mulheres! Se a mãe pudesse vê-lo naquele momento, em toda a sua triste, miserável e deplorável glória, jamais lhe perdoaria.

Como tinha caído num estado tão desprezível que o levava a comportar-se de um modo tão vil? A única explicação plausível era a de que os seus sentimentos por ela haviam sido puros e sinceros – os mais próximos do amor que conseguia – e não podia suportar a gravidade com que ela o ferira. A única reação aceitável era a de prosseguir o ataque até ela se ir embora, tão infeliz como ele.

– Quando voltarei a ver-te?

– Não faço ideia.

A afirmação envolveu-o num manto de tristeza que afastou. Se ela tivesse noção da profundidade do desgosto que lhe causava a amarga separação, ficaria com um poder incrível sobre ele; portanto, não podia deixá-la perceber até que ponto lhe sentiria a falta, ou quanto tempo levaria a recompor-se daquela terrível despedida.

– Onde estarás?

– Não tenho certezas.

– E se precisar contactar-te?

– Não entendo o que te levaria a fazê-lo.

Céus! Sentia que estava a dar pontapés num cachorrinho. A cada comentário seu, ela encolhia-se como se estivesse a ser atacada fisicamente. Não podia aguentar mais tempo, nem ela, e por conseguinte ajudou-a a pôr-se de pé e conduziu-a. Felizmente, ela não opôs resistência.

O condutor e os restantes aproxima ram-se, prontos a desempenhar os seus deveres, e Sarah espreitou pela portinhola, com um brilho suplicante nos olhos verdes.

– Não tinha de ser assim.

– Não? – retorquiu ele num tom cáustico. – Na próxima vez que falares com o teu irmão, dá-lhe um recado da minha parte.

– Qual?

– Que o nosso casamento não muda nada. A dívida dele permanece. O inventário da propriedade de Scarborough foi realizado enquanto estiveste aqui em Bedford. Os meus homens recolherão os meus bens na data indicada. A menos, obviamente, que ele consiga reunir o dinheiro que me deve antes disso.

Sarah observou-o demoradamente. Silenciosa e confusa, parecia não fazer ideia ao que ele se referia. Seria estúpida? O objetivo da sua sedução fora uma tentativa falhada para o coagir a devolver as notas de dívida. Então por que motivo se mostrava tão surpreendida? A dívida de jogo de Scarborough fora a razão que a levara a começar tudo.

Não fora?

O irmão alegara isso durante a litigiosa discussão de ambos na biblioteca.

Um repentino mal-estar invadiu-o. Dúvidas – vexatórias, persistentes, inevitáveis – abriam caminho, induzindo-o a hesitar e vacilar.

– Tu! – gritou ela, horrorizada. – És tu o tal!

– Não sejas estúpida, Sarah. Não se te adequa!

– És jogador?

Articulou a palavra com um tal desprezo que se assemelhou ao pior insulto.

– Quando me sinto disposto.

– Mas disseste que és dono de um clube de cavalheiros.

– E sou – retorquiu, franzindo o sobrolho. – As apostas são a nossa principal fonte de rendimento. É como os cavalheiros se divertem.

– Um jogador – pronunciou ela num tom queixoso. – Casei com um jogador! Depois de tudo pelo que passei! – prosseguiu, indignada. – Porquê Hugh?

– Porque não?

– Porque não! É tudo o que tens a dizer em teu abono? – redarguiu com uma fúria crescente a cada troca de palavras. – Diz-me porquê!

– Porque ele é um idiota e o merecia.

– Devolve tudo! As notas de dívida, a propriedade! Ordeno-te que lhe restituas tudo o que ganhaste.

– Não.

– Exijo-te que o faças!

– Não – insistiu ele. – O teu irmão teve exatamente o que merecia.

– Talvez seja verdade, mas ele jogou a minha casa e as minhas roupas nas minhas costas. Os meus empregados não terão comida no estômago nem carvão nos fogões durante o inverno.

– É tudo culpa de Hugh – rugiu ele num tom insensível – e não me diz

respeito.

– Porque será que a tua crueldade não me surpreende? – redarguiu, abanando desdenhosamente a cabeça. – Enquanto fazias amor comigo aqui em Bedford, tinhas homens na minha casa a contar o meu faqueiro! Que tipo de monstro impiedoso és tu?

A pergunta condenatória pairou no ar, mas ele não encontrou uma resposta adequada. Por que razão lhe parecia subitamente que estava errado?

A companheira de viagem de Sarah assistia à discussão, fingindo ignorar a acalorada troca de palavras e Sarah esboçou-lhe um aceno de cabeça para que entrasse e fechou a porta na cara dele. Por fim, debruçou-se da janela, perscrutando-o de alto a baixo, tirando- lhe as medidas e visivelmente desiludida.

– Não voltes a contactar-me! – disse.

A cortina caiu e Sarah bateu impacientemente na divisória, indicando ao condutor que avançasse. O homem fitou Michael pedindo permissão e Michael desamarrou o cavalo e consentiu com um aceno de cabeça.

Quis encontrar argumentos, justificar ou explicar a discussão com Hugh, mas foi apanhado desprevenido pela viragem da situação e não conseguiu defender-se. Quando a carruagem se afastou com um solavanco, o braço de Sarah saiu da janela e, por um breve instante, ele reteve uma vaga de emoção ao supor que lhe acenava. Depois, viu que ela estava meramente a atirar para fora o seu buquê de noiva, incapaz de suportar tê-lo no interior da carruagem. O arranjo de flores caiu na estrada suja, uma declaração pungente da sua repugnância. Seguiu-se a aliança falsa do casamento.

Michael desceu o caminho poeirento, apanhou-as, esmagando as pétalas no punho enquanto a via desaparecer à distância. Deveria estar a saborear um momento de satisfação; deveria estar a gritar «boa viagem e adeus», mas apenas se sentia novamente sozinho e muito parecido com o garoto daquele apartamento em Paris, à espera… à espera… do pai que nunca chegou para o levar para casa.

20

Michael fez uma pausa na entrada da casa de Londres onde tinha passado os últimos dez anos da sua vida. A moradia de três andares situava-se numa rua estreita e movimentada, a poucos quarteirões do seu clube de jogo e a mais alguns do Chelsea Theater onde a mãe passava muito do seu tempo.

Tinham mudado para lá pouco depois de deixarem Paris. Ele tinha dezessete anos e, para todos os efeitos, um francês, dado haver sido levado para o exótico país aos três e guardava escassas recordações de Inglaterra ou do mundo que haviam deixado para trás. Adorava o estilo de vida continental, os amigos, a comida, os vinhos, as bonitas e generosas raparigas francesas e aceitara relutantemente a decisão de voltar tomada pela mãe.

Que choque havia sido a mudança de culturas! Em Paris, ele fora o filho de uma celebridade renomada. Em Londres, não passava de um estranho, um das dúzias de bastardos da aristocracia, tentando conquistar posição numa comunidade que os bania.

Por sorte, saíra-se melhor do que a maioria devido, em grande parte, ao pai, Edward Stevens. Embora detestasse admiti-lo, tinha de dar-lhe o merecido crédito. Edward comprara-lhes o estabelecimento de jogo, oferecendo-o de presente a James antes do seu primeiro casamento, quando ele era apenas um jovem de vinte anos, esperançado de que a garantia de um emprego regular abafasse algumas das suas tendências corruptas.

O estratagema resultara. Extremamente orgulhosos, haviam recusado esforçar-se por prosperar diante dos nobres como Edward, sobretudo quando os mesmos estavam convencidos de que ele e James nunca chegariam a lugar nenhum. Haviam demonstrado como se tinham enganado.

Os irmãos possuíam talento para ganhar dinheiro, uma aptidão inata para o jogo e para negociar com os idiotas que se sentiam atraídos pelo mesmo. Sabiam como divertir até os clientes mais sombrios e esvaziar-lhes os bolsos em simultâneo.

A sua competente gestão granjeara- lhes grande proeminência nas elevadas camadas sociais onde eram admirados e desprezados em igual medida. Os clientes detestavam o seu sucesso, mas apareciam para jogar, incapazes de fugir à atração do clube que era o melhor lugar para um cavalheiro ser visto quando visitava a cidade.

Com base no jogo e duvidosos negócios marginais haviam-se tornado obscenamente ricos e aplicado os lucros com inteligência, investindo para o futuro e cuidando da mãe. Tinham-lhe comprado aquela residência e ela adorava-a. A sólida

casa de tijolo e cimento protegera-os do snobismo e desprezo londrinos. Levavam uma vida em grande estilo e encontravam-se a salvo e sem problemas por de trás da porta da frente fechada.

Adorara os salões espaçosos, o mobiliário confortável e o pessoal eficiente. Tratava-se de um porto tranquilo após as horas movimentadas no clube, as divisões apresentavam-se aquecidas e acolhedoras e, sempre que chegava a casa após uma longa noite, sentira-se calmo ao deixar o sobretudo no hall de entrada, enquanto o aroma do café pairava ao longo das escadas e o riso da mãe ecoava pelos corredores.

Ficou parado um momento, desfrutando as memórias antes de meter a chave na fechadura.

Ainda serviria?

Com a mulher de James a encarregar- se das suas disposições domésticas, perdera com toda a viabilidade a sua liberdade de entrar e sair e, embora não conhecesse pessoalmente Mrs. Stevens, tinha a certeza de que o ambiente criado pela sua espalhafatosa mãe seria demasiado extravagante para a controlada aristocrata. Não conseguiu deixar de ponderar na reorganização que o esperava e como lidaria com a situação. Se bem que desejasse ansiosamente o consolo da lareira e da família, o tradicionalismo podia ter desaparecido.

Surpreendentemente, a porta abriu-se, mas, ao entrar, lembrou-se com nitidez da última vez que entrara na casa. Tinha arrastado James de um pub onde ele estivera a embebedar-se e a sofrer com as consequências do início da sua ligação amorosa com Abigail Weston, que se tornaria sua mulher.

Perturbado e receoso pelo irmão, Michael regressara cansado a casa e recebera a notícia de que os pais eram amantes e iam finalmente casar. A cena que se seguiu fora horrível e cada palavra que Angela pronunciara em defesa de Edward atingira-o como um punhal afiado.

Depois de todas as formas como Edward a tinha desrespeitado, ela não lhe resistira como uma jovem apaixonada. A decisão da mãe parecera- lhe abominável, louca, vergonhosa e não conseguia perceber como é que aquela mulher tão forte e orgulhosa se dispusera a rebaixar-se diante de um corrupto envelhecido que apenas lhe causara desgostos.

Ofendido e confuso, abandonara Londres naquele mesmo dia, cheio de desespero e raiva e não sabia se alguma vez voltaria. Ajustara contas com a mãe, o irmão e o pai, mas o seu ressentimento acabara por desaparecer e não havia motivo para ter estado afastado durante tanto tempo, mas fora incapaz de regressar.

A mãe tinha casado e Michael desejou-lhe felicidades. Desejou-lhe do fundo do

coração, pois amava-a muito e jamais poderia enviar-lhe um pensamento negativo. Contudo, se Edward voltasse a magoá-la…

Michael susteve um arrepio. Se Edward a magoasse, Michael ignorava qual seria a sua reação.

Permaneceu na antecâmara silenciosa, sentindo-se um pouco perdido. Foi invadido por uma vaga de recordações: os anos maravilhosos na companhia de James e de Angela e o terrível final causado por Edward. O pai assemelhava-se a uma nuvem de gás venenoso pairando de uma forma tão sufocante sobre Michael que ele não aguentava o peso.

A traição de Edward quando Michael era apenas uma criança tornara-o permanente e inequivocamente cauteloso e nunca baixara a guarda até Sarah Compton ter rasgado o tecido da sua postura, levando-o a desejar coisas que não poderia ter, encorajando-o a sonhar, a especular, sobre o futuro em vez de aceitar o presente.

O fardo de renunciar a Sarah – mesmo antes de tê-la – era mais do que podia aguentar. Quando permanecera no pátio da igreja rural e a sua carruagem se afastara com ela no interior, não soubera para onde mais ir, exceto Londres. A casa fora a sua única opção.

Após a farsa de uma cerimónia de casamento e os brutais comentários que haviam trocado, ficara perplexo e irritado. Considerava-se um excelente juiz das pessoas e da sua veracidade e, ao saber que ele era um jogador, Sarah ficara surpresa e indignada por ser ele o indivíduo que arruinara Hugh Compton.

Sarah seria inocente? Fora um mero peão nas manipulações de Hugh, exatamente como Michael tinha sido? Hugh insistiu que Sarah era culpada, mas o prazer indiscutível que ela demonstrara com o casamento de ambos fora autêntico. Caso tivesse concordado só para aplacar Hugh, por que razão fingir tanta alegria e afeto?

Se ela era inocente, tratara-a de uma forma abominável e não conseguia enfrentar a noção de que errara, de que emitira um falso veredito. Sentira-se tão confuso e irritado que não conseguiu pensar direito e ansiara por um destino estável, um refúgio onde pudesse descansar e organizar ideias. Por conseguinte, Londres acenara-lhe.

Mas agora…

Isto foi um erro. Já não pertenço aqui.

A reflexão invadiu-o e sentiu-se incapaz de permanecer. Virou as costas para se ir embora, mas, antes que pudesse fazê-lo, Abigail Weston apareceu no corredor. Totalmente absorta, lia uma carta e não reparou em Michael que a observou

furtivamente. Era elegante e delicada, com uma pele clara e uns olhos tão verdes como os de Sarah. Tinha o cabelo comprido e louro e, apesar de a tarde ir a meio, usava-o solto e preso com uma fita, qual adolescente.

Michael sempre estivera consciente de quem ela era porque se habituara a investigar os membros da família da sua clientela, mas nunca se encontrara tão próximo dela, nem lhe apreciara a beleza.

Admitiu com petulância que não o surpreendia que James fosse incapaz de resistir-lhe. Abigail era uma beleza espantosa, mas o seu irmão também não se deixaria arrastar por menos.

Sentindo a sua presença, ela ergueu os olhos e franziu a testa, enquanto procurava descobrir a sua identidade.

– Michael…? – perguntou, hesitante, largando a carta que caiu no chão.

Ele inclinou a cabeça e cumprimentou-a em francês, embora desconhecesse o motivo por que o fazia.

– Bonjour.

– Sou Abigail Ste…

– Sim, eu sei – interrompeu-a. – Vim buscar as minhas coisas, mas voltarei mais tarde, quando não incomodar.

– Não, não é incómodo nenhum – reagiu como se ele fosse um cachorro assustado que se pusesse em fuga se ela se movesse muito rapidamente.

Na verdade, era exatamente como ele se sentia, como se tivesse estado preso numa ilha deserta e já não entendesse os rudimentos da fala ou da civilização.

– Por favor, não quer entrar? – inquiriu Abigail com um gesto na direção da sala de estar, mas ele não conseguiu avançar. – Ficámos desgostosos com a sua ausência – disse num tom calmo – e James sentir-se-á tão aliviado com a sua presença.

Michael tencionara despedir-se mas a sua manifesta preocupação levou-o a ficar quieto como um imbecil sem palavras.

Soaram outros passos no corredor e apareceu uma criada. Abigail acenou- lhe, mas sem deixar de fixar os olhos em Michael, aparentemente receosa de que ele se evaporasse no ar.

– Vai buscar o meu marido? – dirigiu- se à criada. – O mais depressa possível. A criada subiu as escadas a correr e, momentos depois, James apressou-se a ir ao encontro deles. Parou no cimo das escadas, com as calças enfiadas rapidamente, descalço e com o tronco nu.

A mulher fitou-o como se ele controlasse a Lua e as estrelas.

– Vê quem está aqui.

– Michael… – balbuciou ele.

– Olá, James – respondeu num tom casual, fingindo que a sua chegada era perfeitamente normal e sentindo-se contente pela aparente falta de emoção. A voz não lhe tremeu nem deixou escapar um pingo de angústia.

James ficou parado, ansioso, e em seguida desceu os degraus a dois e dois até se encontrarem frente a frente.

– Seu patife! – exclamou grosseiramente, sem atender à presença da mulher. – Passaram três meses! Deixaste-me doido de aflição!

– Não devias ter-te preocupado! – retorquiu Michael. – Disse-te que estaria bem.

– Mentiroso! Pareces um morto ressuscitado. O que te aconteceu?

Agarrou Michael e envolveu-o num abraço interminável. Michael não correspondeu, mas aguentou a receção como uma estátua, embora fechasse os olhos e inalasse o perfume apaziguante de James. O irmão finalizou o abraço, mas continuou a tocar-lhe, percorrendo de alto a baixo o torso e os membros de Michael, em busca de danos, ou, talvez, certificando-se de que Michael era real e não uma aparição.

Colocando um braço à volta do seu pescoço, James encostou a testa à dele e sussurrou:

– Não voltes a pregar-me outro susto destes!

– Desculpa.

– Sinto-me tão contente por estares aqui.

Voltou a afastar-se, mas sem que antes lhe desse mais um abraço apertado e Michael ficou com a distinta impressão de que ele o preparava para um golpe.

– Aconteceu muita coisa desde que te foste embora – disse James. – A mãe casou.

– Eu sei.

– E eu também.

– Constou-me.

– Abby, vem cá.

James acenou à mulher, que se encontrava do outro lado do hall de entrada. Nervosa, deixou-se ficar no mesmo sítio e James foi buscá-la e a forma como lhe sorriu fez com que Michael sentisse o coração aos pulos.

Aquele não era visivelmente um casamento de conveniência, um erro que James havia corrigido, oferecendo-lhe o nome. Havia uma firme dedicação entre ambos, uma intensa emoção. James parecia eufórico e excitado e Michael ficou surpreendido ao perceber que o irmão estava profundamente apaixonado. Pelo

brilho genuíno do olhar de Lady Abigail era visível que também ela o amava. A franca e inegável afinidade de ambos provava como a realidade mudara enquanto ele se afastara. As suas piores suspeitas tinham-se confirmado: a casa deixara de ser a sua casa. Agora, James partilhava-a com outra pessoa e, embora o irmão jamais o dissesse, precisaria de muitas oportunidades para se instalar na sua nova vida com a sua mulher.

Ainda que Michael desejasse punir a cunhada por instigar as mudanças, não podia fazê-lo. Efetivamente, ela atirara- se a James e a sua persistência fora o catalisador que provocara os desastres e Michael ansiava por condená-la ou, pelo menos, antipatizar com ela, mas, ao verificar quanto ela gostava de James, tornava-se difícil manter qualquer ressentimento.

James conhecera pouco carinho ao longo dos seus trinta anos; só algumas pessoas se tinham verdadeiramente interessado por ele e Michael sentiu-se contente ao ver Lady Abigail demonstrar uma tão visível e quente emoção.

– Abby. Este é o meu rebelde irmão Michael – disse James.

– Olá, Michael – brindou-o ela com um sorriso encantador. – Tenho muito prazer em conhecê-lo.

– Como está, Lady Abigail?

– Por favor, trate-me por Abigail.

– Assim farei.

– Íamos comer para que James vá trabalhar. Quer fazer-nos companhia?

– Não podes recusar! – vincou James.

– Ficaremos a par das tuas viagens e depois visitaremos o clube. O pessoal ficará excitadíssimo por te ver de regresso.

Alegres e esperançados fitaram-no, os dois ansiosos pela dissecação das suas aventuras saboreando uma refeição descontraída.

Em inúmeras ocasiões, ele e James tinham voltado a casa ao alvorecer, tencionando dormir o dia inteiro, mas antes de se meterem na cama, haviam descontraído na sala de jantar, rebobinando as horas de vício e de pecado experimentadas. Por norma, a mãe fazia-lhes companhia, acrescentando os seus incisivos comentários e opiniões.

Michael sentiu saudade desses tempos e, embora ansiasse por participar no modesto ritual, reconheceu que não se atreveria. Eles iam questioná-lo sobre onde estivera, o que andara a fazer.

Como poderia explicar? Ele próprio não entendia os acontecimentos e não era capaz de explicá-los aos outros.

James não pestanejaria ao ouvir as suas extravagâncias, mas havia muito pouco

de que pudesse falar a Lady Abigail e qualquer explicação conduziria ao final e à festa de Pamela. Como descreveria o que acontecera? Teria de relatar os pormenores sobre Sarah. Sobre o amor e o ódio que lhe votava.

Não podia pensar nela; não podia falar sobre ela. Era simplesmente impossível. Nem agora ou talvez nunca. Apenas podia seguir em frente.

– Não, mas agradeço. – Ante a rejeição da sua hospitalidade, mostraram-se desiludidos. James esperava sem dúvida que o irmão se tornaria amigo de Lady Abigail e isso possivelmente aconteceria. Contudo, nesse momento, sentia-se incapaz de assistir à felicidade visível de James quando a sua vida estava numa tal confusão. – Tenho mil coisas a fazer.

– Pelo menos, visitarás o clube? – inquiriu James, hesitante.

– Sim! – respondeu, assentindo com a cabeça. – Na verdade, por enquanto vou ocupar um dos quartos de lá.

– Não! – opôs-se Abigail. – Insistimos em que fique connosco. Não é verdade, James?

– Claro – anuiu James, pousando a mão no ombro de Michael. – Esta continua a ser a tua casa. Nada mudou.

James acreditaria nas suas palavras? Talvez. O seu irmão mais velho conseguia ser terrivelmente esquecido.

– É melhor que me vá embora – proferiu num tom de cordialidade forçada e curvando-se delicadamente sobre a mão de Lady Abigail. – Foi um prazer, Abigail.

Contudo, a forma informal como se lhe dirigiu pareceu-lhe estranha. Em seguida, e antes que James pudesse impedi-lo, deu meia volta e saiu.

Precisando de se afastar, mas ainda sem saber que direção tomar, apressou o passo. Embora sentisse que vagueava sem rumo, percebeu gradualmente que os pés o conduziam à entrada do clube de jogo.

Sempre gostara da posição que desfrutava no local: a multidão, o ritmo, o movimento, o dinheiro. O emprego mantivera-o afastado da corrupção e das ruas e, no seu presente estado de humor, necessitava sem dúvida da diversão e estabilidade. Aumentando a passada, percebeu que se esquecera de quanto estava ligado ao negócio e agora, mais do que nunca, o trabalho mantê-lo-ia ocupado sem lhe dar oportunidade de refletir ou tomar decisões.

Trabalho… era o que desejava. Entregar-se-lhe-ia de tal maneira que não haveria um único e ocioso momento em que a imagem de Sarah lhe cruzasse a mente.

Rebecca esboçou um trejeito dirigido a Hugh Compton, incapaz de ocultar o

desprezo sentido. Ele estava deitado inconsciente na cama, com uma respiração irregular e exalando um cheiro horrível. Havia garrafas dispersas à sua volta e o cachimbo derrubado. À semelhança de um bebé indefeso, urinara-se, mas, no seu estado de embriaguez, não se apercebera de nada.

– Que cavalheiro elegante estás agora, meu Hugh!

Vagueou o olhar pelo quarto detestável, uma parte do apartamento de três divisões que tinha alugado após Michael Stevens se haver isolado na vivenda da cidade. Convencera Hugh a desocupar a casa antes da data embaraçosa, recusando dar a Stevens a satisfação de pô-los na rua como um casal de mendigos e quando os homens dele levaram o resto do mobiliário não tivera de assistir.

A que baixo nível descera ao aliar-se a Hugh!

Quando os pais tinham morrido, quatro anos antes, e ela aceitara o convite de Sarah para viver em Scarborough, não acalentava grandes esperanças. Um telhado sobre a cabeça, comida, companhia. No entanto, após haver caído nas boas graças, as possibilidades de ter mais pareceram- lhe extremamente fáceis de alcançar, sobretudo após a primeira viagem a Londres com Hugh.

Rebecca fora cativada pelas festas alegres, as pessoas joviais e apressara- se a decidir que pertencia à cidade, ao centro da diversão. Analisara, montara esquemas, e depois optara rapidamente por Hugh como potencial marido.

No início, gostara bastante dele e sentira-se contente por receber visitas, supervisionar a casa e gerir a sua agenda. Quando não se embebedava até cair podia ser agradável, mas a sua dependência das preciosas ervas chinesas tinha-o debilitado e tornara-se mal-humorado, violento e mesmo perigoso.

Esfregou um dos lados do corpo e apalpou a contusão que ele lhe fizera na noite anterior. Como é que as circunstâncias de vida a haviam conduzido àquela situação? A sobreviver num casebre, com um homem cruel e corrupto que a traía a cada passo?

Ela merecia muito mais do que isso.

Hugh culpava-a obviamente por todo o desastre. Nunca se tinha considerado responsável pelo que acontecera. Após falhar a sua tentativa de derrubar Michael Stevens, censurava-a sem cessar por ela ter antecipado o resultado erradamente.

Sarah regressara a toda a pressa a Yorkshire – como o conseguira era um mistério – antes que pudessem manobrá- la. Michael Stevens voltara à cidade, confiante e destemido, e prosseguira o negócio como se não tivesse cometido nada vergonhoso.

Rebecca e Hugh haviam ficado de mãos vazias, como dois idiotas, e Rebecca

viu-se obrigada a confirmar um único erro no seu impecável esquema: apenas ela e Hugh tinham testemunhado o infortúnio de Sarah sem o apoio de espectadores. Com a palavra de Hugh contra a de Stevens e, considerando o historial de ambos, quem acreditaria em Hugh?

Stevens rejeitara habilmente as estipulações financeiras de Hugh, deixando-lhe apenas o duelo como único meio de impugnação, mas Hugh jamais teria desafiado Stevens. Ele era um mestre no manejo de pistolas e espadas e de punhos também. Cobardemente, Hugh com o seu débil físico jamais poderia obter um resultado positivo mediante uma ameaça de violência.

Estavam seguros de que Stevens cederia, mas não tinham compreendido que ele não possuía sentido de humor e passara-lhes a perna. Nem uma ponta de escândalo o atingira ou a Sarah que voltou a instalar-se como a dona de Scarborough, prosseguindo a sua vida como se nada tivesse acontecido.

Por insistência de Rebecca, Hugh fizera uma única viagem à propriedade, exigindo informação e ajuda e a cena entre irmão e irmã fora terrível. Sarah estava furiosa com as maquinações de Hugh e recusara todas as propostas e ultimatos, declarando que não tinha intenção de voltar a pôr a vista em Michael Stevens.

Os dados reais sobre o que acontecera entre os dois amantes permaneciam por esclarecer. Sarah não se pronunciou e Rebecca ficou na ignorância de como a prima passara de um banho romântico e com os dois despidos a uma situação de marcado ódio. Sarah não estava disposta a confessar que Michael Stevens a comprometera e declarara veementemente que, se Hugh sugerisse uma ponta de escândalo que fosse a qualquer pessoa, ela o negaria até ao último suspiro.

Hugh culpava Sarah de tudo, quando não estava a culpar Rebecca. Na esteira do fiasco, optara pela sua forma habitual de encarar uma catástrofe: excesso de álcool, fumo de ervas e condenação do destino. Quando ela se cansara da sua diatribe e vincara a sua responsabilidade, só conseguira alguns socos nas costelas.

– Bom, querido Hugh – murmurou –, ninguém bate em Rebecca e se safa incólume.

E também ninguém quebra uma promessa.

Franziu o sobrolho ante a mensagem que acabara de ser entregue. Era do pai de uma jovem rica que ele andava a cortejar em segredo. O abastado mercador tinha rejeitado delicada e sabiamente a proposta de casamento de Hugh e, caso Rebecca não se sentisse tão furiosa com a traição de Hugh, teria rido em voz alta.

As herdeiras ricas não o queriam, nem sequer para comprar o título de condessa!

Aproximou-se dele e colocou os dedos sobre o seu rosto. O preparado especial que lhe misturara no brande estava a produzir efeito. Respirava com dificuldade e

bastariam uns minutos antes que deixasse de fazê-lo e o tempo era essencial.

Hugh já não comia muito, perdera peso e o seu último anel deslizou com facilidade do dedo. Rebecca meteu-o no bolso juntamente com os botões de ouro do casaco.

Embora tivesse depositado muitas esperanças em Hugh e na riqueza que pudesse eventualmente fornecer-lhe, também não era idiota. À semelhança da mãe, acumulara secretamente uma reserva de dinheiro para conseguir ser bem sucedida. Não com a prodigalidade a que Hugh estava habituado, nem da maneira que ele consideraria aceitável. Mas possuía o suficiente para comprar uma casinha e teria um rendimento, embora insignificante, que a impediria de acabar os dias num asilo.

A sua única outra alternativa era dirigir-se a Scarborough e gastar o tempo na mansão vazia com Sarah enquanto a prima tentava salvar o remanescente, o que Rebecca não estava disposta a fazer. Detestava o campo, ansiava pela cidade e, sem Hugh para lhe arruinar as perspetivas, imaginava que encontraria a serenidade suficiente.

Através dos seus contactos com Hugh tinha conhecido vários cavalheiros que apreciavam a sua companhia. Na eventualidade de ter feito os cálculos exatos, ainda estava a tempo de conseguir um casamento vantajoso. Entretanto, tornara-se amiga de uma viúva que precisava de alojamento. Davam-se bem e a partilha de um domicílio reduziria as despesas. Rebecca teria a sua própria casa, onde cuidaria de si, sem ter de se apoiar num corrupto como Hugh Compton para a subsistência diária.

Procedeu a uma derradeira busca no roupeiro, apoderando-se de várias notas de libra, de uma charuteira de marfim e do seu cantil de prata. Examinou criticamente o resto do apartamento, descobrindo outros acessórios que omitira na busca inicial. Meteu tudo numa gaveta, deitou-se no divã e aninhou-se sob o único cobertor.

A noite passou com uma lentidão agonizante e Rebecca temperou as emoções para que conseguisse parecer chocada e exausta quando a criada chegasse de manhã e encontrasse Hugh morto na cama.

21

Sarah estava de pé na mansão silenciosa a olhar através da janela quando uma pequena carruagem preta subiu pelo acesso. No instante em que o veículo deixara a estrada principal, dera pela sua presença e sentiu-se nervosa, pois não imaginava de quem se tratasse.

Já ninguém visitava Scarborough. Entre a avareza desprezível de Michael Stevens e a morte de Hugh após um triste episódio na cidade tornara-se uma pária. Os vizinhos tinham-se apressado a bisbilhotar, atirando-se à sua triste situação como cães a um osso e abandonando-a à sua sorte. Tornara-se o tema de conversa da população e nunca se atrevia a sair de casa por não conseguir aguentar os olhares piedosos, os comentários subtis ou as falsas simpatias daquelas pessoas rancorosas cujo bem-estar lutava corajosamente por sustentar.

Na aldeia culpavam-na pelo que acontecera na propriedade, pela falta de comércio que afetara impiedosamente as suas vidas e por isso mantinha-se em casa com o pessoal mais velho, que continuava ao seu serviço só porque não tinha outro lugar para onde ir.

Com o falecimento de Hugh, os mercadores negavam abertamente qualquer ajuda. Sem recursos financeiros que apoiassem os seus pedidos de carvão ou de alimentos, tinha de sobreviver com o que podia cultivar nos jardins ou os poucos animais que haviam escapado à atenção de Michael.

– Espere até ouvirmos falar do novo conde. Nessa altura decidiremos – era a constante resposta que obtinha às suas súplicas.

A mesma reação fora expressa em inúmeras ocasiões até que, finalmente, percebera que não valia a pena argumentar com qualquer deles. Todos sabiam que ela tinha a corda no pescoço. Não havia dinheiro à vista e, se lhe fiassem, jamais receberiam o pagamento.

Eram irracionalmente otimistas ao presumirem que o conde desconhecido resolveria os seus problemas e ela abanava a cabeça frente ao ridículo das suas ilusórias expectativas de salvação.

Hugh morrera sem um herdeiro e o seu sucessor era um primo afastado que ela nunca tinha conhecido e que supostamente vivia em Virginia. Escrevera-lhe uma carta, mas com a lentidão das travessias oceânicas, só chegaria ao destino dentro de semanas e, depois, vários meses passariam antes que recebesse uma resposta. Isto se a morada estivesse correta e o indivíduo continuasse vivo.

Sarah desconhecia totalmente o seu património financeiro. Se fosse um cavalheiro de posses modestas e tomasse as rédeas de Scarborough, como teria

sucesso? Pouquíssima terra tinha sobrado da herança – há muito que a área cultivada fora vendida – e, por conseguinte, ele não poderia desenvolver a propriedade, mas os aldeões mantinham a absurda esperança de um milagre impossível.

Contudo, não eram obviamente mais idiotas do que ela para ali sentada na fria e desoladora mansão à espera de que qualquer coisa acontecesse.

O que iria fazer? O conde americano podia não querer sustentá-la ou, caso a esposa o acompanhasse, a outra mulher podia opor-se a que Sarah estivesse por perto e interferisse. Sarah teria de se arranjar pelos seus próprios meios, mas como e onde?

Sempre residiria em Scarborough, nunca se imaginara a levar qualquer outra vida. Sem capacidades, nem dinheiro para alterar a sua sorte, não lhe restavam alternativas. Era demasiado independente e orgulhosa para se oferecer como criada ou governanta a uma família abastada. A outra e única opção que lhe restava era dirigir-se a Londres, exigir o seu lugar de direito ao lado do marido, mas não podia rebaixar- se tão completamente.

Sempre que se lembrava como ele se servira dela, como a atraíra a toda a confusão com Hugh, como tinha enganado Hugh e se negara a recuar, ficava furiosa.

Um jogador! Depois de tudo pelo que passara, unira-se a um grosseiro caprichoso e passava os dias – quando não se preocupava onde ir desencantar comida – receosa de que ele publicitasse o casamento de ambos, que apostasse o último cêntimo num jogo de cartas e os credores começassem a bater-lhe à porta.

Se isso porventura acontecesse, deslocar-se-ia à cidade para o alvejar no meio do seu negro coração. Deixara de ter uma arma – os seus rufias tinham- lhe levado a única pistola –, mas conseguiria outra algures e retirava uma enorme satisfação ao refletir como seria o estrondo e na sua expressão de surpresa ao cair morto aos seus pés.

Oooh, conseguia imaginar a cena de uma forma tão real!

O veículo escuro aproximou-se, uma mancha negra recortada na neve branca que cobria o pátio e reluzia como diamantes sob o sol de inverno. Por fim, parou diante da casa. O cocheiro estava embrulhado num sobretudo, com o chapéu a cobrir-lhe o rosto. Tinha a pele corada e a respiração pairava-lhe sobre a cabeça como uma nuvem.

– Quem poderia ser? – refletiu num tom de voz elevado que se repercutiu pelo salão vazio. Excetuando uma secretária e duas cadeiras em mau estado, o mobiliário

desparecera após o marido ter concretizado a ameaça de chamar os credores.

Três semanas após o seu regresso da desastrosa visita à festa de Pamela Blair, várias dúzias de homens tinham aparecido com vagões enormes e listas de algumas páginas que enumeravam os bens da propriedade. Tinham apreendido tudo, desde tinteiros a colheres, todos esses objetos insignificantes de que o pai e Hugh não se haviam desfeito simplesmente por não possuírem valor para qualquer jogador abastado.

Aparentemente, a sua mulher ausente não se encontrava incluída no lote. Nenhum objeto era demasiado insignificante para escapar à miserável vingança de Michael Stevens.

Tinham carregado os vagões e em seguida partido com os restos do que fora o seu mundo.

Como era possível que Michael tivesse agido daquela maneira? Como conseguira rebaixá-la tão terrivelmente?

Não conseguia imaginar o que ele pretendia com os seus últimos bens ou por que razão lhes atribuía aquela importância e, sempre que a fúria a invadia, questionava-se para onde os levara.

Por vezes, imaginava caixotes empacotados, cobertos de panos num armazém isolado, à disposição da poeira e dos ratos. Outras vezes, imaginava-o a vender tudo numa feira e outras mulheres pobres e desconhecidas a comprar todas as coisas e depois a descansarem no que fora o seu sofá, ou sentando-se à mesa que dantes ocupara o salão do pequeno-almoço.

Devido ao estado degradado da maioria das coisas, talvez as tivesse amontoado e incendiado. Aquelas camas e cómodas antigas teriam explodido em chamas, devorando rapidamente a prova de como ela lutara arduamente por preservar uma herança que os homens da família nunca tinham respeitado.

– Patife… – murmurou num tom rude, embora sem saber a que homem se referia.

Inquestionavelmente, o marido – com o seu temperamento irascível e mau humor – ajustava-se ao epíteto, mas o mesmo também podia aplicar-se ao seu irresponsável irmão que tivera a audácia de morrer prematuramente aos trinta e dois anos sem deixar um cêntimo em seu nome.

A única ligação de Sarah ao acontecimento fora a receção de uma desconcertante mensagem de Rebecca, informando-a dos sórdidos pormenores. Chegara uma outra do advogado de Hugh com a pergunta delicada de quando a conta do irmão poderia ser regularizada. A terceira provinha da agência funerária, descrevendo os vários custos do enterro, mas ela nem sequer tivera dinheiro para o

funeral em Londres, quanto mais o dinheiro necessário para a trasladação do corpo para a propriedade.

Vagando entre os dois, Michael Stevens e Hugh Compton, e o nível miserável a que haviam reduzido a sua situação, tinha a mente tão desordenada e desconexa que mal conseguia entender o que acontecera e era incapaz de forjar um plano de futuro. Sentia-se atolada, incapaz de se libertar do seu marasmo, pois não conseguia ultrapassar as ruminações que a invadiam sobre aquela mútua duplicidade.

Michael tinha conhecido Hugh muito antes de ela haver cruzado o seu caminho. A corrupta história dos dois atropelara-a como uma carruagem em fuga. Tivera a infelicidade de ser arrastada para a catástrofe que a dupla esquematizara e nem sequer sabia por que razão se encontrava no centro.

O que pretendiam ambos, sobretudo Michael? Porque a tinha corrompido?

Pelo seu lado, Sarah desejava-o com uma incontrolável e obstinada paixão e por causa dela decidira instigar uma relação sem pensar nas consequências.

Contudo, qual era a desculpa dele? Como justificava os seus erros? A forma como a seduzira limitara-se a uma cruel tentativa de arrancar algo mais a Hugh? Ela era apenas mais uma fiduciária de Hugh que Michael desejava confiscar para provar o que quer que se obstinava em provar?

Se ela se limitava a ser um peão nas suas maquinações, era porque não a amava minimamente. A ideia causou-lhe uma dor insuportável, pois, embora detestasse confessá-lo, dera voltas e mais voltas na cama durante noites a fio, revivendo os fantásticos momentos em que haviam aprendido a amar plenamente e sem reservas.

A perda dessa proximidade, da alegria e paixão que haviam compartilhado era por de mais dolorosa de reconhecer e não o fez. Negou-se a ponderar na razão que o levara a casar com ela para depois a mandar embora de imediato, na razão por que nunca mais recebera notícias dele. Não iria torturar-se com os «se» ou o que poderia ter sido, ou punir-se sobre a forma diferente como poderia ter lidado com aquele último e terrível dia.

Apesar das terríveis circunstâncias que os haviam unido, ela sentira-se delirante com o casamento, extasiada com a sua sorte apenas para descobrir que ele considerava o enlace como um embaraço ou pior ainda.

Estremecendo, renegou a oportunidade de mergulhar mais na autorrecriminação. Não lamentaria a perda de Michael Stevens nem mais um segundo!

O condutor desceu e baixou a escada para que a visita descesse e Sarah ficou surpreendida ao deparar com Rebecca. Estava envolta num casaco de peles preto

com um regalo e chapéu a condizer. Os olhos azuis brilhavam e tinha as faces coradas. Parecia bonita e desenvolta e, comparativamente, Sarah sentiu-se feia com o seu vestido de lã castanho e as botas pesadas, as luvas de malha com as pontas dos dedos cortadas a fim de poder manusear a correspondência e o grosso xaile apertado contra o corpo para a proteger da baixa temperatura.

Não via Rebecca desde aquele terrível encontro quando Hugh se deslocara a Yorkshire com o único objetivo de convencer Sarah a procurar reparação por parte de Michael. Rebecca aliara-se a Hugh indignando-se sobre o comportamento de Michael, mas a preocupação dos dois quanto ao seu bem-estar soara a falso e ela não lhes respondera sobre o que acontecera em Bedford. Talvez a arrogância ou a estupidez a tivessem impedido de confessar que se casara com o patife, embora não soubesse explicar a razão.

Provavelmente, devia-se à firme resolução de Hugh de levar Michael a pagar por pecados que Sarah considerava como sendo dela. Ou ainda a forma como Rebecca se regozijara sobre o que podiam obter de Michael Stevens.

Sarah não estava disposta a ajudá-los a meter a mão na carteira de Michael Stevens, pois não se rebaixaria a enfrentá-lo quando ele obviamente a desprezava. O seu desdém tê-la-ia morto e, tanto quanto sabia, ninguém fazia ideia de que ela estava casada com o famoso jogador londrino, o homem que lhe partira o coração ao rejeitá-la no dia do casamento. E, se ela não tinha nada a comentar sobre o assunto, ninguém mais o teria. Preferia cortar a língua a confirmar a sua união.

Rebecca entrou acompanhada de uma corrente de ar frio, visivelmente com bom aspeto apesar das suas provações na grande metrópole. Estava forte e saudável e obviamente sem preocupações sobre de onde viria a próxima refeição. A roupa preta de luto era de bom corte e de um tecido de qualidade.

Sarah não tinha roupa para se vestir de preto e fazer o luto do irmão cuja morte não lamentava. As roupas que usara na altura do falecimento do pai tinham deixado de lhe servir e não podia empregar uma costureira para lhe fazer arranjos. Quando a prima entrou no hall, arrogante como um galo numa manhã de verão, penteada segundo a moda da nobreza inglesa, Sarah viu-se a deitar um olhar de inveja, especulando sobre como a prima se saíra tão bem na vida.

«Não é justo», pensou irritada e nem sequer tentou abafar o parecer. Tinham acontecido demasiadas coisas nos últimos meses para que se sentisse benevolente.

Desde a morte de Hugh que ela e Rebecca haviam trocado cartas ocasionais. Rebecca comprara uma residência modesta que partilhava com outra pessoa e tinha dinheiro suficiente para contratar uma cozinheira. Embora não se movimentasse

entre as camadas sociais mais elevadas, diversão não lhe faltava. Ia ao teatro, a vários musicais, leituras de poesia, bailes e soirées. Onde arranjara dinheiro para o seu novo estilo de vida constituía um mistério que Sarah preferia não explorar.

Nas suas missivas, insistia sempre com Sarah para que abandonasse Scarborough e fosse para a cidade. Por norma, Sarah rejeitava e suspeitava que Rebecca a convidava simplesmente por ter a certeza de que ela jamais aceitaria. Rebecca aconchegou-se no seu belo casaco enquanto observava o espaço vazio, as paredes e o chão despidos. Sarah havia sido explícita nas suas descrições por escrito, mas, mesmo assim, supunha que as mudanças fossem difíceis de visualizar. Rebecca denotou uma tal piedade pela situação de pobreza de Sarah que Sarah sentiu um forte desejo de esbofeteá-la.

Ela não queria nem precisava da compaixão daquela mulher. Precisava de dinheiro, tempo e de alternativas, mas não de empatia nem, sem dúvida, do mínimo de compaixão.

– Olá, Rebecca.

Trocaram um abraço morno e a prima depositou-lhe uns pedaços de neve no rosto o que levou Sarah a refletir que só o chapéu devia ter custado mais do que ela gastara em alimentação no espaço de um ano.

– Deus do céu, Sarah! – exclamou Rebecca, avaliando desdenhosamente o que a rodeava. – Tentaste esclarecer, mas só agora compreendo a tua situação desesperada.

– Podia ter sido pior.

– Não vejo como.

– Bom, os homens de Stevens podiam ter incendiado a casa à saída.

Sarah conduziu-a até à sala, a única que tinha a lareira acesa e duas cadeiras para arrastar até perto. Felizmente, a divisão contígua estava fechada o que não permitira a Rebecca detetar que Sarah a transformara num quarto. Não havia combustível para os andares superiores e ela dormia lá em baixo, aquecendo somente as duas salas. Não que o uso das divisões de cima fosse importante, pois não tinham mobiliário.

– O que estás a fazer tão longe de Londres?

A sua situação lamentável impedia a troca de conversa fiada e sentiu-se contente por isso. Não percebia por que razão Rebecca aparecera de visita e desejava que se fosse embora.

– Vou a uma festa natalícia em Middlesbrough, mas não poderia passar tão perto sem parar aqui.

Depois, brindou Sarah com anedotas monótonas sobre os seus amigos da moda

e sobre a companheira de casa que a aguardava na estalagem da aldeia e Sarah sentiu-se aliviada por Rebecca não a ter trazido para testemunhar a sua ruína.

Sarah mostrou-se educada e comentou sempre que lhe pareceu adequado, mas não conseguiu apreciar a estranha conversa. Rebecca parecia feliz e contente, enquanto Sarah se via condenada e devastada. Os contrastes entre as suas personalidades nunca haviam sido mais visíveis e Sarah concluiu, ressentida, que invejava a liberdade e adaptabilidade da prima.

– Tenho andado a pensar no corpo de Hugh – disse Rebecca.

Aquela estranha afirmação pôs termo ao sombrio devaneio de Sarah.

– A que propósito?

– Ele precisa de um enterro apropriado.

– Não seria fantástico? – retorquiu Sarah com sarcasmo. – Onde iria buscar o dinheiro?

– Bom. Compreendo que não gostes de falar de Mister Stevens – retorquiu Rebecca, enfurecendo a prima ao mencionar Michael –, mas ele já gostou muito de ti e senti curiosidade em saber se conseguirias convencê-lo a trazer Hugh de volta a casa. Hugh teria gostado de ser enterrado com pompa e circunstância no jazigo aqui em Scarborough e a sua sepultura em Londres é trágica. Nem sequer há uma lápide.

– Não teria dinheiro para essa despesa – retorquiu Sarah num tom brusco.

– Mas é precisamente aí que quero chegar, querida – disse Rebecca inclinando-se e dando uma pequena palmada no braço de Sarah. – A minha companheira de casa escorregou no gelo e magoou-se e tivemos despesas imprevistas. Há duas semanas, eu própria fui ter com Mister Stevens e pedi-lhe algumas libras para nos resolver o problema.

Sarah manteve uma calma assustadora; devia estar a ouvir mal. Esforçando-se por manter um sorriso afetado, inquiriu:

– Pediste dinheiro a Michael Stevens?

– Sim.

– O que disse ele?

– Mostrou-se excecionalmente generoso e deu muito mais do que lhe tinha solicitado.

– Como te atreveste?

– Achei que nos devia alguma recompensa. Afinal – prosseguiu, mudando de posição e a saia felpuda envolveu-lhe as pernas –, tu e eu não estivemos metidas na sua luta com Hugh, mas vê só onde nos deixou.

«Onde realmente nos deixou», pensou Sarah com amargura, passeando o olhar

pela sala vazia e ajeitando as grossas roupas contra o frio.

Rebecca alisou a roupa como se o facto de entrar em contacto com Michael Stevens fosse totalmente adequado e Sarah resistiu ao impulso de gritar de frustração.

Como fora Rebecca capaz de comunicar com Michael? Como podia ter-se rebaixado à situação de uma vulgar mendiga? Não lhe restava orgulho? Não reconhecia Michael como o patife que era?

– Surpreende-me que tivesse dinheiro para oferecer – retorquiu Sarah com maior amargura do que tencionara.

– O que queres dizer?

– Sendo um jogador, não acredito que tenha duas moedas de cêntimo.

– Michael Stevens? – comentou Rebecca com uma risada alegre. – Oh, Sarah, o homem é mais rico do que Creso!

– Com o dinheiro de jogo?

– Não, pateta, com o dinheiro do clube de que é proprietário com o irmão. É o sítio mais popular da cidade para um cavalheiro passar o seu tempo de lazer.

– Mas julguei que ele vivia do jogo.

– Que jogava para ganhar o seu rendimento? Nada disso – clarificou Rebecca. – E, quando aposta, só o faz com idiotas.

Como fizera com Hugh, foi a resposta silenciada.

– Mas se ele é assim tão rico… – Sarah não conseguiu terminar a frase: «Porque me fez isto? Porque me deixou assim?»

– Por que razão levou tudo? – acabou Rebecca em seu lugar. – Sarah, a disputa entre ele e Hugh era prolongada e amarga. Não sabes como o Hugh era quando estava na cidade.

– Não, não sei.

Contudo, fazia uma leve ideia, pois já observara Hugh muitas vezes no seu pior e ele era insuportável.

– Embora não esteja muito a par do jogo dele com Mister Stevens, correram muitas histórias. Detesto dizer-te isto, mas Hugh mereceu provavelmente a sua sorte; era um perfeito idiota e deves lembrar-te de que a animosidade de Mister Stavens foi provocada durante um longo período de numerosos insultos.

– Talvez – ponderou Sarah.

Sentia a mente num turbilhão, mas apenas conseguia centrar-se num fragmento das palavras de Rebecca: o seu marido era rico. Vivia uma situação económica estável a ponto de dispensar generosamente algumas libras com uma mulher que não conhecia, apenas porque ela tivera a ousadia de pedir.

Acalmou-se gradualmente. Durante meses, lutara por se recompor do redemoinho em que se envolvera com Michael. Definhara com acessos de melancolia, incapaz de lidar com o aparecimento de Michael na sua vida para em seguida desaparecer como um mágico envolto em fumo.

Sentiu-se furiosa por ele não ter confiado nela; por a haver manipulado e corrompido, abandonando-a à pobreza que lhe infligira.

Enquanto Rebecca se apresentava elegantemente vestida e a caminho de uma festividade natalícia, Sarah via-se a braços com as necessidades básicas e os cobradores, à procura de caneta e papel onde pudesse escrever os pensamentos diários sobre a razão por que deviam continuar à espera de compensação.

Foi invadida por uma onda de fúria. Como podia ele tratá-la de uma forma tão mesquinha? E porque o permitira?

Michael mandara-a de volta a Yorkshire como uma criança travessa e ela obedecera sem uma queixa ou reflexão sobre se a decisão dele era correta.

O conflito dele era com Hugh e não com ela e sentia-se cansada de ser pintada como vilã. Hugh estava morto e enterrado numa sepultura de indigente e Sarah era a mulher de Michael. Ele tinha responsabilidades para com ela. Ninguém o tinha forçado a casar; fizera- o de livre vontade, embora relutantemente, e já deveria ter honrado os seus votos.

Sentindo repentinamente que ultrapassara a fase de boas-vindas, Rebecca levantou-se e dispôs-se a partir, tagarelando sobre como a sua companheira de casa estaria ansiosa.

– Não vou deter-te – disse Sarah, parecendo terrivelmente indelicada.

– Gostava que viesses a Londres – repetiu Rebecca. – Detesto ver a situação em que te encontras e, por favor, acede. Temos um quarto a mais que podíamos disponibilizar-te. Queres que passe por aqui na viagem de volta? Podias vir connosco. Temos espaço para uma ou duas malas.

– Não, Rebecca, mas obrigada.

Nesse preciso momento, decidiu que viajaria até à cidade, mas não por nenhum dos motivos que Rebecca podia conjurar. Tinha palavras – algumas indelicadas e grosseiras palavras – que planeava dirigir ao marido. E ele escutaria cada uma delas, nem que tivesse de amarrá-lo enquanto as pronunciava.

– Pelo menos, deixa que te dê isto. – Rebecca estendeu um saco de moedas e Sarah não hesitou em agarrá-lo. – É uma parte do que Mister Stevens dispensou.

– Que maravilha! – exclamou, sentindo um prazer perverso por saber que viajaria com o dinheiro do patife.

Rebecca saiu e a carruagem levou-a para longe. Sarah ficou a observá-la até ser

um mero ponto no horizonte e em seguida dirigiu-se ao seu solitário e desolado salão, encantada com a visita de Rebecca e aliviada por as revelações da prima a terem incitado a entrar em ação.

– Bom, Mister Stevens – anunciou ao fogo extinto na lareira. – Estou de partida para Londres. O que lhe parece?

Passando o saco de uma mão para outra, regozijou-se com o tilintar das moedas e imaginou como Michael ficaria surpreendido quando abrisse a porta e deparasse com ela.

22

Abigail Weston Stevens ia a descer as escadas quando ouviu baterem na porta da frente. Dantes, poderia ter ignorado, prevendo que o mordomo se encarregaria da tarefa banal que teria considerado abaixo da sua posição, mas no ano anterior a sua vida transformara- se para melhor.

Não se encontrava na enorme mansão do irmão a abarrotar de dúzias de criados, mas na casinha de James que era verdadeiramente um lar. Com carinho, não se poupava a repetidos esforços para instaurar a serenidade e proximidade que faltara a James enquanto crescia.

O casamento havia causado mudanças decisivas! Ao juntar-se ao homem perverso e corrupto, transformara-se muito mais do que julgara possível. Passou afetuosamente a mão pela barriga volumosa, onde o bebé que ele ali colocara lascivamente tomava forma. Como sempre acontecia ao pensar no seu robusto e forte marido, sentiu borboletas no estômago. Estava tão maravilhosamente feliz! Cada dia era melhor do que o anterior, tal como presumira quando lhe tinha suplicado que a desposasse.

Desde que estavam juntos, James tornara-se mais calmo e maduro, deliciando-se com simples prazeres. Eram uma família que, com o aproximar do verão, cresceria quando ela o brindasse com um belo filho ou uma filha. Uma onda de ternura humedeceu- lhe os olhos. À medida que a gravidez avançava, chorava por tudo e por nada e tentava dominar as emoções, mas, ao apressar-se para ir receber a visita, dificilmente conteve a alegria.

Rodou a maçaneta sem pensar em quem poderia estar do outro lado da porta – talvez um dos sócios de James ou um dos seus empregados –, mas a bela mulher parada no degrau prendeu- lhe a atenção. As feições atraentes e o cabelo ruivo apresentavam-se quase ocultos pela capa escura e Abigail sentiu uma estranha compaixão ao lembrar-se da sua própria viagem furtiva, na primavera anterior, para visitar a mãe de James, Angela Ford, e suplicar a Angela que a ajudasse a convencer James a casar.

– Posso ajudá-la? – inquiriu, curiosa.

– Espero que sim, ainda que seja um terrível abuso da minha parte – respondeu a mulher corando e olhando nervosamente em volta, certificando-se de que tinha a morada certa e, em seguida, recompôs-se. – Informaram-me

que esta é a casa de Michael Stevens e preciso de falar com ele.

– E você é…

– Sarah… – começou com um aceno de cabeça autoritário. – Sarah Compton… Stevens – acrescentou, pronunciando o apelido como se não se lhe ajustasse.

– Sou Abigail Stevens e estou casada com James. Somos parentes?

– Sim – anuiu a mulher, observando-a atentamente. – Michael é meu marido.

– Seu quê?

– Meu marido – repetiu, desafiando Abigail a que contrariasse a sua alegação.

– Oh, meu Deus… – pronunciou Abigail totalmente confusa. Seria verdade? Dada a bizarra personalidade de Michael, achava que tudo era possível. Até mesmo uma mulher desconhecida! – Quando…? – conseguiu articular.

– Em junho.

– Mas isso foi há seis meses.

Exatamente na altura em que a excursão dele ao campo terminara e ele aparecera em Londres, tão perdido e desamparado. Pouco mudara desde essa altura. Michael mantinha-se isolado, taciturno, optando por uma conduta incompreensível. Abigail lutara por formar laços de amizade, mas ele rejeitava-a e às tentativas de reconciliação de James, embora ela ignorasse sobre o que precisavam de se reconciliar.

– Desculpe – pediu, lembrando-se das suas boas maneiras e esboçando um gesto convidativo. – Entre, entre.

– Obrigada.

Abigail conduziu Sarah até à entrada e, enquanto o mordomo a ajudava a despir a capa, Abigail ordenou a um lacaio que mandasse embora a carruagem alugada de Sarah. A discussão pendente iria durar mais do que uns minutos e o condutor não precisava de ficar.

Entraram no salão e Abigail reparou que Sarah estava gelada até aos ossos e, enquanto Abigail mandava vir biscoitos e chá, interrogou-se sobre a distância que a

mulher percorrera e como a viagem teria sido horrível.

Tinha mostrado coragem em aparecer sem aviso prévio, mas Abigail sentia-se morta de curiosidade. Qualquer que fosse o terrível desgosto que corroía Michael, talvez estivesse prestes a ser desvendado, o que constituía um imenso alívio. Havia ali um mistério e ela sentia-se determinada a chegar ao fundo. Michael passara por inúmeras mudanças de personalidade que haviam reformulado a sua ligação com James e este sentia-se confuso devido à perda da amizade fraterna. Não conseguia remendar a fenda que se abrira e vivia atormentado.

Introspetivo, pensativo, secreto, Michael sempre se mostrara um pouco reservado, mas andava absurdamente taciturno. James jurava que se passava algo de muito errado, que qualquer terrível incidente acontecera enquanto se mantivera ausente. Michael não falava – ou não podia – falar sobre o assunto e James era incapaz de romper a melancolia de Michael.

O seu irmão mais novo vivia sozinho, numa casa que James possuía a alguns quarteirões da mesma rua. Michael trabalhava, comia, dormia, mas assemelhava-se a uma pessoa morta por dentro. Não demonstrava prazer ou satisfação nas responsabilidades que acumulava.

O contentamento que James lhe garantia haver sido apanágio do irmão desaparecera.

Seria aquela mulher a causa do seu desgosto? E, nesse caso, iria curá-lo? Abigail sentou-se na frente dela com uma expressão otimista.

– Somos cunhadas – disse.

– Então, acredita em mim?

Sarah ficou tão aliviada que levou Abigail a sorrir.

– Claro que acredito. – Quem se atreveria a mentir quanto a estar casada com Michael? Embora ele fosse tão bonito e intrigante como o marido, era igualmente enigmático, o que a assustava. – Porque não havia de acreditar?

– Bom, a minha visita inesperada é bastante estranha.

Não era mais estranha do que quando Abigail tinha confrontado Angela Ford, mas não mencionou o facto.

– Como devo chamar-lhe? Visto que somos as duas Mistress Stevens, a formalidade é um pouco ridícula.

– Sarah.

– E eu sou Abigail.

Devido ao porte e ao comportamento de Sarah, Abigail concluio que ela

pertencia à aristocracia.

– Quem é a sua família, Sarah? Disse Compton?

– Sim.

– É, por acaso, parente do recentemente falecido Hugh Compton, conde de Scarborough?

– Era meu irmão.

A filha de um conde! A irmã de um conde! Abigail sentiu-se atordoada. Michael casara clandestinamente e em privado com um membro da aristocracia e mantivera tudo em segredo. Porquê?

Voltaram a ocorrer-lhe os boatos sobre Hugh Compton. Enquanto estivera vivo e a provocar danos tinha sido impossível evitar as histórias sórdidas. James, que constituía uma permanente fonte de dissertação sobre os ricos e infames, havia partilhado uma porção delas, mas ninguém alguma vez sugerira aquela informação.

Michael tinha desposado secretamente a irmã de Scarborough e nem Hugh ou Michael haviam deixado escapar uma palavra sobre o assunto. Hugh Compton alguma vez o soubera? O que significava tudo aquilo?

Abigail sentou-se no sofá, invadida pela revelação absurda. Era difícil acreditar na declaração da mulher, porém acreditava. Uma profunda ferida andava a atormentar o coração e a alma de Michael, mas sempre que ela e James refletiam na causa provável do seu desgosto nunca haviam chegado a uma explicação daquelas!

– Sarah, imagino que tem um relato fascinante a fazer. Importa-se de esperar pelo meu marido? Ele vai estar interessado nos seus comentários. – Ante a referência a James, Sarah pareceu sobressaltada, mas Abigail pousou-lhe a mão no braço, reconfortando-a. – De qualquer maneira, ele ira oferecer-lhe uma enorme ajuda.

– Tem a certeza?

– James tem um talento extraordinário para resolver problemas e encontrar soluções.

Abigail dirigiu-se ao *hall* e conferenciou com o seu mordomo Arthur, que se mantinha eficientemente por perto. Ele ergueu as sobrancelhas numa atitude de espanto ao ser informado da identidade da visita e apressou-se a ir arrancar James à cama.

Uma criada trouxe refrescos e a conversa ficou adiada enquanto Sarah enrolou os dedos à volta de uma chávena de chá quente e lhe absorveu o calor. Pela forma como devorou as fatias de carne, queijo e pão, era óbvio que estava faminta.

Quando foi a última vez que teve uma refeição decente?

Abigail foi salva de colocar a pergunta indelicada em voz alta porque, nesse momento, James irrompeu na sala. Considerando a rapidez com que fora acordado, estava impecavelmente vestido e decidido a contemplar Sarah Compton Stevens com os seus próprios olhos.

– James – pronunciou Abigail levantando-se devagar e indo ao seu encontro, implorando em silêncio que tivesse calma. – Ainda bem que aqui estás. A mais maravilhosa visita passou por aqui.

– Sim, o Arthur informou-me – retorquiu, atravessando o salão com passo pesado até se encontrar diante de Sarah. – Desculpe-me a brusquidão. Sou James, o irmão de Michael.

– Não são necessárias desculpas – redarguiu Sarah delicadamente. – A minha chegada foi imprevista, mas estava tão ansiosa por me encontrar com Michael. Vim diretamente para cá.

– E estamos encantados que o tivesse feito – disse Abigail sem que James desse sinal de anuir e ela deu-lhe uma cotovelada. – Não estamos?

– Sim – anuiu ele, sem entusiasmo. – Claro que sim.

Sarah levantou-se e examinaram-se como predadores, rodando em círculo antes do combate. Parecendo surpreendida pela existência em simultâneo de dois homens tão bonitos e viris, observou finalmente:

– Vocês são muito semelhantes.

– Não – contrariou James com um sorriso que aqueceu a sala. – Eu sou muito mais bonito.

– Oh, James! – censurou Abigail, mas o gracejo foi bem sucedido. Sarah acalmou-se ao perceber que estava a salvo e que não a mandariam embora. – Vamos sentar-nos? Presumo que se seguirá um longo e interessante relato.

– Pela minha parte, estou ansioso por ouvir os pormenores – disse James.

Sentaram-se, ficando de frente um para o outro, e Abigail passou discretamente comida a Sarah, enquanto ela lhes recriava o seu contencioso com

Michael. Embora omitisse as partes mais suculentas, concluíram que Michael a tinha comprometido e era esse o motivo do casamento.

Contudo, à medida que o relato prosseguiu, enquanto retratou como ele a mandara para casa entregue a si própria, enquanto descreveu o outono e a confiscação que Michael fizera de todos os seus bens, ao discriminar a pobreza e as

dificuldades que fora obrigada a suportar, ficaram indignados. James mostrou-se o mais perturbado pela má conduta de Michael.

Quando chegou ao fim, explicando como resolvera dirigir-se a Londres, a ira de Sarah igualava a deles, reacendida pela descrição.

James estava furioso, incapaz de manter-se sentado, andando de um lado para o outro atrás do sofá, e Abigail ficou com a nítida impressão de que Michael tivera sorte em estar ausente. O marido e a cunhada haviam-se aliado contra ele e estavam perigosamente decididos a obter respostas do homem enganador. Abigail sentiria pena dele, caso não tivesse agido como um patife em relação a Sarah.

– E agora? – inquiriu, rompendo o silêncio que pairava após Sarah ter acabado o seu relato.

James ordenou a Arthur que lhe trouxesse o casaco.

– Chegou a altura de eu e o meu irmão termos uma conversa.

– Sabe onde ele está? – perguntou Sarah.

– Talvez – respondeu num tom intencionalmente ambíguo.

– Vou consigo – decidiu Sarah, atravessando a sala e preparada para se lhe juntar.

– Talvez seja melhor que fique aqui com Abigail – respondeu, fitando a mulher e buscando a sua intervenção. – Voltarei dentro em pouco.

– Há seis meses que planeei este momento e não o adiarei nem mais um segundo – declarou Sarah. – Vou contigo!

Pronunciou-se num tom tão firme que Abigail não descortinava como James poderia dissuadi-la. Mesmo assim, o marido incitou visualmente Abigail para que intercedesse quando implorou:

– Não me parece razoável.

James estava mesmo a implorar e subitamente Abigail recebeu a mensagem.

– Oh, céus… – murmurou, sem ter tido a intenção de se expressar em voz alta.

– O que se passa? – quis saber Sarah. Abigail suspirou. Pobre Sarah!

Passara por tanta coisa e não precisava de mais sofrimento.

– James tem razão – advertiu Abigail suavemente. – Talvez devesse ficar.

– Não sou uma criança – reagiu Sarah, fitando-os irritada. – Exijo a verdade.

James dirigiu um olhar torturado a Abigail, de uma maneira tipicamente

masculina, incapaz de explicar, forçando-a a desempenhar o papel indesejável.

– Provavelmente, Michael não está só.

– Com quem estaria?

Abigail desejava suavizar o golpe, mas ignorava como aplacá-lo.

– Supostamente, está com a Pamela.

– Pamela… Pamela Blair?

– Sim – confirmou Abigail, aproximando-se dela. – Tem andado indecentemente envolvido com ela desde o verão passado.

James sentiu-se forçado a acrescentar:

– Correm boatos de que possam vir a casar.

– James! – censurou Abigail e ele corou pela forma como aquela revelação afetou Sarah.

As pernas dela cederam e deixou-se cair no sofá.

– Mas ela é minha amiga!

– Aposto até ao último cêntimo que desconhece a vossa situação – interferiu James. – Michael não confiou em ninguém.

Abigail estava exasperada com James. As suas observações cortavam como uma faca. Que criatura estúpida! No emprego e nas brigas em que normalmente se envolvia, conseguia, por regra, lidar com as situações mais difíceis. O facto de se atrapalhar apenas vincava como se sentia perturbado pelo comportamento de Michael e não podia mostrar-se demasiado irritada.

Sentou-se ao lado de Sarah e pegou- lhe na mão.

– O que James está desajeitadamente a dizer – começou, fitando o marido com um olhar ameaçador – é que deixámos de compreender Michael ou o que o perturba. Tem sido tão diferente que mal o reconhecemos.

– Exato – prosseguiu James. – Anda tão estranho e pouco comunicativo que mal falamos. Sempre desconfiei que tinha sofrido um trauma enquanto esteve ausente, mas nunca soube do que se tratava.

– Parece ter o coração despedaçado – ajudou Abigail. – Anda muito triste. Talvez esteja a sofrer com o que aconteceu – sugeriu num tom encorajador – e ignore como corrigir as vossas divergências.

– Deitando-se com a Pamela… – murmurou Sarah. – Vou torcer-lhe aquele pescoço! – Doida de fúria, dirigiu-se a James de punhos cerrados e olhos

brilhantes de raiva. – Leve-me imediatamente até junto dele!

James apelou a Abigail com o olhar, mas ela limitou-se a encolher os ombros.

– Talvez seja o melhor! – declarou ao mesmo tempo que o rosto se lhe iluminava. – Vamos todos.

– Não, não vamos! – ripostou James e depois aclarou a garganta. – Quero dizer… quero manter-te longe disto!

– Porquê? A Sarah pode precisar de mim.

– Abby…

Ela enraiveceu-se com aquela oposição. Estava novamente a tratá-la como uma inútil aristocrata, o que detestava.

– Estás com vergonha de me apresentar à… – Esteve prestes a dizer amante, mas não conseguiu pronunciar a palavra desprezível diante de Sarah e optou por: – … companheira de James. Por favor, James. Não vou desfalecer.

Pode ser uma cena desagradável e não quero ver-te envolvida. O bebé tem- te dado problemas durante toda a manhã - recordou-lhe, desconcertado.

– Mas agora sinto-me bem.

Sem querer incentivar a discussão, Sarah interferiu:

– James é prudente em preocupar-se consigo, Abigail. Tanto eu como Michael somos temperamentais e o que tenho a dizer a esse patife não será agradável.

– Por favor? – solicitou James ternamente. – Por mim?

– Está bem – anuiu, incapaz de recusar-lhe o que quer que fosse. – Mas tens de prometer que me contarás todos os pormenores. Não podes omitir uma vírgula! E Sarah… – dirigiu-se à cunhada descoberta recentemente e envolvendo-a num abraço apertado – … se o vosso encontro for muito desagradável, volta imediatamente aqui. Pertences à família e te ajudaremos.

– É muito generosa, Abigail.

Partiram juntos. James conduziu Sarah até à sua carruagem, em seguida subiu atrás dela e Abigail ficou a observar, sentindo-se deixada de fora.

– Voltem para jantar – gritou finalmente – e tragam o Michael, se conseguirem!

Sarah acenou-lhe enquanto James fechava a porta e dava indicações ao cocheiro. Abigail manteve-se na ombreira até eles dobrarem a esquina.

Sarah vagueou pelo quarto de Michael, examinando criticamente o que a rodeava. Notou alguns sinais da ocupação de Pamela, mas após James a ter apresentado ao pessoal, eles tinham logo disposto a ajudá-la a apagar qualquer prova da presença da outra mulher. A meia dúzia de escovas de cabelo, a combinação de seda vermelha e o *peignoir* seriam entregues na própria casa de Pamela.

Satisfeita com os esforços da tarde, desceu as escadas e foi sentar-se no salão com James, onde ele estava a beber pacientemente um conhaque enquanto aguardava a chegada do irmão. A casa de Michael era uma residência encantadora que James comprara anos antes para a sua primeira mulher e, quando chegaram, James desfrutara do local enquanto Sarah se movimentava como um furacão. A sua raiva aumentara ao percorrer as divisões, verificando o conforto em que Michael vivia ao passo que ela passava fome e gelava no campo.

A casa de três andares era quase idêntica à que James e Abigail habitavam. Situada numa estrada secundária movimentada e simpática, era acolhedora e estava mobilada luxuosamente. Havia um toque feminino na decoração que lhe agradava e não conseguia afastar o pensamento mesquinho de que aquela quente e confortável morada podia ser dela, caso não tivesse sido cobarde e deixado que Michael alegasse que o casamento de ambos era uma fraude.

Quando haviam aparecido à porta, Michael estava ausente, mas o pessoal insistira em que voltaria dentro em pouco e, por conseguinte, haviam gasto o tempo em vez de o perseguirem por toda a cidade. Contudo, mal se instalaram, Sarah não conseguiu aguentar a espera. Começara a explorar a casa e, embora o toque pessoal de Michael mal se visse, as suas roupas encontravam-se num quarto de dormir do andar superior, juntamente com algumas de Pamela. Caso Sarah não se sentisse tão zangada, ficaria com o coração despedaçado.

Durante o tempo em que tinham estado separados, convencera-se de que não sentia nada pelo marido. Ao longo daqueles longos e solitários meses em Scarborough, persuadira-se de que o seu breve romance não passara de uma aberração, de que não o amara louca e apaixonadamente, mas, ao tocar no seu vestuário e no equipamento de barbear, ao vasculhar a sua cómoda – como gostava de fazer quando estavam juntos em Bedford –, a triste verdade abatera- se sobre ela. A presença dele era tão intensa que se sentira impelida a admitir o quanto ainda o amava.

Como era possível que a tivesse posto de lado tão facilmente?

Pelo que James revelara, estava ciente de que Michael regressara à cidade e

começara a ligação com Pamela pouco depois. Num abrir e fechar de olhos, trocara a mulher por uma amante.

Como reagiria perante um tal desrespeito? Tinha consciência de que ele era muito viril e possuía uma enorme pulsão sexual, que aplacava regularmente com qualquer mulher que parecesse minimamente interessada, mas não acalentava ilusões sobre os seus atributos carnais. Contudo, ficou surpreendida por ele se ter virado tão depressa para outra amante.

Como lhe custava reconhecer que ela tivera pouca importância aos seus olhos! Que, provavelmente, não lhe atravessara a mente desde que ele se afastara da igrejinha onde se haviam casado.

Bom, Michael Stevens teria uma surpresa. Sarah dispusera de muito tempo para refletir durante a morosa e difícil viagem até Londres. Ansiava por um casamento válido e desejava uma casa cheia de crianças barulhentas, tendo Michael como pai.

Excetuando a insondável Rebecca, não tinha família. O pai e a mãe haviam morrido e Hugh – o lamentável Hugh cuja falta não chorava nem sentia – era o último da descendência. A propriedade de Scarborough, que tanto lutara por proteger, não era dela. Não pertencia a lugar algum, sentia-se como se não tivesse passado nem futuro e a única componente que a ligava ao resto do mundo era o facto de ter um marido; um marido que não gostava dela, mas a situação estava prestes a mudar.

Mesmo que a tentativa a matasse, iriam enfrentar o que acontecera. Michael Stevens não descobrira o que o pai e Hugh sempre tinham sabido: ela era teimosa e determinada. Não desistia, não se rendia e nunca entregava os pontos até haver conseguido o objetivo.

Na sua perspetiva, as condições pareciam desesperadas; estava sem opções e não desistiria até haver conseguido quebrar novamente a barreira de defesa de Michael. Não esquecera como era partilhar a sua atenção, desfrutar da sua admiração, conquistar o seu olhar. Nada havia de tão maravilhoso como abraçá-lo com força, ciente de que era a única pessoa que alguma vez o amara. Michael não a igualava a nível de determinação ou persistência.

Pisou o salão no preciso momento em que uma chave rodou na fechadura. O coração saltou-lhe no peito, vacilou, mas recompôs-se, pronta para a batalha.

– Estás preparada para isto? – perguntou James.

– Sim.

– Podes contar com Abigail e comigo.

– Obrigada – agradeceu com um sorriso ao homem que já era seu amigo.

– Se ele nos puser fora…

– Não o permitirei – zombou ela. – Os dias em que o teu irmão me manipulava chegaram ao fim.

– Bem vejo – riu James ante a sua determinação e dando-lhe o braço. – No entanto, se te tiveres enganado nos cálculos, podes ficar connosco o tempo que quiseres.

Que notícia fantástica! A oferta de um abrigo! Um lugar limpo e seguro onde as pessoas se preocupavam com ela! Até esse momento, nunca acreditara verdadeiramente que pudesse escapar ao seu terrível destino.

– A vossa hospitalidade não será necessária. Michael ficará encantado ao ver-me – retorquiu enquanto se dirigiam à entrada. – Apenas pode levar algum tempo a perceber.

Pararam diante da porta e Michael entrou com Pamela ao seu lado. Parecia encantadora como sempre, exibindo um moderno casaco de peles escuro e chapéu com penas vermelhas tombando por cima do ombro. Tinha o nariz e as faces coradas e ria sobre qualquer coisa que Michael acabara de dizer.

Começara a nevar e uma vaga de flocos brancos caía por detrás deles. Michael bateu com os pés no chão para afastar o frio, em seguida virou-se e observou-os com uma expressão crítica, mas, como era seu hábito, não denotou qualquer sinal exterior de consternação ou reconhecimento.

Sarah podia ter-se sentido esmagada pela sua aparente indiferença, mas não se permitiria lidar com tristeza ou pena.

Limitou-se a olhar e não desviou o rosto.

Michael parecia mais bonito do que se recordava e sentiu uma dor no coração ao observar a sua beleza masculina de perto. Nunca conseguira fitá-lo sem ficar emocionada. Ele era demasiado dinâmico, imperioso e a sua pulsação acelerou-se.

Com a neve sobre o cabelo e os ombros, os olhos azuis distantes e retraídos, parecia distante, inatingível, inacessível, e ela preparou-se para a difícil tarefa que a esperava. Não falharia em reclamá-lo para si!

– James – saudou Michael com um aceno de cabeça. – Sarah… – acrescentou num tom cauteloso.

– Sarah Compton! – exclamou Pamela alegremente. – Que maravilha ter vindo a Londres! Era a última pessoa que esperava ver hoje na cidade.

– Aposto – reagiu Sarah num tom triste, controlando o seu ressentimento. Pamela desconhecia as circunstâncias; o patife nunca lhe contara!

Pamela agarrou nas mãos de Sarah e deu-lhe um beijo afetuoso na face.

– Como tem passado? – perguntou.

– Muito bem – mentiu Sarah.

– Em junho, abandonou a minha festa tão rapidamente que nem sequer nos despedimos!

– Lamento – disse Sarah com um olhar severo dirigido a Michael a que ele reagiu friamente. – Michael prometeu que lhe apresentaria as minhas desculpas.

– Oh, ele apresentou, mas sabe como são os homens! – reagiu Pamela alegremente com um gesto que os definia como pouco dignos de confiança. – Não explicou por que razão tinha partido. Espero que não se sentisse irritada com alguma coisa…

Havia uma interrogação no seu comentário e a fúria de Sarah intensificou-se. Como podia Michael ter feito tal coisa a Pamela! Como se atrevera a colocar Sarah numa posição tão estranha!

Cansada do ardil e desejosa pelo fim da animosidade, rugiu a Michael:

– Diz-lhe.

– Dizer-me o quê? – perguntou Pamela esboçando um sorriso a Michael que se mostrava indiferente.

– Diz-lhe! – repetiu Sarah num tom áspero.

– Sarah e eu casamos – declarou Michael calmamente.

– Quando? – retorquiu Pamela chocada e mudando imediatamente de atitude.

– Naquele último dia em Bedford.- Pamela abriu a boca de espanto.

– E durante todo este tempo… tu… – Não conseguiu terminar a frase e mostrava-se tão indignada que Sarah se apaziguou um pouco. – Seu patife desavergonhado! Como pudeste!

– É o que tenho estado desejoso de saber! – acusou James, num tom ameaçador. – Adorava receber a tua resposta, irmão… desde que possas

fornecer-me alguma que tolere.

Michael mantinha-se firme e obstinadamente silencioso, embora os olhos brilhassem com um fogo peculiar. Tinha mil palavras na ponta da língua, mas Sarah conhecia-o bem. Jamais falaria no meio daquela cena infame.

– Sarah! – interrompeu Pamela. – Desculpe-me. Não fazia ideia!

– Acredito em você.

– É minha amiga. Eu nunca… – acrescentou com um olhar crítico dirigido a Michael. – Sinto-me tão envergonhada! Devia ir embora…

Contudo, não o fez e seguiu-se uma pausa constrangedora, após o que Sarah se pronunciou:

– Vou lá acima vestir-me para o jantar. Tem cinco minutos para se despedir. Em seguida, não quero vê-la novamente aqui.

– Não, não voltarei – prometeu Pamela, abanando tristemente a cabeça.

– Mas visitar-me-á mais tarde? Quando tudo estiver mais calmo?

– Veremos – aquiesceu Sarah num tom brando. Sarah virou-se para James.

– Esta noite não jantarei com a Abigail. Vou jantar com o meu marido. Enviar-lhe-ei um bilhete, amanhã.

– Não é preciso – disse James, aproximando-se dela e sussurrando: – Se não conseguires ficar, manda um dos criados ao meu clube. Eles sabem onde fica. Virei buscar-te, seja a que horas for.

– Não precisarei de ajuda. – Subindo os dois primeiros degraus, deu meia volta e em seguida fitou Michael e Pamela. Michael mantinha-se inexpressivo enquanto Pamela dava a sensação de que ansiava por se transformar numa bola e morrer. – Pamela, tenho a certeza de que não agiu por mal, mas tenciono ficar com o meu marido. Se a apanhar novamente a rondá-lo, parto-lhe as duas pernas. Juro que o farei.

– Oh, céus! – exclamou Pamela, corando.

– Mesmo que ele lhe suplique, não volte a encontrar-se com ele. Não torne as coisas piores do que já são.

– Jamais, Sarah. Prometo.

– E faz-me um favor?

– Tudo o que quiser.

– Passe a palavra às outras conquistas dele. Não deixarei que ande por aí a namoriscar. É meu e não vou partilhá-lo! Quando lançou o desafio, fitou Michael e algo de perigoso e ilegível transpareceu no olhar dele e em seguida desapareceu. Sarah subiu rapidamente as escadas, sem virar a cabeça.

23

Enquanto Sarah subia as escadas, Michael observou-lhe as belas costas. Ela fizera um figurão mediante aquela cena conjugal dirigida a si e a Pamela. Com a atitude de proprietária e exibindo todo o ressentimento e ofensa que sentia, quase parecia que estava verdadeiramente perturbada, mas ela era uma atriz de primeira. Poderia ter alcançado fama no palco ao lado da mãe dele.

Mal o som da sua furiosa retirada se escoara, mexeu-se desconfortavelmente apanhado entre Pamela e James. A censura de ambos era palpável, a raiva explícita e a consternação substancial.

– Seria capaz de torcer-te o pescoço – declarou Pamela, fervendo de uma justa irritação que ele não podia censurar-lhe. Michael ansiara por confiar nela, mas não podia discutir a angústia e o desapontamento que sofrera nas mãos de Sarah. Pamela teria ouvido e aconselhado, mas Michael não se sentiu capaz dessa confissão.

Endireitou-se, tentou imaginar onde os passos de Sarah a haviam conduzido e presumiu que se encontrava no quarto dele. Suspirou, ponderando por que razão ela se sentia com direito a vaguear pelos seus aposentos privados. Não estavam destinados a coabitar e tinha curiosidade em saber o que finalmente a levara a vir até à cidade.

O que estava a fazer ali? Porquê agora? Que catástrofe pressagiava a sua presença?

Em dúzias de ocasiões, pegara numa caneta, desejando escrever e inteirar-se da sua situação – especialmente depois da morte de Hugh –, mas não conseguira fazê-lo.

Quando a sua prima lhe pedira dinheiro que ele fornecera quase sem pensar, sentira um enorme desejo de bombardeá-la com perguntas sobre o estado de Sarah. Após a partida de Miss Monroe, permanecera horas a refletir numa maneira de emendar a situação em que se encontravam, mas não lhe ocorrera qualquer ideia e acabara por concluir que qualquer comunicação seria inútil. Se a tivesse contactado, o que lhe diria?

Que estava arrependido? Não estava. Que lhe sentia a falta? Não sentia.

Que pedia desculpa? Não o faria. Que desejava que as coisas tivessem acabado de uma outra forma? Essa era uma pergunta que merecia ponderação.

Sempre que fechava os olhos, imaginava-a a sair a dançar da igreja após a

cerimónia do casamento, agarrando no patético buquê e com um alegre sorriso. A sua emoção parecera tão real, como se tivesse desenvolvido uma ternura genuína por ele que em nada se relacionava com Hugh ou o seu esquema.

A maneira como ela fingira um sentimento tão puro permanecia um mistério. Por que razão simularia um tão grande afeto mantivera-o acordado muitas noites após se haverem separado. Naquele fatídico dia do casamento, ele sentira-se tão furioso, ela parecera tão feliz e não era possível fundir aqueles dois estados de alma.

Desde essa altura não tinha havido uma oportunidade adequada para a reconciliação, embora não entendesse o que precisava de ser resolvido. Ela e o seu dúbio irmão tinham tentado chantageá-lo para um resgate financeiro a que nunca acederia. Ele e Sarah eram estranhos, de mundos opostos, e ela era irmã de Scarborough e, segundo a declaração de Hugh, perfeitamente capaz de ser tão falsa como ele. Não tinham uma origem comum, nem uma mútua confiança, então porque casara ele com ela?

Fizera essa pergunta mil vezes a si próprio e ainda não conseguira uma resposta viável. Durante o fiasco, ficara tão chocado e oprimido. A sua deslealdade e traição tinham-no ferido, precisara de reagir cruelmente e desposá-la parecera um castigo suficiente.

Desde que a conhecera que se tornara um idiota. No que se referia a Sarah Compton – Stevens, acrescentou uma vozinha –, não conseguia pisar chão firme. A terra continuava a mexer-se sob os seus pés, incitando-o a balançar e vacilar de uma má decisão para a seguinte. Desposara-a levado por impulso, lançara as sementes do seu infeliz futuro e ela agora pertencia-lhe, quer a desejasse ou não.

Sarah aparecera, exigindo respeito, reconhecimento, mais provavelmente dinheiro, e sabia lá que mais. Que confusão!

Pamela colocou-se na frente dele.

– Acho bem que subas as escadas e converses. Diz-lhe a verdade ou jamais te perdoarei. – Apertou o fecho do casaco e dirigiu-se à porta. – Aliás, talvez nunca venha a perdoar-te.

– Se puder esperar um pouco, acompanho-a a casa – interferiu James.

– Tenho a minha carruagem estacionada diante da porta – retorquiu ela e fez uma pausa, pouco disposta a despedidas. Apertando os dedos de Michael, suplicou: – Não me contates, querido. Não estou interessada nas tuas justificações e morreria se ela soubesse que tinhas passado por perto.

Ao sair, roubou-lhe um beijo rápido.

– Não percebo nada disto, mas necessita de entender-te com ela. Não te

arrependera.

Ao sair para a tarde fria, não esboçou qualquer aceno de despedida. Numa questão de minutos, Michael ganhara uma mulher que não queria e perdera uma amiga de quem sentiria saudades. O dia estava perdido e nem sequer eram quatro da tarde. Encostou-se à porta e preparou-se fisicamente para o que James estava prestes a dizer.

Durante o silêncio constrangedor que se seguiu, não conseguiu olhar para o irmão e fitou os pés, lembrando-se de todas as ocasiões anteriores em que tinham brigado, quando discutiam e lutavam, se consolavam e coagiam. Como sempre gostara de James! Porém, naquele momento, sentia-se incapaz de suportar as palavras sábias que o irmão mais velho podia optar por dizer.

– O que aconteceu? – questionou James com muito mais calma do que Michael antecipara.

– Está a par do jogo de cartas entre mim e Scarborough na primavera passada.

– Sim.

– Portanto, sabe como ele agiu e conhece os seus comentários desdenhosos. Não podia voltar atrás.

– Surpreende-me que não o tenha chamado até lá fora. Era o que eu faria.

– Achei mais gratificante tê-lo vivo e fazê-lo pagar.

O seu maldito orgulho colocava-o sempre em apuros. Por que razão deixara Hugh induzi-lo a um tal absurdo?

– E ela? – prosseguiu James, referindo-se a Sarah.

– Estava na festa de Pamela.

– Desvirginaste-a para te vingar de Hugh?

– Não… sim… – respondeu, tapando os olhos com as palmas das mãos. – Talvez. Não tenho a certeza. Ela estava no quarto ao lado do meu. Não consegui resistir. – Transbordando de lembranças, recordou como tudo fora suave e sentiu o coração apertado. – Desejava-a – acrescentou inevitavelmente – e não tinha nada a ver com o irmão.

– Nunca duvidei que assim fosse. Ela é muito bonita.

– Sim.

– Portanto… seduziste-a?

– Sim, mas ela estava simplesmente a conspirar com Hugh, metendo-nos numa situação comprometedora para que pudessem extorquir dinheiro e forçar o cancelamento das dívidas.
– Quem te disse isso? – insurgiu-se James.

– O próprio Scarborough.

– Acredita nele?

– Por que razão não o faria? – retorquiu Michael fitando James e deparando com ceticismo. – Ela deixou a porta destrancada.
– Tem certeza?

Não, ansiava por gritar, mas já não tinha certezas.
– Hugh insistiu em que tinham conspirado juntos e ela estava implicada em cada passo.
– Se acredita nesse disparate… – começou James, aproximando-se até ficarem frente a frente –, porque casaste com ela?
Michael engoliu em seco com dificuldade em respirar.
– Porque não queria que ninguém pensasse que sou como o nosso pai.
James pousou-lhe a mão no ombro e, pela primeira vez, Michael não a afastou.
– Hugh estava a mentir. Sobre ela. Sobre a sua participação.

– Como pode estar tão confiante?

– Interroguei-a exaustivamente. Ela foi apanhada na armadilha… tal como tu.

– E se estiver enganado?

– Não estou – redarguiu o irmão calmamente. – Promete que vai deixá-la explicar o seu lado e tirar algum peso do peito. Ela está bastante irritada contigo.

– E eu com ela.

– Passou uns meses difíceis.

– Também eu – contrapôs Michael num tom irascível.

– E com a morte de Scarborough… – redarguiu James sem discutir quando Michael adoraria um debate aceso – … não tem para onde ir nem nenhum meio de sustento. Precisa da tua proteção.

A informação levou-o a hesitar. Durante muitas noites, andara às voltas na cama, interrogando-se sobre o que lhe aconteceria, mas recusara preocupar-se. O seu copo transbordara de recriminações, mas, por mais imaturo que parecesse, a vaidade não lhe permitiria rastejar na frente dela, oferecendo-lhe uma ajuda indesejada que estava convencido que lhe atiraria à cara.

– O que quer que faça? Suplicar-lhe que se aproveite de mim? Que revolva os meus bolsos para se apoderar de todo o meu dinheiro?

– A solução depende de ti – pronunciou James –, mas vai ter de fazer alguma coisa. Ela está aqui, é tua mulher e, pelo que me contou e a Abigail, não partirá tão depressa – acrescentou com um sorriso malicioso. – Mandei levar a sua bagagem lá para cima. Já a desembalou.

– Obrigado, irmão – agradeceu num tom sarcástico, rangendo os dentes.

– Sinto-me feliz por ajudar.

James soltou uma gargalhada e esboçou uma vénia zombeteira. Curiosamente, Michael sentiu-se melhor do que desde há muito tempo e tomou consciência de que há muito não brincavam.

– Céus, que confusão! – disse num tom pensativo.

– Olha… ela veio ter contigo – lembrou James. – Deu o primeiro passo. Pode encontrar-te com ela a meio caminho?

– Só mesmo tu para uma observação tão idiota.

– Ora, ora… – lecionou James como um homem experiente. – Estar casado não é o fim do mundo. Se experimentar, é bem possível que venha a gostar.

Michael fitou o irmão, procurando realmente uma mudança. Estava tão contente

como nunca se sentira antes. As arestas de insatisfação e desânimo que o tinham ensombrado e provocado a sua atitude imprudente haviam desaparecido e dado lugar a uma capa de felicidade de que só os recém-casados podiam desfrutar.

– Vai para casa, James – disse, ansioso por ser poupado àquele novo vislumbre do irmão. Além disso, chegara a altura de enfrentar a sua mulher e, por conseguinte, abriu a porta e empurrou o irmão para fora.

– Por uma vez na vida, toma a atitude correta – advertiu James.

– Ignoro qual é – respondeu com verdade.

– Não ignora nada – declarou James com uma confiança presunçosa. – Se precisar de mim, manda recado. Voltarei imediatamente.

– Como se tivesse estômago para um pouco mais da tua maldita ajuda – resmungou, fechando a porta na cara complacente e irritantemente sorridente de James.

O silêncio da casa envolveu-o. Os seus vários criados bem treinados tinham-se ausentado educadamente, deixando-o entregue à sua amarga introspeção. Em seguida, não havia maneira de fugir ao inevitável e subiu as escadas com um andar pesado qual condenado a caminho da forca.

Michael desenvolvera um segundo sentido no que se referia a Sarah e a sua intuição conduziu-o facilmente até ela. Da ombreira da porta do seu quarto, avistou-lhe os movimentos na divisão contígua, onde se preparava ousadamente para tomar um banho. Como era seu hábito, deitou óleo de rosas na água. O cheiro impregnou o ar e fez-lhe comichão no nariz.

As acomodações eram muito semelhantes às que tinham tido no campo: dois quartos de dormir separados por um outro de vestir. Por um breve instante, julgou que ela se tinha mudado para o quarto contíguo, mas em seguida avistou as escovas dela na sua cómoda e o espartilho estendido sobre uma cadeira. Dirigiu-se furtivamente ao roupeiro e espreitou para o interior. Três dos vestidos dela estavam pendurados ao lado das suas camisas.

Sarah teria intenção de partilharem uma cama como marido e mulher? Não iriam passar o tempo todo a dormir e aquela louca mulher estava sem dúvida ciente dessa realidade. O fascínio que sentia por ela não desaparecera minimamente. O mero facto de pensar nela fazia com que o sangue lhe fervilhasse nas veias.

Invadiu-o uma onda de fúria. Tinham passado seis meses e, sem qualquer notificação ou aviso, ela atrevera-se a aparecer e a insinuar-se na sua casa e na sua cama. Como poderia um homem lidar racionalmente com essa contingência? Ela

esperaria um acordo platónico? Ou imaginava que continuariam amantes?

Ante o pensamento, o seu membro avolumou-se e decidiu não lhe dar alternativa. Sarah intrometera-se idiotamente na sua vida e, portanto, sofreria as consequências, embora sofrer não fosse propriamente o termo correto. Depois de a ter iniciado nas artes sexuais, ela tornara-se uma amante hábil e eficiente, portanto, o sofrimento seria maravilhoso e ele desfrutaria cada minuto erótico e perturbador do mesmo.

Aproximou-se do quarto de vestir e conseguiu vê-la através de uma fenda na porta. Estava a despir-se e Michael espreitou sorrateira e indecentemente. Ela decidira usar um vislumbre de carne nua para induzi-lo a cometer atos que não tencionava cometer?

Bom, fosse qual fosse o jogo, errara os cálculos. Se tinha imprudência bastante para se desnudar ante os seus olhos, pagaria o preço que lhe exigiria.

À beira do abismo, ciente de que deveria anunciar a sua presença, não conseguiu detê-la. À semelhança de uma experiente cortesã, ela desapertara os botões e desfizera os laços do vestido, deixando que escorregasse vagarosamente pela cintura, pelas ancas, até o abandonar num monte no chão.

Ergueu um pé e pousou-o em cima de um tamborete, proporcionando-lhe uma ampla visão de carne nua enquanto tirou um sapato e depois o outro, lançando-os para longe com um pontapé. Tirou a combinação com um movimento suave e ficou apenas com um par dos seus culotes franceses, as meias e as ligas.

Um cavalheiro com um mínimo de civismo teria se afastado, mas, na sua qualidade de *voyeur* perverso, ficou a observar a cena. Irreverente como sempre, pouco lhe importava a opinião dela quanto à sua conduta. Ela apreciava o tipo de canalha que ele era, viria ao seu encontro de qualquer maneira e não estava disposto a privar-se daquele prazer carnal. Queria lá saber da moral e da decência!

Nesse momento, Sarah fitou-o e não fez nada para se tapar. Os seios perfeitos, os mamilos entesados, convidavam-no a uma crua observação. As duas saliências eram de uma ímpia perfeição. Nenhum homem poderia contemplá-los e controlar-se, o que não estava disposto a fazer. Sarah despira-se no seu quarto de dormir, por conseguinte o que quer que acontecesse merecia-o por inteiro.

Ela voltou a colocar o pezinho delicado em cima do tamborete, inclinando-se para desapertar as ligas e enrolar as meias, baixando-as. Em seguida, levantou-se, puxou o laço que lhe prendia os culotes e fê-los deslizar pelas ancas, ao longo das pernas, até ficar pecaminosamente despida. Perfeitamente à vontade com o seu corpo, com a sua nudez, esticou os braços acima da cabeça, fletindo os músculos e arqueando as costas.

Prendera o cabelo ao alto para que nenhum dos seus encantos ficasse oculto. Observando tudo – os ombros largos, a cintura vincada, as ancas moldadas –, Michael franziu a testa de ansiedade ao verificar que ela perdera peso. Estava intimamente familiarizado com cada polegada do seu torso, pois a sua língua percorrera cada curva e vale. Estava mais magra, mas porquê?

Libertando-se da análise perturbadora, concentrou-se em vez disso nos pelos ruivos que lhe cobriam a gruta. A sua perigosa atração impeliu-o para a porta no preciso momento em que ela se dirigiu à banheira.

Sarah pressentiu a sua presença e deteve-se a meio, balançando o pé na borda da banheira, enquanto o tom rosado da fenda o chamava por entre as pernas. Michael dominou o impulso de correr para ela, tocar-lhe e beijá-la naquele lugar.

– Não podias esperar para ver – queixou-se.

– Sem dúvida.

– Não te quero aqui.

– *Milady*, já estamos muito longe do tempo em que os seus desejos me interessavam.

Os olhos cor de esmeralda fulgiram de raiva e não desviou o rosto, disposta a envolver-se numa troca de palavras, mas a água quente acenava e virou-lhe as costas.

– Por que razão nunca me surpreendo quando ages como um idiota? – Em seguida, optou por ignorá-lo, testando a temperatura com o dedo do pé. Considerando-a adequada, deslizou para o interior da banheira ao mesmo tempo que um gemido de prazer se soltava dos lábios rubi. – Aaah… Há uma eternidade que não tomava um banho quente.

Michael recusou analisar a observação em pormenor e não perguntou porquê? Em vez disso, concentrou-se unicamente na imagem sensual, rejeitando a hipótese de discernir mais do que ousava.

Havia um espelho por de trás da banheira, o que lhe permitia analisar as travessuras dela. Sempre adorara vê-la a tomar banho; ela baixava a guarda, desfrutando da ocorrência como um marinheiro e colocando de lado todo o pudor.

Descontraindo-se, apartou as pernas. Mantinha as coxas afastadas e Michael conseguia avistar a sua gruta por baixo de água, úmida e inchada do calor. Aproximou-se para ver melhor e os seios de Sarah afloraram à superfície.

– A tua amante já se foi embora? – inquiriu, olhando para as imagens de ambos refletidas no espelho.

– Não tenho nenhuma amante.

– Não retiro o que disse – afirmou num tom zombeteiro.

– O que foi?

– Se voltar a apanhá-la a ofegar atrás de ti, mato-a – prosseguiu num tom raivoso, baixando os olhos para o lugar onde o seu membro inchado ressaltava vergonhosamente contra as calças – … e em seguida castro-te.

Michael ficou maravilhado com a ameaça. Sarah ficava tão sedutora quando dava mostras do seu verdadeiro temperamento e ele debateu-se com o significado da sua advertência. Considerava que valia a pena tê-lo? Conservá-lo? Lutar por ele? Ela parecia enciumada das suas supostas indiscrições com Pamela, o que apenas poderia advir de uma emoção válida.

Sentiu-se mais confuso.

– Tem uma língua perversa, *madam*.

– Mistress Stevens para si – proclamou num tom cáustico. – Tenha a decência de reconhecer quem sou.

Ante a observação, ele corou e duas manchas vermelhas ruborizaram-lhe as faces.

– Minha querida mulher – vincou. – Acabou de chegar. Não me dê ordens.

– Vai procurar-me, sempre que precisar dos serviços de uma mulher – retorquiu, erguendo uma sobrancelha. – Não me envergonhará deitando-se com todas as prostitutas de Londres.

– Pamela não é uma prostituta – sentiu-se obrigado a contestar.

– Nunca disse isso – admitiu Sarah –, mas não voltará a namoriscar com ela. Receio que tenha tomado essa decisão e o assunto não seja discutível.

Por conseguinte… Sarah pensava usar as suas artimanhas físicas para o conservar rendido. Um ótimo truque. À luz de como se sentia atraído por ela, e de como sempre estivera cativado, a ideia de possuí-la regularmente era muito tentadora.

Sarah acharia que estava a impor um fardo insustentável? Ele não tinha escrúpulos em saciar o seu desejo com ela. E, já que se mostrava despreocupadamente entregue, assentiria de imediato.

Semanas ou, antes, meses de excessos lascivos recortavam-se na sua frente e Michael tentou refletir por que razão se esquivara. Ela era sua mulher, cuidara disso

ao pronunciar os votos, mas apenas se dera conta da responsabilidade ao unir-se a ela e não da incomparável satisfação.

O seu corpo jamais conhecera uma tal luxúria e, nesse momento, suplicava por ser aliviado. Porque não submeter-se? Que motivo poderia justificar o controlo?

Descalçou uma bota e em seguida a outra. Só quando despiu o casaco e alargou o nó da gravata é que desfrutou do seu escrutínio. Sarah pôs-se de joelhos, fitando-o por cima do ombro.

– O que estás a fazer?

– O que te parece?

– Estás a despir-te!

– Uma observação apropriada.

– Para quê?

– Vou juntar-me a ti.

– Depois de todos os teus atos? Estás doido, se achas que podes vaguear por aqui, estalar os dedos e obrigar-me a fornicar! – retorquiu, balançando um dedo acusador. – Achaste que tinha conspirado contra ti com Hugh. Não confiaste em mim. Não acreditaste em mim. – Engoliu em seco e acrescentou: – Farei o que me pedires, mas primeiro tens de admitir que te enganaste a meu respeito. Diz-me que estás arrependido.

– Não estou.

Deus do céu, como aqueles olhos o torturavam! Mergulhavam até ao mais íntimo de si, revelando como lhe sentira a falta, mesmo sem se dar conta.

– Bom, eu arrependo-me de tudo – declarou ela num tom calmo. – Por duvidar de ti e te amaldiçoar, por deixar que me mandasses para Scarborough. Devia ter ficado ao teu lado. Existe uma ótima relação entre nós e estou disposta a colocar as diferenças de lado, a começar de novo.

Aquela delicada expressão de remorso assemelhou-se a uma corda à volta do seu pescoço, estrangulando-o e, como consumado vilão que era, não conseguiu responder. Enquanto ela se mostrava disposta a remendar e tratar das feridas, ele sofria demasiado para fazer concessões, até mesmo algo tão simples como o pedido de

desculpa que ela ansiava. Tinha de proteger-se, custasse o que custasse!

Sarah esperou em vão até perceber que Michael não iria pedir perdão e encolheu-se, derrotada, enquanto ele lutava com a parte da frente das calças e o botão de cima saltou.

– Não ouviste nada do que acabei de dizer?

– Estou excitado – disse enquanto outro botão saltava. – Suportei um longo período de abstinência sexual.

– Portanto, devo concluir que tu e Pamela se têm limitado a ir à ópera?

– Exato.

– Descobri algumas das roupas dela. Neste mesmo quarto.

– Muitas vezes ela bebe excessivamente e passa aqui a noite – respondeu, afastando os boatos indesejáveis com um encolher de ombros.

– Deves pensar que sou terrivelmente ingénua.

Sarah tentou sair da banheira, mas ele pousou-lhe firmemente a mão no ombro, impedindo-lhe os movimentos. Estava a ser cruel, mas não podia pura e simplesmente deixar que ela se imiscuísse de novo sob a sua pele. Se abrisse o coração um minuto que fosse, ela entraria e a perspetiva aterrorizava- o.

– Tem tido amantes? – inquiriu grosseiramente e ocorreu-lhe que melhor seria que ela negasse. Invadiu-o uma estranha onda de ciúmes e teria, provavelmente, de matar qualquer homem com essa ousadia.

– Não – vincou, sentindo-se insultada.

– E tu, meu querido e fiel amigo? Podes fazer a mesma afirmação?

– Posso – respondeu com igual firmeza. – Agora que a questão está resolvida, planejo entrar.

– Não até falarmos mais em pormenor.

– Não tenho a mínima tenção de esgotar o assunto. Estás aqui, e nua, dentro da minha banheira. Farás o que te disser e com prazer.

– E tu és um sonhador – retorquiu, mas sem deixar de observá-lo, enquanto ele despia as calças.

Languidamente e prolongando o gozo, Michael fê-las deslizar pelas pernas e

afastou-as com um pontapé enquanto se erguia ao lado dela. Nu e entesado, com o membro de uma dimensão ofensiva, segurou-o, aliviando parte da tensão. O falo encontrava-se a meros centímetros da sua boca sedutora e aveludada.

Michael acariciou-se, revelando a glande, consciente de como seria maravilhoso sentir-se no interior daquele porto úmido, tê-la ajoelhada na sua frente a chupá-lo, enquanto lhe implorava que parasse.

– Toca-me – ordenou.

– Não. – Contudo, ele não aceitaria uma recusa.

Antes que ela pudesse reagir, deslizou para dentro da banheira e mergulhou ao seu lado. Estavam presos naquele espaço estreito, com as costas dela pressionadas à sua frente, as coxas dele esmagadas nas dela, a barriga das pernas e os pés sobrepostos.

Escorregadia e macia, Sarah cheirava a sexo, a mulher e a rosas e ele centrou o membro na fenda do traseiro feminino, prendendo-lhe a cintura com as mãos.

A cabeleira abundante titilou-lhe o nariz e Michael puxou os alfinetes de dama. Caiu em cascata, as extremidades mergulharam na água e ele afastou a pesada massa, depois inclinou-se e mordeu-lhe a nuca, fazendo-a contorcer- se e estremecer.

Segurou-a com firmeza e insolentemente contra o seu corpo.

– Definhaste por minha causa?

– Nem um segundo.

Michael fez deslizar os dedos sobre o seu ventre, emaranhando-os nos pelos ruivos, mergulhando nela e Sarah ficou tensa ante a súbita invasão. A gruta dela só anteriormente suportara o seu brusco tipo de penetração e, ante essa consciência, ficou ainda mais duro.

– Odeio-te – murmurou Sarah num tom pouco convicto.

– Então, porque te vieste? – retorquiu, beijando-lhe o pescoço, roçando-lhe o cabelo e satisfeito ao ver que ela se arrepiava.

– Para poder dizer-te na cara como te acho um patife.

Afastando-o com o cotovelo, fitou-o de relance e o único resultado palpável foi o de roçar o traseiro bem torneado contra a sua ereção.

– Oooh… faz isso novamente.

Mordeu-lhe o lóbulo da orelha e beliscou-lhe os mamilos enquanto observava as imagens unidas no espelho. Os fartos seios e a lasciva gruta eram visíveis. Ocultou-se por de trás dela, uma ameaça escura e agoirenta.

– Olhe para nós, Mistress Stevens.

A bajulação dele fez com que ela se centrasse no espelho. Com uma tensão

excitada, avaliou a colocação dos corpos, dos lábios dele na sua face, dos dedos dele nos seus mamilos. Como amantes eram impecáveis juntos; sempre tinham sido.

– Lembras-te da primeira vez em que visitei o teu quarto na casa de campo de Pamela? Acariciei-te assim e tu observavas no espelho. Estavas tão excitada, tão bonita. Só para mim.

– A tua vaidade desconhece limites – teimou ela com rebeldia. – Estava aborrecida e sozinha; poderia ter recebido qualquer homem suficientemente estúpido para entrar.

– Fui eu o único. Aquele.

– É muito convencido.

Com uma das mãos, Michael apoderou-se do seio e fez deslizar a outra até ao sexo. Apalpando-a cuidadosamente, sondou, explorou e acabou por conseguir o que procurava: uma leve reação das ancas. Premiu o seu monte, arrancando um gemido que ela pretendia ocultar.

– Está tão pronta para mim.

– Sua besta arrogante!

À semelhança de um cientista com uma nova invenção, descobriu o clítoris e começou a toca-lo, brincando e provocando-a. As ancas dela cederam, adotando mais ousadamente o seu ritmo.

Michael esquecera até que ponto apreciava os seus gostos sexuais, como se sintonizava com cada necessidade, como a sua mente renascia com aquele temperamento lascivo. Inclinando-se, umedeceu o sexo ereto.

– Recebe-me dentro de ti.

– Nem pensar – contrapôs. – Não te perdoei.

– Quero lá saber.

Enfiou a ponta do falo e aumentou o ritmo. Sarah arregalou os olhos, como se não se lembrasse de como ele era grande e Michael dificilmente reprimiu um suspiro de gozo por voltar a tê-la.

– Adoro foder-te – disse grosseiramente. – Sempre adorei.

Enquanto se introduzia devagar e meticulosamente, os olhos de ambos uniram-se no espelho. Cuidadosamente, ela pôs a mão por de trás da cabeça, percorrendo-lhe o pescoço, o rosto, os lábios, e ele beijou-lhe a palma, arrebatado pela emoção desencadeada por aquele simples gesto.

Não conseguia aguentar aquela reação que ela obtinha tão facilmente.

A única coisa que desejava de Sarah era sexo tempestuoso e picante. Nada mais.

Agarrando-lhe nas ancas, tentou enfiar-se com mais força, mas a banheira era muito estreita e não lhe permitiu exercer a pressão desejada, mas, aparentemente, um empenho demasiado era desnecessário. Após um mínimo de esforço, ficou à beira do orgasmo.

Quase sem aviso, começou a vir-se e agarrou-a freneticamente, lutando para se desenfiar para poder derramar o sémen nas costas dela longe do ventre, mas ela antecipara a manobra. Enterrou as nádegas nele e as invulgares poses de ambos empurraram-no contra a borda da banheira, impedindo-o de se retirar. A gruta dela estimulou-o ao limite, o corpo dele arqueou-se, o membro latejou e o sémen inundou-a como um rio escaldante.

Michael não se recordava da última vez em que se tinha vindo dentro de uma mulher. O erro dele, a loucura, a indecência, provocou-lhe uma estranha emoção que se repercutiu em todo o seu ser enquanto gozava a posse definitiva.

Sarah pertencia-lhe.

Com uma última e firme estocada, afundou a testa no seu cabelo, apreciando a sensação de tê-la tão completamente, uma impressão de leveza invadiu-o e, em seguida e aos poucos, recuperou a sanidade e desenfiou-se o mais que conseguiu, assustado com o que fizera.

Como o dominava ela daquela forma? Viera-se como uma criança inexperiente de treze anos, ejaculando dentro dela como se fosse normal. Como poderia defender a sua descuidada intromissão?

Receoso do que iria descobrir, voltou a fitá-la uma vez mais no espelho. Uma forte emoção cintilava nos olhos verdes, mas não conseguiu decifrá-la.

– Lamento o meu descontrole… – começou hesitante, mas ela interrompeu- o.

– Se decidir pedir desculpa por algo - disse num tom sarcástico – que não seja por te teres vindo dentro de mim. Acho que seria capaz de estrangular-te antes de ouvir.

Saiu da banheira e a água espalhou-se pelo chão. Numa explosão de raiva, agarrou no roupão e afastou-se, deixando um rasto de silêncio. Refletindo na complexidade das mulheres, em como eram misteriosas e irritantes, mergulhou na banheira.

Com os joelhos debilitados por causa da intensidade do orgasmo, apoiou os braços na borda da banheira, enquanto agarrava numa toalha e se esfregava, recuperando da intensidade da cópula. Foi-se acalmando aos poucos, secou-se e enfiou as calças.

Quando ela saíra de rompante, não pensara para onde fora, concluindo que

descera as escadas ou se dirigira a qualquer dos outros quartos para dar vazão à fúria e acalmar-se.

Verificou, decepcionado, que ela estava deitada na sua cama, com a cabeça apoiada na almofada, o corpo enrolado e coberto com uma manta. De costas para ele, parecia pequena e vulnerável e Michael soube com uma palpável certeza de que a cama não voltaria a pertencer-lhe. A partir desse momento, independentemente de como a fitasse, iria imaginá-la sempre ali, parecendo ter-se apoderado do seu lugar, sem qualquer tenção de lhe renunciar.

Perplexo, envergonhado, deteve-se na ombreira, sem saber o que dizer ou como o dizer. Jamais encontraria o equilíbrio com ela.

– Onde estão as minhas coisas? – pronunciou tão baixinho que ele não tinha a certeza de que falara.

– Que coisas? – inquiriu.

– O mobiliário e os bens que pertencem a Scarborough.

– Estão num armazém. Porquê?

– Quero tudo de volta.

– É tudo meu – vincou, sem dissimular a irritação. – O teu irmão…

– Hugh está morto – interrompeu-o secamente. – O que aconteceu entre vocês deixou de ser importante. O novo conde está a caminho. Da América. É um primo afastado que nunca conheci e não permitirei que me envergonhe por ter uma mansão em ruínas quando ele chegar.

Era mais fácil ceder do que tinha imaginado. Além do mais, nunca desejara os malditos móveis. Todo o carregamento não passara de uma lembrança diária e permanente dos seus erros.

– Tratarei do assunto.

– Há alguns empregados idosos que precisam de reforma, mas nunca tive dinheiro para ajudá-los.

– Combinado.

Tremendo, Sarah inspirou fundo, em seguida exalou o ar e Michael observou a subida e descida da caixa torácica.

– E quero que o corpo de Hugh seja trazido de barco para que possa ter um enterro decente – acrescentou com uma leve gargalhada que mais parecia um soluço. – O seu jazigo é aqui em Londres e nem sequer sei onde fica.

O seu primeiro impulso foi de recusar o modesto pedido, mas não conseguiu. O que lhe interessava onde Hugh fosse enterrado? Voltou a anuir, embora se surpreendesse por estar a ceder tão facilmente. A seguir, ela ia exigir-lhe que despisse a camisa e ele tirá-la-ia pela cabeça, apresentando-lha numa bandeja de prata.

– Tenho um secretário ao meu serviço no clube – esclareceu. – Ele virá visitar-te amanhã. Diz-lhe o que precisas e ele se encarrega de tudo.

– Obrigada. – Seguiu-se uma pausa prolongada e depois ela acrescentou: – Sei que estou a insistir, mas há mais uma coisa.

Sarah continuava de olhos fixos na parede e Michael sentiu-se aborrecido por ela não se voltar. Por norma, ela era suficientemente obstinada para enfrentar qualquer obstáculo, lutar por qualquer discordância, e reconhecia que conseguira levá-la a ultrapassar os seus limites.

– É minha mulher. – Ao pronunciar a frase, sentiu uma vaga de enorme orgulho. – Tenciono dar-te tudo o que estiver ao meu alcance.

– Nesse caso… peço-te que deposite algum dinheiro num fundo em meu nome. Não muito… – apressou-se a acrescentar para que ele não recusasse.

– Apenas o bastante para, se jogar o que temos, fique com algum dinheiro para me aguentar. Dessa maneira, não voltarei a ter frio, fome ou medo.

Michael sentiu um peso no coração. O que lhe fizera? Enquanto infligira um preço terrível sobre Hugh Compton, não avaliara as prováveis repercussões sobre ela.

– Oh, Sarah… – Como se fosse cego, avançou aos tropeções até à cama e deitou-se no colchão, pousando a mão nas costas dela e massageando-a em círculos suaves. – Não sou jogador – declarou. – Aposto de vez em quando, mas raramente, e apenas pequenas quantias. Não sou obcecado como era o teu pai. Ou o teu irmão.

– Jura.

– Juro – tranquilizou-a. – Nunca ficarás desprevenida.

Sarah estremeceu e em seguida assentiu com a cabeça, aceitando a sua promessa e Michael acariciou-lhe o cabelo como se ela fosse uma criança necessitada de conforto. Sarah descontraiu-se e ele virou-a de costas.

Ao ver as lágrimas que lhe corriam pela face, o coração saltou-lhe novamente no

peito. Não suportava vê-la infeliz.

– Não chores, querida – pediu, limpando-lhe as lágrimas com o polegar.

– Não conspirei com o Hugh – garantiu ela num tom firme.

Michael examinou-a em busca de engano ou astúcia, mas não encontrou qualquer sinal de duplicidade e provavelmente nunca existira. A traição de Hugh instigara uma raiva que ardera furiosamente, mas se extinguia a toda a brida. Ela era mais sábia do que ele, perseguindo um novo começo e o seu primeiro passo na sua direção tinha de basear-se num pouco de confiança, nela e nas suas razões.

– Acredito em ti.

Michael beijou-a castamente, pedindo desculpa e recebendo perdão. Quando tentou afastar-se, ela prendeu-o contra a sua boca. Abriu-se para ele e o beijo calmo tornou-se algo mais, profundo e pungente, chegando-lhe à própria alma.

Quando os lábios de ambos se afastaram, ela abraçava-o com um carinho inegável e ele declarou sinceramente:

– Não estive com a Pamela. Depois de tu… depois de nós… – Como dizer aquilo? Sentia uma enorme tristeza. – Fui uma vez para a cama com ela e não consegui nada.

– Também acredito – disse Sarah.

– Não deixava de pensar em ti – prosseguiu Michael, odiando confessar que ela era a sua maior e única fraqueza

– … e em como ficarias magoada, se soubesses.

– Fico contente.

– Também eu.

Havia muitas mais coisas que ele ansiava por dizer, mas sentiu-se tomado de uma forte emoção e assustou-se com a sua intensidade. Arrancado de súbito ao seu elemento, estendeu-se ao lado dela, aninhando-se na curva do pescoço, saboreando o sal da sua pele, inalando o almíscar que era a sua própria essência.

Aconchegou-se junto ao peito dela, onde o mamilo lhe tocava a face e chupou-o, aliviando todos os males e a consternação. Mas, sempre que a sentia perto, a sua necessidade de conforto transformava-se e ficava duro. Colocou- se em posição, apoiando o peso nos braços e baixou os olhos, fitando-a com uma alegria incontrolável.

Fletindo as ancas, enfiou-se completamente no refúgio suculento e o membro avolumou-se envolto e apertado pelos músculos do sexo feminino.

– Vamos fazer um filho, Michael – sorriu Sarah, recebendo-o. – Dá-me alguém para amar além de ti, meu patife sem vergonha.

Ela amava-o! Com a pulsação acelerada, Michael sentiu-se ansioso por repetir igual emoção, mas as palavras – que jamais pronunciara a outra pessoa – prenderam-se-lhe na garganta e não conseguiu soltá-las.

Surgiu o medo de ser abandonado, um medo que dominara toda a sua vida, desde que tinha três anos quando o pai o largara, entregando-o àqueles medos destrutivos.

– Não posso engravidar-te – pronunciou quase a chorar. – Conceder- te-ei o que quiseres menos isso.

– Porquê?

– Não o suportaria.

– Michael… – reagiu ela, visivelmente desesperada. – Vamos ter belos filhos. Muitos, muitos filhos.

– Mas, se me deixares, ou se acontecer qualquer coisa…

– Prometo que nunca te deixarei – disse ela, pousando-lhe a mão na face. – Aconteça o que acontecer. – Sarah sorriu maliciosamente. – Por mais detestável que sejas, ou por mais que desafies a minha paciência, ficarei sempre ao teu lado.

Sentiu-se compelido a explicar a sua angústia, mas não tinha a certeza de conseguir. Após as convulsões da sua infância, sobrevivera tornando-se uma criatura de hábitos, necessitado de regularidade e de um quotidiano normal. Detestava a mudança; era muito dolorosa.

– Ignoro onde pertenço verdadeiramente – confessou num tom sincero.

– É fácil. Pertences-me e sempre me pertenceste.

Michael penetrou-a, entrando e saindo, devagar, conscientemente, deleitado com a sensação, mas não conseguiu aguentar-se por muito tempo. A sua fome revelou a voracidade de sempre e levou-os para lá do espaço e do tempo, até onde poderiam ser um só.

Quando Sarah pronunciou o seu nome, Michael captou o grito nos seus lábios, desfrutando a entrega total que ela lhe ofereceu. Unido a ela, o seu corpo estremeceu e, por fim, quando devia ter- se desenfiado, algo de poderoso – o seu amor por ela – impediu que o fizesse.

Ansiava brindá-la com o desejo de coração que expressara; esvaziou-se numa torrente escaldante contra o seu ventre, inundando-a e murmurou uma prece para que a sua semente se enraizasse e pudesse dar-lhe o filho que ela desejava.

Flutuaram de volta à realidade e ele embalou-se de forma segura nos seus braços.

Beijou-lhe o cabelo, a face, a boca e o carinho que lhe votava conseguiu arrancar as palavras do coração.

– Amo-te – pronunciou quase se engasgando.

– É verdade – disse ela. – E eu também te amo.

– Queres casar comigo? – Sarah ficou confusa e, por conseguinte, ele explicou:

– De novo? Para que todos fiquem a saber que és minha?

Sarah observou-o, em busca de cobardia ou indecisão, mas não detetou nenhuma delas.

– Gostaria muito.

Michael assentiu com a cabeça e ela também. Em seguida, beijou-lhe a palma da mão e pousou-a no seu peito, mesmo em cima do coração para que ela pudesse sentilo a bater em sintonia com o dela.

Estava saciado, aliviado, descansado e, quando o sono se apoderou dele, repousou tranquilamente, ciente de que, quando acordasse, ela ainda estaria ao seu lado. Que permaneceria ali para sempre.

24

Sarah vagueou pelo quarto de dormir, admirando o bonito anel de esmeralda que Michael lhe tinha colocado no anelar e desfrutando o silêncio da casa. Excetuando James e Abigail, os convidados para o casamento haviam partido e sentiu-se aliviada com a solidão. Embora a cerimónia tivesse sido feliz e alegre, estava impaciente por ter o marido só para si.

O dia transformava-se rapidamente em noite e o pessoal eficiente de Michael – que incluía algumas mulheres para conforto dela – preparara a lareira, acendera velas e preparara um banho no quarto de vestir.

Garrafas geladas de champanhe francês e uma variedade de chocolates deliciosos encontravam-se dispostos numa mesinha ao lado e Sarah sentiu-se encantada com a cena. No dia do primeiro casamento, aquele horrível evento na capela de Bedford, quando presumira erradamente que partilhariam uma noite de núpcias, exigira os mimos de Michael.

Verificou, deliciada, que ele se recordara do seu pedido e aquele gesto parecia ser mais uma humilde desculpa pelas coisas que fizera. Michael dava-lhe permanentemente a entender de todas as maneiras possíveis que estava arrependido e Sarah sentia-se emocionada e comovida.

Visto que Rebecca ainda se encontrava no campo, Sarah não dispunha de convidados e assim haviam preenchido a lista com alguns de amigos de Michael, o pessoal sénior do clube e vários dos seus associados mais proeminentes. Formavam um grupo agradável com mulheres simpáticas e recetivas e a festa tinha sido muito alegre.

O grupo era cordial e pareciam sinceramente satisfeitos por ver Michael casado e instalado na vida. Todos os medos que albergara quanto a sentir-se enquadrada tinham desaparecido. Conseguia imaginar-se perfeitamente no mundo dele. Que bênção a de ter finalmente escapado aos seus bloqueios e viajado até à cidade!

Junto à janela, observou o jardim de Michael. «O *seu* jardim também», recordou-se, surpreendida pela forma como irrompera pela vida dele e começara a pensar na propriedade como pertencendo-lhe. Instalara-se sem qualquer problema.

O modesto e bem cuidado jardim parecia abandonado e triste sob o frio do final de tarde de dezembro e imaginou como ficaria bonito na primavera, quando as árvores estivessem em botão e as flores desabrochassem.

James e Michael encontravam-se abraçados no centro, com as cabeças juntas e as

respirações unidas e pairando numa nuvem branca. Os cinzentos e pretos dos trajes de cerimónia formais misturavam-se com as folhas caídas, mas a roupa não minorava o porte de ambos. Os dois brilhavam, intrépidos e ousados, como duas aves exóticas largadas do céu num habitat desconhecido.

Ergueu a mão para o caixilho, sentindo o vidro frio nas pontas dos dedos, enquanto os espreitava furtivamente, interrogando-se sobre o que estavam a discutir. A relação de ambos voltara à solidez anterior, um elo dedicado e verdadeiro como fora previamente a Michael se ter refugiado no campo.

Embora desconhecesse o que acontecera para solucionar as suas tensões, concluiu que eram demasiado ligados para se manterem desentendidos durante muito tempo. Eram diferentes e, contudo, tão parecidos – duas ervilhas numa vagem, como dizia o ditado – e ofereciam uma companhia fascinante. As mentes funcionavam em uníssono e estavam tão sintonizados que muitas vezes terminavam as frases um do outro. James fez qualquer comentário e Michael soltou uma gargalhada abanando a cabeça. Sarah sorriu, adorando o som do seu contentamento.

Ainda que só estivesse na casa há duas semanas, Michael transformara-se e ela gostava de concluir secretamente que tinha sido a sua presença a provocar aquelas bem-vindas mudanças.

Agora, se conseguisse descobrir uma forma de convencê-lo a mostrar uma fração da mesma abertura e solicitude para com os pais, quando eles voltassem da sua lua de mel no continente, acharia que realizara um grande feito.

Sentindo a presença dela, Michael ergueu o rosto para os pisos superiores, procurando as janelas. Os olhos azuis fixaram-se nos dela, brilhantes, observando-a com languidez e sensualidade. O s seus mamilos endureceram de imediato, o espartilho ficou apertado e desejou que James se fosse embora e a sua noite de núpcias começasse.

Atrás dela ressoaram passos no corredor e Sarah olhou por cima do ombro quando Abigail entrou na sala. Dado não ter família, Sarah fazia tenção de substituí-la pela de Michael e convidava Abigail sempre que possível.

Num espaço de dias, a ligação de ambas evoluíra a ponto de parecer que se conheciam desde crianças, que Abigail era a irmã que nunca tivera.

– Posso entrar? – perguntou Abigail, um pouco desgrenhada e confusa.

– Claro.

Devido às partidas que a gravidez lhe pregava, Abigail passara pelo sono num sofá durante a agitação que se seguira à cerimónia e, sem acordar a mulher, James transportara-a carinhosamente para o andar de cima e deitara-a numa cama para que fizesse uma sesta.

– Adormeci.

– É verdade.

– Quanto tempo?

– Só umas duas horas.

– Não sou uma companhia interessante. Que vergonha!

– Não te preocupes. Ninguém reparou. - Na verdade, todos tinham notado, mas observaram discretamente a forma doce e terna como James zelara pelo seu bem- estar. Aparentemente, o círculo de conhecimentos de James sentia-se impressionado com as mudanças que o matrimónio lhe incutira e se haviam tornado um tema permanente das conversas.

– Nunca me informaram que uma mulher passava por tantas alterações físicas quando estava grávida – disse Abigail, aproximando-se de Sarah. –Espera até que te aconteça o mesmo.

Sarah passou distraidamente a mão pelo ventre, especulando sobre se já poderia ter acontecido. Como se tivesse armazenado meses de lascívia, Michael não se cansava dela. Estivera obviamente a fazer uso do tempo até poder mostrar-lhe o quanto precisava dela e a queria e, agora que podia dar vazão ao desejo, não havia forma de controlá-lo.

Desde a tarde em que haviam chegado que raramente saíam da cama. Não conseguiam estar no salão ou sentar-se durante toda uma refeição sem voltarem rapidamente ao quarto para mais uma experiência apaixonada. No tempo que haviam passado em Bedford, Michael ensinara-lhe muita coisa, mas aquele breve período apenas lhe fornecera um indício do vasto leque de êxtase possível sob a sua tutela.

Abigail aproximou-se mais, a fim de ver o que preocupava tanto Sarah. Ao avistar os dois homens murmurou:

– Mas que belo par de safados.

– Devia ser pecado uma tal beleza.

– Sempre pensei assim.

Abigail quase parecia petulante e Sarah riu-se enquanto continuavam a espiar subrepticiamente os maridos. Por fim, os dois terminaram a conversa que os absorvera. James colocou o braço sobre o ombro de Michael – numa pose de irmão mais velho

e mais experiente – e desapareceram no interior da casa.

Alguns momentos depois, as duas mulheres observaram o local onde eles tinham estado e Sarah comentou:

– Temos mesmo sorte, não temos?

– Para duas raparigas do campo, não nos saímos nada mal – concordou Abigail.

– Nada mesmo.

Lá em baixo, os homens movimentavam-se e o leve som das vozes subiu até junto delas. Sarah concluiu que se encontravam no salão a beber um último uísque.

Ela e Abigail afastaram-se da janela e Abigail notou a luz das velas, os cobertores desmanchados em cima da cama, as pétalas de rosa espalhadas e esperou que a sua vontade de estar a sós com o marido não fosse demasiado visível. Embora gostasse muito de Abigail, desejava alguma privacidade.

– Vou andando – declarou Abigail sensatamente, mas não se mexeu. Por fim, acrescentou: – Ah… Tenho uma coisa para ti.

– A sério? – Abigail tinha planeado e organizado a festa e Sarah insistira em não receber mais nenhum presente de casamento da parte dela. Haviam concordado e não imaginava do que pudesse tratar-se. A sua curiosidade veio ao de cima quando notou que Abigail segurava uma bolsa de cabedal.

– Há umas semanas – explicou Abigail – encontrei estas fotos de Michael num velho baú no sótão e… achei que não deviam permanecer ali. Pensei que gostasses de tê-las.

Incapaz, por qualquer motivo, de fitar Sarah, Abigail estendeu-lhe o álbum. Sarah abriu o fecho e tirou do interior uma dúzia de desenhos a tinta da china. Do seu marido, escandalosamente bonito e com menos dez anos. E nu, muito nu e perturbadoramente sensual em cada um deles.

– Mas que diabo… – pronunciou Sarah, folheando rapidamente os desenhos.

– Sabes que eles cresceram em Paris, não sabes?

– Sim.

– Bom, na adolescência tinham um amigo – esclareceu Abigail. – Um artista que fazia este tipo de desenhos a troco de dinheiro.

– Tens alguns do James?

– Três conjuntos – admitiu ela, corando um pouco. – É uma longa história – foi tudo o que acrescentou a título de explicação. – Até ter encontrado esses, não fazia ideia de que o Michael também posava.

Enquanto prosseguiu a conversa, Sarah ia passando energicamente os desenhos. De todos os ângulos e perspetivas, Michael estava gráfica e diligentemente retratado. Fora desenhado com muito cuidado: de frente, de costas, de lado, sem esquecer qualquer posição, e o artista era visivelmente um mestre a pormenorizar o corpo humano.

Michael era sumptuoso, arrogante, vaidoso e, embora tivesse um torso mais estreito – os músculos e os ossos ainda não haviam adquirido a maturidade posterior –, outras partes da sua anatomia apresentavam-se minuciosamente delineadas e Sarah não conseguia afastar o olhar.

Mesmo em tão tenra idade, o seu melhor atributo já estava plenamente desenvolvido.

– Oh, céus… – exclamou, servindo-se de um dos desenhos para abanar o rosto ante o súbito aumento de temperatura do quarto. – Deste uma espreitadela nisto?

– Disse ao James que não o fizera – retorquiu Abigail com um olhar maroto e brilhante – … mas gosto especialmente do número seis.

– Sua marota! – reagiu Sarah com uma gargalhada de adolescente enquanto passava rapidamente ao sexto desenho. Michael era um modelo negligente, com um braço apoiado no caixilho de uma janela, espreitando o artista por cima do ombro com um olhar insolente. A postura era excitante, provocadora e as pernas apresentavam-se bem definidas. E tinha um traseiro tão apelativo.

– O número seis é decididamente atraente – anuiu prontamente.

– De qualquer maneira… – quase gaguejou Abigail. – Podes divertir-te com eles. Esta noite e sempre que… – Tinha as faces ruborizadas e tapou-as com as mãos, tentando afastar a onda de calor. – Oh, meu Deus! É melhor ir embora!

Despediram-se e Abigail alegou que Sarah não precisava de acompanhá-la até lá abaixo e esta ficou contente. Visto que Abigail e James eram os únicos ainda presentes, não demoraria muito antes que Michael se lhe juntasse e precisava de todos os segundos para se preparar. Agora que se encontrava na posse da maravilhosa prenda de Abigail, necessitava de alguns momentos para decidir como o utilizá-lo vantajosamente.

Abigail começou a andar e parou junto à ombreira da porta.

– Não te atrevas a dizer ao James que bisbilhotei esses desenhos!

– Fica descansada! – prometeu Sarah com uma gargalhada, enquanto Abigail se afastava.

Logo após a saída de Abigail, uma das criadas apareceu convenientemente. Sarah atirou o álbum de desenhos para cima da cama, em seguida deixou que a jovem lhe tirasse a roupa e escovasse o cabelo, mas recusou que lhe aplicasse loções ou perfumes.

Mandando embora a criada, Sarah deu instruções para que não fossem incomodados até de manhã e dirigiu-se à banheira, mergulhando na água quente e tentando relaxar enquanto aguardava o marido.

O seu marido! O pensamento lascivo causou-lhe borboletas no estômago e incentivou-lhe a ansiedade. Ele ia chegar, animado, excitado, dominador, desejoso dela e do que lhe daria e, incapaz de suportar a antecipação, lutou por pensar noutra coisa, mas não conseguiu.

Pôs o ouvido à escuta, detetando o leve ruído das despedidas de James e de Abigail, o que significava que Michael viria diretamente. Enfiou-se na banheira, submergindo o peito, os ombros, desejosa de que todo o seu corpo ficasse húmido e escorregadio.

Nesse momento, Michael subia as escadas e percorreu o corredor. Aguardou até ele chegar ao quarto de dormir, em seguida ajoelhou-se, esticando languidamente os braços, mostrando-lhe o traseiro. Sabendo que ele se encontrava na ombreira, fingiu que não tinha reparado, mas sentia-o atrás dela, rondando como um animal enjaulado.

Pondo-se de pé, pisou o tapete e deu meia volta no momento exato em que ele entrou no quarto.

– Boa noite, Mistress Stevens – cumprimentou-a formalmente com um aceno de cabeça e o coração dela saltou-lhe no peito ante a maneira como se lhe dirigira.

– Mister Stevens – respondeu com a mesma precisão.

Os seus olhos cor de safira brilhavam de desejo e de algo mais, algo que ela nem sequer tentou mencionar. O ar mais fresco provocara-lhe pele de galinha e ele estendeu a mão, acariciando um dos mamilos eretos.

– É sempre um prazer encontrá-la no banho.

– Também gostaria de tomar um?

– Primeiro, vamos partilhar uma taça de champanhe.

Curiosamente, ele não demonstrava a habitual pose confiante e era estranho que, após a lasciva ligação de ambos nos últimos dias se mostrasse tão nervoso. Depois apercebeu-se de que também ela estava nervosa. Era óbvio que o reconhecimento dos votos de união poderia abalar uma pessoa; aquela segunda vez não fora menos austera.

– Agradar-me-ia. – A demora seria saboreada e a libação acalmaria os dois.

– Está um pouco de frio aqui. Quer me secar?

Pegando numa toalha, Michael esfregou-lhe as costas, a frente, o traseiro, as pernas, envolvendo-a no imenso pano turco, prendendo a ponta no rego dos seus seios, para mantê-lo no sítio. Abraçou-a e puxou-a contra o seu corpo.

– Como foi o seu casamento, minha senhora?

A pergunta foi feita num sussurro, mas não era despropositada. Com ele, nunca era. Havia um jovenzinho no seu íntimo que procurava desesperadamente aprovação, embora ela jamais tencionasse dizer que o considerava vulnerável.

– Tudo o que esperava e mais – respondeu sinceramente, erguendo-se nos bicos dos pés e beijando-o na boca.

– Obrigada.

– De nada.

– Gosto dos teus amigos.

– Não tenho muitos – retorquiu como se fosse um crime.

– És apenas exigente.

– Não. Confesso que há uma besta dentro de mim e assusto as pessoas.

– Sem dúvida – riu Sarah. – Mas não a mim.

– Não sou um sortudo? – redarguiu com muito mais emoção do que tencionara mostrar.

– É mesmo – admitiu Sarah que queria lembrar-lhe regularmente a sorte que ele tinha. – Já se foram todos embora? – inquiriu, embora soubesse que tinham ido.

– Sim e ainda bem – sorriu-lhe com a respiração ofegante. – Julguei que

nunca mais te apanharia sozinha.

– Pobrezinho – lamuriou. – Sentiste-te preso?

– Durante todo o dia.

A confissão emocionou-a. Como amava aquele homem e sempre amaria! Visto que ele podia ser rude, autoritário e controlador, não havia qualquer motivo para que assim fosse, mas quem podia amar com racionalidade?

Ocasionalmente, discutiam a sua nova ligação pela noite dentro, quando as sombras permitiam que Michael confessasse mais à vontade o que lhe ia no coração. Por que razão se tinham conhecido? De onde provinha aquela impressão de permanente afinidade? Sarah pressentira-a sempre e, desde a chegada a Londres, que voltara a florescer.

Como se desenvolveria à medida que o tempo passasse? O que sentiriam dali a um mês? A seis meses?

Sarah imaginou a estrada do futuro e contemplou-o ao lado dela como o centro radioso da sua vida. O pensamento causou-lhe uma tal alegria e satisfação que as lágrimas lhe subiram aos olhos e dominou-as, recusando mostrar uma emoção incontrolável que provavelmente a deixaria a chorar como uma tola.

– Quero beber esse champanhe – disse, pegando-lhe na mão e conduzindo-o para o quarto.

– Estará nua?

– É assim que gostaria que estivesse?

– Sempre.

– És insaciável.

– Só desde que entraste na minha vida.

– Mentiroso – riu Sarah, dirigindo-se à mesa a abarrotar de comida e de bebida. – Bem vi como te portavas antes de eu aparecer.

– E nunca deixará que esqueça, não é?

– Talvez daqui a quarenta ou cinquenta anos.

Enquanto Sarah observava todos os seus movimentos, Michael abriu o champanhe, encheu uma taça e fez-lhe um brinde.

– Esperemos que dure todo esse tempo, ou talvez mais.

– Sim – ecoou ela.

– Amo-te.

Dado ele não ser um homem que usasse a palavra amor a torto e a direito, tratava-se da segunda vez que a pronunciava e o coração dela transbordou de felicidade e bem-estar.

– Também te amo e vou te amar sempre.

Michael estendeu a taça para que ela bebesse um gole e rodou-a a fim de poder beber do mesmo sítio na borda. Em seguida, sobressaltando-a, rodeou- lhe a cintura com o braço e atraiu-a. Servindo-se do pé da taça, puxou a toalha, desnudando um dos seios e ela susteve a respiração enquanto ele derramava champanhe sobre o seu corpo, até cada vez mais abaixo.

Inclinando-se, lambeu-o com a língua, chupou-o e em seguida ajoelhou-se e entregou-se à tarefa devagar e exaustivamente. Sarah adorava o labor e titilação dos seus lábios, como a acariciava e brincava. O ventre estremeceu, as coxas cederam; estava húmida entre as pernas e inclinada à entrega.

Entrelaçando os dedos nos cabelos, soltou-o sobre o peito. Aninhado no seu peito, ele parecia sublime e pousou-lhe a mão no pescoço, suplicando e incitando.

Michael afastou-se e fitou-a, mais perverso e perigoso do que habitualmente. Agarrou-lhe o traseiro e aproximou-a mais, enterrando o rosto no seu ventre, inalando a sua essência.

– Excitas-me tanto.

– Ótimo. É melhor tomar esse banho ou nunca o farei.

– Gostaria que te lavasse?

– Marota – troçou, mas ficou repentinamente sério. – Na verdade, acho que necessito de uns minutos para mim. – Atrapalhado e confuso, perguntou: – Estou doido?

– Não, foi um dia cansativo.

– Foi mesmo. – Por momentos, ela teve a sensação de que Michael se alargaria, mas as suas revelações destinavam-se à madrugada. – Não te importas? – sondou.

– Vai lá – respondeu, ajudando-o a por-se de pé e acenando na direção da porta, roubando-lhe um beijo de passagem.

Enquanto ele ia tratar das suas coisas, ela ocupou-se com as dela, enfiando meias de seda preta, chinelos e um roupão preto de seda pura. Olhou-se ao espelho, gostou do que viu e decidiu não fazer mais nada. Os mamilos ressaltavam através do fino tecido e o meio do torso era visível, mostrando a almofada dos pelos púbicos e um vislumbre da coxa suave que acrescentava um toque de mistério à sedução.

Ajeitou as almofadas da cama e depois reclinou-se. A porta do quarto de vestir estava aberta e avistou imagens esporádicas de Michael, inclinado para trás, com os braços apoiados na borda da banheira. A familiaridade dos seus movimentos deveria ser tranquilizadora - o chapinhar da água, o esfregar da toalha no seu corpo – e fechou os olhos, mas não conseguiu acalmar-se.

Ansiando por se distrair, pegou no álbum de desenhos que Abigail lhe oferecera. Observou avidamente cada um deles, detendo-se nas várias posições de nu, avaliando a largura dos seus ombros, a cintura, a curva das costas. As imagens eram tão realistas; sentiu que poderia saltar para os desenhos e permanecer com ele.

Havia um que era particularmente esplendoroso. Deitado num sofá, com um braço dobrado sob a cabeça, estava excitado, com o falo entesado e potente e o punho a envolvê-lo. Arrogante, decidido a gratificar-se, tinha o corpo retesado como se esperasse uma amante que o servisse avidamente de qualquer maneira exigida.

Estaria presente uma mulher na altura em que o desenho fora esboçado? O pensamento levou-a a recordar as outras circunstâncias em que o vira portar-se de forma irreverente e não conseguiu abster-se de lembrar como tinha sido fascinante, impróprio e devasso. Reflexões perfeitas para uma noite de casamento perfeita.

Michael estava a sair da banheira, secando-se.

– Estás muito calada – comentou. – Sentes-te bem?

Sarah não conseguiu dominar um sorriso.

– Apenas a ler um pouco.

– Tenho planos para ti e, portanto, não te absorvas demasiado.

– Tarde de mais. – Passou a ponta do dedo pela forma do seu pénis. Foi uma estranha sensação tátil como se estivesse realmente a tocar-lhe e provocou-lhe um desejo selvagem de experimentar o artigo genuíno.

Seria a nudez, a indecência e o vício que produziam um efeito tão impressionante na sua personalidade? Havia algo de tão maravilhosamente inadequado ao observar imagens que não devia testemunhar, em espiar cenas que nunca tivera intenção de

ver. Sempre que se lhe deparava uma cena licenciosa, não conseguia impedir-se de desejar ver mais.

– Céus… – Mal ele colocou o pé no quarto, Sarah passou ao desenho seguinte – um perfil que ressaltava o seu membro proeminente. – Sempre ouvi dizer que coisas assim se passavam em Paris, mas não acreditei em nenhuma das histórias.

– O que tem Paris? – perguntou Michael, enchendo outra taça de champanhe e aproximando-se da cama, saboreando o líquido espumante. – Foi lá que cresci, lembras-te?

– Sim. Lembro-me.

– Gostava de levar-te lá quando acabarem os distúrbios nacionais.

Envolto apenas numa toalha, presa à cintura, o olhar tinha adquirido uma tonalidade mais atraente. Cheirando a limpo e a virilidade, a pele apresentava- se húmida e as pontas do cabelo encaracolavam-se devido ao vapor da água. Com o falo deliciosamente duro, era a imagem do pecado e da iniquidade, envolto num pacote azul- escuro.

– O que tens aí? – perguntou ele.

– Um presente de casamento atrasado de Abigail – respondeu, observando-o atentamente. – Vira-te de lado. Importas-te?

Sem suspeitar de nada, obedeceu ao pedido.

– Deixa cair a toalha.

Michael iniciou o gesto, mas depois parou, estranhando.

– Porquê?

Esforçando-se por manter uma cara séria, fitou o desenho e em seguida centrou a atenção naquelas partes íntimas que nunca deixavam de intrigá-la e cativá-la.

– Amadureceste bem na última década, mas quero comparar.

– De que estás a falar?

Nesse momento, Michael detetou o seu tesouro e Sarah empurrou o álbum para baixo da nádega, tentando escondê-lo, mas sem conseguir. Rindo, fugiu para o lado oposto da cama, mas ele saltou sobre o colchão e imobilizou-a, antes que pudesse escapar. As ancas de Michael pressionaram-se contra as dela, com o membro entesado e roçando-lhe a perna.

– Deixa-me ver!

– Não.

Por fim, Michael apanhou o prémio desejado e, ao arrancar-lho, reconheceu-o imediatamente. Ficou sem palavras e atormentado também. Um rubor intenso subiu-lhe pelo peito até às faces.

– Onde conseguiste isto? – inquiriu, horrorizado.

– Deu-me a Abigail.

Emitindo um gemido abafado, rolou de cima dela e ficou de costas, tapando a cara com um dos braços. Contrariado, fitou o teto durante muito tempo e depois apoiou-se no cotovelo e observou-a.

– Ela viu-as?

– Só a número seis – respondeu ela, aninhando-se sobre o seu peito, ao mesmo tempo que lhe afastava o braço do rosto e o beijava. – Ela acha que tens um belo traseiro.

Michael soltou mais um gemido.

– O James mata-me, se descobrir – disse. – Ficará viúva.

– Presumo, assim, que a tua beleza viril terá de permanecer um segredo entre mim e Abigail – comentou com uma piscadela de olho.

– Não conseguirei ir jantar novamente a casa deles. Ela estará sempre a avaliar-me o traseiro.

– Provavelmente. – Tomando em consideração as suas dúbias travessuras com mulheres, era encantador que pudesse envergonhar-se com tanta facilidade. – Estás muito sensual nas fotografias. E jovem, também. Decerto compreendes que nós, mulheres mais velhas, nos sentimos extremamente atraídas por homens mais novos, não compreendes?

– Criei um monstro. – Dado não ser a primeira vez que fazia a observação, limitou-se a suspirar. Resignado, colocou-se em cima dela e voltou a imobilizá-la no colchão.

– O que vais fazer com elas?

– Acho que vou emoldurá-las e pendurá-las no meu *boudoir* para poder vê-las, sempre que me apetecer.

– Jezebel – disse ele, passando por baixo do pescoço e mordiscando-lhe a nuca. – Malandra.

– Sabes bem como gosto de observar - redarguiu, batendo as pestanas. – Aprendi com o mestre.

– E suponho que se trata de mais uma questão cujo final nunca conhecerei.

– Talvez daqui a quarenta ou cinquenta anos.

– Que maravilha ter-te a sussurrar ao meu ouvido durante todo esse tempo – sorriu Michael, deslumbrado com a sua beleza.

Agarrou na coleção de fotografias e pousou-a na mesa de cabeceira junto à cama. Em seguida, rodou sobre o colchão, arrastando-a com ele até a colocar por cima. Com o sexo pairando avidamente sobre o dele, Sarah apoiou- se num braço e fitou-o enquanto Michael se estendia sobre os lençóis brancos.

O seu sedutor tapete de pelos do tronco pedia para ser acariciado, levando-a a estremecer e a vibrar. A sua boca tentadora – que fora feita para beijar – atraiu-a. Durante a luta, a toalha dele caíra e as suas partes íntimas tinham ficado expostas, incitando-a a olhar, saborear, tocar.

– Quem precisa de observar quando tem o artefacto verdadeiro ao dispor? – assinalou ele, pegando-lhe na mão e pousando-a num dos seus mamilos.

– Estava a pensar exatamente nisso.

Espreguiçando-se e ronronando como um gato satisfeito, Sarah esticou os dedos e pôs-se a traçar círculos vagarosos, sentindo o pulsar do coração dele sob a palma da mão.

Subitamente excitada e louca de desejo por ele, despiu o roupão e atirou- o no chão.

– O que preciso de fazer?